

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Márcio de Oliveira Guerra

RÁDIO X TV: O JOGO DA NARRAÇÃO.
A imaginação entra em campo e seduz o torcedor.

Rio de Janeiro

2006

Márcio de Oliveira Guerra

RÁDIO X TV: O JOGO DA NARRAÇÃO.

A imaginação entra em campo e seduz o torcedor.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel
Paiva.

Rio de Janeiro

2006

Márcio de Oliveira Guerra

RÁDIO X TV: O JOGO DA NARRAÇÃO.
A imaginação entra em campo e seduz o torcedor.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Rio de Janeiro, 17 de maio de 2006.

Profª. Dra. Raquel Paiva- Orientadora- UFRJ

Prof. Dr. Muniz Sodré - UFRJ

Profª. Dra. Maria Margarida Martins Salomão - UFJF

Profª. Dra. Sônia Virgínia Moreira – UERJ

Profª. Dra. Vera Regina Toledo Camargo - Unicamp

RESUMO

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O JOGO DA NARRAÇÃO.** A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Estudo realizado com o objetivo de mostrar como a narrativa radiofônica do futebol conquistou o torcedor e o quanto a narração do jogo pela televisão encontra ainda dificuldade para cativar este mesmo torcedor. Como as duas mídias (rádio e tv) se “encontraram” com o futebol. A paixão popular pelo futebol interfere no desenvolvimento do rádio e televisão e contribui no desenvolvimento da comunicação. As escolas de narradores que surgiram e que neste estudo são mapeadas. Futebol e rádio: fenômenos de massa que cresceram juntos. A busca da tv de uma forma alternativa de retratar o jogo de futebol. Através de entrevistas feitas com cronistas esportivos e torcedores nos estádios, foi discutida a distinção entre as narrativas de rádio e televisão. A tese defendida neste trabalho demonstra que, em termos de narrativa, o futebol ainda é um espetáculo eminentemente radiofônico. O que não impediu a descoberta de um caminho alternativo para a tv fugir do modelo tão marcante do rádio. A metodologia adotada inclui, além de revisão da pesquisa bibliográfica na área, a realização de entrevistas e a observação direta e análise das produções selecionadas.

ABSTRACT

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: THE GAME OF NARRATION.** The imagination comes out onto the field and leads the fan astray. Rio de Janeiro, 2006. Thesis (Doctorate in Communication) – School of Communication, Supervisor: Prof. Dr. Raquel Paiva. Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

The objective of this study is to show how the radio-narration of soccer game won the fan over and how much the TV – narration still finds difficulty to captivate this very fan. How these two media (radio and TV) “met” the soccer game. The popular passion for soccer interferes in the development of radio and TV and helps in the development of communication. The narrators schools that appeared and that are tracked on this study. Soccer and radio: mass phenomena that grew together. The TV search for an alternative way to portrey the soccer game. Through interviews made with sports columnists and fans at the stadiums, it was discussed the diference between the TV and radio-narrations. The thesis shows that, as a narration, the soccer game still is a show especially for radio-broadcasting, which didn't stop TV to discovery an alternative way to scape from the radio-narration's specific model. The adopted methodology includes beyond revision of the bibliographical research in the area, the accomplishment of interviews and the direct comment and analysis of the selected productions.

Ao Flávio, amor, companheiro,
complemento e motivação para quase
tudo na minha vida.

Ao meu irmão Waldir, com saudade e
certeza que você ia vibrar muito comigo.

AGRADECIMENTOS

Meus pais, Nízio e Alvair: saudades e certeza da presença.

Raquel Paiva: a garantia que vale à pena acreditar na amizade. Ela existe.

Muniz Sodré: a maior referência.

Margarida Salomão: pelo outro doutorado que fiz ao seu lado.

Vera Regina, Marise Mendes e Sônia Virgínia: olhares e manifestações de carinho e apoio.

UFJF: minha casa que permitiu mais esse passo.

Meus irmãos, Martha, Marcos, Márcia, Creusa: é muito bom ter família.

Minhas “filhas”, Priscila, Victória, Thifani, Sofia e Sthefani: que ninguém duvide nunca da inteligência e do amor de vocês.

Dr. Ronald: que mantém viva em mim a esperança.

Tia Mires e Dona Zinha: saudades.

Marcelo Duarte, Diego Camilo, Aurélio Figueiredo, João Paulo Vieira, Francisco Brinatti, Guilherme Oliveira, Leandro Bittar, Wallace Faustino: bolsistas que fazem parte deste trabalho e que dividiram comigo a paixão pelo tema.

Marísia e Gildo: por suportarem o humor nem sempre agradável de quem vive a produção de uma tese.

Ao CNPq, pelo apoio.

A todos os que permanecem com o saudável hábito de achar que futebol pelo rádio tem muito mais emoção.

Mas no rádio a tela é muito mais ampla.

Orson Welles, em resposta a um amigo que enaltecia a chegada da televisão nos Estados Unidos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 O SURGIMENTO DE DUAS PAIXÕES

2.1 O ENCONTRO

2.2 “FELIZES PARA SEMPRE”

3 JOGO, RÁDIO, TORCEDOR: UMA MISTURA EXPLOSIVA

3.1 O JOGO

3.2 O DRAMA RADIOFÔNICO

4 MITOS, ÍDOLOS E HERÓIS DENTRO E FORA DE CAMPO

5 AS ESCOLAS DE NARRADORES

5.1 ORALIDADE

5.2 NARRATIVA

5.3 TIME DO RÁDIO

5.4 UM PROBLEMA PARA O RÁDIO E PARA A TV

6 O JOGO NA TV

6.1 A CRÍTICA

6.2 UMA DESCOBERTA

7 NARRADORES E TORCEDORES ENTRAM EM CAMPO

7.1 O QUE PENSAM NARRADORES, COMENTARISTAS E REPÓRTERES

7.2 E A GALERA, O QUE PENSA?

8 CONCLUSÃO

9 REFERÊNCIAS

10 APÊNDICES

11 ANEXO

1 INTRODUÇÃO

A narração de uma partida de futebol é um espetáculo eminentemente radiofônico. É esta a aposta deste trabalho. Tendo esse pressuposto como hipótese principal, o estudo busca a compreensão da relação estabelecida entre torcedores com o futebol, mediada pela comunicação, para entender a dimensão que este envolvimento atingiu, a ponto de sobreviver forte, mesmo diante do surgimento de novas mídias, como a televisão e a internet.

Entre as hipóteses secundárias estão a de que a televisão, mesmo com todo o desenvolvimento tecnológico e recursos de imagem, ainda não conseguiu descobrir uma narrativa própria, liberta do estilo consolidado pelo rádio, para mostrar o futebol. Outro ponto é que o estilo peculiar de transmitir uma partida faz dos locutores esportivos na transmissão radiofônica, parte do jogo. Essa narrativa do rádio parece ter sido incorporada ao espetáculo. Daí o torcedor levar o aparelho para os estádios, como uma “muleta” para “ver melhor” o jogo, ou optar por assistir a tv, mas se manter fiel ao áudio do rádio.

Para verificar essas questões, foi feita uma revisão da pesquisa bibliográfica na área. Desde aqueles estudos que tratam da iniciação do futebol no Brasil, como ele conquistou os primeiros espaços na mídia, especialmente no rádio e na televisão, bem como diversos estudos de áreas afins à comunicação que buscam entender a relação do torcedor brasileiro com esse jogo, que tanto espaço conquistou na mídia.

Também, como metodologia, realizaremos entrevistas com cronistas esportivos (não necessariamente narradores apenas) e torcedores. Será preciso buscar nestas pessoas pistas para compreendermos melhor toda essa relação da narrativa do

futebol, mídia e o público. Ouvir a opinião do público e de quem lida com a transmissão do jogo sobre a hipótese levantada no trabalho abrirá espaço para possíveis reflexões que não estejam focadas durante todo o estudo feito pela pesquisa bibliográfica e contribuirá para cuidados na avaliação.

Outra metodologia empregada foi a observação direta e análise de produções selecionadas, em que foi possível levantar, mais atentamente, as diferenças e semelhanças de estilos entre rádio e televisão. O percurso seguido na tese começará pelo levantamento de como rádio e futebol surgiram no Brasil e se transformaram em fenômenos de massa. Como os dois se “envolveram” e como esse “encontro” se transformou numa relação tão estável, a ponto de construírem uma narrativa própria e tão admirada pelos torcedores.

No capítulo seguinte, é quando iremos buscar no drama que o rádio emprega em sua narrativa, em tudo que envolve o jogo, a base teórica para alcançarmos a dimensão que esse processo de comunicação representa e a justificativa para o estudo que nos propomos a realizar. Um ambiente repleto de heróis e mitos, dentro e fora de campo, contemplados no capítulo seguinte.

A partir daí, a seqüência do trabalho apresenta um estudo original, que é o de oferecer um levantamento das “escolas” de narradores que foram se formando a partir de alguns nomes expressivos e marcantes da transmissão do rádio e que são reproduzidos até hoje. Para se chegar a esse levantamento, buscamos referências em conceitos sobre oralidade e narrativa e, assim, concluímos o “time” de locutores do rádio.

O capítulo seguinte tratará do jogo na televisão. Ao apresentarmos a hipótese principal de que o futebol é um espetáculo eminentemente radiofônico, será preciso mostrar onde a narrativa televisiva “falha”. É isso que faremos, com a crítica ao

trabalho dos locutores do jogo neste meio. E, em meio ao levantamento da “escola” de narradores televisivos, encontrarmos um nome que já achou um estilo diferente do rádio para contar o futebol pela tv.

O último capítulo trará o resultado das entrevistas feitas com torcedores e cronistas esportivos. Um espaço onde os diversos aspectos da discussão que esse estudo se propôs a apresentar puderam ser debatidos, questionados e complementados. Vários jornalistas e radialistas demonstraram interesse em conhecer o resultado final desta reflexão que trazemos.

Essa é uma das contribuições que esse trabalho traz. O futebol tem merecido um espaço crescente na produção bibliográfica, mas pouco ou quase nada se tem sobre a narrativa do jogo no rádio e televisão. Muitos dos nomes que serão levantados dentro do capítulo que trata das escolas de narradores correm o risco de ficarem esquecidos se não se trazer essa valorização do profissional que criou um estilo que é bem peculiar dos meios de comunicação do país contarem uma partida de futebol.

2 O SURGIMENTO DE DUAS PAIXÕES

O rádio nasce no começo do Século XX. Em 1901, quando foi efetivada a primeira mensagem em ondas radiofônicas, através de um telégrafo, entre Europa e Estados Unidos, era inaugurada uma das mais fascinantes formas de comunicação. O “pai” do rádio, conhecido mundialmente, é Guglielmo Marconi, que em 1894 anunciou a sua invenção. No entanto, diversos autores atribuem ao brasileiro, porto-alegrense, Roberto Landell de Moura, um padre, a verdadeira “paternidade”. Ele apresentou documentação na época, 1893, mostrando que já realizara experiências com as ondas magnéticas. A discussão da autoria ganha relevância principalmente pelo significado que o rádio ganhou em todo o mundo.

O que foi experiência e descoberta para o Padre Landell de Moura em 1893 vira fato histórico em 1922, data considerada como a da primeira transmissão radiofônica no Brasil. Em **Histórias que o rádio não contou**, é relatado que o país vivia uma situação política conturbada. Foi o chamado “Ano da Ruptura”, da realização da 1ª Semana de Arte Moderna e da eleição de Artur Bernardes, candidato da situação à sucessão de Epitácio Pessoa, presidente que resolveu promover uma grande celebração pelo Centenário da Independência do Brasil.

O Governo precisava, portanto, empenhar-se o mais rápido possível e criar um fato novo... Além da demonstração radiofônica, com o presidente Epitácio Pessoa falando à nação, anunciava-se como certa a presença do Rei Alberto I, da Bélgica. Para motivar o interesse do público, a cada dia eram divulgadas as contratações de shows de variedades, bandas de música, espetáculos pirotécnicos, pugilismo e etc. A fala do Primeiro Mandatário da Nação foi ouvida no recinto da exposição, por meio de um serviço de alto-falantes estrategicamente instalados no local. Aquele mesmo discurso foi ouvido em São Paulo, Petrópolis e Niterói graças à instalação de uma potente estação transmissora (aparelhos que foram trazidos pelos americanos).¹

¹ TAVARES, 1999, p.22

A transmissão foi feita através de 81 alto-falantes. A essa altura, Roquete Pinto, que veio a ser uma das personalidades mais importantes na história do rádio no Brasil, já estava atento às possibilidades que o veículo poderia atender em termos de comunicação. Ele relata que a transmissão feita em 1922 foi precária, com a qualidade de som muito ruim e que despertou pouco interesse da população. “Era uma curiosidade sem maiores conseqüências”,² dizia ele, em vários depoimentos sobre a história do rádio. Fato que não abalou a sua percepção de que se tratava de uma novidade fascinante. Por isso, Roquete Pinto, batalhou para que a idéia não morresse e, em 20 de abril de 1923, cria a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.³ Seu discurso na inauguração da rádio anunciava a chegada de um meio de comunicação que teria o poder de transformar o homem.

Todos os lares espalhados pelo imenso território do Brasil receberão livremente o conforto moral da ciência e da arte, a paz será realidade entre as nações. Tudo isso há de ser o milagre das ondas misteriosas que transportam no espaço, silenciosamente, as harmonias. Que meio para transformar um homem em poucos minutos, se o empregarmos com alma e coração.⁴

A partir daí, uma série de outras emissoras começa a surgir em todo o país. A outra parte desta história, o futebol, surge oficialmente, segundo a Fifa, em 1º de dezembro de 1863, na Inglaterra.⁵ Existem relatos de experiências anteriores, inclusive antes de Cristo, como uma atividade chamada *Kemari*, praticada pelos chineses, que era realizada com uma bola de bexiga. Há registros de que na Roma, de César, se jogava o *Harpastum*, com traços semelhantes ao futebol. E também que os nossos índios corriam atrás de uma bola feita de látex. Conta-se que, na Idade Média, em plena terça-feira de

² TAVARES, 1999, p.49-50

³ A Rádio Clube de Pernambuco reivindica para si o título de pioneira, apresentando documentos que informam a sua criação em 1919.

⁴ SAMPAIO, 2004, p.116

⁵ O **Jornal do Brasil**, de 17 de julho de 2004, publicou nota dizendo que a Fifa admite rever a origem do futebol. Ela pretende reconhecer a China como berço do futebol, aceitando que 2500 anos antes de Cristo já se praticava o futebol. O vice-presidente da entidade, Jerome Champagne, confirma que, para não desagradar os ingleses, a Fifa pensa em considerá-los como criadores do futebol moderno e a China do futebol rudimentar.

carnaval, os plebeus disputavam nas ruas da cidade algo parecido com a conhecida “pelada” brasileira, onde o objetivo era levar a bola até os portões de uma das duas cidades em disputa. Não havia número fixo de participantes em cada time.

Até hoje o futebol é conhecido como *calcio* na Itália. E é de lá que vem a reivindicação de “paternidade” do futebol. Os moradores de Florença contam que lá foi criado o *giuco de calcio*, onde dois grupos de moradores eram compostos por 27 jogadores, divididos em quatro linhas. Cada time tentava levar a bola até o limite do campo do adversário. Dizem que eram quinze avantes, cinco médios, que tinham como função a marcação ao adversário. Existia a linha de médios, dos armadores e dos atacantes. Cada time ainda possuía três atletas no banco e quinze no jogo. Essa “prática” do futebol, mais parecida com rugby, tinha nada mais nada menos do que seis árbitros.

Também existem relatos de partidas de futebol disputadas na antiguidade com a cabeça de um dos inimigos. O que levou alguns estudiosos a utilizar a metáfora que, já nesta época, se perdia a cabeça por causa de uma bola. Para a Fifa, a Inglaterra é considerada a “mãe” do futebol, já que era lá que se praticava o jogo mais próximo do que é hoje.

Neste país se desenvolveu e foram criadas suas regras, aceitas por todos que o praticam. No século XI, nas festividades populares inglesas, o futebol rudimentar era praticado por até 200 jogadores de cada lado. Todos corriam atrás de uma bola aos gritos, empurrões e até aos socos e pontapés. A bola era uma bexiga inflada, coberta de couro curtido. O esporte era tão violento que chegou a ser proibido em 1314 pelo rei da Inglaterra, Eduardo II. A proibição, no entanto, nunca foi respeitada e até os monges o jogavam nos pátios dos conventos. Após 1617, quando Jaime I lançou a “Proclamação dos Esportes, a popularidade do futebol cresceu rapidamente.⁶

A regulamentação do futebol tem seu registro em 26 de outubro de 1863. Foi quando se criaram as regras, especialmente a que definiu onze para cada lado. Um goleiro (*goalkeeper*), dois zagueiros (*fullbacks*), um médio(*halback*) e sete atacantes

⁶ GUIMARÃES, 2005, p.4

(*forwards*). Exceção ao goleiro, ninguém mais podia usar as mãos, e os dois tempos de 45 minutos também ficaram estabelecidos nesta “lei do futebol”.

E este futebol, que chega ao Brasil em 1894, tem na figura de Charles Miller a identificação do responsável por trazer ao país o esporte que se tornaria uma grande paixão (alguns estudos chegam a comentar que entre 1874 e 1894 já havia futebol no país, mas é ele considerado o introdutor oficial do futebol no país). Charles era filho de família aristocrata paulistana e estudou na Inglaterra desde os 10 anos. Com vinte, volta ao Brasil trazendo bola e as regras. Junto com seus amigos, começou a organizar as primeiras partidas e campeonatos.

Em 1895 acontece a primeira partida.⁷ O São Paulo Athletic Club (formado por funcionários de empresas inglesas instaladas no Brasil) foi dividido em duas equipes, que se enfrentaram. O primeiro time formado por cidadãos brasileiros foi a Associação Atlética Mackenzie College, de São Paulo. Outro que contribuiu muito para a implantação do futebol no Brasil foi o alemão Hans Nobling, que chegou aqui em 1897 e fundou o Sport Club Internacional.

A primeira restrição que o futebol sofreu, após sua implantação pelos ingleses no final do século XIX, manifestou-se através dos intelectuais que o acusaram de ser estranho às origens brasileiras, fonte de alienação para a juventude e oportunidade para brigas e discórdias. Essa última é a principal preocupação expressa por Lima Barreto na década de 1920, ironizando aqueles que defendem o novo esporte pelo desenvolvimento da saúde física que proporciona aos jovens.⁸

Outro nome importante na história da chegada do futebol ao país é Oscar Cox. Ele veio da Suíça para o Rio de Janeiro e fundou o Paissandu, que reivindica o título de primeiro clube brasileiro. Cinco anos após a criação destes primeiros clubes, uma nota no jornal **O Povo**, da cidade de Caçapava, interior de São Paulo, dirigido por Monteiro Lobato, informava que existiam 250 clubes esportivos no país. O futebol já

⁷ Times divididos entre Funcionários da Companhia de Gás 2 x 4 Cia. Ferroviária São Paulo Railway, em 14 de abril de 1895.

⁸ SANTOS, 2002

estava se transformando em uma grande mania; tal qual o rádio, que também multiplicava as emissoras por todo o território nacional e ensaiava já uma relação com o futebol.

Os primeiros passos do futebol no Rio de Janeiro foram relatados apenas pelo **Correio da Manhã**, que foi o único a noticiar o jogo do dia 22 de setembro de 1901, quando “um grupo de jovens cariocas promoveu uma disputa futebolística contra os sócios do clube Rio Cricket”⁹. O cronista do jornal, na época, conta que a divulgação do primeiro jogo de futebol não atraiu muito o público. “O número de jogadores teria sido maior que o do público presente, formado por poucos amigos e parentes dos jogadores e por 11 tenistas que estavam no clube por acaso”¹⁰.

Em 1905, Botafogo, Fluminense e América já participavam do Campeonato Carioca. Nos bairros mais pobres do Rio de Janeiro surgiam clubes como Bonsucesso, Campo Grande, Cascadura e Bangu, que abriu espaço definitivo para a participação dos operários, das classes mais baixas, integrarem o seu time. Nesta época, chama a atenção do colunista da época, Paulo Barreto, um outro evento. Uma equipe formada de jogadores argentinos veio ao Rio de Janeiro para enfrentar uma equipe brasileira e mobilizou o público.

“Há dois dias não se fala noutra coisa” reconhecia o cronista Paulo Barreto, aparentemente surpreso com o sucesso alcançado por um simples evento esportivo. Mesmo a derrota do time brasileiro por 4 a 3 não parecia diminuir o entusiasmo de torcedores de diferentes classes e regiões, unidos na torcida pelo time nacional. Diante da empolgação que via nas arquibancadas e nas ruas, Paulo Barreto trata de arriscar uma previsão que se mostraria profética: “ou o foot-ball morre, ou dentro de dois anos, completamente organizado e disciplinado o jogo que até agora era uma encantadora diversão sem consequência, nós teremos um team incomparável e venceremos sempre”¹¹.

Chega 1919, com a disputa do Campeonato Sul-americano e o país forma seu time com os principais jogadores das ligas do Rio de Janeiro e São Paulo. “Os

⁹ MIRANDA, 2006, p.27

¹⁰ Ibidem, p.27

¹¹ Ibid., p.28

treinos realizados nas semanas que antecederam o campeonato, com valor de ingresso mais acessível, atraíram ao estádio uma enorme e diversificada torcida, que chegou em algumas ocasiões a 15 mil pessoas.”¹² O Brasil venceu o primeiro jogo por 6 a 0 diante do Chile e depois fez 3 a 1 na Argentina. Nossa Seleção foi para a final com o Uruguai. Empate no primeiro jogo e nova partida foi marcada. Novo empate e prorrogação para a decisão do título. Se, de um lado, Marcos Mendonça, nosso goleiro, tinha salvado a Seleção, o paulista Friedenreich se transformou em herói ao fazer o gol do título.

A conquista deu ao futebol o sentimento nacional, constituindo-o em grande elemento de identidade nacional. Nessa mesma data, a participação de torcedores de todas as classes sociais, dispostas nas mais diversas áreas de observação do campo, mostrava que o futebol já estava se tornando uma mania nacional.

Nas tribunas de honra do estádio, o presidente da República, Delfim Moreira, e outras autoridades acompanhavam pessoalmente a disputa. Rapazes e senhoritas com roupas elegantes chegavam cedo às arquibancadas. Na beira do gramado, milhares de espectadores de menor renda buscavam um lugar nas gerais onde pudessem ter melhor visão do jogo. Era no morro vizinho ao lugar, no entanto, que estava a maior surpresa: sem dinheiro para o ingresso, uma pequena multidão de aproximadamente cinco mil homens e mulheres de origens diversas se espremia para poder assistir de longe à grande final. Evidenciava-se assim, pela primeira vez, o poder aglutinador do futebol em torno da nacionalidade. De tal sentimento compartilhado resultava a possibilidade de que se juntassem em uma mesma torcida “o burguês e o artista, o pobre e o rico, o *zé-povinho* e os de mais destaque na nossa sociedade, como reconhecia o redator esportivo de um grande jornal da cidade”.¹³

2.1 O ENCONTRO

Foi na oitava edição do Campeonato Brasileiro de Futebol, na partida entre as seleções de São Paulo e Paraná, que aconteceu a primeira transmissão de um jogo de futebol da forma como se conhece hoje. Era o ano de 1931 e Nicolau Tuma, locutor da Rádio Educadora Paulista, recebeu a missão de transmitir o espetáculo que

¹² MIRANDA, 2006, p.28

¹³ Ibidem, p28

tanto interesse estava despertando nas pessoas. Era o rádio reconhecendo a importância do futebol e vendo ali uma possibilidade de ampliar seu campo de ação.

Criar uma narrativa para o jogo, sem qualquer referência anterior, foi realmente um desafio. “Eu precisava dar a impressão ao indivíduo que estivesse ouvindo com os dois fones do rádio galena, que ele estaria apreciando e vendo quase, e completando com a sua imaginação a minha descrição”¹⁴, conta Tuma. Até então, o rádio tinha uma relação com o futebol de apenas divulgação dos resultados e anunciava as partidas que seriam realizadas. O jogo entre paulistas e paranaenses¹⁵, em 19 de julho de 1931, entrou para a história pela importância que a narração dos jogos de futebol assumiu para o torcedor.

O jogo estava marcado para as três da tarde, mas as duas seleções só entraram em campo vinte minutos depois. Primeiro, os paulistas, altivos, com o goleiro Athiê, que por anos seguidos foi presidente do Santos mágico de Pelé e outros craques, à frente de outras estrelas como o ponta-direita Luizinho (juiz de direito por profissão) e o incrível Freidenreich. Freidenreich morreu pobre, louco, com fama de ter marcado mais gols que Pelé. Depois o Paraná, com seu ídolo e artilheiro Gabardino, também aplaudido porque, antes de fanática, torcida, naqueles tempos, era muito bem educada. Depois começou o sufoco. Para o time de São Paulo, que não conseguia acompanhar a velocidade do Paraná no começo do jogo. E para mim, que estava narrando no meio da torcida.¹⁶

Tanto quanto a discussão sobre a “paternidade” do rádio, também existe uma polêmica, menos complicada, que é sobre quem realmente fez a primeira transmissão de uma partida de futebol no Brasil. Isto porque, segundo alguns autores, antes de Nicolau Tuma, o locutor Amador Santos, no Rio de Janeiro, na década de 20, já fazia a transmissão. A diferença é que Amador narrava de forma mais lenta, num estilo mais próximo do que fazem os locutores esportivos na televisão. O que Tuma fez foi dar um ritmo à narrativa completamente diferente, daí ter recebido o apelido de *speaker metralhadora*.

¹⁴ Depoimento de Nicolau Tuma no programa **Globo Repórter**, da TV Globo, em 1981.

¹⁵ A partida terminou com a vitória dos paulistas por 6 a 4, sendo que o primeiro gol narrado no rádio, considerando-se Tuma como pioneiro, foi de Gabardino, da Seleção do Paraná.

¹⁶ MATTIUSI, 2004, p.80. Depoimento de Nicolau Tuma.

Em **A bola no ar** - Rádio Esportivo em São Paulo¹⁷, Edileuza Soares destaca que, em um depoimento de Leopoldo Sant'Anna ao jornal **Correio Paulistano**, de 1º de maio de 1949, há a afirmação de que a primeira partida transmitida pelo rádio aconteceu em 1924, entre as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo. Em **História da Comunicação: rádio e tv no Brasil**, o crédito a Amador Santos é acrescido da informação que, naquela época, havia uma preocupação da transmissão dos jogos representar o afastamento do torcedor dos estádios. Os dirigentes chegaram a proibir as irradiações dos jogos. A história das coberturas feitas pela televisão, mais à frente, terá de novo esse temor das chamadas “autoridades” do esporte.

O pioneiro das transmissões esportivas de futebol foi o Amador Santos, na Rádio Clube Brasil (RJ). Nessa época eram vedadas as transmissões, pois os clubes não queriam que se prejudicassem as entradas da bilheteria, porque o rádio podia diminuir o fluxo de torcedores.¹⁸

Renato Murce¹⁹ é bem enfático na distinção entre o que fazia Amador Santos e Nicolau Tuma. Ele lembra que o primeiro tinha um estilo sóbrio, enquanto o segundo imprimiu a velocidade que a narrativa das partidas de futebol ganhou no rádio. Ao explicar como estruturou a sua primeira transmissão de um jogo, Tuma demonstrou ter realmente percebido o papel do rádio e viu que apelar para a imaginação do torcedor seria a estratégia precisa para mantê-lo interessado pela narração. Além de transmitir algo novo, ele teve um outro grande desafio: naquela época não havia numeração nas camisas dos jogadores. Como decorar a escalação dos 22 jogadores se eles não tinham numeração? Ele conta que se utilizou do recurso de identificar alguns pela característica física. Técnica utilizada até hoje pelos narradores esportivos. Mas e o jogo? Como descrever aquele espetáculo de forma compreensiva para o ouvinte?

Conhecia as regras do jogo. Isso era fundamental. Como não tinha um modelo de narração optei pela descrição fotográfica, que desse ao ouvinte a imagem exata do campo e do jogo. Fiquei na arquibancada e improvisei o

¹⁷ SOARES, 1994

¹⁸ BONAVIDA, 1982, p.58

¹⁹ MURCE, 1986, p.49

nome deste local dizendo que era o reservado da imprensa. Ao abrir o microfone disse: estou aqui no reservado da imprensa do campo, contemplando as arquibancadas. Estou ao lado das gerais e vou tentar transmitir para vocês que me ouvem um relato fiel do que irá acontecer no campo. Pensem num retângulo à sua frente ou peguem uma caixa de fósforos. Do lado direito estão os paulistas e do esquerdo os paranaenses.²⁰

No começo as transmissões eram feitas apenas pelo narrador. Não havia repórter de campo, comentarista e nem plantonista de estúdio. Daí a preocupação de Nicolau Tuma em não parar de falar em momento algum. Ele fazia de tudo para não perder o ritmo, com receio de “abrir buracos na transmissão” e o ouvinte mudar de estação. O desenvolvimento da parte tecnológica do rádio está diretamente ligado às coberturas esportivas. A necessidade de se criar condições para as transmissões fez com que soluções técnicas fossem logo descobertas e implantadas.

Um dos problemas iniciais era com as linhas telefônicas. Tuma conta que uma das saídas era pedir a uma das casas vizinhas do estádio para que a linha fosse instalada lá durante a partida. Até os anos 80, em partidas disputadas em cidades muito pequenas, no interior, várias emissoras ainda tiveram que se utilizar deste recurso. Paulo Machado de Carvalho, que foi um dos grandes nomes do rádio e do esporte brasileiro, admite que, muitas vezes, as transmissões foram viabilizadas com ligações clandestinas nos postes de energia. Tudo para que o jogo não deixasse de ser transmitido.

Paulo Machado cria o primeiro plantão esportivo. “A cada gol ou páreo, um repórter discava para a sede da Record e dava notícia a Siqueira (José Augusto Siqueira) que, aos gritos, repassava-a ao locutor”.²¹ Era o programa **Esporte pelas antenas**, que ganhou grande prestígio junto aos ouvintes da emissora.

O Brasil entra nos anos 30 diante de um grande fenômeno de cultura de massas. O rádio é apresentado como um dos instrumentos que vai promover a integração nacional e o futebol, que vinha se tornando mania nacional, poderia

²⁰ Depoimento de Nicolau Tuma no programa **Globo Repórter**, da TV Globo, em 1981.

²¹ CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.57

perfeitamente contribuir com isso também. A política, em toda essa história do desenvolvimento do rádio e futebol no país, se aproveitou muito da paixão do torcedor.

Em 1933, com o fim da Revolução Paulista, surgia nas transmissões de futebol e na cobertura esportiva em geral, o chamado “bairrismo”, mais fortemente caracterizado nas narrações de cariocas e paulistas. Nas disputas interestaduais os locutores acrescentavam um toque de torcedor, sob o argumento que estava em jogo o fortalecimento do Estado. Isso despertou a concorrência entre as emissoras e começou a valorizar os narradores e seus estilos.

Em parceria com a emissora carioca Rádio Clube do Brasil, a Record narraria, em novembro de 1932, o primeiro encontro das seleções paulista e carioca desde que o movimento constitucionalista explodira em julho. O jogo, disputado em São Januário, não seria oficial – A CBD cancelara, por causa da revolução, toda a programação esportiva do segundo semestre - mas foi encarado pelos torcedores das duas cidades como a final de campeonato... De olho na audiência, Paulo Machado mandou instalar um enorme alto-falante para os torcedores ouvirem a partida, que seria transmitida pela Record e narrada por Amador Santos, pioneiro das transmissões esportivas no Rio de Janeiro. Quando o jogo começou, os paulistanos reunidos no largo da Misericórdia pareciam não acreditar no que ouviam. O speaker da Rádio Clube do Brasil enaltecia cada toque de bola de Leônidas da Silva, Oscarino e Jarbas, da seleção carioca e quase não pronunciava o nome de Orozimbo, Tunga, Imparato e Romeu, craques do combinado Paulista.²²

Os torcedores ficaram revoltados com a parcialidade de Amador Santos e quebraram tudo, inclusive o alto-falante que a Record mandou instalar. Aproveitando o clima, Nicolau Tuma pediu a Paulo Machado de Carvalho para transmitir o jogo da volta. Além de um show de narração, em estilo diferente de Amador, Tuma pode transmitir a vitória dos paulistas por 2 a 1, narrando 250 palavras por minuto. Durante o jogo, Paulo Machado pediu a Tuma que parasse de provocar os cariocas. “O empresário e o locutor já tinham combinado: esperariam o fim da partida para colocar no ar um jingle composto pelo próprio Tuma em parceria com Roberto Splendore, cantado à exaustão pelos torcedores: ‘Com chuva, com sol, paulista é campeão de futebol!’”.²³

²² CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.59

²³ Ibidem, p.61

O futebol já tomava conta da programação esportiva, mas vale registrar que em 1932, nas ondas da Rádio Educadora Paulista, ia ao ar, sob o comando do radialista Oswaldo Magalhães, **A Hora da Ginástica**. O ouvinte era convidado e fazia a atividade física pelo rádio. Algo difícil de se imaginar hoje em dia, mas que revelava a força do rádio e o espaço que o esporte conquistava.

Edileuza Soares conta que, no **Diário Popular**, de 24 de abril de 1934, havia uma coluna chamada “Radiotelephonia”, em que já era demonstrada toda a admiração do público pelas transmissões esportivas: “a gente tem a impressão de que está comodamente sentado numa arquibancada. Curioso é que o ouvinte torce mais do que se estivesse no local do jogo.”²⁴ No começo das transmissões esportivas pelo rádio, tanto pela falta de hábito de ouvir a descrição de uma partida, como pelo fato de ainda não dominar completamente as regras do jogo e expressões, os jornais contribuíram para a compreensão da partida e narração.

Na época o jogo era relatado com certa frieza, sem muita emoção. E como não havia tv, eram os jornais que publicavam um esquema do campo de futebol, cheio de quadros, indicando a colocação dos jogadores. Este recurso serviu durante algum tempo para ajudar o ouvinte a “visualizar” as quatro linhas principais do campo e as subdivisões, além de permitir que acompanhasse a movimentação dos jogadores. O recurso gráfico permaneceu por algum tempo, até o campo de jogo estar memorizado por todos os amantes do futebol e, posteriormente, pela grande maioria da população.²⁵

Ana Baunworcel conta que o uso do recurso gráfico prevaleceu por algum tempo até se transformar no que é hoje, sem necessidade de outro suporte para a compreensão do ouvinte. “O locutor narrava: agora o jogador fulano está na quadrícula seis, passou para a sete. Só depois as transmissões esportivas viraram ‘óperas sonoras’, superando e trazendo uma outra conotação para o próprio espetáculo”.²⁶

²⁴ SOARES, 1994, p.39

²⁵ ALMEIDA, 1999, p.57

²⁶ BAUMWORCEL, 1999, p.61

A Copa do Mundo de 1938 estava chegando e já não se admitia a possibilidade do torcedor ficar sem a cobertura do rádio. Se transmitir uma partida de futebol no Brasil era um desafio sob aspecto técnico, imagine falar da França. O dia 5 de junho de 1938 entra para a história como a data em que os brasileiros acompanharam, pela primeira vez, uma partida da Seleção Brasileira em Copas do Mundo. Gagliano Neto, locutor do Rio de Janeiro, fez a narração, que teve o patrocínio do Cassino da Urca. Brasil 6 a 5 sobre a Polônia. Ele tinha sido contratado pelo Rádio Clube, para fazer concorrência a Mario Provenzano, que era da Rádio Educadora, mais tarde, Rádio Tamoio, do Rio de Janeiro.

A viagem de Gagliano Neto, no mesmo navio que transportou a Seleção Brasileira, durou dezessete dias. Naquele tempo, nem todo mundo tinha aparelho de rádio em casa. As pessoas se amontoavam nas principais praças das capitais do país para ouvir, através de alto-falantes, as transmissões. O Brasil acabou a copa em terceiro lugar e pelo menos dois de seus jogadores encantaram o mundo da bola. Leônidas da Silva, o Diamante Negro, inventor da “bicicleta”, artilheiro com oito gols; Domingos da Guia, zagueiro de invejável virtude.²⁷

Em 1940 é fundada a Rádio Panamericana, hoje conhecida como Jovem Pan. Ela tem um papel importante na história da transmissão esportiva pelo rádio. Foi a primeira emissora a se especializar em esportes. Criou seu departamento de esportes e trouxe, entre outras novidades para a narração do futebol, a figura do comentarista de arbitragem (Flávio Lazetti - “o juiz do juiz” – foi o primeiro a analisar os árbitros). Também foi a Pan que criou o seu plantão esportivo (profissional que atua nos bastidores, no estúdio, acompanhando outros jogos e dando suporte para a transmissão). Pedro Luiz foi quem deu a idéia e Narciso Vernizi foi o primeiro a ocupar a função.

Antes da criação do plantão esportivo, o locutor se valia da ajuda do técnico de som, que costumava levar outro rádio para o estádio e tentava acompanhar outras partidas através da sintonia de outras emissoras. No entanto, o número de jogos,

²⁷ MATTIUSI, 2004, p.82

de disputas e de interesse do torcedor aumentou, forçando a criação do plantão esportivo com fez a Jovem Pan.

Depois, outras emissoras passaram a fazer escuta da Panamericana e a reproduzir, como se fossem delas, as informações transmitidas pelo plantão esportivo. O diretor da emissora, Paulo Machado de Carvalho Filho, resolveu impor uma lição às concorrentes. Às vezes a Panamericana leva ao ar um resultado errado. Daí a pouco, as outras estações que tinham transmissão esportiva, Difusora, Excelsior, Bandeirantes e Tupi davam a informação incorreta. Era o método mais fácil de descobrir o quanto o serviço da Pan vinha sendo copiado e também um meio de pressionar as outras emissoras a contratar uma equipe de plantão.²⁸

Outra novidade criada pela Jovem Pan foi a presença do repórter de campo, que antes era conhecido como narrador de campo, uma vez que ele narrava o lance quando acontecia um escanteio ou falta mais próxima da área. A Panamericana também inova no final da década de 70, lançando o programa **Show de Rádio**. Idealizado por Estevan Sangirardi, o programa marca a experiência de ter o humor associado ao futebol. Nos intervalos e, especialmente no fim das jornadas esportivas, uma rádio (Camanducaia) entrava no ar dentro de outra, a Pan, com uma equipe²⁹ que satirizava os grandes clubes paulistas e as situações que acabavam de acontecer.

No Rio de Janeiro, o pioneiro da reportagem de campo com microfone sem fio foi Geraldo Romualdo da Silva, jornalista que teve como auge da carreira sua passagem pelo **Jornal dos Sports**, onde foi um dos grandes cronistas. Foi também na década de 40 que surgiu o comentarista. Até então, terminado o primeiro tempo do jogo, o locutor passava a transmissão para o estúdio, que tocava música durante todo o intervalo. Coube à Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, o pioneirismo. Blota Júnior e Geraldo Bretas foram convidados para comentar um jogo no intervalo.

O público gostou e a experiência virou novidade: ter alguém comentando o jogo no rádio tinha sido feito em 1938, por Gagliano Neto, que convidou o jornalista

²⁸ SOARES, 1994, p.49

²⁹ Além de Estevan Sangirardi, destaque para a participação de Nelson Tatá Alexandre. Também participavam do Show de Rádio Weber Lagana, Sérgio leite, Luiz Romagnolli.

gaúcho Ary Lund, para analisar o desempenho do Brasil na Copa do Mundo. Já de volta ao Brasil, o mesmo Gagliano lança outro nome importante do comentário esportivo: Pilar Drumond, jornalista de **A Noite**. No Rio de Janeiro, Ary Barroso convidou José Maria Scassa, mais um que é referência na história da crônica esportiva, para falar nos intervalos dos jogos.

Blota Júnior conta que as transmissões dos jogos fez com que os equipamentos para a cobertura fossem desenvolvidos, como o microfone sem fio, que facilitou a movimentação dos repórteres em campo e contribuiu para o desenvolvimento do veículo.³⁰ Também nesta época os técnicos trabalhavam para que a qualidade do som fosse cada vez mais apurada. Para a cobertura da Copa de 58, até no convite para o torcedor ficar sintonizado existia uma demonstração clara desta atenção técnica, bem como a forte presença dos patrocinadores, que logo no começo do rádio, por lei, não podiam anunciar no veículo e que, agora, o viabilizavam.

Gillete e Melhoral com o Brasil na Copa do Mundo, através da Rede Brasileira de Desportos, liderada por Rádio Panamericana e Emissora Continental. Você pode contar com Gillete e Melhoral, os jogos do Brasil na Copa do Mundo serão irradiados em condições excepcionais. De fidelidade e nitidez. Locutores, comentaristas, repórteres e técnicos de som irão até a Suécia para trazer à sua casa o mais possível fiel retrato da campanha da nossa Seleção. Reportagens, entrevistas, descrições vivas e imparciais das pelepas – tudo transmitido com a maior e mais perfeita técnica e melhor som – assegurado por acordos com a Cia Telefônica da Suécia, Rádio Internacional e Cia Telefônica Brasileira. Sintonize seu receptor com as emissoras da Rede Brasileira de Desportos – e ouça a melhor transmissão da Copa do Mundo.³¹

Retornando ao ano de 1934, a história das transmissões de futebol pelo rádio registra a primeira utilização de sinal sonoro durante uma narração. O que, mais tarde, se tornaria uma marca a mais nas narrações, transformando-se nas vinhetas, consideradas como um “charme” a mais. Ary Barroso tornou-se o primeiro narrador polêmico do rádio esportivo, por torcer abertamente para o Flamengo e dar opiniões em suas transmissões. “Falta contra nós. Ele não dizia contra o Flamengo, dizia contra nós.

³⁰ Depoimento de Blota Júnior no programa **Globo Repórter**, da TV Globo, em 1981.

³¹ AS COBERTURAS da Copa na emoção do jornalismo esportivo, 1998, p.16

Bola com Aristóbolo. Aristóbolo não é nome de jogador de futebol”, conta Jorge Couri.³²

O que Ari fez foi acrescentar à narração a sua famosa gaitinha. Ele não gritava gol, tocava repetidamente a sua gaita, como sinal de gol. Jorge Couri conta que a gaitinha tocava mais vezes quando era gol do Flamengo, o que despertava ira dos torcedores rivais. Outra novidade nas transmissões do futebol pelo rádio veio através de Oduvaldo Cozzi, na Rádio Mayrink Veiga. Ele foi o primeiro a colocar outros repórteres em outros campos, informando o andamento de outras partidas, mas sem a preocupação vocal destes repórteres. Luiz Mendes³³, inspirado na gaitinha de Ary Barroso, cria o primeiro “sonzinho” eletrônico na hora de dizer o tempo e placar da partida.

O sujeito ia lá só para informar e possuía vozes cavernosas. Cozzi foi o primeiro a montar uma transmissão “triplex”. Depois, eu entrei na Rádio Globo e criei uma série de coisas: vozes boas em todos os campos passam a transmitir simultaneamente quatro ou cinco jogos. Coloquei também os repórteres em campo no Rio de Janeiro. Cozzi havia colocado atrás dos gols para se informar o que se passava numa e noutra baliza. E a transmissão foi se modernizando. Ary Barroso transmitia pela Rádio Tupi e quando saía o gol, tinha a gaitinha. Isso me inspirou a criar para a hora e placar um passarinho “cuco”, um relógio que, de cinco em cinco minutos, fazia cantar e dizia: trinta minutos de jogo no meu Eterna de precisão protegida, trinta minutos de jogo. Aí dava o placar e outros detalhes. Foi o primeiro “sonzinho”.³⁴

Oduvaldo Cozzi é apontado pelos estudiosos e torcedores da época, como um dos mais completos narradores esportivos que o rádio carioca teve. Curioso é que ele foi revelado através da experiência e desafio de transmitir uma corrida de automóveis. Foi pela Rádio Transmissora Brasileira – PRE-3 – que teve grande repercussão. A partir daí, na companhia de Renato Murce (comentarista), uma dupla inesquecível no rádio esportivo.

³² Depoimento de Jorge Couri no programa **Globo Repórter**, da TV Globo, em 1981.

³³ Mendes, um dos mais importantes nomes do jornalismo esportivo, começou a carreira em 1942. Um ano depois ele estava na Rádio Farroupilha de Porto Alegre, narrando. Em 1944 foi fundador da Rádio Globo. De 1955 até 1970 ficou na TV. Mendes foi um dos pioneiros da TV Rio. Passou pela Rádio Nacional, TVE, TV Globo.

³⁴ HALLACK, 1988, p.34

Em 1940 o rádio do Rio de Janeiro ganhou um outro grande nome, que não pode ser esquecido em qualquer memória do jornalismo esportivo: Antônio Cordeiro. Na Rádio Nacional ele formou grandes equipes esportivas e criou um dos mais famosos programas de esportes que o rádio já teve, o **No Mundo da Bola**.

Luís Alberto foi um narrador que começou na Bahia, em 1944. Trabalhou no rádio até 1970. Depois da copa daquele ano, resolveu parar. Seu começo foi como o de tantos outros, transmitindo uma partida de futebol de botão. “(...) entre uma petelecada e outra ia narrando, usando os bordões dos locutores que ouvia no rádio”, conta ele³⁵. Luís chegou a trabalhar no Rio de Janeiro e teve a oportunidade de atuar com grandes nomes da transmissão esportiva.

Era uma época em que as grandes estrelas eram Ari Barroso, Oduvaldo Cozzi, Jorge Curi e Antônio Cordeiro. No meio deles, com um estilo muito seu, na base das gozações, Raul Longras. Cozzi tinha um estilo muito especial de criar expressões e de inflexão. Em uma delas, com toda ênfase, ele dizia: “fulano está im-pe-di-do”. Antônio Cordeiro era conhecido como o “espiquer-cronista”. Sóbrio, cuja voz não ajudava muito, mas tinha a grande virtude de ser um grande cronista. Uma das grandes inovações que Antônio Cordeiro promoveu foi criada quando a televisão começava a ensaiar seus primeiros passos. Ele criou a chamada transmissão em diagonal, dividindo o campo metade a metade. Cada narrador transmitia o jogo a partir de uma metade, sempre que a bola passava da linha central.³⁶

Também foi destaque entre os narradores do Rio de Janeiro, pela Rádio Cruzeiro do Sul, Ailton Flores, conhecido como Canarinho. Segundo Lovisaro e Neves³⁷, ele foi “talvez o pioneiro no uso de expressões idiomáticas”. Ainda segundo Capinussú, o estilo de Canarinho fica consagrado nas narrações de outro nome importante do rádio esportivo: Raul Longras, que cria expressões como “pimba”, para caracterizar o chute a gol, e “balançou o véu da noiva”³⁸ quando acontecia o gol. Outro nome importante na história do rádio, e que contribuiu muito para o seu

³⁵ ALBERTO, 1990, p.26-27

³⁶ Ibidem, p.27.

³⁷ LOVISARO; NEVES, 2005, p.84

³⁸ Longras fica famoso nos meios de comunicação por criar também o programa **O casamento na TV**.

desenvolvimento foi Raul Brunini, que mais tarde veio a dirigir a Rádio Globo. Em 1941 ele atuava pela Rádio Tupi e se destacou comentando Jogos Olímpicos.

Em São Paulo, em 1946, surge o locutor Rebello Júnior. Ele é o responsável pela criação do chamado “gol esticado”: gooooooooool. Por isto, passou a ser chamado de “o homem do gol inconfundível”. Forma que acabou sendo reproduzida e que faz parte do estilo de boa parte dos narradores no rádio. Alguns dizem que, na verdade, esticar o grito de gol é um recurso que os locutores têm quando não sabem quem foi que marcou o gol e contam com a ajuda do comentarista ao lado ou do repórter de campo (enquanto o gol é “esticado”, um dos outros membros da equipe informa o autor).

Todas as dificuldades técnicas e as provocadas pela falta de experiência com a transmissão de um jogo, que a cada dia se transformava em espetáculo para os ouvintes, criaram situações difíceis para os narradores. Dramáticos, engraçados, folclóricos, os apertos vividos pelos narradores acabaram contribuindo para o desenvolvimento da narrativa radiofônica. Certo é que, através das transmissões ao vivo dos jogos de futebol, se desenvolveu a técnica do radiojornalismo, da reportagem radiofônica e até da crônica que, mais tarde, tratava de outros temas como moda, política, cultura e economia. Também surgiu a necessidade de todo locutor ter criatividade para sair de situações complicadas. Um exemplo é o que aconteceu com Pedro Luiz, locutor paulista.

Fui narrar uma partida na Copa de 50 entre Inglaterra e Escócia, em Glasgow, pelas eliminatórias. Quando surgiram os 22, eu fiquei louco: eram todos loiros e iguais e, por coincidência infeliz para mim, os dois uniformes tinham três cores. Mudava a cor do calção para a camisa. Eu falei, ‘meu Deus, é hoje’. Oduvaldo Cozzi era meu companheiro de transmissão e percebeu que eu tinha invertido os times, mas preferiu não falar nada acreditando que eu iria corrigir logo o equívoco. Felizmente percebi algo errado e inverti as coisas antes da Inglaterra fazer 1 a 0. Caso contrário, a Escócia teria vencido na minha primeira narração.³⁹

³⁹ SOARES, 1994, p.66

Muitas das transmissões aconteciam no “escuro”. Expressão que caracteriza a incerteza do locutor se o som estava chegando ao estúdio e transmitindo para o público. Ele não tinha retorno. Abria a narração e ia até o fim.

Horas depois do término do jogo, a emissora enviava um telegrama dizendo se tudo tinha corrido bem e a qualidade do som. Em 1960, fui transmitir um jogo da Seleção Brasileira em Argel, contra a Seleção da Argélia. Levamos um susto quando chegamos ao estádio e descobrimos que não havia cabine de rádio e tudo teria que ser feito à beira do campo, o que dificultava a transmissão. Não tínhamos fio suficiente e a concorrência, a quem pedimos ajuda, negou. Combinei com o Leônidas da Silva, meu comentarista, que ele ficaria na frente, vendo o jogo e quando saísse o gol ele correria e diria o nome de quem fez o gol. O resto do jogo eu inventei. O Brasil fez cinco a zero e eu narrei os cinco gols sem ver, inventando as jogadas, mas falando o nome certo do autor do gol. Fomos para o hotel e ficamos esperando o telegrama da emissora. Horas depois chegava a informação de que só havia chegado os últimos 18 minutos de jogo, mas estávamos de parabéns, porque só nós conseguimos transmitir. A emissora concorrente não enviou nada”.⁴⁰

Na Copa de 58, conta Samir Razuk (na época diretor geral), a Rádio Bandeirantes instalou um painel eletrônico na Praça da Sé, no centro da capital paulista. “Mostrávamos fotos das seleções. Enquanto o locutor narrava a partida, no painel pequenas luzes representavam os jogadores, ascendiam e apagavam conforme seus movimentos”.⁴¹

Outra atração imaginada pelos locutores esportivos foi a transmissão num sistema batizado como “carrossel”. A iniciativa é da Rádio Capital, de São Paulo, em 1970. O jogo era transmitido por três locutores. Eles se revezavam à medida que a bola saía pela lateral ou linha de fundo. Uma idéia que não foi à frente por muito tempo. As emissoras acabaram optando pelo sistema “pingue-pongue”, ou seja, a narração de duas partidas ao mesmo tempo, de forma intercalada. Fato que agrada em alguns locais onde dois times dividem a preferência popular (Grêmio e Internacional, no Rio Grande do Sul; Bahia e Vitória, na Bahia; Guarani e Ponte Preta, em Campinas e etc), já que as duas torcidas podem acompanhar seus clubes.⁴²

⁴⁰ Depoimento de Fiori Gigliotti no **Programa do Jô**, do SBT, s.d.

⁴¹ JORNAL DA AESP, 1997

⁴² SCHINNER, 2004, p.19

Mais tarde, já nos anos 80, algumas empresas de comunicação, que dispunham de mais de um canal AM, passaram a oferecer aos torcedores a opção de duas partidas. Em São Paulo, Globo e Excelsior, do Sistema Globo de Rádio, eram as que transmitiam jogos distintos. A Tupi e a Difusora, dos Diários Associados, também.⁴³ No Rio, Globo e Eldorado faziam isso. Hoje a divisão do Sistema Globo de Rádio, para o torcedor carioca, acontece entre Globo e CBN.

Se o rádio teve todas essas novidades, o futebol, que ganhava mais notoriedade através das narrações, não ficou atrás. Grandes nomes foram surgindo, grandes times, estádios que foram construídos, espaço maior na imprensa em geral e o crescente interesse do público pelo esporte. Levar o rádio para o estádio tornou-se mais que um hábito. Era o acessório e o companheiro de futebol imprescindível.

A chegada das FMs foi motivo para que muitos apostassem no fim do rádio AM. Curiosamente, apesar de cogitarem a migração da programação em amplitude modulada para a frequência modulada, em função da qualidade do som e do interesse imediato despertado pelo ouvinte, os estudiosos do rádio na época viam com desconfiança a possibilidade da ida da narração do futebol para as estações de FM. Elas, que surgiram no fim dos anos 60, também nasceram sob a “benção” da elite, mas logo caíram no gosto popular, especialmente por aqueles que acusavam a AM de um espaço de muita falação e pouca música.

As emissoras relutaram um pouco no início para levar as transmissões de futebol para a FM. A Rádio Bandeirantes, de São Paulo, foi uma das primeiras a experimentar este novo espaço surgido no rádio. À medida que a programação da FM também começou a se aproximar do que era a da AM, cresceu o número de emissoras

⁴³ SCHINNER, 2004, p.20

que transmitem futebol apenas nesta frequência, embora a audiência maior na narração esportiva continue sendo da AM.

2.2 “FELIZES PARA SEMPRE”

O “casamento” de rádio e futebol no Brasil acontece de forma tão intensa e apaixonada que vários pesquisadores destacam não só a qualidade, mas o estilo único de se transmitir uma partida pelos narradores brasileiros. O jornalista Luis Carlos Saroldi⁴⁴ é um deles. Saroldi destaca que, em termos de técnica e criatividade, não há como comparar as transmissões de futebol do rádio brasileiro com qualquer outro no mundo. “A transmissão esportiva no Brasil constitui um gênero à parte. Uma espécie de ópera sonora, muitas vezes superior ao espetáculo que supostamente procura descrever”.⁴⁵

O escritor e cronista esportivo Luís Fernando Veríssimo retrata também o significado que a transmissão do futebol pelo rádio passou a ter para o torcedor. “Quando fui ao estádio pela primeira vez ver um jogo me decepcionei. Futebol no campo era emocionante, mas não tanto quanto era nas transmissões que eu ouvia no rádio”.⁴⁶ O jornalista Matinas Suzuki Júnior afirma que “em nenhum outro país, creio, existe esta relação tão próxima entre o torcedor e o seu rádio. Para mim, é um mistério: que riqueza da experiência humana passa por este gesto de escuta atenta?”⁴⁷

Essa relação do jogo com o narrador acabou criando uma situação cada vez mais comum: o rádio passou a fazer parte da “bagagem” que cada torcedor leva para o estádio. Já não bastava apenas assistir, era preciso acompanhar a narrativa. Uma

⁴⁴ Fez na BBC de Londres o programa **O Rádio no Brasil** e trabalhou na Rádio Jornal do Brasil.

⁴⁵ MATTIUSI, 2004, p.82

⁴⁶ Ibidem, p.82

⁴⁷ Ibid., p.83

expressão que logo foi incorporada e explorada pelos narradores de futebol foi a de que “brasileiro não vive sem rádio”. Exageros à parte, o fato é que o veículo passou a fazer parte do jogo. É como nos conta Januário de Oliveira:

O brasileiro não vive sem rádio. Cada vez mais estou convencido disso. Especialmente o que gosta de futebol. O brasileiro é engraçado. Ele vai ao campo e leva o rádio para acompanhar, por exemplo, a marcação de um pênalti. Aí ele cola o rádio no ouvido para saber se foi pênalti. Como o comentarista predileto lhe diz que foi pênalti, ele se conforma. Caso o comentarista diga que não foi, ele protesta contra o juiz. Se tiver alguma dúvida sobre a opinião do seu comentarista, gira o botão e confere o que o outro está dizendo. No dia seguinte, ele vai para o trabalho e defender que houve pênalti e sua defesa é em cima do que o tal comentarista ou narrador disse.⁴⁸

Futebol e rádio nasceram um para o outro. O que poderia ser também um exagero ou uma frase de efeito, na verdade ganha significado na trajetória histórica que ambos traçaram. Enquanto um, o rádio, surgiu como primeiro veículo de comunicação de massa, o outro se transformou no esporte que maior paixão despertou no brasileiro. Ambos nasceram no berço das elites, mas logo se transformaram em mania nacional, com base na emoção e criação de ídolos.

Essa popularização de futebol e rádio coincide com as mudanças na sociedade brasileira a partir da década de 50, quando houve o início do processo de urbanização no país, com o deslocamento da população do campo para a cidade. Embora tenha despertado o interesse do público (no início, muito mais pela curiosidade), o futebol deve ao rádio boa parte da paixão que despertou no torcedor. Os autores contam que, a partir das primeiras transmissões radiofônicas das partidas, os estádios ganharam um público cada vez maior.

Os locutores esportivos descobriram logo que, apelando para o imaginário popular, não seria difícil transformar o jogo em espetáculo de grande audiência. No campo e nos microfones, verdadeiros craques iam surgindo e fascinando o torcedor brasileiro. Mas era difícil de dar certo uma “união” harmônica se os dois não

⁴⁸ HALLACK, 1988, p.77

falassem a mesma língua. Como tornar o futebol popular se os termos utilizados continuavam sendo em inglês.

Os narradores foram substituindo as expressões como *off-side*, por impedimento; *inside-right*, por meia-direita; *full-back*, por zagueiros; *linemen*, por bandeirinhas, *goalkeeper*, para goleiro. Assim foi criado o passaporte para que o torcedor de classes sociais menos favorecidas entendesse o jogo e passasse a freqüentar os campos, mesmo que, em princípio, no alambrado, enquanto a elite desfrutava das arquibancadas (ainda pequenas) e das sociais (onde, como hoje, no turfe, ficavam senhoras desfilando seus últimos modelos).

Brincando com as palavras, criando neologismos e empregando um ritmo veloz e de emoção, os narradores esportivos encontraram fórmulas que caíram no gosto popular, tanto quanto o futebol. O rádio buscou através dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas, cortinas sonoras) levar a magia do espetáculo ao ouvinte, por meio do apelo a sua imaginação. O objetivo era levar o ouvinte a ver praticamente outro jogo, mais vibrante, que o prendesse ao rádio durante os 90 minutos.⁴⁹

Luiz César Feijó analisa com muita propriedade a necessidade de o torcedor estar acompanhado do rádio nos estádios, uma vez que ao veículo de comunicação é dada uma dimensão extraordinária.

É comum observar-se nos estádios de futebol muitos torcedores assistindo as partidas com o radinho de pilha junto ao ouvido. Eles não se satisfazem somente com o que estão vendo (retorno ao espaço primitivo). A ansiedade de ouvir supera a obrigatoriedade de ver, como se a voz do outro (mediador), vinda do oráculo eletrônico, fosse a expressão da suprema verdade, deixando-o à mercê de um entendimento impossível de ser alcançado por sua própria capacidade reflexiva. Isto o torna um súdito dependente, pela mixagem dos sons existentes nestas mensagens específicas, ao mesmo tempo, um repetidor passivo de seus termos e expressões.⁵⁰

Feijó aposta que está nesse comportamento o ponto central da importância das transmissões das partidas de futebol. Segundo ele, assim vão sendo perpetuados termos lingüísticos, que vão sendo incorporados ao repertório do ouvinte. Neste sentido, fica evidenciado o papel e a responsabilidade que o locutor tem que ter.

⁴⁹ ALMEIDA, 1989, p.49

⁵⁰ FEIJÓ, 1994, p.54

O rádio e a televisão mantêm o ouvinte e o telespectador distanciados do palco dos acontecimentos onde as cenas esportivas se desenrolam. Eles serão sempre participantes dependentes, isto é, participantes orientados por um mediador (locutor, comentarista ou repórter) que está sempre diante dos fatos mais abrangentes e genéricos à sua frente. Este distanciamento impõe ao receptor dois planos que se combinam. Pela natureza oral do rádio, o receptor estará sempre em um segundo plano, onde ele não domina o ambiente descrito, mas desfruta de conforto e segurança. No primeiro plano está a voz da narração que o satisfaz plenamente, porque completa as deficiências do plano anterior.⁵¹

Outro aspecto importante dentro da linguagem radiofônica nas transmissões do futebol está na especificidade que ela requer do locutor. Todos os lances devem ser narrados com emoção, fazendo com que o responsável pela transmissão descreva a sucessão de jogadas, traduzindo-as em atos de linguagem.

Transmitir o estado de consciência a outro, na base de uma referencialidade, não é muito fácil – quase impossível plenamente – de ser realizado. Ocorre, também, que nem sempre todo o mecanismo mental necessário a tais “traduções” funciona dentro dos padrões da língua culta ou acadêmica. Nem poderia isso ocorrer. As emoções que cercam uma partida de futebol contribuem com sensível carga emotiva para a comunicação feita entre o locutor e ouvinte.⁵²

Afinal, nem sempre a descrição do que está acontecendo vem de uma expressão vocabular. Muitas vezes vem de um som eletrônico, como uma vinheta, um ruído, um barulho diferente, que acaba se transformando em verdadeira mensagem, facilmente decifrada pelos ouvintes. Expressões que se tornaram alvo de estudo de lingüistas, constantemente interessados em verificar como se processa essa comunicação oral.

Essa relação se consolidou de tal forma que fez com que apresentemos como tese deste trabalho a hipótese principal que é a de que o futebol, até hoje, continua sendo um espetáculo eminentemente radiofônico.

⁵¹ FEIJÓ, 1994, p.54

⁵² Ibidem, p.55

3 JOGO, RÁDIO, TORCEDOR: UM MISTURA EXPLOSIVA

O que significa o futebol para o brasileiro? Qual a dimensão que este esporte ganhou junto a este povo? Quem é este torcedor? Qual sua relação com o futebol? Entre estes dois - jogo e torcedor - um mediador, o rádio. Este capítulo tem como objetivo trazer reflexões sobre os três, na busca de elementos que auxiliem na construção desta relação que é muito forte e que pode contribuir para possível comprovação da hipótese principal desta pesquisa.

Um fator que logo chama a atenção é a imprevisibilidade do futebol. Ele é um dos poucos esportes coletivos que lida com o inesperado durante toda a sua realização. Não há um placar pré-determinado a favor de uma equipe, por mais favorita que ela seja. O efeito é direto na conduta do torcedor que, sabendo disso, fica ligado o tempo todo, na expectativa do lance seguinte. O fato de ser um esporte sem ter um resultado previsível é apontado como um dos fatores para que ele tenha caído no gosto popular. Não dá para garantir que um time vencerá, por maior que seja a diferença técnica entre ele e o adversário. Isso leva à emoção.

Esse clima de expectativa e suspense quanto ao resultado faz do futebol um jogo em que, além da tática e técnica, do preparo físico, pesa muito o fator sorte. Daí a relação também que ele tem com a religião⁵³, a superstição e a magia. A popularidade do futebol também pode ser explicada por essa associação da imprevisibilidade com o sobrenatural. Não são poucos os torcedores que associam a superstição até mesmo em relação aos narradores, dizendo que esse ou aquele traz sorte ou azar ao time.

⁵³ Roberto DaMatta salienta essa questão de religiosidade e o recurso à “intervenção do sobrenatural” associada também à questão do fato de o futebol ser um jogo praticado com uma parte do corpo humano, os pés, o que o torna menos previsível e o que o faz ser ligado à sorte.

A expressão “o futebol é uma caixinha de surpresas”⁵⁴ é uma das mais utilizadas pela crônica esportiva e pelos torcedores. Essa imprevisibilidade criou, portanto, a associação do futebol aos jogos de azar. Segundo observação de Herschmann e Lerner, essas duas atividades estão intimamente relacionadas no fenômeno das loterias esportivas, em que o torcedor/apostador acredita que, ao unir futebol e loteria, o destino pode livrá-lo de todas as suas privações materiais.

Estes jogos (futebol e loterias) foram se configurando ao longo deste século não só como um meio de exercitar os valores e códigos sociais da ordem burguesa emergente como também se construíram em linhas de fuga e resistência. Várias eram as razões que impeliam estes indivíduos às atividades lúdicas. Se, por um lado havia a busca de prazer, por outro (...) a possibilidade de viver, sentir e apostar em ‘situações’ que a dinâmica das relações modernas (que se construía naquele momento) não permitia.⁵⁵

Marcos Alves de Souza⁵⁶ comenta que o clima de suspense contínuo de uma partida de futebol faz com que a sorte, além da tática, da técnica e do ânimo (físico-moral), sejam incluídos nos atributos de uma equipe vencedora. É isto que permite que a religião e a magia sejam constantemente associadas à prática do futebol no Brasil. “Os fatores sorte/azar perpassam o futebol, apresentando uma visão do mundo em que a ordem se explica através do sobrenatural”⁵⁷ e o futebol brasileiro é repleto de histórias e folclore que contribuem para o reforço deste “fator extra-campo” que percorre o imaginário do mundo do futebol.

É justamente em cima deste clima de emoção, de tensão, de paixão, que a narrativa radiofônica se apropria e retém o ouvinte. Na fala do narrador está a garantia de que o espetáculo é sempre bom e que tudo pode acontecer. O rádio trabalha com o imaginário e o locutor será melhor e mais prestigiado à medida que for capaz de transmitir, e mais, inventar o jogo.

⁵⁴ Expressão criada pelo radialista Benjamim Wright.

⁵⁵ HERSCHMANN, 1993, p.23

⁵⁶ SOUZA, 1996, p.17

⁵⁷ SHIRTS, 1982, p.68

No processo de consolidação do futebol junto à sociedade brasileira, havia ainda uma outra barreira, a racial. Situação superada a partir do momento que negros e mulatos passaram a fazer parte do jogo. A “ousadia” do Vasco da Gama de aceitar em seus times negros e mulatos e o resultado de vitórias seguidas mexeram com a estrutura dos outros clubes. Até do tradicional Fluminense Football Club, que tentou disfarçar o preconceito com o pó de arroz sobre o rosto de Carlos Alberto, negro que se submeteu a essa situação para jogar, cujo suor acabou o denunciando e logo foi exposto aos gritos dos aristocratas tricolores: “pó de arroz, pó de arroz”. Expressão que acabou incorporada a essa mesma torcida, tempos mais tarde.

Vários estudiosos de diversas áreas (antropologia, comunicação, sociologia, psicologia) buscam explicação para entender como o futebol se transformou em uma paixão e, em momento algum, foi ameaçado por outra modalidade, em termos de interesse⁵⁸. Há a hipótese estabelecida em cima da entrada do negro nos times de futebol. Ela realmente provocou uma mudança, acabou com a vontade de alguns dirigentes, de que o esporte fosse apenas praticado pela elite branca, e, ainda, foi a primeira vitória da habilidade, da técnica, sobre o preconceito. Mas dizer que está aí a explicação para a popularização é reduzir demais a avaliação e esquecer de outros fatores.

Rapidamente o futebol saiu do controle dos dirigentes, das autoridades. Onde havia um espaço, lá estavam os brasileiros jogando. Nas praias, nos campos, quadras e terrenos se praticava o futebol e, a cada dia, mais gente prestigiava as partidas. Portanto, atribuir ao aspecto da etnia (já que muitos trabalharam com a idéia de que o negro demonstra mais intimidade e facilidade com a bola) seria acreditar na existência de um gene específico que dê habilidade maior ao jogador.

⁵⁸ Existiram etapas de empolgação com o vôlei, com o basquete e, mais recentemente, com Guga e o tênis. Mas nada que tenha retirado do futebol seus torcedores e a condição de número um.

A capoeira, o samba, outras manifestações culturais produzidas no Brasil e incorporadas ao repertório nacional, até reforçam essa teoria. No entanto, alguns estudiosos preferem acreditar que a questão não é de genética, mas sim pelo fato do negro estar concentrado nas camadas mais populares, o que explicaria também sua aproximação imediata com a prática do futebol. Retomando o gesto de alguns jogadores, que colocavam pó de arroz no rosto para jogarem entre os brancos do futebol, essa era uma das formas de aceitação. Mais tarde, e hoje ainda é assim, essa era a porta de entrada para um convívio social em outro patamar para muitos negros. O futebol, para muitos deles, acabou sendo a alternativa para mudar de status.

Há também alguns pesquisadores que buscaram nas regras do futebol, consideradas de simples compreensão, como fator preponderante para a popularização. Argumento derrubado quando se pensa que outros esportes chegaram ao Brasil no mesmo período, com regras também não muito complexas e não tiveram a mesma aceitação popular.

Nem a explicação biológica (as vantagens da raça negra), nem explicação funcionalista (a facilidade da prática do futebol). Sem entrarmos no mérito das duas teorias, parece ter havido uma combinação entre o código do futebol e o contexto cultural brasileiro. Em outros termos, o futebol demandaria um estilo de jogo, uma exigência técnica, uma eficácia e uma eficiência, que se adequaram às características culturais do povo brasileiro. Assim, o novo esporte que chegava da Inglaterra não oferecia apenas momentos lúdicos de lazer aos seus praticantes, mas permitia, principalmente, a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem brasileiro. Isso explicaria o alto poder simbólico que o futebol foi adquirindo ao longo do século, passando a representar o homem brasileiro, da mesma forma que o fazem outros fenômenos nacionais, como o carnaval, por exemplo.⁵⁹

O professor Jocimar Daolio justifica essa sua afirmação chamando a atenção para verificarmos o quanto o futebol está presente no dia-a-dia do brasileiro, seja em filmes, novelas, livros, como na mídia, conquistando cada vez mais espaço nas programações de rádio e tv, páginas e cadernos de esportes nos jornais e centenas de links na internet. Mas também pela quantidade de expressões que fazem parte do mundo

⁵⁹ DAOLIO, 2000, p.33

do futebol e foram incorporadas ao linguajar do brasileiro, como por exemplo “pisar na bola”, “fazer um meio de campo”, “fazer um gol de placa”, “correr para o abraço” e etc. “Essas gírias são utilizadas por todos, mesmo por aqueles que não são torcedores fanáticos. O fato é que essas expressões foram incorporadas pela sociedade brasileira, tendo claro significado no cotidiano de todas as pessoas.”⁶⁰

Para Daolio, o futebol seria, ao mesmo tempo, um modelo da sociedade brasileira e um exemplo para ela se apresentar. E mais, o homem brasileiro comportar-se-ia na vida como num jogo de futebol, com chances de ganhar ou perder - e às vezes empatar - tendo que se defrontar com adversários, respeitar certas regras, mantendo respeito por uma autoridade constituída, jogando dentro de um tempo e um espaço, marcando e sofrendo gols, fazendo jogadas de categoria e cometendo erros fatais. Após uma derrota, haveria sempre a chance de se recuperar, no próximo jogo.

É nesse sentido que Roberto DaMatta – um estudioso do futebol como fenômeno cultural brasileiro- afirma que cada sociedade tem o futebol que merece, pois nele deposita uma série de questões e demandas que lhe são relevantes. Assim, o futebol brasileiro não é apenas manifestação lúdica do homem brasileiro; tampouco é o ópio do povo, como preferem alguns. Mais que tudo isso, o futebol é uma forma que a sociedade brasileira encontrou para se expressar. É uma maneira do homem nacional extravasar características emocionais profundas, tais como paixão, ódio, felicidade, tristeza, prazer, dor, fidelidade, resignação, coragem, fraqueza e muitas outras.⁶¹

Se entendermos o futebol sob o prisma da contradição de sentimentos, dentro da perspectiva de reflexo da nossa sociedade, chegaremos ao mesmo ponto que Daolio, que afirma que o futebol brasileiro é uma forma de cidadania. Na verdade, muito mais próximo de um estilo de vida. “Nesse sentido, ele não é bom nem mau, certo ou errado, expressão generosa do povo brasileiro ou seu ópio. Constitui-se numa forma do homem brasileiro expressar-se”, comenta o professor. Por isso, ele entende que as manifestações nos estádios não podem ser encaradas descontextualizadas da sociedade.

⁶⁰ DAOLIO, 2000, p.34

⁶¹ Ibidem, p.35

Nesse sentido, a violência dos torcedores, por vezes exacerbada, não pode ser explicada de forma simplista como manifestações de alguns marginais, como querem alguns jornalistas esportivos. Ela constitui-se em expressão da violência da sociedade brasileira, por vezes reprimida, em outras ocasiões. Portanto, a questão mais oportuna parece ser: o que vem acontecendo com a sociedade brasileira, ultimamente, que tem gerado tantas expressões de violência nos estádios de futebol?⁶²

Nelson Rodrigues afirmava que se há algo que nos identifica uns com os outros, que nos permite afirmar contra os que não são daqui e que nos dá uma sensação de que pertencemos a uma coletividade ou comunidade, é o futebol. Mesmo argumento de Roberto DaMatta, que afirma que o futebol nos ajudaria a transformar uma coletividade altamente dividida internamente em uma coletividade capaz de afirmação através de ação coordenada e eventualmente vitoriosa.⁶³ É também DaMatta que diz que o futebol proporciona ao povo, especialmente ao povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito.⁶⁴

Essa expressão ou idéia de “coletivo”, que o futebol traz e que DaMatta trabalha, também é observado por Ronaldo Helal. A ele também é interessante se observar como se comportam as pessoas que gostam do futebol, que torcem por um time.

É no futebol que observamos, freqüentemente, indivíduos de diferentes classes sociais, raças e credos se transformarem em ‘iguais’ através de um sistema de comunicação que os leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, praias e escritórios.⁶⁵

O historiador José Murilo de Carvalho, em **Os Bestializados**, diz que a construção da identidade coletiva da cidade do Rio de Janeiro, então capital brasileira, foi constituída a partir de algumas manifestações que foram perseguidas e discriminadas. Até então, segundo ele, a cidade mantinha suas repúblicas, seus módulos de participação social nos bairros, nas associações, nas irmandades, nos grupos étnicos, nas igrejas, nas festas religiosas e profanas e mesmos cortiços e nas maltas de capoeiras.

⁶² DAOLIO, 2000, p.36

⁶³ DAMATTA, 1994, p.16

⁶⁴ Ibidem, p.17

⁶⁵ HELAL, 1996, p.5

Ironicamente, foi da evolução destas repúblicas, algumas inicialmente discriminadas, se não perseguidas, que se foi construindo a identidade coletiva da cidade. Foi nelas que se aproximaram povo e classe média, foi nelas que se desenhou o rosto real da cidade, longe das preocupações com a imagem que se devia apresentar à Europa. Foi o futebol, o samba e o carnaval que deram ao Rio de Janeiro uma comunidade de sentimentos, por cima e além das grandes diferenças sociais que sobreviveram e ainda sobrevivem. Negros livres, ex-escravos, imigrantes, proletários e classe média encontraram aos poucos um terreno comum de auto-reconhecimento que não lhes era propiciado pela política.⁶⁶

Podemos recorrer também ao conceito de laços afetivos⁶⁷ elaborado por Raquel Paiva no livro **O Espírito Comum**, que reforça e explica as afirmações anteriores. Utilizando-se de uma análise do pensamento do alemão Ferdinand Tönnies, Raquel afirma que “a vida em comunidade consiste na posse e prazer mútuos, assim como na posse e gozo de bens comuns, males comuns, amigos comuns, comuns inimigos.”⁶⁸ Portanto, ela trata os laços afetivos como a partilha de conceitos comuns em uma comunidade. É assim que se comportam os torcedores na relação com seu clube de coração. E também se pode ver na transmissão do futebol esse laço afetivo da mídia com o torcedor, já que este busca nos meios de comunicação (rádio e tv) o intermediário para acompanhar a partida. E essa transmissão “na sua língua”.

Seja na estrutura da formação das equipes (aqui se entenda por jogadores, comissão técnica e diretoria), seja pela organização das facções de torcidas (distribuição na arquibancada e suas subdivisões), o que se vê é o trabalho coletivo (dentro e fora de campo) em torno do objetivo maior, que é a vitória do time. Para que isso seja alcançado, até mesmo padrões sociais, econômicos e culturais são abandonados. De novo recorreremos a Raquel Paiva e Ferdinand Tönnies.

(...) para definir comunidade e sociedade, elege as relações de vizinhança, a linguagem, a casa, o comércio, o dinheiro, as relações de trabalho, os costumes e a vontade humana. Ou seja, tanto a maneira como os indivíduos em determinados sistemas sociais se relacionam com as instituições que produziram, como essas instituições são produto do envolvimento entre indivíduos. A partir desse prisma é possível compreender o significado de

⁶⁶ CARVALHO, 1987, p.163-164

⁶⁷ PAIVA, 1998, p.101-102

⁶⁸ Goffmann também trata do tema. A noção de espírito (de Hegel) e a noção de nação, raça e língua como expressão coletiva (de Herder) fazem parte da discussão teórica sobre o tema.

sua proposta quando afirma, logo no início de seu texto clássico, que a linguagem surge da intimidade e do afeto.⁶⁹

Em um artigo sobre a psicologia social do futebol, Fritz Stemme comenta que o futebol “adquiriu função sócio psicológica e histórica socialmente tão altamente desenvolvida que o processo não pode mais ser revertido. Futebol está integrado na sociedade através de todo o mundo.”⁷⁰

O antropólogo Arno Vogel trabalha a relação do futebol e determinados comportamentos rituais da sociedade brasileira. Para ele, graças aos rituais a sociedade faz uma representação de e para si mesma. “Assim, o futebol serviria como uma espécie de linguagem ritual por meio da qual questões profundas da sociedade seriam expressas, como o orgulho, o luto e a euforia”.⁷¹

Ary Rocco Júnior afirma que muitos governos, não só no Brasil, sempre viram o futebol como um elemento fortalecedor da nossa nacionalidade.

Essa relação futebol-poder, com sua utilização política, pôde ser sentida de forma intensa em alguns momentos da história brasileira. O Estado Novo, de Getúlio Vargas, e a ditadura militar, especialmente nos anos 70, são momentos emblemáticos de tentativas de apropriação do futebol pela esfera do poder público.⁷²

Ele sugere uma divisão interessante para se entender o desenvolvimento do futebol no Brasil, seus envolvimento e a relação com a mídia e o poder. Ary chama de “tradicional” o período compreendido entre 1894 e 1933, ou seja, desde a chegada do futebol com Charles Miller, passando pela adoção do futebol pelas elites, o envolvimento da prática esportiva com outras camadas sociais a partir da divisão do espaço do jogo com os “emergentes”. E, finalmente, 1933, quando acontece a profissio-

⁶⁹ PAIVA, 1998, p.101

⁷⁰ STEMME, 1981, p.114

⁷¹ VOGEL apud DAMATTA, 1982, p.17

⁷² ROCCO JÚNIOR, 2005, p.3

nalização no governo Vargas.⁷³

Proponho, para o estágio “moderno” do futebol brasileiro, o período compreendido entre os anos de 1933 e 1982. Os atletas, a partir do início desta etapa, foram reconhecidos formalmente como empregados, sob a jurisdição do novo Ministério do Trabalho. A transição do amadorismo para o profissionalismo foi contemplada pela divulgação do esporte pelo rádio (a partir de 1938), da mesma forma como já recebia apoio da imprensa escrita popular. Esses dois meios de comunicação acompanhariam a rápida emergência do futebol.⁷⁴

Ary diz que esse período “moderno” é concluído em 82, com o movimento da Democracia Corinthiana, ligando o esporte ao momento de abertura política no país, onde os jogadores, tantas vezes chamados de alienados, se filiam a partidos políticos e perdem o medo de se posicionarem sobre outros assuntos. O peso e o uso da política sobre o futebol perdem a força e o futebol brasileiro passa a viver o início de uma era comercial e, mas tarde, na globalização. O esporte, definitivamente, já tinha ingressado na esfera do marketing.

Mas existem também outros fatores que foram decisivos para o despertar da paixão pelo futebol. A profissionalização⁷⁵, em 1933, contribuiu também para a popularização do esporte e das transmissões. As indústrias, o comércio e os governos começam a ficar atentos ao futebol e a vê-lo como uma boa fonte de divulgação. Em 1950, por exemplo, sai de cena nos campos Leônidas da Silva, que se destacou no São Paulo. A essa altura ele era chamado de Diamante Negro pelos narradores e torcedores. Apelido rapidamente apropriado pela fábrica de chocolates Nestlé, que batizou um de seus produtos assim. Se essa pode ser considerada uma das primeiras ações de marketing no futebol e, até por isso, o jogador foi o primeiro a ser acusado de mercenário, de jogar por interesse financeiro, a ida de Leônidas para ser comentarista de

⁷³ Getúlio Vargas regularizou diversas profissões entre 1933 e 1936, entre elas, a de jogador de futebol. Ele foi o primeiro político brasileiro a utilizar o futebol como elemento aglutinador das massas. Chegou a se intitular patrono da Seleção Brasileira, em 1932, enquanto sua filha, Alzira Vargas, foi transformada em primeira madrinha da Seleção.

⁷⁴ ROCCO JÚNIOR, 2005, p.5

⁷⁵ As emissoras são autorizadas a veicular anúncios em 1932 e o governo federal começa a distribuir concessões de canais. Começa a profissionalização do rádio, inclusive dos locutores esportivos, que começam a ser disputados pelas emissoras.

futebol também é pioneira. Os jogadores começam a “invadir” os meios de comunicação.

Em 1933 começou o processo de profissionalização dos clubes e a derrocada do “amadorismo marrom” – os clubes não precisavam mais esconder que pagavam salários aos atletas. Jogadores negros e multados, até então valorizados apenas no exterior, passaram a ganhar espaço nos clubes de elite, ainda mais quando Bangu, equipe do subúrbio carioca, sagrou-se campeão da cidade com oito negros no time. O futebol estava a um passo de se tornar o esporte das massas.⁷⁶

Luiz Mendes conta que acompanhou a primeira entrevista paga a um jogador, realizada pela televisão. Isso aconteceu em 1962. Ele foi incumbido de realizar uma entrevista com Pelé, na concentração da Seleção Brasileira, nas Paineiras, no Rio de Janeiro. A reportagem seria para o programa **Noite de Gala**, apresentado por Flávio Cavalcanti. Mendes conta que tomou todas as providências necessárias para cumprir sua missão, mas foi surpreendido por uma conversa com Pelé, antes do programa começar.

Pelé me pediu que fosse com ele a uma salinha e ambos nos sentamos. Ele me informou que seu empresário – Chico Gordo – havia determinado que passasse a cobrar cachê pela entrevistas que concedesse. Respondi-lhe que seria necessário eu telefonar para o Flávio Cavalcanti, dando-lhe ciência da exigência, mas de pronto comuniquei ao “rei do futebol” que mesmo já não o entrevistaria, pois não desejava abrir um precedente. Pelé pediu cinquenta mil cruzeiros de cachê (muito dinheiro na época) e recomendou que o pagamento fosse feito em dinheiro vivo, avisando não aceitar cheque.⁷⁷

Mendes conta que Flávio Cavalcanti aceitou a proposta de Pelé e que ele manteve a decisão de não fazer a entrevista, solicitando a indicação de um substituto. O próprio Flávio resolveu ir para a concentração e realizar a tarefa. Luiz Mendes tinha sugerido que Garrincha fosse o entrevistado no lugar de Pelé. Mas estava aberta a temporada para que até mesmo a tarefa de difusão da informação tomasse outro rumo.

⁷⁶ CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.62

⁷⁷ MENDES, 1999, p.53

3.1 O JOGO

Não há como negar a relação bem estreita do jogo de futebol com a religiosidade, com o mito, com aspectos que chegam bem próximos ao sobrenatural. Há quem o considere como o fenômeno mais significativo do nosso tempo, como um produto da sociedade industrial. O futebol é marcado por um mundo de simbolismos, em que a questão espaço-temporal, como destaca Antônio da Silva Costa⁷⁸, aparece já no local onde é praticado, estádios aos quais estão relacionados conceitos de grandeza.

Um é o “maior do mundo” (Maracanã), o outro é o “Gigante da Beira Rio” (Internacional) e o outro é o “Colosso do Arruda” (Santa Cruz- PE). Boa parte tem um nome próprio, mas é logo transformado em um apelido, normalmente terminado em “ão”. Mais recentemente, pela própria proximidade com a linguagem bélica, trouxe as “arenas” (Arena da Baixada, do Atlético Paranaense), os “caldeirões”, “alçapões” e etc.

O terreno de jogo é a imagem do nosso espaço social; é onde lutamos para conseguir as vitórias de nossa vida, tanto individual quanto coletiva. O tempo de uma partida é igualmente fonte de sentido para uma das coordenadas fundamentais de nossa existência: a coordenada temporal.⁷⁹

Costa compara os dirigentes aos antigos chefes tribais, os árbitros a símbolos da verdade e justiça e os jogadores que “são nossos representantes e, por meio deles, podemos conseguir vitórias por procuração”. Por tudo isso, a imprensa esportiva sempre se utilizou destes simbolismos para cativar seus leitores, ouvintes e telespectadores. O clima de festa, de cerimônia, de espetáculo, faz com que os comunicadores tenham à sua disposição um verdadeiro arsenal para trabalhar o jogo como uma celebração.

Por todo o simbolismo que envolve o futebol, o recurso da metáfora para os narradores oferece ao público a idéia do confronto, do drama, da religião e da

⁷⁸ COSTA, 2005, p.15

⁷⁹ Ibidem, p.15

presença dos heróis e dos mitos. “O futebol nos faz recuar até as origens do mundo e da sociedade e nos situa no âmago da experiência religiosa do homem arcaico - *homo ludens e homo religiosus*”⁸⁰. Costa ainda trata em seu texto de dois aspectos que envolvem a reflexão sobre o jogo de futebol sob a perspectiva de um modelo de sociedade justa e também sobre a morte.

Uma reflexão sobre o futebol não nos pode levar a pensar em uma sociedade sem conflitos ou luta, pois estes são elementos de sua estrutura profunda, e sua manutenção está erigida em sistema e legitimada por leis universais. Porém, se tudo acontecer como está regulamentado - como, aliás, deve ocorrer no futebol -, a sociedade terá sempre um funcionamento dialético e será justa e harmoniosa... O futebol é um ritual de morte, uma celebração sacrificial em que, principalmente nos torneios eliminatórios, uma equipe deve “morrer”. Alguém tem de ser eliminado. Isso é dramático, mas no fundo não passa de uma paródia litúrgica em que o homem procura vencer as leis da própria morte. O vencido não morreu verdadeiramente. Sua vida é-lhe restituída em vista da competição seguinte.⁸¹

O antropólogo e historiador Roberto DaMatta coloca o que ele chama de “óculos do estranhamento em relação ao Brasil” para explicar seu interesse a fenômenos como o carnaval e o futebol. Quanto ao primeiro, ele diz que buscou entender a lógica e o estudo dos valores que envolviam esse fenômeno, que fizeram dele um espaço para o mundo igualitário. Já em relação ao futebol, DaMatta conta que também inverte tudo, como o carnaval, só que é mais sério, porque “sugere metáforas de confronto”.

Certa vez dei um curso em Wisconsin, nos Estados Unidos, e o Mario Vargas Llosa, que estava lá assistindo à palestra, ficou impressionadíssimo quando eu disse que o futebol é a maior escola de democracia da América Latina, se os ditadores soubessem disse eles baniam o futebol. No futebol não pode existir um time que ganhe sempre, porque aí acabou, não tem mais futebol. Você não pode jogar futebol e querer mudar as regras. Ou você abraça as regras ou não tem jogo, porque o pressuposto do jogo é um sistema de regras com que todos estão de acordo. Você pega um jogo que foi inventado na Inglaterra – o país que inventou o liberalismo, o mercado, o cheque – e ele vira um valor brasileiro.⁸²

DaMatta afirma que essa apropriação do jogo inventado pelos ingleses é a prova de que se pode canibalizar tudo. “Se o Oswald de Andrade, autor da idéia modernista de canibalização cultural, tivesse entrado um dia no estádio do Corinthians,

⁸⁰ COSTA, 2005, p.19

⁸¹ Ibidem, p.24-25

⁸² DAMATTA, 2006, p.46

teria imediatamente verificado que estava diante da concretização perfeita, de tudo aquilo que estava falando.”⁸³

DaMatta considera o Brasil como o grande responsável pela globalização do futebol Mundial. Ele lembra que Pelé estranhou, na Copa de 58, ser o Brasil o único país que possuía negros em sua equipe, o que hoje é comum em quase todas as seleções. “Hoje não é mais assim, se você pegar os selecionados, vê que está misturado. Misturado por causa disso: nós, de certo modo, abasileiramos o futebol mundial”, afirma o antropólogo. Ele diz que o futebol é desenhado praticamente com essa característica implícita de disciplinar as massas, ensinar que a vitória não lhe dá o direito de tripudiar, a derrota também não significa que você é o último dos homens. “O futebol é, assim, uma expressão das mais perfeitas desse consenso igualitário que caracteriza a democracia”, conclui.

Para os cronistas esportivos, o futebol é, entre muitas coisas, uma grande forma de arte. As tentativas de compreensão de como essa prática de esporte conquistou o Brasil, inevitavelmente, passa pelo entendimento de como ele foi codificado. O músico, escritor e professor de Literatura da USP, José Miguel Wisnik, identifica o momento em que os ingleses o “regularam”, transformando um jogo violento do período medieval para uma disputa organizada, como um dos fatores que acabaram contribuindo para a sua consolidação como uma prática esportiva e “adoção” no Brasil, de tal forma que se tornou o país do futebol.

Os jogos de bola medievais, ao mesmo tempo violentos e promotores de sociabilidade, muitas vezes proibidos mas inseparáveis de festividades religiosas, desativados com a Reforma e a Contra-Reforma, foram reinventados pelos ingleses no fim do século 19. O jogo foi codificado então de maneira a aparar-lhe as arestas, torná-lo controlável e contabilizável, arbitrado por um sistema de regras e sublimado na sua violência... Essa modernização fez do jogo um espetáculo, uma sinfonização romanesca dos turbulentos jogos antigos, e realiza uma verdadeira “quadratura do circo” em

⁸³ DAMATTA, 2006, p.47

relação a essas práticas meio lúdicas, meio religiosas, meio violentas e sociabilizadoras.⁸⁴

Ainda neste trabalho reflexivo feito com Wisnik, ele é instigado a definir o futebol sob o olhar intelectual. O desafio é que essa avaliação seja feita não sobre o que ocorre no entorno do futebol, mas o que acontece dentro das quatro linhas. Surge então uma definição interessante, nova, dentro do que se tem a respeito deste esporte. Além de teorias sociológicas, psicológicas e antropológicas, Wisnik traz um conceito poético. Ele justifica a paixão pelo futebol por ser ele sujeito e aberto à interpretação. Segundo ele, o juiz nunca vê tudo, e todos têm a pretensão de ver tudo. E o futebol não tem lógica, tem lógicas, inclusive a do acaso e do paradoxo.

Um bom ponto de partida é um pequeno artigo do (poeta e cineasta) Pier Paolo Pasolini, de 1971, sobre o futebol e a linguagem literária, dizendo que o futebol pode ser jogado em várias modalidades de prosa e poesia. Futebol em prosa é o jogo coletivo, articulado, que busca o resultado por meio da sucessão linear e determinada de passes triangulados e geométricos, com muita responsabilidade tática e defensiva, pouco afeito ao drible e tendo como seu grande arroubo o momento do contra-ataque. O gol é quase a conclusão de um silogismo. Já o futebol poético conta com dribles e toques de efeito, ao mesmo tempo gratuitos e eficazes, capazes de criar espaços inesperados, podendo o gol ser “inventado” por qualquer um e de qualquer posição.⁸⁵

Wisnik diz que o futebol europeu joga tradicionalmente em prosa e o brasileiro em poesia. Ele também considera que a temporalidade seja um fator que diferencia o futebol de outras modalidades esportivas, como o vôlei, basquete e etc. A flexibilidade do andamento de uma partida, segundo ele, permite uma variedade de gêneros narrativos onde a quantificação exaustiva (as famosas estatísticas apresentadas pela tv em suas transmissões) em nada acrescentam para o torcedor. “O futebol pode ser épico, dramático, trágico, burlesco, lírico, paródico. Com isso, ele se presta mais à expressão de diferentes temporalidades culturais. É nessa brecha que ele foi reinventado no Brasil”, conclui o professor.

⁸⁴ WISNIK, 2005, p.J4

⁸⁵ Ibidem

Finalmente, ainda recorrendo a Wisnik, o futebol é identificado como um poderoso instrumento de elaboração das diferenças e um riquíssimo campo, festivo e polêmico, de diálogo não-verbal. Ao mesmo tempo, essas diferenças, para ele, podem acabar provocando outra reação.

Mas o futebol é também o foco provocador de uma outra reação, imaginária e de massa: de que eu só seja se eu negar radicalmente o outro, cuja simples existência me nega. Esse regime de tudo ou nada é uma ruptura com valor simbólico do jogo, que deixou de fazer sentido, ou chegou a fazê-lo. Estudiosos ingleses do fenômeno localizaram causas que vão desde a expressão de uma condição social anômica até o atrativo de uma espécie de um esporte radial que circunda no que o futebol se transforma. Pode-se dizer que, no Brasil, a violência entre torcidas é talvez algo como um esporte radical de pobre, entre pobres, aterrorizando os ricos- pobres para os quais a inclusão numa torcida e seus emblemas, em batalha campal com a torcida outra faz mais sentido do que as firulas simbólicas do jogo propriamente dito.⁸⁶

O futebol, por todos esses aspectos, é coisa séria. O espaço para o deboche está exatamente em cima do adversário. A ridicularização do seu time não tem graça. A perda do seu time representa uma tragédia, enquanto a do adversário é uma comédia. Quando o clube que você torce perde, a forma de compensação é tentar desmerecer o outro, amenizar a derrota atacando o outro. Aqui está o apelo a outra característica que o jogo tem que é o de justiça.

Da mesma forma (ou até por isso) que houve uma mudança na narrativa do futebol com a chegada da televisão, o jogo mudou. A profissionalização deu ao espetáculo um outro caráter. Há uma modificação quando a ciência passa a fazer parte do jogo. Porque a ciência afasta a paixão. O técnico de futebol tem que ser um cientista, um estrategista, com esquemas e utilização dos mais diversos recursos de tecnologia, tudo na luta para não perder seu emprego. Os jogadores passam a ter a obrigação de ganhar massa muscular. Estamos na sociedade do admirável mundo novo.

A própria criação das escolinhas de futebol limita a espontaneidade do garoto e começa a dar uma formatação a todos, tirando boa parte do lúdico. Não são

⁸⁶ WISNIK, 2005, p.J4

poucas as tentativas já feitas junto à Fifa para modificação de várias regras do futebol, sob a desculpa de que elas motivariam o público, que não passam de sugestões para adaptação dos interesses de emissoras que detêm o poder de transmissão. Felizmente, pelo bem do jogo, os dirigentes ainda resistem a boa parte destas “inovações”.

O certo é que essa formatação do jogo e de seus “atores”, o enquadramento de parte do campo pela imagem da tv durante a transmissão, fazem com que haja uma interferência na narrativa, dentro da concepção de McLuhan de que o meio é a mensagem. Não é a qualidade da informação, mas o formato em que ela se apresenta.

3.2 O “DRAMA” RADIOFÔNICO

Um dos mais importantes estudos sobre o rádio, feito pelo professor Luiz Alberto Sanz, chama a atenção para a essência deste meio de comunicação que é a de ser ao vivo e de improviso. No entanto, ele lembra que o improviso não significa que a narrativa radiofônica seja feita improvisadamente. Instantaneidade, simultaneidade e rapidez fazem parte de uma das mais antigas formas de comunicação humana. “A comunicação humana e o drama começaram, juntos, manifestações do jogo. Muito antes de dominar o verbo, o antepassado do homo sapiens transmitia informações dramatizando-as. Dominava o gesto”.⁸⁷

Desenvolvida a linguagem verbal e após a invenção da imprensa por Gutemberg, surge o rádio, no qual emissor e receptor têm voz. Um espaço onde a imaginação é um dos instrumentos mais fortes. Uma mistura “explosiva” que envolve o

⁸⁷ SANZ, s.d., p.3

jogo da sedução. Rudolf Arnheim, estudioso do rádio desde a década de 30, aponta uma série de características do veículo.

Domina não só o maior estímulo conhecido para os sentidos – a música, a harmonia e o ritmo – mas, ao mesmo tempo, é capaz de descrever a realidade por meio de ruídos e do veículo de divulgação mais amplo e abstrato que o homem possui: a palavra. No rádio, o som e as palavras revelam a realidade com a sensibilidade do poeta, e nela se encontram os tons da música, os sons mundanos e espirituais, penetrando assim a música no mundo das coisas; o mundo se enche de música e a nova realidade criada pelo pensamento se oferece de modo muito mais imediato e concreto que no papel impresso: o que até há pouco tempo somente eram idéias escritas, passou a ser algo materializado e bastante vivo.⁸⁸

Veículo capaz de descrever a realidade por meio de ruídos nos parece uma boa definição para o rádio. Daí a preocupação de Sanz em defender que, apesar de ser ideal que se tivesse um texto ou um roteiro para o locutor, o grande desafio em que se encontra o profissional da comunicação numa transmissão é justamente o de acompanhar um evento ao vivo. Onde, segundo ele, “a fala vazia, para ocupar tempo, é desastrosa”.⁸⁹ Sanz acredita que a filiação do rádio é a mesma do melhor teatro popular.

Improvisação significa liberdade e domínio da informação. O que talvez haja sido o mais vigoroso movimento teatral europeu moderno, a *commedia dell'arte*, resistiu durante três séculos às tentativas de controlá-lo e não deixou uma só peça escrita. Palavras e situações modificam-se de praça em praça, aldeia em aldeia. Isso só foi possível porque seus intérpretes eram também seus criadores e sabiam o que estavam falando. A dramaturgia desses artistas cênicos nas selvas da Indochina, na Itália renascentista, nos sertões brasileiros, em praças de todo o mundo, estruturou-se na improvisação. Na capacidade de introduzir no espetáculo informações desconhecidas do público, recolhidas pela trupe em outros burgos e aldeias, e personagens ou “causos” locais.⁹⁰

Na transmissão do futebol, também as situações se modificam a cada momento e não dá para se ter uma fala programada. Em sua narrativa, o locutor conta também com essas informações desconhecidas do torcedor (normalmente vindas do repórter de campo ou plantão esportivo, retiradas dos bastidores do espetáculo). O narrador precisa criar para si uma situação, uma referência, que contribui para que ele consiga alcançar o clima que deseja transmitir, tal qual na construção dramática.

⁸⁸ ARNHEIM, 1980 apud SANZ, s.d.

⁸⁹ SANZ, s.d., p.18

⁹⁰ Ibidem, p.24

É comum aos narradores esportivos imprimirem ritmos rápidos às suas falas, representando a realidade subjetiva e não a objetiva. A memória emocional tem papel semelhante ao funcionar como um arquivo no qual o apresentador encontra a tonalidade emotiva que vai imprimir à informação. Da mesma forma, a recriação da emoção dá subsídios ao profissional para, por exemplo, transmitir a sensação que o espetáculo, a partida de futebol, lhe provocaram.⁹¹

O narrador esportivo não pode hesitar, sob pena de proporcionar ao ouvinte o desejo ou a oportunidade de mudar de canal. Embora tenha marcas de gênero muito claras, ele enfrenta uma série de desafios e constrangimentos diante de um espetáculo absolutamente inesperado. É interessante observar que o narrador do jogo logo caiu no gosto do povo brasileiro. Fascinou e se incorporou ao próprio jogo, permitindo retomar o papel do contador de histórias, mantendo-o como relator das emoções, de dramas, alegrias, vitórias e derrotas.

A consequência imediata não poderia deixar de ser o surgimento de um estilo de narração própria, de um formato enraizado em nossa identidade cultural, despertando o interesse dos meios de comunicação. Afinal, o futebol lida diretamente com o mito e isto a mídia sabe tratar muito bem. O jogo alimenta o imaginário do torcedor, que, por sua vez, se identifica com o jogador, o idolatra e o transforma em mito. Mídia e esporte trabalham com mecanismos de massificação e, desse modo, constroem e destroem os valores culturais e impõem outros. Os estudos da comunicação mostram que a massificação do esporte no Brasil aconteceu com a união do futebol de campo e o rádio.

Nelson Rodrigues, quando fazia parte da equipe de cronistas do **Globo**, em 1931, escreveu sobre a importância que ganha o futebol, superando aspectos puramente esportivos, invadindo outras dimensões humanas.

(...) a bola é um reles (...) detalhe, pois o que interessa no esporte é o ser humano por trás da bola, é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão. O que vale são as histórias – cômicas, dramáticas ou simplesmente pitorescas – que se formam em torno das personagens e instituições do universo futebolístico. Através desse suplemento interpretativo, que são os

⁹¹ SANZ, s.d., p.28

incontáveis discursos que a sociedade produz sobre o espetáculo, o jogo ganha uma dimensão nova e emocionante.⁹²

O professor Marcelino Rodrigues da Silva, em “Quem desloca tem preferência”, destaca que as narrativas do futebol foram e continuam sendo permanentemente recriadas e reinterpretadas pelas tradições esportivas que se formam em torno de regiões, cidades, bairros, grupos familiares, comunidades de imigrantes e etc.

Para compreender o alcance desse fato, talvez seja útil recorrer às reflexões de Walter Benjamin, em seu clássico ensaio sobre a posição do narrador diante das dramáticas transformações impostas pelos tempos modernos. Reconhecendo na narrativa um alto grau de abertura interpretativa e apontando para suas ligações com a memória coletiva, Benjamin nos ajuda a perceber o papel desempenhado pelas histórias do futebol no difícil processo de reinvenção das formas populares de sociabilidade e comunicação vivido pela sociedade brasileira ao longo do último século.⁹³

Vera Regina Toledo afirma que o radialista esportivo “tinha a função básica de criar a imagem da disputa para aqueles que estavam distantes do jogo. O imaginário era acionado e, deste modo, posso afirmar que as ideologias, identificações e simbologias do esporte tiveram seu nascimento nesta época.”⁹⁴

Os locutores esportivos recorrem às mais diversas estratégias para concretizar a sedução junto ao torcedor. Seja através de uma linguagem estereotipada, de uma associação do jogo à guerra, de adjetivações que, ao contrário do que sempre se apregooou entre os comunicadores sociais, nada tem de pobre ou banal. Através de uma retórica de amplificações, o narrador convida o ouvinte a fazer parte do espetáculo. Ele é parte de todo o processo de transmissão. “O narrador dá um novo sentido à metáfora tradicional. Logo, o torcedor adota esse novo significado e passa a repeti-lo à exaustão. O uso da retórica estimula a visualização do jogo e abre espaço para a fantasia e o sonho do espetáculo.”⁹⁵

⁹² RODRIGUES FILHO, 1994, p.11

⁹³ SILVA, 2004

⁹⁴ TOLEDO, 1999, p.73

⁹⁵ ALMEIDA, 2004

André Masini, escritor paranaense, escreveu um artigo no jornal **O Paraná**, que reflete bem o que essa retórica provoca no ouvinte, mesmo aquele que não conhece bem o jogo ou não se interessa muito por futebol. Aos 7 anos, quando foi levado pelo pai para ver um jogo entre Palmeiras e Corinthians, ficou empolgado com Rivelino e com a transmissão pelo rádio daquilo que acontecia em campo.

A emoção que vinha do rádio era indescritível. Não que eu entendesse algo do que estivesse sendo narrado ou do que de fato acontecia no jogo. Não. Eu nem sabia o que era “meia-cancha”, ou “intermediária”, ou “impedimento”... mas a voz do narrador exprimia uma intensidade tão dramática ... uma importância tão grandiosa... que parecia retratar uma batalha épica e sobrenatural, uma batalha mítica entre o bem (o Corinthians) e o mal, travada em alturas gloriosas muito acima de nossa realidade terrena e que ficaria gravada eternamente nas imensidões infinitas.⁹⁶

O poeta Carlos Drumond de Andrade, em 1931, escreve uma crônica em que demonstra sua perplexidade pela cena que viu na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte. Em princípio, ele é informado que aquela multidão estaria reunida para ouvir “pelo telefone o jogo dos mineiros na Capital do país”. Drumond descreve os detalhes da eufórica comemoração dos torcedores depois da vitória por 4 a 3 sobre o Rio de Janeiro. Mas, acima de tudo, mostra sua dificuldade de compreender, na época, a força que o rádio já demonstrava. Sua crônica terminava assim:

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa fácil de compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação. A centenas de quilômetros, eles assistam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: ‘o Senhor está vendo que pouca-vergonha? Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada’. Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade, via apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.⁹⁷

A velocidade, a entonação, a dicção e a imprevisibilidade dos acontecimentos dão ao narrador e ao ouvinte a emoção. O locutor, para conquistar a audiência, precisa também ter uma boa visão de jogo, qualidade que está ligada ao que

⁹⁶ MASINI, 2005

⁹⁷ ANDRADE, 2002, p.23-24

vai além da jogada, que pode ser descrito e valorizar a narração. E mais, este profissional precisa ter rapidez de reflexos; noções de notícia, para saber como acionar os demais integrantes da equipe de esportes durante a partida.

Deste narrador se cobra um ritmo adequado, em que prevaleça o equilíbrio e o controle para não se exagerar, o que pode causar descrédito. Essa cobrança se acentuou a partir do momento em que a televisão começou a mostrar os jogos. Aquele lance descrito como quase gol e que passou longe não cabe mais. Se acreditamos que ainda muitas pessoas optam por ver o jogo na tv ao som do rádio, o descuido com a precisão na descrição leva o desmentido pela imagem e a conseqüente perda de credibilidade.

Mesmo assim, já com a chegada da televisão, muitos estudiosos apostam que existe uma diferença muito grande em um jogo transmitido pelo rádio. J. Silveira aposta que há uma diferença nos narradores.

Levei anos desde o tempo da TV Tupi, fazendo testes e comparações, tudo dentro da mais rigorosa isenção, de forma que agora posso afirmar, sem qualquer dúvida, que os nossos times de futebol jogam melhor no rádio do que na televisão. E que os locutores das rádios vêem tudo, mas tudo mesmo, o que passa no campo, o que não acontece com os locutores e comentaristas da televisão.⁹⁸

Completando esse “time” de amantes da transmissão esportiva pelo rádio, não poderia ficar de fora o cronista esportivo Armando Nogueira.

Sempre achei que o futebol perdeu muito, em fantasia, depois que apareceu a televisão, apacando no torcedor a capacidade de sonhar cada drible, cada passe, cada chute, cada gol. Graças a Deus, o rádio me pegava pela mão e me transportava aos campos de futebol na minha utopia. Abençoado o rádio que me nutriu de tantos devaneios recolhidos nas tramas da grande área.⁹⁹

⁹⁸ SILVEIRA, 1997, p.13

⁹⁹ NOGUEIRA, 2005, p.10

4 MITOS, ÍDOLOS E HERÓIS DENTRO E FORA DE CAMPO

Toda sociedade tem a necessidade da transcendência. Essa transcendência de tornar um homem comum em um homem diferente é a que proporciona o surgimento de toda a legião de deuses, de heróis e super-heróis. O mito é justamente o elemento de transcendência. E para que ele exista é necessário que exista o rito, que é sua celebração, a narrativa mítica. É um elemento que tem que passar por vida, paixão, morte, lamento e ressurreição.

Para Roland Barthes¹⁰⁰, o mito representa um sistema de comunicação, uma fala apropriada, uma mensagem, um modo de significação, uma forma. “A fala mítica é formada por uma matéria já trabalhada em vista de uma comunicação apropriada: todas as matérias-primas do mito, quer sejam representativas, quer gráficas, pressupõem uma consciência significante, e é por isso que pode raciocinar sobre eles independentemente da sua matéria,” diz ele.

Trabalhando com a idéia de Roberto DaMatta de que o futebol representa a sociedade, ele deve ser entendido como um fato complexo, que fascina e leva todos que o assistem, além de se divertirem, a exprimirem sua própria vida. O que ocorre através deste jogo-espetáculo é uma simulação, uma representação intensificada do próprio cotidiano da população.

É interessante recorrermos à idéia do antropólogo Geertz, quando explica que o jogo (qualquer jogo) é uma forma de auto-representação do sujeito, tal como a cultura celebra esta representação e é por isso que se faz o jogo, não a guerra. Jogadores sempre são guerreiros. A violência é deslocada.

¹⁰⁰ BARTHES, 1975, p.132

O futebol corresponde a um fenômeno cultural, espontâneo, em suas implicações simbólicas, quaisquer que sejam elas: o campo representando o território; os homens se apresentando como heróis; a disputa como sendo o confronto do bem e o mal; a bola como um ideal a ser perseguido.

O mito é uma forma de interpretação de determinada ação realizada. Ele conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no começo do tempo. Existe para dar resposta ao que ainda não tem ou não consegue resposta. Os personagens do mito são os “entes sobrenaturais”, os deuses conhecidos pelo que fizeram no tempo primordial, originário do começo de tudo. Os mitos descrevem as diversas interferências do sobrenatural sobre o nosso mundo.

O homem necessita cada vez mais de buscar o jogo para reencontrar-se nas diversas oportunidades perdidas, para reencontrar-se na sua própria vida, devido a uma ligação desequilibrada existente entre os componentes naturais e culturais... O esporte em geral, mais especificamente o futebol, é uma forma de afirmação social e de conquistas pessoais, que se propagam para o âmbito mundial, encobrindo o jogador vitorioso de uma auréola mitológica na categoria de herói.¹⁰¹

Mônica Rebecca Ferrari Nunes, em **O Mito no Rádio**, chama a atenção para a necessidade de percebermos qual a dimensão que a sonoridade ocupa na vida do ser humano. “É a partir das propriedades e particularidades do som que se funda nossa relação com as vozes e os objetos sonoros que vêm do rádio”, diz Nunes. Ela recorre a Roland Barthes na busca de uma melhor definição para o significado da voz humana.

A voz humana é, com efeito, o lugar privilegiado (eidético) da diferença: um lugar que escapa a toda ciência, pois não há nenhuma ciência que esgote a voz; classifiquem, comentem historicamente, sociologicamente, esteticamente, tecnicamente a música, haverá sempre um resto, um suplemento, um lapsus, um não dito que se designa ele próprio: a voz. Este objeto sempre “diferente” é colocado pela psicanálise na prateleira dos objetos do desejo... Toda a relação com uma voz é forçosamente amorosa.¹⁰²

¹⁰¹ MOTTA, 1990, p.39

¹⁰² BARTHES apud NUNES, 1993, p.15

Ronaldo Helal defende que “um fenômeno de massa não se sustenta sem a presença de ‘estrelas’. São elas que atraem as pessoas aos eventos e transformam-se em um referencial para os fãs.”¹⁰³

O rádio, especialmente o da década de 30 e 40, resgata a força da narrativa, no momento em que faz a digressão da realidade para recriar, numa metáfora. É o grande passeio do locutor, que passa a utilizar dessa forma metafórica para atribuir ao nome do jogador um aposto, tal e qual na narrativa épica. Ao seu nome, o jogador passa a ter associado um aposto. Situação vivida inclusive pelos próprios locutores de rádio, que também aos seus nomes ganharam complemento pela sua característica ou estilo.

Roberto DaMatta lembra que as regras delimitam ações e tempo e, assim, abrem, paradoxalmente, o jogo para a eternidade. Ele acrescenta que a elite brasileira sempre resistiu ao futebol porque “certamente o jogo significa basicamente ter de se submeter a regras que valem para todos...em vez de jogo, temos em geral ritualizações onde os poderosos sempre inventam novas regras e modificam drasticamente o jogo”.¹⁰⁴ No entanto, o futebol é uma forma positiva de cidadania, uma vez que permite juntar o mundo da casa com o universo impessoal da rua. O futebol fascina o público pelo que veicula de igualdade e possibilidade de exercer escolhas – de exercitar a liberdade.

Assim, acabamos por adotar o conceito de que vivemos em “uma pátria de chuteiras” e verificamos que estamos trabalhando em torno de nações (aqui mais no sentido de tribos), como a nação rubronegra, a corintiana, a botafoguense, a cruzeirense, que, dentro de campo, travam uma “guerra”. Somente uma narrativa que traga todo esse espírito poderá despertar e refletir o clima que envolve esse espetáculo. E é nisso que as transmissões esportivas se transformaram: um grande show.

¹⁰³ HELAL, 2005. O artigo parte de projeto com objetivo de investigar algumas práticas identificadas com as chamadas culturas populares, como, por exemplo, o surgimento e a Cultural.

¹⁰⁴ Ibidem

O rádio tem um espaço da criação junto à imaginação dos ouvintes. Essa riqueza de comunicação perde força exatamente quando a sociedade deixa de ser narrativa para ser figurativa e ilustrativa com o surgimento da televisão. Porque a tv passa a transmitir de uma forma direta, sob os mais diversos ângulos, onde o telespectador vê a jogada, literalmente, sob os mais diversos pontos de vista. Ao eliminar essa narrativa radiofônica, elimina-se o mito para se ter em seu lugar o ídolo, que é a projeção de uma imagem.

Essa imagem acaba sendo revestida por elementos do cotidiano. Por exemplo, além de ser um bom jogador, a pessoa tem que lutar para construir uma boa imagem, lutando para resguardar a intimidade. O rádio preserva e se utiliza o tempo todo da paixão. Ele trabalha esse campo da paixão que elabora o tempo mítico. Enquanto a sociedade se organiza na esfera do “estar”, como fala Régis Debray, a televisão conquista o espaço e surge o elemento midiático. A imagem, então, desmistifica tudo. E assim, o que passa a valer, acima de tudo, é a informação.

O professor José Luiz Ribeiro (informação verbal)¹⁰⁵ chama a atenção para o que Walter Benjamin fala sobre a queda da aura, na verdade entendida como uma transformação de sua substância: o herói morto ainda é herói. Segundo ele, a queda da aura de um grande jogador do passado ficou na memória. Hoje, não, ela fica no documento. Hoje, o treinador e o jogador são muito mais cientistas do que apaixonados, por isso trocam de clube na maior rapidez. O que rege é o aspecto mercantilista que envolveu o futebol.

O que sempre deu aos locutores de rádio um prestígio grande não foi especificamente a narrativa, mas a forma como eles narravam. A personalidade que eles apresentavam era movida pela paixão. Todos os que trabalharam no rádio, especialmente na década de 40 e 50, eram apaixonados pelo rádio, pelos fãs. O trabalho era movido pela felicidade de contar o que viam. É diferente do que hoje são os locutores de futebol na televisão, que são profissionais formatados. (informação verbal)¹⁰⁶

¹⁰⁵ Nota referente a palestra proferida no curso de Introdução ao Teatro, no Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, em março de 2005.

¹⁰⁶ Ibidem

É essa alegria que José Luiz ressalta na transmissão do futebol pelo rádio, que contribuiu também para a aproximação com o torcedor. Com sua característica de companheiro e prestador de serviço, o rádio apresenta uma narrativa em confronto com o caráter professoral que passou a ser a marca das transmissões esportivas da televisão. Talvez esteja aí a explicação para a tolerância maior que o torcedor tem com os exageros do locutor de rádio e a sua crítica implacável aos narradores da tevê, como Galvão Bueno, que é alvo de críticas por ter uma intervenção forte no campo da opinião.

Os locutores de televisão, ao assumirem esse caráter professoral, trouxeram uma “necessidade” de seriedade na narração. Com esse caráter mais didático, ficou difícil para a locução esportiva na televisão ter o espaço para a descontração e alegria, já que o narrador está sob controle de toda a estrutura de transmissão, com o diretor de tv ditando o que vai ser dito e não o que vem do campo.

Quando o rádio floresce existe uma diferença de gênero. Para o homem, restava o noticiário do **Repórter Esso** e o futebol. Era delimitado o que era programa para o homem. A novela era para a mulher, como os programas que davam conselhos e etc. Para o homem ficou reservado o espaço da aventura e para a mulher o elemento reclusão. É antropológico, enquanto o homem saía para a caça, a mulher ficava separando sementes. Fica então criado o espaço do jogo. E o jogo é o espaço para o indeterminado. A mulher podia se libertar através das novelas, com as heroínas, tinha seus sonhos sexuais com a voz do galã, ela podia fugir através da narrativa. O homem se libertava do peso do cotidiano, do peso de ser homem numa sociedade machista, encontrando no futebol o espaço para se emocionar, chorar, ter emoção. De novo a aventura, já que o jogo não tem limite. O jogo implica na reversão da expectativa do cotidiano.¹⁰⁷

Não são poucos aqueles que afirmam que a espetacularização do esporte surge com a televisão. Se o rádio deu ao futebol a popularização entre os brasileiros e o transformou em paixão, a televisão o transformou em espetáculo e em negócio. No entanto, diante da força que a narrativa radiofônica sempre teve, não deve ser considerado exagero dizer que também o rádio contribuiu para a transformação de jogadores em heróis. Afinal, entre os anos 30 e 50, foi o rádio quem apresentou ao

¹⁰⁷ Nota referente a palestra proferida no curso de Introdução ao Teatro, no Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, em março de 2005.

brasileiro seus grandes ídolos na música, no futebol e na apresentação dos programas, entre eles, a transmissão do jogo.

Tal qual Emilinha Borba e Marlene, Pelé e Garrincha, César de Alencar e Manoel Barcelos, narradores como Oduvaldo Cozzi, Pedro Luiz, Jorge Curi e outros tinham verdadeira legião de fãs e seguidores. Não há como negar que a televisão, com as transmissões ao vivo, trouxe uma amplificação ao espetáculo. Edgar Morin, em **Cultura de Massas no século XX**, qualifica os ídolos de “olimpianos”.¹⁰⁸

Morin nos apresenta a idéia de que “o novo Olimpo é, de fato, o produto mais original do novo curso da cultura de massa. As estrelas que anteriormente eram promovidas à divindade foram humanizadas”.¹⁰⁹ É a identificação que determinará a adoção de um ídolo, uma vez que ele é aquele que gostaríamos de ser ou aquele com quem nos identificamos pelo que realiza, especialmente se isso representa a conquista de um ideal, de um sonho que temos.

É interessante recorrermos, neste momento, à prática. Quantos de nós, amantes do futebol, não nos pegamos “atuando” ou “vendo atuar” alguém ao nosso lado durante o jogo. Chutamos junto com o atacante, gritamos com o time, cabeceamos, fazemos força para tirar a bola que calmamente caminha contra o nosso gol. Isso sem falar nas superstições. Quem concretiza isso em campo vira o ídolo. Que pode ser momentâneo, por uma partida, por uma semana ou ganhar definitivamente o carinho e consagração da torcida.

Os “olimpianos” estão presentes em todos os setores da cultura de massa. Os ídolos do imaginário coletivo são também os ídolos da informação vedetizada. Como toda cultura, a cultura de massa elabora modelos e normas de comportamento. A eficácia destes modelos vem, precisamente, do fato de eles corresponderem às aspirações e necessidades que se desenvolvem cotidianamente nas sociedades. As aspirações do povo brasileiro, entre outros caminhos, também recaem sobre a trajetória de um grande jogador, o que, em parte, justifica o grande número de ídolos de massa no futebol

¹⁰⁸ Morin faz referência aos deuses do Olimpo grego. Para ele, “os novos olímpianos são, simultaneamente, idéias inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã: olímpianas e olímpianos são sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam”. MORIN, 1977, p.113

¹⁰⁹ Ibidem, p.112.

brasileiro. Afinal, como diz Samuel Rosa, na música “Partida de Futebol, do Skank, “quem não sonhou ser um jogador de futebol”?”¹¹⁰

Guimarães traz uma observação interessante sobre a diferença entre os ídolos do futebol e os ídolos de outros universos, como cinema, música. Ela afirma que a natureza aflitiva do esporte, com o sofrimento vivido dos torcedores em casa ou nos estádios, ouvindo ou vendo o jogo, define essa diferença. Diante disso, a aposta é que muitos destes ídolos se tornem heróis a qualquer momento. Ela cita ainda Ronaldo Helal, que afirma que “Edgard Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para redimir a sociedade”.

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, podemos perceber alguns traços que são freqüentemente recorrentes e super enfatizados.¹¹¹

Helal chama a atenção para lembrar que, se antes as narrativas sobre os heróis eram elaboradas, hoje elas são “mediatizadas”, o que, para ele, não representa que isto deva ser encarado como pejorativo. Não há uma redução no valor do ídolo. Helal ainda observa que as histórias de vida dos jogadores e os momentos em que eles, os ídolos, sofrem alguma derrota ou fracasso, mostram para os fãs que o mito é mortal. “Assim, na ‘queda’ do ídolo, presenciamos a sua ‘humanização’.”¹¹²

Essa humanização, para Helal, acaba se tornando fundamental para mitificá-lo. Ao mesmo tempo, ele conclui dizendo que as narrativas míticas dos ídolos do futebol mostram-nos a existência de uma espécie de acordo estabelecido na relação entre mídia e cultura popular.

¹¹⁰ HELAL apud GUIMARÃES, 2005, p.28

¹¹¹ HELAL, 2005

¹¹² Ibidem

Não é por acaso que o grande sonho dos meninos e, muitas vezes, principalmente de seus pais, é o de se tornarem jogador de futebol. E aqueles que conseguem vencer as barreiras econômicas, sociais e naturais do caminho até a fama, que é atuar numa grande equipe, costumam ter essa trajetória destacada pela mídia como uma das formas de incentivar novos valores. “O futebol é um terreno bastante fértil para a produção de mitos representativos da comunidade. Os ídolos que daí emergem possuem características heróicas, fazendo com que a sociedade projete neles seus sonhos de redenção e de caminho para a glória”.¹¹³

A aura midiática tem a ver com a migração para o status de celebridade. Interessante notarmos que tanto jogadores, como os próprios locutores, buscam a fama. Paiva e Sodré¹¹⁴ lembram que os gregos faziam uma distinção entre ser e aparecer, e que há uma “evidência contemporânea de que a mídia não tem feito outra coisa senão inverter o lema do provérbio. Hoje mais vale aparecer do que ser”. Segundo os professores, “é que a televisão é um *médium*-síntese, capaz de abranger todas as formas discursivas em circulação no *bios* virtual”.

O *bios* midiático, moldado pela forma social televisiva, institui um novo tipo de relação social em que, nas formas mais exacerbadas, como é o caso norte-americano, as pessoas “não mais conversam umas com as outras, e sim entretêm-se mutuamente. Não trocam idéias, trocam imagens. Não argumentam proposições; argumentam com boa aparência, celebridades e comerciais”. É como se apenas a visibilidade pública agregasse valor ético ou existencial às subjetividades.¹¹⁵

Eles ainda destacam que “a imagem precede a substância, o discurso tende a abolir a ação. A mídia não fala de alguém porque ele é famoso: ao contrário, ele é famoso porque a mídia fala dele”.¹¹⁶ A partir do momento que a televisão passou a fazer parte do mundo do futebol, transmitindo os jogos, o comportamento dos jogadores e demais atores (arbitragem, torcedores e jornalistas esportivos) sofre uma substancial

¹¹³ ECO, 1979 apud HELAL, 2005

¹¹⁴ PAIVA; SODRÉ, 2004, p.132

¹¹⁵ Ibidem, p.133

¹¹⁶ Ibid., p.133-134

modificação. O jogador corre para a câmera, manda recado, coloca na camisa a foto ou a mensagem que quer enviar no momento do gol. O torcedor produz (ou é produzido pelas emissoras) a mostrar cartazes também mandando seus recados para a família ou lembrando que “está na Globo”.

Os narradores, por sua vez, disputam, muitas vezes, o espaço de celebridades com os jogadores. Alguns costumam buscar o “estrelato” e, por isso, se apresentam antes, durante e depois dos jogos, impecavelmente vestidos com ternos (alguns treinadores também passaram a se vestir assim também), o que antes era impensado em termos de traje para um evento esportivo. “Abol-se a diferença entre palco e platéia, o espetáculo consiste também na imagem viral que se dissemina na vida real entre eleitos da classe mídia.”¹¹⁷

Ou seja, são todos “artistas”. Paiva e Sodré destacam que a televisão “põe como pré-requisitos da atuação dramática o corpo e o erotismo do pretenso ator”.¹¹⁸ Não é de hoje que a cultura do corpo modelado foi incorporada ao futebol. O caso de Zico, ex-atleta do Flamengo, é exemplar. Seu talento com a bola independia de forma física, em outros tempos. Mas os “robustos” zagueiros e a exigência de um jogador que aliasse a forma técnica ao físico para se tornar efetivamente um ídolo e adequado aos padrões estéticos e midiáticos levaram o clube a fazer um trabalho específico de ganho muscular ao atacante.

Por isso, Raquel e Muniz afirmam que o “império da celebridade é de fato um dos sintomas da administração do social pela mídia e da redução da vida pública à vida privada”.¹¹⁹

¹¹⁷ PAIVA; SODRÉ, 2004, p.139

¹¹⁸ Ibidem, p.137

¹¹⁹ Ibid., p.137

5 AS ESCOLAS DE NARRADORES

Das primeiras transmissões feitas por Nicolau Tuma e Amador Santos, já com estilos diferentes, até os tempos atuais, a união do futebol com a narração esportiva faz do futebol no Brasil um espetáculo à parte. Foram surgindo estilos próprios para a descrição do jogo. Para ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a sua audiência, narradores no rádio e na televisão utilizaram formas criativas, inventaram bordões e buscaram no próprio povo, expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estavam falando.

Por meio de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinonímias, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. Seja porque “você vê o jogo, ouvindo a rádio...” ou porque, “a gente se vê por aqui”, o torcedor passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo, mesmo quando a imagem (seja no campo ou através da tv) não se basta se não for acompanhada de um contador da história que está sendo vista e vivida naquele momento.

A narração esportiva pelo rádio é ver algo a mais do que a bola, o lance em si. Já a narração feita pela tv, por dever de ofício, está presa à imagem. Nas mídias, no entanto, estilos e formas de fazer essa cobertura criaram ídolos e gostos no torcedor, formando verdadeiras escolas. Maneiras copiadas desde cedo pelas crianças, seja nas peladas de rua ou nas transmissões dos jogos de futebol de botão ou videogame.

5.1 ORALIDADE

Uma das teses sobre o desenvolvimento da comunicação diz que depois de viver uma fase em que a relação interpessoal era fundamentalmente por gestos, o homem descobre, através das saídas para a caça, que o mundo ia muito mais além do que a sua caverna. As atividades em grupo e a relação com outros grupos sociais provocaram o desenvolvimento da oralidade. Este avanço evoluiu para a habilidade de pensar analiticamente. Além de darem nomes a objetos concretos, os homens criaram expressões mais abstratas para definir os sentimentos e as emoções. O desenvolvimento da linguagem está diretamente ligado ao desenvolvimento social e cultural da humanidade.

Cada indivíduo foi aprendendo sua realidade e transmitindo suas experiências a seu grupo social. Ao desenvolver sua capacidade intelectual, o homem ampliou suas possibilidades de sobreviver e de destruir, e essas experiências constituíram o alicerce da civilização, cujos conceitos foram sendo transmitidos ao longo do tempo das mais diferentes maneiras, principalmente através da palavra. O gesto, o desenho, a comunicação visual e a escrita foram ferramentas fundamentais para a comunicação, mas a linguagem oral foi a aquisição mais valiosa de toda a humanidade.¹²⁰

A figura do narrador, que é aquele que transmite uma situação presenciada ou vivida para outras pessoas, assume a função primordial de intercâmbio de experiências. Quem escuta qualquer uma história está em companhia de um narrador. Pode-se dizer que o narrador deve ter a arte de representar. Bem diferente de simplesmente reproduzir. Aqui, uma nova pista para se entender a paixão do torcedor pela narrativa do rádio.

O narrador reproduz com riqueza a codificação dos fatos, gerando narrativas dramáticas, agradáveis de serem ouvidas, trazendo uma forte carga emotiva. O narrador que olha é o contra-senso e a redenção da palavra na época da imagem. Ele olha para que o seu olhar se recubra de palavra, constituindo uma narrativa. Ele resgata

¹²⁰ GONTIJO, 2004, p.14

o papel do contador de histórias, sendo o responsável por guiar os sentimentos, no caso, as ações e reações do torcedor diante do jogo.

O pesquisador Eduardo Meditsch chama a atenção para a importância da audição, traçando uma comparação com a visão. Segundo ele, a visão, de certa forma, provoca a oposição entre o organismo e o ambiente – o sujeito está em face de alguma coisa que vê, enquanto não vê a si próprio;

A audição, pelo contrário, provoca uma integração entre a percepção do ambiente e auto-percepção- ouve-se a si próprio e ao entorno, num único cenário auditivo. A audição é mais interativa, por não isolar, especialmente, o sujeito do objeto da percepção. Percebemos o visto como algo externo ao corpo, enquanto o que ouvimos ressoa dentro de nós.¹²¹

Neste sentido, o autor Guilherme Piernes afirma que o encanto no rádio está no fato de que ele não tem fronteiras físicas, ao contrário da televisão, que mostra o fato concreto, no lugar exato, não deixando margem para ilusões que vão mais do que se presencia. Ele aposta que “a mente humana crê muito mais em sua própria imaginação do que no que seus olhos não vêem”.¹²² Outro estudioso do rádio, Herótodo Barbeiro, defende que quem trabalha no veículo deve perceber que a palavra é capaz de desmontar falsas imagens e que a TV cria estereótipos bons e ruins, por isso, ele acha que é papel do rádio dizer que “imagem não é tudo”.

Maura de Oliveira, em “A comunidade imaginada do futebol. Estratégias midiáticas na enunciação esportiva”, procura clarear como se processa a enunciação esportiva a partir das estratégias utilizadas por seu mediadores, os narradores. Para ela, o processo da enunciação esportiva pode ter sido considerado um exemplo de como o “*ethos* midiaticizado” consegue ultrapassar até as experiências mais reais e presenciais: tanto no momento da vivência do jogo no estádio quanto nos meios de comunicação, pode-se afirmar que a experimentação do futebol passa sempre pelo campo dos *media*: “Assim, o espetáculo esportivo revela-se um interessante exemplo do como a mídia

¹²¹ MEDITSCH, 2001, p. 258

¹²² PIERNES, 1990, p.77

estabelece vínculos com seu público com o intuito de legitimar sua enunciação, constituindo discursos regulares baseados em estratégias já testadas”.¹²³

Ainda segundo Oliveira, a experiência do futebol é paradigmática. Ela justifica dizendo que, ao mesmo tempo em que pressupõe uma experiência real, emotiva, pode-se dizer que já se torna quase impossível compartilhá-la de forma direta, sem mediações técnicas:

Mesmo quando participam do jogo pelo estádio, em tempo real, a maior parte dos participantes desse ritual estão conectados entre si por rádios. Dependem, assim, da tradutibilidade que os *media* proporcionam, respondendo a essa mediação no próprio campo, realizando negociações de sentido bastante complexas. A fala de profissionais da mídia (designados para suas funções de “locutores” através do acesso aos meios de comunicação, e não por normas tradicionais das sociedades pré-modernas), mesmo quando legitimada, tende a ter sua veracidade questionada pelos “torcedores”, para quem a argumentação arrazoada perde sua relevância quando compromete o seu time, em uma lógica mais emocional que cerebral.¹²⁴

A falação esportiva, segundo Umberto Eco¹²⁵, configura-se como discurso sobre o discurso - acentua, em sua idéia, o suposto caráter alienante da informação futebolística. Independente desse argumento, os confrontos de vozes salientados na enunciação do esporte são bastante claros.

Retomando a questão do papel desempenhado pelo narrador, como mediador dessa relação do espetáculo com o torcedor, é interessante trabalharmos também a questão de comunidade. Aquela que recebe e interpreta a narrativa. Maura de Oliveira chama a atenção para uma possível “comunidade imaginada” ou “comunidade de sentidos” que se forma a partir do estímulo provocado pelos narradores, através de argumentos que geram a sensação de pertencimento ao time e dos demais participantes do ritual. A aposta, que concordamos, é a de que o jornalismo esportivo contribui para a formação dessas comunidades. Através deles, torna-se possível ao grupo formar essa comunidade imaginada em comum, no qual se sai da condição de uma sociedade de

¹²³ OLIVEIRA, 2004, p.82

¹²⁴ Ibidem, p.83

¹²⁵ ECO, 1984

massa, de indivíduos atomizados, e passa-se a experimentar a vida em aglomerações esporádicas.

Os profissionais da mídia – em especial, os locutores dos jogos de futebol – têm papel essencial na formação dessa comunidade de sentidos: utilizam estratégias discursivas que ajudam a promover a formação desse agrupamento que, embora efêmero, tem sua existência estendida para além da esfera esportiva e para novas edições do evento. Estas estratégias já participam da especificidade da enunciação esportiva e relacionam as múltiplas interações que formam a experiência do jogo: a interação entre o campo esportivo e o campo dos *media*, campo dos *media* e campo do público, e outras relações derivadas das mesmas.¹²⁶

5.2 NARRATIVA

Antes de apresentarmos os “times” de narradores do rádio e tv, importante é entendermos melhor o que se entende por narrativa. Para Paul Ricoeur, a narrativa é, a um só tempo, discordância (processo de diferenciação), distribuição e ordenação dos fatos, ações e paixões (*pathos*), e concordância, configuração ou síntese (processo de integração dos fatos, ações e paixões que experimentam a significação de um todo (*logos*)). Dessa perspectiva, a narrativa não é mais designação, nem manifestação, mas significação.¹²⁷

André Parente afirma que, para se tornar uma narrativa, um acontecimento deve ser contado na forma ao menos de dois enunciados (proposições) temporalmente ordenados. Ele acrescenta que a poética da narrativa tem, desde Aristóteles, uma ligação estreita com a retórica e seu sistema verídico de juízo. Por isso, é importante controlar a rede conceitual da ação, como saber quem fala e suas implicações no acontecimento.

A narrativa é uma função pela qual pode ser criado o que nós contamos e tudo o que é preciso para contá-lo, ou seja, seus componentes: enunciados, imagens e etc. A narrativa não é o resultado de um ato de enunciação: ela não conta sobre personagens e coisas, conta as personagens e as coisas. As

¹²⁶ OLIVEIRA, 2004, p.87

¹²⁷ PARENTE, 2000, p.33

personagens e os acontecimentos da narrativa são contados da mesma maneira que os de um quadro são pintados e os de um filme fotografados.¹²⁸

Parente recorre ao texto de Blanchot, **Encontro com o imaginário**, em busca de novos conceitos sobre a narrativa. Nele, o desconhecido. Uma narrativa em direção a algo que não se pode precisar como será o final. Tal qual uma transmissão de uma partida de futebol, em que o locutor o tempo todo vivencia essa situação.

A narrativa é um movimento em direção a um ponto, não apenas desconhecido, ignorado, estranho, mas tal que parece não ter, antecipadamente e fora do movimento, qualquer espécie de realidade, e tão impreciso, no entanto, que é somente dele que a narrativa tira seu encanto, de tal modo que ela não pode sequer começar antes de o ter atingido.¹²⁹

Porém, uma pergunta sempre fez parte das discussões sobre a narrativa: quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê? Ou seja: é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter por tê-las observado em outro? No caso da transmissão esportiva, mesmo que o narrador tenha sido um jogador de futebol (o que pode ajudá-lo em algumas descrições de lances), sempre será a observação de fatos a partir de um olhar distante. Ele não narra como atuante.

A figura daquele que narra os fatos passa a ser basicamente a de quem se interessa pelo outro, e não por si, e se afirma pelo olhar que lança ao seu redor, acompanhando seres, fatos e incidentes. É aquele que transmite uma “sabedoria” que é decorrência da observação de uma vivência alheia.

Marcuschi¹³⁰ diz que a narrativa radiofônica é mais um gênero de oralidade, fortemente demarcado, como o são tantos outros, como dar aula, contar piada, contar estória. A teoria clássica sobre o discurso narrativo, elaborado por Labov & Walestsky¹³¹, apresenta em sua estrutura uma abertura em que aparece a micro-

¹²⁸ PARENTE, 2000, p.35

¹²⁹ Ibidem, p.33

¹³⁰ MARCUSCHI, 2002, p.9

¹³¹ LABOV, 1972

definição da narrativa, uma espécie de agenda. A seguir, vem a definição do cenário, apontado para quem, quando, onde, como acontecem os fatos, o que os lingüistas chamam de seqüência narrativa.

Toda narrativa dos acontecimentos está estruturada no clímax, complicação e resolução. Vem a seguir o que se chama coda, ou seja, um provérbio, uma moralidade ou um comentário genérico. Junto a todos estes aspectos, o discurso narrativo vem associado à avaliação. Aqui há o espaço para o narrador apresentar, através de seu discurso, que alguma coisa poderia ser realizada de outra forma. É quando o locutor esportivo acrescenta à descrição de um bom ataque a avaliação de que se o jogador chutasse com o pé direito teria feito o gol. A negação é uma das formas que a narrativa se utiliza para executar este processo, bem como a adjetivação.

Não é por acaso que os locutores esportivos recorram à qualidade dos jogadores, dos setores do campo de jogadas. Aliás, os próprios narradores, também como parte do espetáculo, ganham qualificação junto aos seus nomes. Enquanto um é “o mais vibrante”, o outro é o “bom de bola”. Enfim, uma narrativa será melhor quanto mais embutida estiver essa avaliação. E isto o rádio e a televisão, cada um a seu modo, têm feito muito bem.

Kant afirma que uma sensação só é comunicável se há acordo de afetos, o que pressupõe uma comunidade do gosto, que é a faculdade de se julgar a comunicabilidade dos sentidos (informação verbal)¹³². Este talvez seja o caminho para entender e justificar o quanto o torcedor se identifica com a transmissão de uma partida de futebol pelo rádio. Quando se ouve uma pessoa dizer que prefere acompanhar um jogo no rádio do que na televisão é preciso entender esta manifestação de afeto por este tipo de narrativa.

¹³² Notas de aulas referentes a disciplina ministrada pelo professor Muniz Sodré no Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 2003.

O afeto é capaz de negar o sentido da palavra. O pensamento contemporâneo é atravessado pela razão onipresente dos afetos. As paixões são todas as alterações que podem afetar o homem em seu juízo. A emoção precede o sentido e é um tipo de afeto que sempre trouxe problemas para a razão. (informação verbal)¹³³

O que se ouve sempre de torcedores e narradores esportivos é que a transmissão do futebol pelo rádio é feita com mais emoção do que na televisão. Alguns ainda acrescentam que não se importam quando o locutor “exagera”, dizendo que a bola passou raspando ao travessão e, na verdade, ela foi longe. A emoção precede o sentido. Ela é a primeira consequência da ilusão. “É perfeitamente lícito apelar para a emoção onde o afeto está presente”, afirma Muniz Sodré.

Muniz ainda cita os estudos do psicanalista Walter Langué a respeito dos dotes oratórios de Hitler, de quem se “ouvia a voz abafada da paixão e todas as suas gamas de sons eram retiradas dos becos dos instintos”. Agia como se estivesse diante de uma mulher: inseguro, nervoso, dominador e bruto. Hitler acreditava que as massas são femininas, porque nelas prevalece a emoção. “O povo, em grande maioria, é tão feminino que é motivado por emoção”, dizia o líder alemão. Os estudiosos dizem que o sucesso do nazismo está diretamente ligado ao discurso empolgado para um povo letrado.¹³⁴

O narrador esportivo faz referência à audiência como a torcida. Também no feminino. Ele manda um abraço para a galera, para as pessoas que estão ligadas. E, por que não dizer, também levadas, durante a realização da partida, pela emoção. E se seu discurso não é feito para um povo letrado, na acepção da palavra, é certamente dirigido e endereçado para verdadeiros “doutores” em futebol, que são os ouvintes.

¹³³ Notas de aulas referentes a disciplina ministrada pelo professor Muniz Sodré no Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 2003.

¹³⁴ Toda a fenomenologia da comunicação de massas, cuja natureza foi tão bem disseminada por Hitler, também foi usada por seus contemporâneos, Churchill e Roosevelt, que construíram cadeias nacionais de “disseminação pelo carisma”, sempre ao pé do rádio.

Cabe a este locutor utilizar-se de uma boa retórica para convencer e conquistar a audiência.

O que se percebe em relação ao torcedor de futebol é que ele vai muito mais além do que simplesmente entender do assunto. Kant, na visão de Sodré, define **entender** como algo que se empurra para dentro, que se penetra com a razão. Enquanto **compreender** significa agarrar com todos os meios disponíveis, não só com a razão, mas com o sentimento (informação verbal)¹³⁵. Partindo desta diferenciação dos termos, podemos afirmar que realmente o que milhões de brasileiros fazem é compreender o futebol. Muito mais do que entendê-lo.

A retórica do locutor de rádio é sempre no sentido de agradar, de comunicar idéias e provocar sensações. Ou seja, vai além do sentido dado por Pascal, entre outros, ao termo, que é o de convencer. Se pensarmos na relação que se estabelece entre o narrador e o ouvinte, o que se dá realmente é isto, algo além do convencimento. Daí, provavelmente, uma das razões para este envolvimento do torcedor de futebol com o rádio, levando-o a campo ou utilizando sua narrativa mesmo diante da transmissão da televisão.

A escuta da voz inaugura a relação com o outro: a voz, pela qual se reconhecem os outros (como a letra num envelope) indica-nos a sua maneira de ver, a sua alegria ou sofrimento, o seu estado; ela veicula uma imagem do corpo e, além disso, toda uma psicologia (falamos da voz quente, da voz branca, etc).¹³⁶

Muniz Sodré parte desta colocação de Barthes para afirmar que a “corporeidade da fala, concretizada pela voz, permite pensar a articulação entre corpo e discurso, que remete a outras possibilidades de atuação do self.”¹³⁷ João Saldanha começa a sua crônica “O scratch do rádio” dando a dimensão de sua relação com o ouvinte:

¹³⁵ Notas de aulas referentes a disciplina ministrada pelo professor Muniz Sodré no Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 2003.

¹³⁶ BARTHES, 1988, p.20

¹³⁷ SODRÉ, 2002, p.164

“Meus amigos...” é assim que começo sempre a fazer comentários na Rádio Globo. Por quê? Não sei ao certo. Acho que quando me dirigi pela primeira vez pelo microfone, eu achava que só quem estava me escutando eram meus amigos. E até hoje acho isto. Um ou outro pode estar escutando de raiva.¹³⁸

Como se vê, o que se estabelece é um vínculo. “Vincular-se é muito mais do que comunicar ou transmitir informação. O vínculo tem a roupagem que é uma forma de signo”, comenta Muniz Sodré. O pragmatista americano Pierce define signo como alguma coisa que para outra pessoa representa ou se refere a algo conhecido. O signo é um meio de comunicação e com ele partilha-se o sujeito, partilha-se uma experiência (informação verbal).

O signo é algo (qualquer coisa) que é determinado por alguma outra coisa que ele representa. Essa representação produz um efeito, que pode ser de qualquer tipo (sentimento, ação ou representação) numa mente atual ou potencial, sendo esse efeito chamado de interpretante (informação verbal).¹³⁹

Tão logo Nicolau Tuma “inventou” o jeito de narrar futebol pelo rádio, com a velocidade e a dramaticidade, o jogo virou espetáculo. O que pode justificar, então, a relação do ouvinte com o rádio é o fato de aqui estar sendo utilizado o índice, dentro de classificação elaborada por Pierce (informação verbal)¹⁴⁰. O índice é qualquer coisa que atraia a atenção. Ele não tem referência. Ele é um meio de chegar à referência, está ligado a uma circunstância. Ele marca a articulação de experiência. Está ligado à memória do indivíduo.

“Você interpeta pelo índice. As entonações mudam o sentido. E estas entonações são imprescindíveis para a interpretação”, comenta Muniz. Pierce, ainda para Sodré, afirma que índices são instruções detalhadas sobre como o receptor deve interpretar a mensagem e que o índice é o principal operador da relação entre a lógica

¹³⁸ SALDANHA, 1987, p.23

¹³⁹ Notas de aulas referentes a disciplina ministrada pelo professor Muniz Sodré no Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 2003.

¹⁴⁰ Ibidem

do discurso e as sensações (informação verbal).¹⁴¹ No caso da comunicação radiofônica, o índice é a voz.

Quando o signo não é algo geral como uma palavra, mas um fato existente, singular, aqui e agora, estando ligado a alguma outra coisa também existente e singular, esse é da ordem da segunda categoria, da secundidade, e é chamado índice. Trata-se de um signo degenerado porque todo o seu funcionamento como signo depende única e exclusivamente da relação dual, existencial, da conexão física entre ele e seu objeto, ficando reduzida a tarefa de um possível intérprete desse signo à simples constatação da existência da conexão. É assim que sabemos que nuvens negras indicam chuva iminente, que supomos a idade de uma pessoa pelos sinais que marcam toda a aparência de seu rosto e corpo, etc.¹⁴²

Tal fato atesta a predominância do audiovisual sobre a escrita. Recorrendo novamente a Muniz Sodré, o texto informacional, menos estruturado, mas hierarquizado, convida o sujeito a tatear. O sentido da visão permanece importante, mas já não é essencial. O ver passa a estar em concorrência com o tátil. Bachelard faz uma das mais belas definições sobre essa profunda intimidade que o ouvinte tem com o rádio. Diz ele: “O rádio possui tudo o que é preciso para falar na solidão. Não necessita de rosto.”¹⁴³ No rádio, o que predomina são as emoções fortes, com efeitos de som e o ritmo. É justamente esse ritmo que parece faltar à transmissão do futebol pela televisão.

Se antes essa diferença em relação ao rádio era sentida e justificada em cima do recurso da imagem, que faria com que o locutor tivesse que adequar a narrativa ao que o telespectador estava vendo, hoje o que se percebe é que a perda da velocidade e a queda no ritmo incomodam o torcedor. É como se o ritmo da partida e a emoção despertada pela paixão não combinassem com a narração da tevê e fossem plenamente satisfeitas com a do locutor de rádio.

A entonação do narrador esportivo no rádio permite perfeitamente que o ouvinte esteja com a noção de por onde anda a bola. É o ritmo dado, a vibração e as preferências a setores de campo, muitas vezes com citações conhecidas do torcedor

¹⁴¹ Notas de aulas referentes a disciplina ministrada pelo professor Muniz Sodré no Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 2003.

¹⁴² SANTAELLA, 1998, p.87

¹⁴³ BACHELARD, 1986, p.180

como “caroço do abacate”, ou “zona do agrião”, que fazem com que o signo exerça seu papel. Quando das primeiras transmissões esportivas no rádio, os locutores tinham um desafio a mais. Além de criar o hábito nos ouvintes de “ver o jogo ouvindo o rádio”, tinham diante de si a missão de saber o nome dos vinte e dois jogadores (na época os uniformes não tinham numeração).

A solução encontrada pelos narradores da época, segundo seus relatos, era buscar alguma característica física (cor do cabelo, perna torta, cor da pele, etc) e assim, além de conseguirem dar ritmo à narrativa, também começaram a introduzir apelidos que pudessem facilitar a identificação daquele que ouvia. Hoje, por exemplo, a identificação que Romário ganhou no começo da carreira – Baixinho – é suficiente para que qualquer amante do futebol saiba sobre quem se está falando, ou quem está com a bola.

Interessante apontar o exemplo de Romário e seu apelido pela mudança do sentido do signo. Se antes o “batismo” do jogador como “Baixinho” tinha referência a sua estatura, depois passou a ser referência ao seu nome. Numa mesma transmissão, ao ser feita a referência “baixinho” pode ser em relação a Romário e ao baixinho do time tal, só que aqui identificado pelo porte físico. Nada que impeça o torcedor de diferenciá-lo através da palavra do locutor, porque aqui a entonação dada pela narrativa permite estabelecer a relação com um ou outro.

Quanto mais a narrativa esteja vinculada ao cotidiano, mais significado ela terá. Todos os locutores esportivos dizem ficar atentos a isso, buscando as expressões criadas pelo povo e as colocando como bordões em suas transmissões no sentido de aproximar ainda mais a narrativa do público. O comentarista Sérgio Noronha, hoje na televisão, já foi comentarista de rádio e faz um relato que distingue as duas narrativas.

Foi só trabalhando no rádio é que comecei a entender seu tom e sua linguagem. Se você colocar no rádio a voz e o tom do Rui Viotti, em pouco tempo o ouvinte estará dormindo. Se você colocar na televisão a vibração do José Carlos Araújo, o telespectador terá a certeza de que se trata de um hiper-dimensionamento dos fatos. E, para mim, o que sobra? Explicar um fato que o ouvinte não viu e que lhe foi contado em tom emocionado.¹⁴⁴

Os narradores passaram, cada vez mais, a utilizar expressões que vêm da linguagem popular. Antes, a gaitinha de Ary Barroso sinalizava para o torcedor o gol. Hoje, por exemplo, o narrador Édson Mauro, da Rádio Globo, Rio de Janeiro, anuncia o gol gritando “bingo, bingo” ou “olha o gol, olha o gol” e conclui dizendo: “essa aí passou, essa aí passou” (referência a música de sucesso do Grupo É o Tchan). Maurício Menezes, que atuou em algumas emissoras cariocas, anunciava a passagem de um time para o ataque, a partir do meio campo: “lá vai o fulano, todo alegriinho, entrando na casa do vizinho”.

Luiz Mendes diz que “o futebolês é um idioma com tantas palavras e frases, que já merece um dicionário especial... Será difícil, no entanto, explicar a frase dos narradores do rádio ‘a bola espirra e sai’.”¹⁴⁵ É natural que as pessoas que vivem o futebol criem um discurso próprio, que muitos qualificam como um discurso autoritário. Primeiro, porque não existe ambigüidade, dualidade. Existe o certo e o errado, o bem contra o mal. A narrativa do locutor é bem isso. Está sempre destacando os erros e acertos de cada jogada, assumindo o papel do juiz (principalmente o comentarista) e transferindo para o torcedor a imagem e um pré-julgamento.

Em relação ao futebol e ao rádio sempre foram associadas algumas expressões semelhantes e que traçam o grau de envolvimento que é estabelecido entre ambos e o público. Aos dois são feitas declarações de amor e de afeto. O que nos permite imaginar que a explicação para o sentimento desenvolvido pelo torcedor

¹⁴⁴ HALLACK, 1988, p.34

¹⁴⁵ MENDES, 1999, p.63

brasileiro em relação ao futebol e ao rádio esteja justamente em outro campo, que não o da razão simplesmente.

Carlos Drummond falou sobre a estética do torcedor que, a seu juízo, está refletida pela fidelidade ao time que escolheu.

A estética do torcedor é inconsciente: ele ama o belo através de movimentos conjugados e viris, que lhe produzem uma sublime euforia, mas se lhe perguntam o que sente, exprimirá antes uma emoção política. Somos Fluminense ou Vasco pela necessidade de optar como somos liberais, socialistas ou reacionários. Apenas, se não é rara a mudança do indivíduo de um para outro partido, nunca se viu, que eu saiba, torcedor de um clube abandoná-lo por outro.¹⁴⁶

Kant afirma que o amor não precisa da verdade, precisa de afeto (informação verbal).¹⁴⁷ O rádio, por sua característica, por sua possibilidade de interação com o receptor, sempre distribuiu esse afeto. Numa partida pelo Campeonato Brasileiro, o Flamengo, jogando em Criciúma, terminou o primeiro tempo sendo goleado por 4 a 0. Usando a expressão “de olho na telinha (tv) e ouvido na caixinha (rádio)”, o locutor Edson Mauro, da Rádio Globo, convidava os ouvintes a ligarem para a rádio e darem opinião. A todos os participantes a primeira pergunta era: “dá para virar?”.

A rigor, sob pura observação da razão, sequer a pergunta caberia. Mas o flamenguista que ligou queria dizer e ouvir que ainda era possível reverter o placar. Afinal, futebol é sinônimo de alegria e dor. Como bem define Muniz Sodré, “toda alegria é louca, ela é essência lógica, ilógica, irracional. Sempre vai faltar uma razão de ser” (informação verbal)¹⁴⁸. O afeto não é duradouro, é transitivo, se refere ao outro, no sentido do outro, atuando na sensibilidade do outro.

Ora, cada partida de futebol, até pela imprevisibilidade do resultado do jogo, desperta em quem a acompanha as mais diversas emoções, sentimento definido

¹⁴⁶ ANDRADE, 2002, p.28

¹⁴⁷ Notas de aulas referentes a disciplina ministrada pelo professor Muniz Sodré no Doutorado em Comunicação da ECO/UFRJ em 2003.

¹⁴⁸ *Ibidem*

por Muniz Sodré como “um fenômeno de dentro para fora, um estado de choque e perturbação da consciência”. Mas, além da emoção, há também a necessidade humana de uma resposta. O afeto contagia e, como afirmam Nietzsche e Espinoza, deve ser visto como potência de liberdade e de transformação. A narrativa radiofônica desperta o imaginário e dá ao ouvinte essa liberdade de ver o jogo da e na forma que lhe interessar ou emocionar. O rádio desobriga a vista e obriga o ouvido, empenha a imaginação.

O que se observa é que o processo de evolução que a narração esportiva atingiu acaba reforçando a idéia de que existe um jogo em campo e outro na transmissão radiofônica. Essa narrativa é eminentemente descritiva, que é feita em cima do nome de jogadores, suas jogadas, expressas por verbos. A emoção vem no ritmo, no tom da narração, na sonoplastia, nos efeitos sonoros, no barulho que vem da torcida. Claro que algumas expressões ligadas ao futebol ou apropriadas pelo narrador sofrem alterações pelo tempo, pelo modismo, pela oportunidade do momento.

João Batista de Abreu considera que a narração radiofônica adquire vida própria, independentemente do jogo em questão, através da produção de sentidos específicos que compõem um campo de representações em que o futebol aparece como pano de fundo.

A questão é a forma como se cria este universo paralelo; suas características, seu ritmo, o tempo, o silêncio, a sonoplastia e o êxtase consubstanciado no grito de gol. O desafio consiste em analisar a oralidade deste tipo de discurso não como algo informal, sujeito às regras de uma conversação, mas como um enunciado elaborado e construído para dar a impressão de informalidade. Uma construção do real que a narração, embora repleta de improvisos, obedece a normas próprias, que visam vender emoções.¹⁴⁹

Abreu lembra que para prender a atenção do ouvinte, a narrativa esportiva recria o objeto descrito, emprestando-lhe cor, vida, e simbolismo próprios do rádio, que estimulam o imaginário popular. Por isso, segundo ele, toda partida, mesmo que amistosa, transmitida pelo rádio, vira um jogo de vida ou morte.

¹⁴⁹ ABREU, 2000, p.16

As metáforas, metonímias, hipérboles, onomatopéias, concretizadas nos bordões, transformaram-se em recursos estilísticos, que dão forma à narração, permitindo ao ouvinte visualizar o campo de disputa e os jogadores. Ao contrário do que se possa pensar, o rádio é um meio essencialmente visual. Os olhos constituem a imaginação do ouvinte, o que aumenta a polissemia interpretativa. Uma imagem em cada mente. A enunciação – como ato de produção de um texto – consiste na busca constante da emoção através de polarizações como sucesso e fracasso, fortuna e falência, amor e ódio, glória e decadência, virtuosismo e incompetência.¹⁵⁰

E ainda recorrendo a Abreu, ele apresenta três recursos semiológicos que são, segundo ele, estímulos para o imaginário do torcedor. Identificação, visualização e velocidade são ferramentas dos narradores. O primeiro através da troca de expressões entre locutor e ouvinte. Um busca na linguagem popular as expressões para o discurso da narração esportiva, e o outro se apropria da do que ouve e passa a utilizar no dia a dia. A visualização se dá através de demarcações virtuais, indispensáveis para a compreensão do que está se passando em campo.

Finalmente, a velocidade. “A narração ressalta o aspecto emotivo do espetáculo, mesclando emoção e informação no discurso. A musicalidade e o ritmo veloz - mesmo quando a partida é disputada em ritmo lento - garantem uma emoção própria da narrativa e não do jogo em si”.¹⁵¹

O futebol tem a capacidade de mexer com as emoções e de promover alto grau de excitação para utilizar-se da força do rádio. O descontrole da paixão e os limites da regra estão juntos. É justamente para não perder o controle da situação e encarar a concorrência da televisão, que vem com a força da imagem, que o rádio adotou o que Capinussú chama de desvio.

Não existe uma regulamentação normatizando este ou aquele tipo de linguagem para se descrever uma partida de futebol. Cada um usa os vocábulos que bem entende, desde que não agrida a moral nem as mais comezinhas normas gramaticais. Entretanto, se considerarmos que a transmissão esportiva segue um padrão, pouco diferenciado de um comunicador para outro, podemos afirmar a existência de transgressão de

¹⁵⁰ ABREU, 2000, p.21

¹⁵¹ Ibidem, p.21

uma regra claramente fixada, mas subliminarmente aceita sob um aspecto figurado.¹⁵²

Capinussú ainda destaca que este tipo de linguagem adotada pelo narrador esportivo nada tem de medíocre, como podem defender ou entender aqueles que não gostam de futebol, rádio e, principalmente, dos dois juntos. Para ele, “a transmissão das competições através de uma linguagem estereotipada e redundante, abundante em sinonímias, ao invés de revelar uma pobreza de imaginação, constitui-se em uma comunicação de forma mais breve e inteligente”.

Na transmissão pelo rádio, a opinião e a descrição do lance são no momento do fato. Não há “replay”, até porque o torcedor, ao ouvir o lance, já o idealizou, já tirou suas conclusões. É esse imediatismo, característica principal do veículo, o que o faz ainda tão forte. Muito mais do que a facilidade de deslocamento para o estádio ou para outro canto da casa, no carro ou na rua, o rádio utilizou e despertou algo fundamental para narrar um jogo, que é a imaginação. Se o resultado da partida não pode ser previsto, que dirá o efeito da imagem dela como estímulo passado do narrador ao ouvinte. Tudo com muita alegria.

A narração esportiva feita pelas emissoras de rádio é exatamente assim: ver algo a mais que a bola, que o lance em si. Talvez seja essa a dificuldade encontrada até hoje pela televisão, que se prende à imagem por dever de ofício e característica, muitas vezes se esquecendo do que gira em torno do espetáculo. Nelson Rodrigues sempre elogiou as narrações do rádio e nunca escondeu que através delas “viu” muitos jogos.

Sobre as transmissões radiofônicas de partidas de futebol, Nelson elogiava a emoção ininterrupta que proporcionavam, capazes de levar o torcedor-ouvinte à exaustão emocional. Em sua opinião, isso ocorria porque o locutor acrescentava fantasia aos lances, dando emoção e dramaticidade até mesmo a partidas chochas (...) Adolfo Bloch sugere que escolha meu personagem a cada semana. É uma boa idéia e que tem a considerável vantagem de unir futebol e teatro. Para os bobos, não existe a menor relação entre uma coisa e

¹⁵² CAPINUSSÚ, 1997, p.14-15

outra. Ilusão. Existe sim. O futebol vive de seus instantes dramáticos e um jogo só adquire grandeza quando oferece uma teatralidade autêntica. Pode ser uma pelada. Mas se há dramatismo, ela cresce desmedidamente.¹⁵³

O esporte tem um estilo que caminha para o espetacular. Conseqüentemente, existe uma música, um gênero ajustado ao futebol. Desde criança, o menino que gosta de futebol aprende a musicalidade da narrativa do rádio. E a paixão é o elemento principal. É essa paixão que estabelece o plano retórico, trabalhando a linguagem da narrativa de forma exemplificadora. Não é à toa que algumas pessoas dizem que o narrador esportivo tem a capacidade de dar “um colorido” especial à descrição de um lance. O rádio vem mostrando sempre que tratar imagem como sinônimo de televisão, cinema ou vídeo, é um grande equívoco.

Desde quando os locutores esportivos descobriram a forma de transmitir o futebol e prender a atenção do ouvinte, que a sensação que se tem é que foi feito um “contrato de leitura”. As expressões que foram sendo criadas e firmadas entre os que acompanham a transmissão esportiva transformaram-se em verdadeiros códigos com a composição da linguagem do jogo.

É importante destacar que as circunstâncias de recepção levam ao surgimento de um contrato de leitura, que é proposto pelo rádio ao ouvinte-médio; a subjetividade do receptor das transmissões e suas formas de apropriação da mensagem radiofônica. Enunciação e marcas enunciativas.¹⁵⁴

Cabe destacar que todas essas marcas enunciativas acabaram sendo decisivas, uma vez que as representações construídas em torno do futebol facilitaram sua aceitação e popularização. O jogo é percebido com uma dimensão ontológica da vida social. Walter Benjamin defende, em seu artigo “Brinquedos e Brincadeiras”, a tese de que “as brincadeiras são uma possibilidade de treinar para a vida real.”¹⁵⁵ A imprensa esportiva começa a ganhar corpo em 1917, mas uma curiosidade já acontecia em relação às expressões do futebol: os nomes atribuídos à partida em si, tanto pelos

¹⁵³ MARQUES, 2003, p.27

¹⁵⁴ JOLY, 1996, p.10

¹⁵⁵ BENJAMIN, 1980, p.142

seus introdutores no país (filhos de ingleses), quanto pelos populares que os *traduziam*, trazem discordância entre o significado e o significante. A verdade é que já era preciso adaptar a linguagem do futebol ao cotidiano brasileiro. E o rádio foi decisivo para isso.

O ouvinte foi convidado a participar do espetáculo como parte do jogo. E a melhor forma era a utilização de uma retórica¹⁵⁶ trabalhada por amplificações. Todo o universo do locutor é tautológico, na visão de Lucien Sfez¹⁵⁷, em que o narrador dá um novo sentido à retórica: o torcedor adota esse novo significado e passa a repeti-lo à exaustão. O locutor faz, a todo momento, de um jogo, uma redução mental. Ao utilizar esses tipos de imagens mentais, elas passam a qualificar o atleta, o espaço do jogo, o próprio narrador.

5.3 TIME DO RÁDIO

A divergência sobre quem primeiro transmitiu uma partida de futebol pelo rádio, entre Tuma e Amador Santos, define, já na origem da narração esportiva, duas escolas. O primeiro, com estilo rápido, objetivo, sem figuras de linguagem, em cima do lance, criou uma legião de seguidores. Um deles, considerado como um dos maiores de São Paulo, Pedro Luís, que começou na Panamericana em 1945 e depois foi para a Bandeirantes, onde fez parte da famosa “cadeia verde-amarela”. Gagliano Neto¹⁵⁸, da primeira copa narrada do exterior para o Brasil, também era da mesma escola. Nos conta Luiz Mendes:

Gagliano colocava bem a voz, tinha uma dicção clara, improvisava por horas a fio, sem cometer um só erro gramatical... Sempre adotava a inovação de

¹⁵⁶ O termo, aqui, será utilizado no sentido que lhe dá Aristóteles, ou seja, a arte de extrair, de qualquer assunto, o grau de percepção que lhe comporta.

¹⁵⁷ SFEZ, 1994, p.128-242

¹⁵⁸ Gagliano, antes da Copa de 38, realizou as primeiras transmissões internacionais no rádio, narrando diretamente de Buenos Aires, em 1936, o Campeonato Sul-Americano.

termos que logo se incorporavam ao linguajar do povo. Designar a bola como pelota foi novidade trazida por ele da Argentina.¹⁵⁹

“Time” reforçado, no Rio de Janeiro, por Jorge Curi, conhecido como “o locutor padrão do rádio brasileiro”. Foi Gagliano Neto que lançou Jorge Curi, que seguia rigorosamente o estilo de seu “iniciador”.

Luiz Mendes, que antes de ser comentarista foi também narrador, fazia parte desta turma. Ele faz questão de lembrar o nome de Walter Ferreira, que foi quem o levou para o primeiro teste, na Rádio Farroupilha, Rio Grande do Sul. Nesta época existiam dois grandes nomes no rádio gaúcho: Farid Germano, na Gaúcha, e Saião Lobato, na Difusora, emissoras concorrentes da Farroupilha. Também desta mesma escola podem ser incluídos os nomes de Edson Leite e Rebelo Júnior, do rádio paulista.

No estilo de Amador Santos, mais lento, embora preciso, Waldir Amaral talvez seja um dos maiores nomes a ser citado. Seu estilo era inconfundível. “Carlinhos toca a bola na direita para Joel, domina, calcula o centro, executa, Dida sobe de cabeça, é gollllllll. Dida, indivíduo competente.” Quem teve a oportunidade de ouvi-lo narrando percebe o ritmo exato de como Waldir Amaral fazia suas transmissões. Talvez hoje, pela forma como o futebol é jogado, essa velocidade da narrativa não tivesse mais espaço. Quando Joel recebesse a bola já teria dois zagueiros chegando em cima.

Waldir Amaral marcou sua participação nas transmissões e criou estilo e expressões. Entre elas, “tem peixe na rede do Flamengo”; “está deserto e adormecido o gigante do Maracanã”; “Rio, capital mundial do futebol”; “indivíduo competente”. César Rizzo, também no Rio de Janeiro, tinha o hábito de descrever a posição dos dois times antes do início dos jogos, dava detalhes do uniforme das equipes, compondo o cenário do jogo. A sua narrativa também seguia um ritmo mais lento, embora sempre preciso.

¹⁵⁹ MENDES, 1999, p.65

Fiori Gigliotti, em São Paulo, Oduvaldo Cozzi, no Rio de Janeiro, tinham estilos parecidos e também criaram uma legião de seguidores pelo país afora. “O locutor da torcida brasileira”, como é chamado Fiori, criou vários bordões como “abre-se a cortina, começa o espetáculo”, “é fogo no boné do guarda”, “crepúsculo de jogo”. Ampliou seu prestígio, especialmente no interior de São Paulo, dando grande audiência à Rádio Bandeirantes, com o “escrete do rádio”, uma equipe de funcionários da emissora que fazia vários amistosos e levava o nome da rádio e da equipe de esportes. Fiori foi uma espécie de treinador e dirigentes deste “escrete”.

Oduvaldo Cozzi teve presença marcante na extinta Rádio Mayrink Veiga. Era também, como Fiori, um criador de expressões, descrevia os lances com detalhes. Alguns pesquisadores dizem que ele se inspirou em um narrador uruguaio chamado Lalo Peliciari, considerado como um dos maiores do país. Cozzi foi um verdadeiro fenômeno de audiência, a ponto de criarem um trocadilho em relação ao seu sucesso. Diziam que ele transformou o hábito de ouvi-lo numa autêntica “*psi-cozzi*”.

Joseval Peixoto também tem um estilo bem marcante, rápido e preciso. “A gente grita sem se preocupar com quem está em volta. É um espetáculo à parte para a platéia do primeiro mundo, habituada a uma narração mais informativa e menos empolgante”¹⁶⁰, comenta o narrador paulista.

Dois nomes importantes do rádio, que mais tarde migraram para a televisão e são de grande importância na história das transmissões: Sílvio Luiz e Rui Viotti. O primeiro é hoje um dos mais populares da televisão e, até por isso, merecerá destaque mais à frente. São dele as expressões “olho no lannnce”, “bateu no gogó da ema”, “pelas barbas do profeta”, “pelo amor dos meus filhinhos”, entre outras.

¹⁶⁰ MELLO, 2005.

Rui Viotti também marcou sua passagem pelo rádio com grande criatividade. Foi um dos pioneiros em coberturas internacionais. Ele trabalhou na Rádio Tamoio, outra emissora que não pode ser esquecida pelo que representou em determinado momento da transmissão do futebol e do esporte em geral pelo rádio, com destaque para a cobertura feita na Copa de 50, disputada no Brasil. Recentemente, em matéria publicada pela **Revista IstoÉ**, Viotti conta duas histórias curiosas em sua carreira que mostram bem como o narrador tinha, acima de tudo, que ter muita criatividade e, às vezes, inventar um jogo.

Era um jogo do Vasco na França. Em algumas ocasiões, a gente dublava outra estação. Eu comentava e o Júlio Delamare narrava. Como sabíamos um pouco de francês, ligamos numa rádio de lá e mandamos ver. Delamare sentiu-se mal, saiu e eu assumi a narração. Ele voltou e eu disse: está zero a zero. No segundo tempo, ele disse: está um a zero para eles! Eu me assustei: o cara não gritou gol. Ele: mas em francês não se grita gol, a palavra é outra. O jeito foi “narrar” um gol do time francês na segunda etapa. Tudo invenção. Não havia imagem, ninguém via nada. Era o jeito. Num outro jogo do Vasco, em Buenos Aires, perdi o sinal da rádio local e passei a inventar os lances enquanto o técnico procurava outra “matriz”. Como não conseguiam achar, decidi sintonizar a rival Tupi para dublar o locutor Doalcei Camargo. Só que eu descobri que ele, com o mesmo problema, estava me dublando, ou seja, copiando o que eu estava inventando.¹⁶¹

Essa dupla (Viotti e Sílvio) é responsável por uma campanha durante a Copa de 82, quando os dois trabalhavam na Rádio Record, de São Paulo. Diante da força da concorrência da transmissão pela TV Globo, àquela altura já apostando no esporte, os dois passaram a divulgar aos torcedores: vejam o jogo pela tv, mas abaxem o volume e ouçam o rádio. Deu certo e a rádio permaneceu com grande audiência.

A forma de narrar de Ary Barroso inaugura um estilo diferente e irreverente que, como mais tarde veremos, ganha um sucessor que marca época na narração do futebol pelo rádio, que foi Osmar Santos. A introdução de música, de colocar opinião na transmissão começa com Ary Barroso. “O homem da gaitinha”, como era chamado, tem grandes histórias. Uma delas, quando a direção do Vasco o proibiu de transmitir direto de São Januário. Com sua gaitinha, ele convenceu na

¹⁶¹ MARINI, 2005, p.40

véspera do jogo um vizinho do estádio vascaíno a deixá-lo fazer seu trabalho. Os dirigentes descobriram e colocaram uma grande placa tampando a visão que ele teria do campo, sob alegação que seria uma homenagem ao Fluminense, adversário que fazia aniversário.

Ari não desanimou e transmitiu do telhado de um ginásio distante. Binóculo numa mão e gaitinha na outra. Em Buenos Aires, em 1937, chegou a abandonar o microfone para torcer à beira do gramado, em pleno campo do inimigo. Foi socado e cuspidos pelos argentinos e chegou a desmaiar. Voltou ao país como herói.¹⁶² Transmitir futebol pelo rádio sempre foi um estímulo para se improvisar.

“O estilo de Ari era completamente diferente. Com uma voz marcante, uma forma inconfundível em suas narrativas, colocando palavras de uso popular em sua narrativa,” conta Luiz Mendes¹⁶³. Na mesma escola de Ary pode ser incluído o nome de Raul Longras¹⁶⁴, que em suas narrações chamava a bola de Leonor. No lugar da gaitinha, quando saía um gol, Longras se referia ao chute do atacante com um “pimba” e, antes de gritar um gol prolongado, ele dizia “balançou o véu da noiva”. O gol prolongado era no estilo criado por Rebello Júnior, de São Paulo.

Doaclei Bueno de Camargo é, também, da escola de Gagliano e Jorge Curi. De 1947 até 1954, foi um dos principais narradores da Rádio Globo. Depois passou a ser o principal locutor da Tupi. Ele sempre optou por uma forma sóbria para a narrativa, tendo como argumento contra a correria e estilo de outros narradores, o fato de que a qualidade da locução deveria ser a prioridade sempre e isso foi o que Doalcei realizou. Nesta mesma “escola” e estilo estão Clóvis Filho, que atuou na Rádio Continental, prefixo por onde também esteve Orlando Batista.

¹⁶² TRINDADE, 2003, p.32

¹⁶³ MENDES, 1999, p.66

¹⁶⁴ Raul Longras também ficou conhecido como apresentador de um programa de casamento no rádio e, mais tarde, na televisão. Ele promovia a união de pessoas através do rádio e tv.

No Rio de Janeiro, outro narrador “batizou” a bola com um nome original: “maricota”. O responsável foi José Cabral, que trabalhou nos principais prefixos do rádio carioca, com um estilo mais cadenciado de transmitir o futebol. Celso Garcia, conhecido como “o garoto do placar”, também é um nome marcante da história do rádio esportivo carioca.

Em Minas Gerais, alguns nomes são também importantes na história do rádio e do futebol. O principal deles é Osvaldo Faria, apresentado nas transmissões como aquele que tem “coragem para dizer a verdade”. Willie Gonzer é outro, bem como Jairo Anatólio Lima. Outros destaques são Alberto Rodrigues, Milton Naves, Mario Henrique, Osvaldo Reis, Paulo César Magela, Ivan Costa, Marcus Moreno, Dirceu Costa Ferreira, Silva Júnior e Osvaldo Reis (o Pequetito).

No Rio Grande do Sul¹⁶⁵, alguns nomes são importantes na história do rádio esportivo e criaram as primeiras escolas gaúchas de transmissão: Ranzolin, Lauro Quadros, Pedro Ernesto, Haroldo Souza, Sérgio Moraes, Pedro Carneiro Pereira, Brauner e Willy Gonzer, que depois foi para Minas Gerais. O maior nome dos comentários no Rio Grande do Sul é Ruy Carlos Ostermann.

Em São Paulo, nomes que não podem ser esquecidos da narração são Hélio Ansaldo, Otávio Muniz, Salem Júnior, Néelson Spinelli, Antônio Euclides, Aníbal Fonseca, Bruno Sobrinho, Aurélio Campos, Wilson Brasil, Haroldo Fernandes, Braga Júnior, Flávio Araújo, Luís Aguiar, Darci Reis, José Carlos Silva, Luís Noriega, José Góes, Jaime Moreira Filho, Hélio Prioli, Vanderlei Ribeiro, Ademar Anusek, Alfredo Orlando, Eder Luis, Jarbas Duarte, José Maia, Nilson César, Douglas Porto, Rogério Assis e Hélio Claudino.

¹⁶⁵ A primeira partida transmitida pelo rádio no Rio Grande do Sul aconteceu em 19 de novembro de 1931, entre Grêmio e Seleção do Paraná, com narração de Ermani Rushel, pela Rádio Sociedade Gaúcha.

No Rio de Janeiro, muitos nomes têm que ser lembrados também. Entre eles, o do compositor Antônio Maria, que narrou pela Rádio Mairink Veiga; Maurício Menezes (Danadinho), Luiz Carlos Silva (O que faz a cabeça da galera), Sérgio Moraes (Dos Pampas aos Seringais), Airton Rebelo (De coração a coração), Celso Garcia (O garoto do placar), Carlos Borges, Wellington Campos, Gilson Ricardo, Antônio Porto e Luiz Penido.

Entre outros grandes narradores estão Geraldo José de Almeida, Édson Leite, Renato Macedo, Corifeu de Azevedo Marques, Murilo Antunes Alves, Tomás Mazzoni, Otávio Gabus Mendes, Clóvis Filho, Jorge Amaral, Orlando Batista, Jota Santiago (Locutor show que emociona), Geraldo Sena (locutor que agita a galera), Sidnei Marinho e Júlio César Santana.

A transmissão do futebol no rádio tem um marco divisório. Estudiosos do veículo, cronistas esportivos e torcedores habituados a ouvir as irradiações das partidas são unânimes em destacar que existe uma fase antes e outra depois de Osmar Santos. Tanto que foi motivo da publicação de um livro sobre sua carreira e é tema de diversas monografias, dissertações e teses. O “pai da matéria”, como era chamado por alguns, falava até 100 palavras por minuto, sem atropelar nem engolir uma letra sequer.

Vários fonoaudiólogos foram convocados a falar sobre Osmar Santos, tratado como um fenômeno do rádio esportivo. Todos demonstravam entusiasmo com a narrativa e consideravam sua locução como uma obra prima.

O locutor usava a dramaticidade como elemento para reforçar a narração. Ele atuava como verdadeiro mediador do jogo, já que precisava falar da partida para quem não a assistia para quem estava no estádio e para os que ligavam a tv sem som. Osmar valorizava a partida com muita dramaticidade, chamando a atenção do ouvinte de maneira constante.¹⁶⁶

Osmar Santos não só revoluciona a forma de transmitir futebol, em pleno período em que a televisão já dominava a atenção do público e também o investimento

¹⁶⁶ ANDRADE, 2002, p.46

comercial. Muitos consideram a sua criatividade como ponto alto, mas o que o também “locutor das Diretas” fazia era surpreender a todos com expressões que criava e com as citações que fazia em plena transmissão. Algumas expressões como “ripa na chulipa e pimba na gorduchinha” fazem parte do linguajar de muitos torcedores e dos narradores que seguiram a sua “escola de narração”. Outra marca característica das narrações de Osmar: “as bandeiras estão tremulando, tremulando, tremulando”, “acerte o Brasil em sua vida”, esta última fazendo menção ao acerto da hora para o início do jogo.

Osmar Santos gostava muito de poesia, era um grande leitor de Carlos Drummond de Andrade, Camões, Eça de Queirós, além de se utilizar de muitas coisas da música brasileira. Além destas influências, o locutor captava muita coisa da linguagem popular que ouvia no dia-a-dia.¹⁶⁷

Um gol narrado por Osmar Santos entrou para a história da transmissão do futebol pelo rádio. Aconteceu no dia 13 de outubro de 1977, na partida entre Corinthians e Ponte Preta, pelo Campeonato Paulista, que quebrou o jejum do Timão de 23 anos sem título. O gol de Basílio foi descrito de uma forma surpreendente e que firmava, definitivamente, o estilo de Osmar narrar.

Corinthians, um grito sufocado de um povo, um grito do fundo do coração de um torcedor, depois de 20 anos a Fiel está explodindo. Vinte e dois... 23 anos na cabeça desse povo, tumultuando meu povo. O Corinthians vai se transformando no maior espetáculo do território brasileiro. Corinthians, você acima de tudo é a alma deste povo. Você vem da imagem do sorriso de felicidade. Tem que ter festa alvinegra, tem que comemorar essa cidade com paixão e loucura, hoje é o verdadeiro dia do povo, dia de soltar a alegria e ser feliz.¹⁶⁸

Entre os nomes que seguem o estilo Osmar Santos de narrar futebol está o de Dirceu Maravilha, hoje um dos mais ouvidos no rádio de São Paulo. Ele transforma as narrações em grande espetáculo, em que são inseridas músicas, brincadeiras, tudo de forma a cativar e envolver cada vez mais o ouvinte, que nem sempre está ouvindo o que se passa no momento em campo literalmente. Entre as frases utilizadas por Dirceu

¹⁶⁷ ANDRADE, 2002, p.53

¹⁶⁸ Ibidem, p.61

Maravilha estão: “Se for pro gol, me chama que eu vou”, “Estou sentindo o cheiro de gol”, “Com ele não tem talvez, ele foi pra rede outra vez”, “Tô por conta da alegria”.

Outro da “escola Osmar Santos” é José Silvério, que dita o ritmo de sua narração de acordo com o lance, num mesmo fôlego, colocando o ouvinte em uma condição de estar bem perto do lance, quase que correndo junto com o jogador. Alguns observadores da transmissão de José Silvério comentam que ele “parece tomado” durante a transmissão, tamanha dramaticidade que dá ao jogo, tamanha interpretação. O ritmo da sua narrativa é ditado por sua habilidade em aumentar e diminuir a velocidade da fala, de acordo com a jogada, num único fôlego, levando o torcedor a acompanhar o lance como se estivesse dentro do campo, ao lado do jogador. Uma de suas expressões nas narrações, quando do gol, é “eu vou descer para te abraçar”.

Uma tendência natural evidenciada no início de carreira de todo narrador esportivo é a cópia. Ele procura imitar aquele ídolo da transmissão e, aos poucos, tenta se diferenciar, seja por meio de um bordão ou de alguma mudança mínima na forma de descrever o gol, por exemplo. No entanto, alguns desses narradores são tão marcantes, que deixam claro para o ouvinte que o vínculo com o “inspirador” não foi rompido.

Prepara-se para ouvir as partidas de domingo à tarde no Campeonato Paulista e ter a impressão de que Osmar Santos está falando em rede. Em transmissões esportivas pouco se cria e muito se copia. É com base nessa máxima que o estilo do locutor Record/Gazeta domina a maioria das emissoras paulistas. São os “filhotes do Osmar” dando asas à imaginação do guru.¹⁶⁹

E as mulheres? No rádio, de forma geral, a participação delas começa cedo, mas timidamente. A primeira voz feminina foi a de Maria Beatriz Roquette Pinto, filha de Roquette Pinto, que trabalhou na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Em São Paulo, a primeira locutora foi Zenaide Andréa, na Rádio Record, no começo dos anos 30. Depois, segundo Reynaldo C.Tavares, em **Histórias que o Rádio não contou**,

¹⁶⁹ SCHINNER, 2004, p.66

surgiu Natália Peres, que se apresentava com o pseudônimo de Elizabeth Darcy, mãe do locutor Sílvio Luiz.

Mas no esporte demorou um pouco mais. As mulheres abraçaram a função da radioatriz. Ivani Ribeiro, na década de 40, se destaca como grande escritora do rádio. Erci Ayala, Xênia Bier, Cidinha Campos, Zora Yonara e Deise Lucidy se transformam em nomes de destaque na apresentação de programas femininos. O ingresso no jornalismo esportivo radiofônico acontece em 1971 e é um dos principais momentos da participação da mulher. Trata-se de uma experiência criada pela Rádio Mulher, de São Paulo. Literalmente, um time de mulheres se dividindo em narração, comentários e reportagens.

A narração das partidas pela Rádio Mulher era de responsabilidade de Claudete Troiano, que mais tarde passou a apresentar programas femininos na televisão. Junto a ela, Leilah Silveira, comentarista, e as reportagens com Germana Garili e Jurema Iara. “De 1971 a 1975 pode-se dizer que elas surpreenderam e revolucionaram o rádio esportivo do país”.¹⁷⁰ De acordo com a professora Sidinéia Gomes Freitas, da USP, na palestra de abertura do I Fórum de Debates, Mulher, Esporte, Sexo, Imagem Corporal e Hipocrisia, somente em 1974 foi criada uma lei que permitiu às mulheres adentrarem nos vestiários masculinos (o mesmo valendo para os homens perante os vestiários femininos) para obter declarações pós-jogo.¹⁷¹ No final dos anos 70, no Rio de Janeiro, Cláudia Reis e Tereza Cristina Reis se destacaram como repórteres da Rádio Tropical FM.

Não se pode falar de escola de transmissão de futebol pelo rádio somente sob o aspecto dos narradores. Também os comentaristas criaram estilos e seguidores. O mais famoso foi João Saldanha. Ele começou em 1959, na Rádio Guanabara, onde

¹⁷⁰ REVISTA PLACAR, 1995

¹⁷¹ FREITAS, 2000, p.18

dizem que foi contratado para se contrapor ao estilo de José Maria Scassa, que era acusado de ser mal humorado nos comentários. Depois atuou na Rádio Continental e, mais tarde, foi para a Rádio Globo, onde se consagrou. Saldanha literalmente conversava com o ouvinte. Falava com o ouvinte como se estivesse sentado em uma mesa de bar. Entre outras coisas, além de ser um homem extremamente culto e politizado, Saldanha falava de detalhes do jogo e, algumas vezes, nem da partida falava, de forma que empolgava os ouvintes¹⁷². Entre 1960 e 1966 foi comentarista na TV Rio, ao lado de Luiz Mendes. Esteve na TV Globo e encerrou a carreira na TV Manchete, onde trabalhou até a Copa do Mundo da Itália. Morreu trabalhando na cobertura do Mundial.

Saldanha introduz também na atuação do comentarista o papel de criar figuras de linguagem, expressões que fazem parte do que Luiz Mendes chama de “futebolês”. Ao “comentarista que o Brasil consagrou” são atribuídas criações de termos tais como “zona do agrião”, “entregou o ouro ao bandido”, “mapa da mina”, “a vaca vai pro brejo” e “caiu do cavalo”. Saldanha utilizava a função do lateral a de uma relação do macaco com a girafa. “O macaco tem que ir toda hora da um beijo na girafa, se fizer isso o tempo todo não vai ter fôlego”, dizia ele. Era assim que fazia com que o torcedor ficasse preso ao seu comentário e compreendesse tudo.

Tão importante e admirado quanto Saldanha foi Rui Porto. Sua fama ficou consolidada ainda mais depois de também atuar na tevê. Mas foi no rádio que ele se projetou. Porto tinha um estilo sóbrio, elegante e, ao mesmo tempo, fácil de ser entendido pelo torcedor. Ao lado de Benjamim Wright, foi um dos pioneiros nas mesas redondas de esportes.

¹⁷² Em algumas ocasiões, especialmente quando o jogo era fraco tecnicamente, ou quando queria ocupar o espaço para fazer uma crítica política, Saldanha desviava o tema e falava de tudo, deixando para o final uma frase sobre a partida.

Washington Rodrigues, que antes foi repórter, também é um dos nomes do comentário esportivo que contribui muito para a criação de expressões que ficaram consagradas entre os torcedores e são utilizadas cada vez mais como se fizessem parte do vocabulário do esporte desde quando ele foi criado. “Fulano está mais feliz do que pinto no lixo”, “hoje é dia de briga de cachorro grande”, “arquibaldos”, “geraldinos” são algumas das criações do Apolinho, apelido dado a Washington Rodrigues.

Outro nome importante do comentário é Afonso Soares, que também fazia programas policiais (**A cidade contra o crime**, o mais famoso). Enquanto Washington Rodrigues nunca negou sua paixão pelo Flamengo, Afonso sempre foi tricolor doente. Áureo Ameno, vascaíno. Da turma mais antiga essa declaração de amor ao clube não era tão comum. Entre outros grandes do comentário, Carlos Marcondes, chamado a intervir como o “comentarista da prova real”. Ele trabalhou na Rádio Continental, onde também brilhou Waldemar de Barros. Orlando Duarte também não pode deixar de ser citado. O mesmo acontecendo com Lourival Pereira e Everardo Lopes, que atuaram ao lado de Oduvaldo Cozzi, na Rádio Mayrink Veiga.

Luiz Mendes, já citado como narrador (começou transmitindo) é hoje a principal referência entre os comentaristas do Rio de Janeiro. “O comentarista da palavra fácil” tem uma memória invejada e um estilo de comentar equilibrado, contrastando com a maioria dos que hoje estão no ar, inclusive Gérson, o Canhotinha de Ouro, que divide com ele os comentários da Rádio Globo, que faz um gênero mais popular.

Outros nomes a serem citados no comentário do rádio carioca estão Ronaldo Castro, que já esteve entre os repórteres de campo, bem como Loureiro Netto, hoje fora das transmissões esportivas; Luís Ribeiro, Jorge Nunes, Mário Silva, Dárcio Campos, Carlos Marcondes.

Em São Paulo, Leônidas da Silva (ex-jogador), Mauro Pinheiro e Mario Morais foram os primeiros grandes destaques do comentário. No “time paulista” entram também Ari Silva, Geraldo Bretãs, Walter Lacerda, Orlando Duarte, Milton Camargo, Cícero Mota, Carlos Aymar, Milton Neves, Barbosa Filho, Luis Augusto Maltoni, Henrique Guilherme, Paulo Calçade, Flávio Prado, Paulo Roberto Martins, Dalmo Pessoa, Edson Braga, Cláudio Karzuki, Cândido Garcia, Roberto Avalone, Fábio Somâni, Celso Itiberê, Vital Bataglia e Loureiro Júnior.

Entre os repórteres de campo que marcaram história estão Luiz Fernando, Alfredo Raimundo, Geraldo Borges, Manuel Spezin Neto, Washington Rodrigues (agora comentarista), Denis Menezes. Estes dois últimos formaram a dupla de reportagem mais popular do rádio esportivo, chamados de “trepidantes”. Kleber Leite, que já foi até presidente do Flamengo, também começou sua fama no futebol atuando como repórter de campo. Outros nomes da reportagem do rádio carioca são Marco Aurélio, Heraldo Leite, Gilson Ricardo, Gustavo Mendes, Marcos Tinoco, Ruy Fernando, Cláudio Perrot, Fernando Carlos, Fernando Luiz, Waldir Luiz, Sérgio Américo, Rafael Marques, Paulo Júnior, Eugênio Leal, Iata Anderson, Tony Vendramini, Wagner Mendes, Rui Fernando, Jorge Eduardo, Fábio Azevedo, Antônio Carlos Duarte, Cláudio Perrot, José Silvério.

Na reportagem do rádio paulista destaque para nomes como o de Fausto Silva (hoje só apresentador de tv), Alex Miller, Eduardo Afonso, Leandro Quessada, Rafael Colombo, Márcio Bernardes, Tomás Rafael, Tom Barbosa (um dos primeiros grandes nomes da reportagem da Jovem Pan), Ethel Rodrigues, Gerdi Gomes, Juarez Soares, Otávio Pimentel, Geraldo Blota, Cândido Garcia (o olho vivo), Vandelei Nogueira, Eduardo Luís (o ligeirinho), Osmar Garrafa, Romeu César, Carlos Malho, Roberto Carmona, Anderson Cheni, Washington Melo, Conrado Juliete, Romeu César,

Jéssi Nascimento, Marcos Luis, Márecio Stimpolo, Tiago Torricelli (especializado em noticiário de automobilismo nos programas de esportes), Eduardo Luis, Leonardo Baron, Marcelo Dilalo, Edilson Lima, Valdo Santana, Carlos Ribeiro, Luiz Carlos Quartarolo, Fábio Serôdio, Marcelo Lima, Sérgio Orindes, João Antônio, André Henning, Alex Miller, Eduardo Afonso, Rafael Colombo e José Kalil.

Em Minas Gerais, Afonso Alberto, Pingüim, Marcos Guiotti, Ricardo Wagner, Néelson Júnior, Ivan Elias, Leopoldo Siqueira, Guilherme Mendes e Paulo Roberto Simão.

Entre os plantões esportivos, o mais famoso foi Jairo de Souza, da Rádio Globo: com uma vinheta marcante (tiriri, tiriri, tiriri, Jairo de Souza), ele foi um dos modelos de plantões seguidos pelos que hoje ocupam a função na transmissão: Cláudio Zaidan, Odir Cunha, Domingos Machado, Ney Mota, Decimar Leite, Everaldo Marques, Sílvio Filho e Ovídio Nascimento (de São Paulo), Jorge Ferreira, André Luiz, Bruno Mendes (do Rio de Janeiro). Algumas emissoras passaram a adotar, mais recentemente, a figura do apresentador, o que faz a pré-hora esportiva, o intervalo, o fim da jornada e os programas. Entre eles, Ângelo Ananias, Milton Neves, Márcio Bernardes (de São Paulo). No Rio, Gilson Ricardo e Eraldo Leite dividem a função na Rádio Globo.

5.4 UM PROBLEMA PARA O RÁDIO E PARA A TV

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciou em 2002 que o número de residências brasileiras com rádio subiu de 88,9% para 89,9%, enquanto 87,0% dos lares brasileiros possuem pelo menos uma televisão. O crescimento do rádio é significativo diante das previsões tão pessimistas sobre seu futuro. No

entanto, se o veículo se desenvolveu em termos de mobilidade, apuro da qualidade do som, perdeu no quesito investimento (publicitário e de gestão). Chamado por muitos como o “primo pobre” dos meios de comunicação, o rádio começou, no final dos anos 90, a cometer um grande equívoco: deixou de ir aos eventos e apurar por telefone (radiojornalismo) e a transmitir (futebol) pela imagem da televisão.

Além de sofrer um duro golpe quando do surgimento da tv, com deslocamento de talentos de um veículo para o outro, a transmissão esportiva pelo rádio ganhou um problema sério e que é apontado por muitos para justificar a perda de espaço e interesse do torcedor. Boa parte das emissoras do país (inclusive as grandes redes) passou a transmitir no estúdio, através da imagem da tv. Além da tentação e, infelizmente, utilização da mentira ao torcedor, dizendo-se presente ao estádio, quando não passa de uma narração se apropriando da imagem da tv, o locutor perdeu várias de suas marcas diferenciais, entre elas, a de se valer de todo o ambiente em que o jogo acontece para descrever com riqueza de detalhes e puxando pela imaginação do ouvinte, tudo aquilo que girava em torno do espetáculo.

Na transmissão do futebol pela televisão, o diretor define na mesa de corte qual imagem vai ao ar, entre tantas que estão sendo captadas pelas dezenas de câmeras. É com essa imagem, é o olhar deste diretor que sobra para os narradores de futebol no rádio, que têm que se sujeitar a transmitir do estúdio, que vai oferecer os recursos para a narrativa. O que é bem diferente de se estar no local, onde as possibilidades de olhar são muito maiores.

Com isso, a própria narrativa dos locutores de rádio acaba sofrendo a interferência da formatação dos narradores de tv, já que uma coisa é você estar no ambiente e outra é ver parte deste ambiente. Até porque, o rádio nunca se limitou só ao lance, apenas quem está com a bola. A coreografia da torcida, um lance na geral, um

tropeço do gandula, a condição do clima, um grito, um gesto, ofereciam à narrativa radiofônica um espaço para a criação e ampliação do espetáculo. Assim, houve uma perda da celebração na narração. A interferência da televisão foi tão grande, que até mesmo a comemoração do gol passou a ser ensaiada.

Agora, a transmissão passou a ficar “limitada” ao que a tv mostra e isto, certamente, empobrece a narrativa. Há uma distinção bem grande e o ouvinte que, como diria João Saldanha, “não é burro e nem filho de chocadeira”, percebe, quando uma partida está sendo narrada no estádio ou via tv. E comete um erro grave o locutor que pensa que não.

A diferença na construção da narrativa do jogo é claramente percebida por aqueles que têm o hábito de ouvir o futebol pelo rádio, quando os locutores não estão no cenário da partida, que sempre serve como elemento para descrição de algo a mais que as jogadas que acontecem no campo. A limitação imposta pelo campo de visão oferecido pela tela da tevê, obviamente, restringe o espaço para a criação do narrador do futebol no rádio.

6 O JOGO NA TV

As primeiras partidas transmitidas pela televisão eram consideradas sem muita emoção, monótonas. Isso era atribuído ao fato de os locutores tentarem dar uma nova forma de narração, que diferenciasse do rádio. Além disso, havia o fato dos primeiros recursos (duas câmeras, normalmente) para a cobertura de um jogo serem considerados limitadores da disponibilidade de imagens e de alternativas para a narrativa, sempre presa ao que o telespectador estava vendo.

Vera Regina Toledo Camargo, ao examinar a trajetória da mensagem esportiva em São Paulo, ressalta a forte influência que foi levada pelos narradores do rádio que foram contratados no começo das transmissões da televisão. Uma dificuldade muito grande de ajuste da linguagem que já havia conquistado o torcedor para um veículo com característica bem distinta.

Mas alguns que foram para a mídia audiovisual não conseguiram mudar suas falas, trazendo as características do rádio para a televisão. Seguindo a mesma linha narrativa, em que o mais importante é criar um ambiente, de modo a fazer com que o ouvinte imagine as imagens, sinta a emoção da partida esportiva, mesmo não podendo visualizá-la. E deste modo, percebemos que nas narrações esportivas televisivas, fala-se do óbvio, os locutores esquecem que as imagens falam por si. A fala e o texto deveriam ter a função de ajudar a compreender e não a de criar uma imagem, para o telespectador, já que este está diante dela.¹⁷³

A evolução tecnológica trouxe mais câmeras, novos ângulos, novas possibilidades de narrativas. Uma das estratégias adotadas foi aproximar o espectador do jogo. Técnica buscada no cinema. Ver de mais perto os lances, transformando as câmeras em olhos virtuais do torcedor, seguindo a bola e mostrando a reação do jogador, do treinador e do próprio torcedor, aproximou a narrativa do público. A narração passou a ser mais ilustrativa e o conteúdo mais ancorado.

¹⁷³ CAMARGO, 2005

Sem o recurso da fantasia, do “direito de mexer com o imaginário” do telespectador apenas com as palavras, como o rádio sempre fez com sucesso, a televisão adotou como recurso a disponibilização para seus narradores e repórteres de um banco de dados muito grande, tornando a transmissão cheia de números (quantas faltas, tempo de bola rolando, quem tem mais domínio de bola, total de finalizações e etc).

Tão logo imaginou a possibilidade de ser ameaçado pela concorrência das transmissões dos jogos pela televisão, o rádio reagiu com o que possui de mais forte: agilidade e imaginação. Enquanto a TV apresentou como novidade uma infinidade de números, tira-teimas, introduzindo estatística como suporte para a equipe que transmitia, o rádio fortaleceu a prestação de serviço. Nas concentrações, nas ruas, nos vestiários, falando de trânsito, do posto médico do estádio, o rádio optou por trazer mais jornalismo às suas transmissões esportivas. Tudo isso, sem abandonar a linguagem específica.

Maria Elisa Porchat destaca essa linguagem:

A comunicação no rádio é limitada, por contar apenas com o som. O que requer uma compensação na linguagem nela empregada; em contra partida, o rádio leva a vantagem de estar em toda parte. Esse alcance impõe um compromisso cultural, num sentido amplo, e promove a valorização da nossa língua, de modo particular. Limitação e vantagem estabelecem diretrizes que nem sempre andam unidas. Se por um lado o rádio deve explorar os recursos lingüísticos, por outro, algumas possibilidades da nossa língua não favorecem a comunicação veiculada por meio do rádio.¹⁷⁴

Maria Elisa destaca também alguns aspectos importantes a serem levados em conta na relação do locutor com o ouvinte. Ela fala sobre a necessidade do ouvinte ver através das palavras. Por isso, quando enfrenta a concorrência de uma transmissão feita pela televisão para todo o país, algumas emissoras de rádio repetem a todo momento para o ouvinte: “você vê o jogo ouvindo a rádio...”. A Rádio Globo, por exemplo, em dias de jogos em que disputa a audiência com a TV, promove a interatividade com seus ouvintes abrindo, durante toda a partida, o espaço para a

¹⁷⁴ PORCHAT, 1989, p.93

participação de várias pessoas, que avaliam, por exemplo, quem é o melhor e o pior em campo e falam sobre possíveis mudanças. É o rádio apostando que, apesar do torcedor ter a imagem na TV, pode continuar com o seu áudio.

O locutor não vê o ouvinte e o ouvinte não vê o locutor. Essa comunicação cega requer o conhecimento da identidade do ouvinte. Identificado, é preciso colocar-se permanentemente na sua pessoa, reagindo por ele, dirigindo-se a ele, imaginando seus anseios e sua maneira de pensar, para, mesmo distante, estabelecer uma aproximação. É a função invocativa da nossa linguagem.¹⁷⁵

6.1 A CRÍTICA

Mário Prata, articulista do jornal **Folha de São Paulo**¹⁷⁶, conta que um americano assistia a um jogo de futebol pela televisão ao seu lado. Depois de indagar sobre a razão do árbitro pedir ao reserva para mostrar a sola das chuteiras, visto que hoje não se usa mais chuteiras de prego (material já superado há muito tempo pela indústria de material esportivo), ficou curioso com a narração do locutor da tv, que exprime bem a crítica que muitos fazem a ela. A seguir trecho da crônica onde o assunto é abordado.

- Por que o locutor diz que o jogador caiu?
- Porque caiu, uai.
- Sim, eu vi que ele caiu. É televisão. Ele não precisa me dizer. Olha lá, dizendo que o goleiro pegou a bola. Eu vi! Será que ele não pode me deixar assistir em paz? É televisão ou rádio?
- Penso:
- É que antes era rádio e eles acostumaram a narrar tudo.
- Mas então alguém precisa dizer para eles que a gente não é cego. Olha lá: dizendo que foi falta. Eu vi!
- O americano estava certo, os nossos locutores de televisão acham que estão transmitindo pelo rádio.
- Se o juiz já disse que vai ter mais três minutos de jogo, se o sujeito já levantou a placa mostrando, se lá em cima da televisão está dizendo que vamos ter mais três minutos de acréscimo, por que o locutor tem que avisar à gente que vamos ter mais três minutos de jogo? E precisa dizer que o jogo vai até aos 48 minutos? Não é meio óbvio?
- O americano estava certo.¹⁷⁷

¹⁷⁵ PORCHAT, 1989, p.98

¹⁷⁶ PRATA, 2004

¹⁷⁷ Ibidem

Independente da crítica, não há como negar que, também para a geração de torcedores, criada nos tempos atuais, muito mais em cima da imagem, fica difícil compreender a transmissão pelo rádio. O que muitos alegam é que sentem dificuldade para visualizar a jogada, detalhes da partida narrada pelo rádio e que só percebem o lance quando é gol. Exageros à parte, faz sentido a dificuldade dos que vêm desde pequenos a imagem como suporte para entendimento do mundo.

O estudo dos órgãos de percepção registram que o ouvido humano é capaz de discriminar cerca de 200 mil unidades de informação por segundo, considerando as tonalidades e a intensidade, bem como o sentido de direção. Já o olho, jogando com a discriminação espacial, as tonalidades cromáticas e os intervalos entre os estímulos, alcança dezenas de bilhões de unidades de informação a cada segundo.¹⁷⁸

Mais do que uma questão sobre qual dos sentidos tem maior alcance, o que pesa realmente é a questão da interpretação, que, inclusive, justifica o fato do torcedor que vai ao estádio levar o radinho. E este torcedor, que se habituou com a transmissão do rádio, sente uma dificuldade muito grande de ajuste à narrativa da televisão. E, neste sentido, não parece ser um “problema” nacional.

É freqüente ver gente nos estádios de futebol a ouvir rádio, incluindo aquele próprio jogo; e também acontece com muitas pessoas desligar o som da televisão (o relato televisivo em Portugal é muito frio e continua sem resolver a redundância com as imagens) – mais uma vez, a televisão não matou o rádio.¹⁷⁹

A televisão surgiu fazendo com que todas as outras mídias sofressem um impacto que as obrigasse a se reajustarem a uma nova realidade. A capacidade de “telever”, ver à distância, fascinou as pessoas. A história da tv começa em 1884, na Alemanha, quando o pesquisador Paul Nipkow patenteou um disco, parte elétrico e parte mecânico, que, no começo, copiava, e com algumas adaptações passou a transmitir imagens em movimento.

Em 1907, o inventor russo Tosing conseguiu produzir um sinal usando os tubos catódicos inventados por outro cientista, Braun (1897). Em 1911, o processo evoluía com a invenção da telecâmera eletrônica de Campbell

¹⁷⁸ COHEN-SEAT; FOUGEYROLLAS, 1978, p.355-362

¹⁷⁹ O RELATO de futebol. 2005

Swinton. Nos Estados Unidos, em 1923, Charles Jenkins conseguiu enviar imagens estáticas de Washington até a Filadélfia. Os primeiros passos para a televisão comercial foram dados pela RCA, com a tecnologia desenvolvida pelo russo naturalizado americano Wladimir Zworikin.¹⁸⁰

As primeiras experiências da tv no Brasil acontecem na década de 30, ainda em circuito fechado. Uma das primeiras tentativas de transmissão pública acontece com a experiência de se levar ao público imagens do auditório da Rádio Nacional para alguns aparelhos instalados na Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

O início da tv no Brasil é marcado por uma importação total do rádio. Programas, apresentadores, músicos, diretores, todos migram para o novo veículo. Até por isso, o surgimento da televisão na vida do brasileiro passa a impressão de um rádio com imagem. Claro, com o tempo, tal qual o rádio, a linguagem televisiva foi encontrando também sua forma própria, embora ainda hoje se veja muito de identificação da estrutura de alguns programas com os da era de ouro da Rádio Nacional.

As transmissões esportivas no mundo começam na década de 30. Enquanto os americanos registram em sua história a primeira transmissão com a cobertura de um jogo de beisebol (1935), os alemães marcam a presença da tevê pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Berlim (1936). Um ano depois os ingleses tiveram a oportunidade de ver a disputa de tênis de Wimbledon na tela. Em 1948, os franceses transmitem a Copa do Mundo.

Walter Sampaio¹⁸¹ conta que foi em 1950 que o jornalismo esportivo teve sua primeira reportagem registrada na televisão. Era a cobertura feita pelos cinegrafistas Jorge Kurkjan, Paulo Salomão e Alfonsas Zibas. Este último, segundo Sampaio, provocou uma situação inusitada logo na estréia da televisão com a cobertura esportiva. Zibas entrou em campo, com a bola rolando, achando que assim poderia

¹⁸⁰ GONTIJO, 2004, p.403-404

¹⁸¹ SAMPAIO, 1971, p.24

registrar as imagens mais de perto. Só restou ao juiz expulsá-lo de campo. Na arquibancada, Kurkjan filmou também este momento.

Artur da Távola, estudioso de rádio e atualmente ligado à política, fez duras críticas ao modo de transmissão dos narradores de televisão logo que elas se iniciaram no novo meio de comunicação. Ele “defendia a idéia de que o narrador de futebol da televisão não precisava ter a vibração dos locutores de rádio, nem deveria usar palavras que dissessem o que o telespectador estava vendo”.¹⁸²

O excelente Viotti, provavelmente, por isso, narrava como se estivesse rezando: “Fulano, Beltrano, Cicrano. Defendeu Sultano. Eu não. Meu estilo mantinha a mesma vibração do tempo do rádio e contava as jogadas em cima dos lances... O cinema tem a tela bem maior, e o espectador vê o presidente dos Estados Unidos diante da Casa Branca, falando aos repórteres e emissoras do mundo inteiro. Se fosse como queria Artur da Távola, o cinema colocaria apenas um fundo musical, pois quem não conhece o Presidente, quem não sabe que aquela é a Casa Branca? Segui o meu estilo. E hoje vejo o Galvão Bueno, Luciano do Vale e até o Sílvio Luiz, no seu jeio brincalhão, enfim todos os narradores de tevê, legendando os lances sem preocupações de que estejam cortejando o óbvio ululante.”¹⁸³

Em termos fenomenológicos, a narrativa radiofônica e a televisiva são constitutivamente dramáticas: o papel do narrador é o coro no teatro grego. Só que, no caso do rádio, a voz é demiúrgica, ele cria o espetáculo para quem o ouve. No caso da televisão, a narrativa do narrador compete com a do espectador e toma a estatística para dar credibilidade. Em qualquer caso, como diria Barthes, usar a linguagem, no rádio ou televisão, é correr risco.

A PRF 3, TV Tupi de São Paulo¹⁸⁴, foi inaugurada em 18 de setembro de 1950, tendo como proprietário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, adotando o sistema de televisão implantado nos Estados Unidos. A TV Tupi do Rio de Janeiro só veio em 20 de janeiro de 1951. José Cunha foi um dos grandes nomes da narração da Tupi. Ficou conhecido com o bordão “ta lááááá...”, quando saía o gol.

¹⁸² MENDES, 1999, p.68

¹⁸³ Ibidem, 68-69

¹⁸⁴ A Tv Tupi foi a primeira emissora a operar na América Latina e uma das cinco primeiras do mundo. No período áureo, o chamado “Império Chateaubriand” chegou a ser formado por 36 emissoras de rádio; 34 jornais e 18 canais de televisão.

No final da década de 1950, estavam em funcionamento dez emissoras no Brasil. A TV Excelsior foi a primeira a ter uma grade de programação estável e com administração empresarial. A TV Continental¹⁸⁵, que tem grande importância no desenvolvimento da televisão no Rio de Janeiro, fez sua pré-estréia apostando na transmissão do futebol. No dia 13 de maio de 1959, jogo Brasil 2 x 0 na Inglaterra, Waldir Amaral foi convidado para fazer a narração. Durante o jogo, três das quatro câmeras que estavam colocadas no Maracanã estragaram e durante 20 minutos a transmissão foi feita só com uma câmera, o que prejudicou o trabalho, mas a grande crítica foi em cima da narração. “Waldir Amaral, habituado ao rádio, foi criticado por sua narração atrasada em relação aos lances.”¹⁸⁶ Mesmo assim, Waldir Amaral, por alguns anos, transmitiu o jogo pela tv e rádio ao mesmo tempo.

A TV Record, sonho e empenho de Paulo Machado de Carvalho, entra no ar em 7 de setembro de 1953. Já nos primeiros dias de transmissão busca roubar a liderança da TV Tupi, pertencente aos Diários e Emissoras Associadas.

Para competir com Chateaubriand em pé de igualdade, algo ainda distante nos primeiros anos da emissora, a TV Record decidiu apostar de vez todas as fichas nas coberturas esportivas. Apresentado por Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida, o programa “Mesa Redonda” fez escola na televisão, com discussões acaloradas entre cartolas e crônica esportiva.¹⁸⁷

Da mesma forma que na rádio, Paulo Machado de Carvalho apostou no esporte, especialmente no futebol, para desenvolver a televisão. Ele cobrava muito de todos que trabalhavam na sua equipe. E foi assim que não só a TV Record cresceu, mas também trouxe um grande desenvolvimento técnico.

No gramado, a equipe da Record fazia milagres para agradar o chefe. O repórter de campo não tinha retorno da base – só sabia a hora de entrar no ar depois que o motorista do ônibus de externas da emissora, Geraldo Campos, acenava com a mão para Sílvio Luiz iniciar as entrevistas. Durante a partida, dois fotógrafos, cada um atrás de um gol, registravam os lances mais

¹⁸⁵ A Continental foi a terceira emissora fundada no Rio de Janeiro (antes vieram a Tupi e a TV Rio). Seus estúdios funcionavam na Rua das Laranjeiras, 291. Trouxe vários profissionais de São Paulo para organizar sua programação, entre eles, Demerval Costalima, que atuava na TV Paulista.

¹⁸⁶ OLIVEIRA; SENA, 2005

¹⁸⁷ CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.133

perigosos e polêmicos. No começo do intervalo corriam para revelar as fotos que minutos depois eram exibidas na televisão. Era replay caseiro inventado pelos diretores de TV, Tuta e Salvador Tredice, o Dodô.¹⁸⁸

O divertimento dos idealizadores deste “replay caseiro” era ver a reação dos torcedores. Mais tarde, Paulo Machado de Carvalho decide aceitar o desafio do filho, Tuta, e colocar câmeras nos vestiários da Seleção Brasileira. Ele conseguiu autorização da CBD (hoje CBF) e fez. Como Tuta imaginava, outra inovação que se transformou em sucesso. A Record não parou nessa “ousadia”. A próxima novidade foi solucionar um problema que o telespectador, ainda no tempo da tv em preto e branco sofria: uniformes com cores fortes, que acabavam confundindo quem estava vendo.

Quando dois times de camisas de cor fortes como Palmeiras (verde) e Portuguesa (vermelha) se enfrentavam, a transmissão em preto e branco tratava de tornar todos os uniformes absolutamente iguais. Na primeira partida entre os dois times pelo Campeonato Paulista, a Record conseguiu a mágica: a transmissão continuava em preto e branco, mas algum efeito, que ninguém sabia qual, permitia a identificação perfeita das duas equipes. Alguns técnicos da Tupi não agüentaram de curiosidade e ligaram para a Record. Tuta dava sempre a mesma resposta: usamos um filtro importado dos Estados Unidos, chamado “Triple Flex Clair”. O filtro, de nome pomposo, não passava de uma invenção de Tuta. Jamais existiu. O que o técnico usava podia ser comprado em qualquer loja de fundo de quintal: um filtro laranja, grudado na lente da câmera.¹⁸⁹

Vera Regina Camargo conta que a pesquisadora Fátima Aparecida Feliciano, em matéria publicada no jornal **Estado de São Paulo**, de 8 de maio de 1996, comentava a influência do esporte sobre a programação da Tv Record. Ela relata que na década de 60, os dirigentes paulistas resolveram proibir as transmissões ao vivo das partidas sob a alegação de que era isso que estava tirando o público dos estádios. Preocupada em como ocupar o horário do futebol com outra programação, a Record resolveu “utilizar a figura de um rapaz para comandar um programa para jovens, falando, cantando e trazendo cantores convidados. Esta tentativa foi cercada de muito sucesso e a Jovem Guarda (comandada por Roberto Carlos)” surgia, fruto da proibição da transmissão do futebol pelos clubes e dirigentes paulistas.

¹⁸⁸ CARDOSO; ROCKMANN, 2005, p.133-134

¹⁸⁹ Ibidem, p.134-135

Em 1965 surge a TV Globo, que em pouco tempo se tornou o maior império televisivo do país, derrubando os Associados e dominando a audiência até hoje. Porém, embora tenha entrado com força no mercado, a Globo relutou para incluir em sua grade de programação as transmissões dos jogos de futebol e outras modalidades. A direção da empresa acreditava que isso atrapalharia a audiência das novelas e noticiários.

O primeiro jogo transmitido pela TV Globo tem uma história curiosa. Na verdade, foi a concretização do sonho de um profissional inconformado com o fato de outras emissoras se dedicarem a esse tipo de cobertura e a Globo não. Tudo aconteceu em 1965, quando Teixeira Heizer, jornalista, montou uma operação ousada e inovadora. “Eu era meio multiuso. Fazia de tudo um pouco, inclusive a apresentação do **Tele Globo** ao lado do Hilton Gomes e Natlátia Timberg, ajudava a diretoria e era chefe de um departamento de esportes que ainda estava em embrião.”¹⁹⁰

Para se ter uma idéia do que isso representou, necessário se faz apresentar alguns dados sobre a situação dos meios de comunicação na época. Em 1965 o rádio era o veículo das massas. A televisão já existia, mas eram poucos os aparelhos no Brasil. Eram ao todo cerca de 200 mil espalhados pelo país, especialmente no eixo Rio - São Paulo. A transmissão do futebol já estava no ar há dez anos e a Globo não tinha nem um ano quando Teixeira Heizer resolveu lutar para convencer a direção da emissora de que o futebol teria uma grande audiência e que sua fórmula seria eficiente.

As outras emissoras transmitiam os jogos e eu não me conformava com isso. Me trazia uma mágoa e um ponta de inveja. Resolvemos que era hora de virar a mesa. Procurei meu diretor e ele disse que não tinha recursos para isso. Sondei os outros dirigentes e obtive sempre a mesma resposta negativa. Apesar de todas as negativas, eu quis provar que era possível fazer esse tipo de transmissão. Parti então para conseguir a realização da coisa. O primeiro desafio era comprar equipamentos, filme. Eu não tinha dinheiro, o dinheiro

¹⁹⁰ Depoimento dado por Teixeira Heizer no **Programa Esporte Espetacular**, da TV Globo, no dia 25 de dezembro de 2005, sobre a história da primeira partida de futebol transmitida pela TV Globo.

que dispunha era de empregados. Fui então assinando documentos em nome da TV Globo. Nada irregular, mas de extrema responsabilidade.¹⁹¹

O jogo escolhido para essa “aventura” foi um amistoso entre Brasil e União Soviética¹⁹², no Maracanã, dia 21 de novembro de 1965. Heizer conta que já fazia a compra de equipamentos para outras atividades e resolveu apostar que daria certo também. Mas além de adquirir as condições materiais, existia um outro desafio, o operacional. O recurso encontrado por ele foi buscar na experiência do cinema a contribuição para a realização deste sonho.

Procurei alguns amigos para saber como seria essa operação. Eram todos oriundos da antiga Atlântida Cinematográfica. Eles me expuseram o grau de dificuldade que eu teria que enfrentar. Por exemplo, para se fazer um filme durava seis meses. Como fazer uma transmissão para ser apresentada algumas horas depois do término do jogo?¹⁹³

A partida estava marcada para as quatro da tarde, sendo que a transmissão da partida iria ao ar às oito da noite. As emissoras concorrentes já possuíam o vídeo teipe, enquanto a Globo só possuía o sistema de filme. Segundo a reportagem do **Esporte Espetacular**, seria como se uma tivesse uma máquina fotográfica digital, que poderia utilizar a imagem imediatamente, e a Globo uma máquina com filme, que teria que ter tempo para a revelação dos rolos de filmes.

Para fazer as reportagens de campo, as entrevistas que seriam exibidas durante a transmissão, Heizer foi buscar na juventude e talento do então repórter da Rádio Globo, José Carlos Araújo (hoje principal narrador do rádio carioca). Como narrador, ele mesmo, Teixeira Heizer. O grande desafio era o tempo. A operação colocada em prática era a seguinte: dentro do estádio, quatro cinegrafistas para filmar o jogo. Uma das câmeras, próxima ao campo, tinha a função de captar o áudio. Os rolos de filmes concluídos eram passados a garotos, que atravessavam os túneis do estádio e

¹⁹¹ Depoimento dado por Teixeira Heizer no **Programa Esporte Espetacular**, da TV Globo, no dia 25 de dezembro de 2005, sobre a história da primeira partida de futebol transmitida pela TV Globo.

¹⁹² Placar final: 2 a 2.

¹⁹³ Depoimento dado por Teixeira Heizer no **Programa Esporte Espetacular**, da TV Globo, no dia 25 de dezembro de 2005, sobre a história da primeira partida de futebol transmitida pela TV Globo.

entregavam a motoqueiros¹⁹⁴ que, do lado de fora, já aguardavam e seguiam a toda pressa para o local onde iam ser revelados.

O meu medo era o de que algum destes motoqueiros perdesse um filme e o jogo ficasse aos pedaços. O montador tinha que revelar os negativos e fazer a edição. Essa edição era feita com a apresentação de um lance de perigo com uma câmera e a exibição do replay com a imagem captada pela câmera atrás do gol. Além disso, sincronizar o áudio com a câmera de baixo, que captava o som e também a inclusão das entrevistas. Faltava a transmissão que Teixeira Heizer ainda faria em cima das imagens que estavam sendo projetadas.¹⁹⁵

O “sonho” de Teixeira Heizer foi realizado e ele provou que era possível. Abriu, como analisou Luiz Mendes, “uma picada para um caminho de sucesso da TV Globo”. No entanto, o que Heizer não esperava era a reação da direção. “O gasto foi muito acima do que eu esperava. Já estava com tudo em andamento, não tinha como recuar. Eu acreditava que esse custo seria compreendido pelo sucesso que a operação representaria”, comenta Heizer, que foi demitido pouco tempo depois. “Mas já estava implantado no coração da gente a possibilidade de transmitir o futebol”, conclui ele. Cinco anos depois, a globo transmitia sua primeira Copa do Mundo, no México.

A evolução da parte de equipamentos na televisão permitiu a cobertura direta dos estádios e coube à TV Cultura, em 1970, a primeira transmissão de um jogo de futebol. A Copa do Mundo de 1970 tem importância não só pela conquista do tricampeonato pela Seleção Brasileira, mas também pelo fato da televisão estar transmitindo e, embora ainda com poucos brasileiros dispostos do aparelho, mobilizando o país através da narrativa de Geraldo José de Almeida, que gritava o gol dizendo “lindo, lindo, lindo”. Uma forma mais descontraída em relação a outro grande nome da transmissão esportiva na tv, Walter Abraão.

¹⁹⁴ Aqui também o jornalismo esportivo contribui para o desenvolvimento do jornalismo em geral. Essa utilização dos motoqueiros passa a ser adotada nos anos 80 pelas emissoras para ganhar tempo na edição dos telejornais, já que não se tinha recurso para a transmissão de vivo na época.

¹⁹⁵ Texto do repórter Tadeu Shmidt, no **Programa Esporte Espetacular**, da TV Globo, no dia 25 de dezembro de 2005.

Foram poucos os que conseguiram ver a primeira transmissão a cores¹⁹⁶.

Carlos Drumond de Andrade, em uma de suas crônicas no **Jornal do Brasil**, em 1970, faz referência à distinção entre ele e milhões de brasileiros, que assistiam em preto e branco e os que foram convidados pela Embratel para uma transmissão experimental a cores.¹⁹⁷ O poeta traçava uma distinção entre as duas transmissões bem interessante. A transmissão em preto e branco permitia ainda o exercício da imaginação que a narrativa do rádio sempre preservou e estimulou.

No momento, somos milhões de brasileiros vendo a Copa do Mundo em preto e branco, e algumas dezenas vendo-a colorida. Faço parte da primeira turma, porém, não protesto contra o privilégio da segunda. Talvez até sejamos nós, realmente, os privilegiados, pois nos é concedido o exercício livre da imaginação visual, esse cavalinho sem freio. Podemos ver o estádio de Jalisco recoberto das tonalidades mais deslumbrantes, os atletas mudando continuamente a matiz, fusões e superposições cromáticas...Pelé, o mágico, vira arco-íris, na instantaneidade e gênio de duas criações. E tudo é ballet de cor a que vamos assistindo ao sabor da inventiva, na emoção das jogadas, desde que sejamos capazes de inventar...Levam desvantagem em relação a nós, os de imaginação solta.¹⁹⁸

A tecnologia trouxe para os narradores o desafio da precisão, mais a possibilidade deste progresso servir como facilitador pela possibilidade de ajustar e corrigir sua transmissão pela quantidade de ângulos e informações que as imagens oferecem. A TV Cultura, no começo dos anos 90, assegurou os direitos de transmissão do Campeonato Alemão, onde a disposição das câmeras, entre elas guias atrás dos gols; a colocação de trilho na lateral do campo, com cinegrafista acompanhando a partida bem mais próxima e em cima do lance, provocaram uma grande revolução no conceito de cobertura dos jogos pela tv.

Foi ainda nesta época que vimos, ainda pela transmissão alemã, melhores momentos, usando-se música como trilha. Além disso, as imagens do narrador e do comentarista na cabine, na ESPN, canal fechado, especializado em esportes, trouxe

¹⁹⁶ A primeira transmissão para todo o país foi da Festa da Uva, em 1972, em Caxias do Sul. Mas, antes, houve uma experiência.

¹⁹⁷ Experiência realizada em Itaboraí, interior do Estado do Rio de Janeiro.

¹⁹⁸ ANDRADE, 2002, p.113

como novidade a colocação do placar e cronômetro no canto do vídeo, como mais uma informação para o telespectador.

Não há como negar que a televisão trouxe aspectos mercadológicos para o futebol, como a figura do patrocinador, do marketing esportivo, mexendo com a estrutura do esporte de forma decisiva. A mudança também ocorreu na narração. As câmeras, dispostas em todos os cantos do campo, exigiam cada vez mais do locutor. A própria gestão das empresas de comunicação se rendeu ao espetáculo da cobertura.

A grande virada veio quando a Globo passou a enxergar o futebol como algo rentável, culminando com a criação de sua própria empresa para administrar eventos. Sendo assim, o horário do futebol passava a ser “empurrado” para depois da novela. Nos fins de semana os horários dos jogos poderiam ser tranquilamente manipulados de acordo com a grade de programação. A base lucrativa já estava montada, com direito a merchandising nos estádios, arenas e praças desportivas, compra e venda de transmissão, e até a subvenção dos clubes de futebol por meio de seus altíssimos contratos. A publicidade e as placas agora poderiam ser estáticas ou virtuais.¹⁹⁹ O importante é que a Globo assumia o controle dos eventos e transmissões.

Outra grande revolução aconteceu a partir do advento da computação gráfica, que passou a ilustrar as transmissões de futebol pela tv. Os recursos de utilização de dirigíveis e helicópteros nas coberturas também ofereceram novos ângulos do evento. Os locutores passaram a ser mostrados em todos os jogos, o que passou a interferir também na estética dos agora quase que “mestre de cerimônias” das partidas, envolvidos nas coberturas já desde as chamadas durante o **Jornal Nacional** ou novelas. Até metade dos anos 90, o torcedor aparecia mais como efeito cênico, mas depois passou a quase virar personagem dos jogos, muitas vezes compondo a dramaticidade de uma partida pela sua imagem de sofrimento, euforia ou indignação.

Hoje, as grandes transmissões envolvem mais de 100 profissionais, entre técnicos e jornalistas. Se nas primeiras transmissões as emissoras contavam com duas ou três câmeras, em 2005, durante uma partida da Seleção Brasileira em Goiânia, um chute de Kaká foi mostrado por 23 ângulos diferentes. Das câmeras pesadas às portáteis,

¹⁹⁹ SCHINNER, 2004, p.124

digitais, do microfone sem fio, daquele que capta o som da torcida e até o barulho da bola, o que aconteceu com a transmissão da televisão foi uma grande revolução.

Pelo fone, além de ouvir sua própria narrativa, o locutor ouve o comentarista, os repórteres, o coordenador da transmissão, o diretor, recebe textos, resultados de outros jogos. O que Galvão Bueno chama de “uma verdadeira sinfonia de vozes ao ouvido”. E tudo isso, sabemos, não é fácil de se fazer. Narrar uma coisa enquanto se está ouvindo outra é uma tarefa nada simples.

Os recursos oferecidos pelo editor de vt permitem que se ofereça um super-slow, com imagens captadas por lentes que aproximam a imagem até 86 vezes. É possível “buscar” o torcedor num canto da arquibancada e mostrar sua angústia ou vibração com riqueza de detalhes. Ou tirar a dúvida da posição em que foi cometida a falta, se ela existiu, e até o que foi dito entre os jogadores e o árbitro. O tira-teima surge em 86. Causa um transtorno para os árbitros, que ficam sujeitos a mais críticas sobre suas atuações, mas também causa um embaraço a mais para os narradores, que precisam ser mais precisos e cuidadosos na transmissão, sob pena do replay e deste tira-teima desmenti-los. A dúvida é sanada em imagens reais. O futebol pela televisão se transforma num grande videogame.

Em “Há um jogo no campo, outro no rádio e outro muito diferente na televisão”, Reinaldo Polito defende que há um jogo no campo, outro no rádio e outro muito diferente na televisão. Em seu artigo, ele comenta que os telespectadores que hoje acompanham a transmissão de Galvão Bueno, com todos os recursos tecnológicos à disposição, não têm idéia do quanto foi difícil o começo da transmissão pela televisão.

As modificações ocorridas nas narrações esportivas são excelentes exemplos de como a comunicação eficiente deve considerar a conjugação de inúmeros fatores, como a formação, a experiência, os anseios de quem fala; a história e a estrutura de vida de quem ouve, além do tipo de mensagem e do contexto onde todos os aspectos estão envolvidos. Se hoje a comunicação é rápida, vibrante, envolvente, é porque vivemos um momento em que prevalece essa

mesma velocidade e essa mesma agitação. Significa que não podemos mais falar hoje da mesma maneira como as pessoas se expressavam no passado.²⁰⁰

Polito afirma que os narradores esportivos sempre puseram muita emoção em suas transmissões, para dar mais vida e um colorido especial ao espetáculo, mas essa interpretação, por mais emocionante que tenha sido no passado, não é idêntica à que observamos agora. Essa maneira de falar dos locutores esportivos é, em essência, uma amostra significativa da vida das pessoas, representadas pelos torcedores, e da sociedade em que elas estão inseridas. “Aprendemos, ainda meninos, que havia um jogo no campo e outro diferente na televisão. A falta da emoção provocada pela ausência da torcida era compensada pela entonação da voz do narrador”.²⁰¹

O narrador e apresentador de rádio e tv, Carlos Fernando, em seu site pessoal, conta que mudou sua forma de narrar o gol depois que conversou com editores sobre a forma exagerada como alguns locutores gritam o gol, muito mais ao estilo do rádio do que da tv. “Resolvi mudar minha narração do gol, colocando em dez segundos o grito, o nome de quem marcou, o tempo e o placar do jogo. Sempre com emoção, mas sem exagero, claro. Lamentavelmente são poucos os que têm a noção de que as linguagens do rádio e tv são diferentes.”²⁰²

Também a televisão vive a duplicidade de momentos de transmissão. Existem aquelas em que o narrador está no estádio e as em que ele fica no estúdio (hoje, cada vez mais esse recurso é utilizado, em função da economia que isso representa para os empresários da comunicação).

Narrar um jogo pela tv é ficar com um olho no peixe e outro no gato. Se a narrativa for no estádio, ao que chamamos de externa, transmite-se acompanhando o jogo com um olho no campo e outro no monitor. Em linhas gerais o que vale é o que está no vídeo e a percepção da imagem é diferente da ação do campo em si. Isso porque os jogadores são focalizados em close, além dos recursos de replay, computação gráfica, gerador de caracteres e etc. Devemos estar sempre ligados ao que o espectador está recebendo em casa e não ao que só você está vendo. Já quando estamos no estúdio,

²⁰⁰ POLITO, 2005

²⁰¹ Ibidem

²⁰² FERNANDO, 2005

transmitindo pelo tubo (em off tube), nossa leitura de vídeo torna-se mais precisa e apurada. Como as imagens estão sempre distantes, devemos conhecer as características e as posições dos jogadores, pois nem sempre é possível identificá-los de outra maneira.²⁰³

A transmissão do futebol pela televisão sempre provocou polêmica. Seja por causa do hábito do torcedor com a narrativa do esporte pelo rádio, ou pela dificuldade de encontrar uma forma de transmitir pela tv, o fato é que ela ainda encontra resistência na arquibancada e na academia. Michael Laub diz que “a cobertura televisiva do futebol no Brasil é fruto de uma mística bem menos épica: a essência dessa forma muito particular de comunicação obedece a regras claras que dizem respeito a uma tradição nacional de engodo consentido.”²⁰⁴ Ele defende a tese de que o futebol hoje está muito dependente das cotas de patrocínio da tv e que, para se conseguir esse interesse do patrocinador, é necessário garantir a audiência e isso acaba acontecendo via narração. Laub lança a questão:

Mas o que explica que o público continue fiel, jamais desligando o aparelho diante dos exageros da transmissão esportiva? Uma resposta óbvia – e correta – é que o objeto de interesse é o jogo, e não o seu entorno ... Há uma hipótese possível: o relacionamento entre espectador e as equipes esportivas de TV no Brasil não é regido por um princípio de ética, mas de estética. Quando praticamente só havia rádio e jornal, o que se oferece à torcida ausente do estádio era narrativa para compensar a falta de comunhão da arquibancada, o sentimento de ‘nós contra eles’, os veículos apostavam numa linguagem de melodrama que compensasse, por meio da hipérbole, a lacuna emocional sugerida dessa distância. Com a TV era de se esperar que a abordagem fosse diversa: mais ponderada, menos reiterativa, já que a imagem é um fato que não precisa ser descrita literalmente. Mas isso não aconteceu: o melodrama segue, e o público gosta.²⁰⁵

De qualquer forma, não há como negar que a questão da espetacularização também passou a fazer parte do futebol, com direitos de transmissão e contratos de publicidade, além do envolvimento e promoção dos ídolos, dentro do conceito utilizado por Edgar Morin, tratando os jogadores como “olimpianos”. Há um indiscutível corte na forma como o futebol é encarado a partir da transmissão pela

²⁰³ FERNANDO, 2005

²⁰⁴ LAUB, 2002, p.105

²⁰⁵ Ibidem, p.105

televisão. Em uma linguagem mais adequada ao momento, ele passou a ser “globalizado” a partir do momento em que se tornou literalmente “mais visível”.

Enquanto o locutor de rádio se utiliza de um estilo mais descontraído, provocativo e dramático, o que transmite pela televisão mais informa e comenta do que narra. Esse movimento entre a narração e o comentário provoca um sentimento de maior distanciamento do narrador. A transmissão do futebol pela tv provoca também um outro desafio para o locutor. Além de estar preso à imagem do monitor, muitas vezes lamentando não ter a imagem na tela que está vendo acontecer, ele recebe no fone dezenas de informações e orientações, do diretor, do pessoal da retaguarda. Não é fácil ouvir e falar ao mesmo tempo, sem perder o ritmo.

Retomando o texto de José Maurício Capinussú²⁰⁶, há um momento em que ele relaciona uma série de problemas que constata na narração do futebol pela televisão. Uma delas é a imagem em desacordo com a narração, que ele justifica em cima de alguma precipitação cometida pelo locutor. Outra, muito sentida e constatada pelo torcedor, que é a mistura da função de narrador com a de comentarista. Aliás, os principais críticos de Galvão Bueno se apegam nisso para condená-lo.

Capinussú ainda acrescenta como aspectos negativos na transmissão televisiva o excesso de ex-atletas atuando nos comentários, sendo que muitos deles cometem, constantemente, verdadeiros “atentados” à língua portuguesa. Ele critica a participação de ex-árbitros criticando colegas, considerando uma falta de ética e o fato de muitos narradores e comentaristas transmitirem uma partida apresentando soluções que, nem sempre (e quem jogou sabe disso) são tão fáceis como parecem ao se observar o que dizem esses cronistas esportivos da tv.

²⁰⁶ CAPINUSSÚ, 2005, p.85

Entre os diversos nomes que se destacaram nas transmissões do futebol pela televisão está o de Walter Abraão. Um narrador que se utilizava de bordões na sua narrativa. Entre elas, a que se referia ao placar de 0 a 0. Walter dizia que o placar era “ÔXO”. Sua referência a todas as vezes que Pelé tocava na bola era “bola com ele”, o que para o torcedor era suficiente para entendimento total sobre de quem ele falava. Fazendo dupla com Ely Coimbra, que era o repórter de campo, Walter Abraão tinha um estilo sóbrio e, ao mesmo tempo, emocionante de transmitir o futebol.

Do inovador e caipira Walter Abraão da TV Tupi (que cunhou a expressão “bilance”, depois denominada mundialmente como replay) ao caricato Raul Tabajara (que inventava bordões e “conversava” com os telespectadores dos prédios vizinhos aos estádios); do ufanista e carismático Geraldo José de Almeida (autor do famoso bordão: “que que é isso, minha gente”?) às incursões de Mário Morais (que insistia em fazer tudo ao avesso). Nomes consagrados e eternizados na comunicação esportiva da tv, como Luís Noriega, Léo Batista, José Carlos Cicarelli, Fernando Solera, Alexandre Santos, Rui Viotti, Peirão de Castro e dezenas de profissionais que não podem ser esquecidos.²⁰⁷

Orlando Duarte é outro nome que veio do rádio, mas tem presença importante na transmissão pela televisão. Como narrador e comentarista, sempre manteve o estilo sóbrio e de imparcialidade diante do jogo, mesmo em momentos de grande emoção. Roberto Avalone é outro que se projetou na transmissão pela tv. Bem como Milton Neves, hoje apresentando programa esportivo na tv e responsável pela introdução definitiva do marketing nos programas de esportes (posição que já foi questionada por vários outros profissionais da crônica esportiva).

Luciano do Valle é o responsável por um período importante do jornalismo esportivo na tv. Foi um dos nomes de destaque na TV Globo, no início das transmissões dos jogos de futebol. Mais tarde, ele provocou um grande impacto na audiência da TV Globo quando propôs e implantou na TV Bandeirantes uma programação esportiva forte. Luciano sempre adotou um estilo mais radiofônico e empolgante na narração. Teve um papel importante na projeção que foi dada ao vôlei

²⁰⁷ SCHINNER, 2004, p.54

através da iniciativa de Carlos Artur Nuzmam (ex-presidente da Confederação Brasileira de Voleibol e atualmente à frente do Comitê Olímpico Brasileiro).

Em sua narração, Luciano do Valle sempre usou a emoção ao extremo, optou pelo grito do gol demorado, tal qual os locutores de rádio. Carrega o crédito de melhor do país para muitos torcedores que se mantêm fiéis a seu estilo. Forma de narrar copiada por narradores mais novos na tv.

Ao lado de Luciano, grandes nomes. Um deles, Alexandre Santos, narrador e responsável por programas que rememoram os grandes gols (Gol, o Grande Momento do futebol foi o mais famoso), ficou conhecido pelo bordão: “guardooooou! Certo, certo”. Na Bandeirantes, junto com Luciano, atuaram Osvaldo Pascoal e Elia Júnior, nomes importantes da reportagem esportiva e que também têm sua origem no rádio. Jota Júnior é outro da “escola” de Luciano. Marco Antônio, também narrador, criou o bordão “afunda, afunda” quando o jogador ia finalizar em gol.

Galvão Bueno é o dono da maior audiência e da maior polêmica. Ele é o locutor mais visto e assistido, até porque, com os direitos de transmissão adquiridos pela TV Globo, Galvão fica mais exposto. Por isso, recebe mais críticas e tem uma rejeição muito grande. O seu “bem amigos da Rede Globo”, bordão utilizado na abertura das suas transmissões, acaba não sendo tão querido. Muitos o criticam pelo excesso de opinião que emite, especialmente se o jogo é da Seleção Brasileira.

Outra crítica à narrativa de Galvão é a sua incontrolável mudança de humor se algo não está bem na transmissão, se sua opinião não é a mesma do comentarista ou do analista de arbitragem e até mesmo quando a partida é ruim. Por outro lado, seus admiradores destacam sua preocupação com a audiência e a informação que passa durante a narração. Galvão também vem do rádio e sua narrativa costuma ser redundante, transmitindo aquilo que o torcedor está vendo.

Da mesma forma que vários narradores buscaram inspiração em Luciano do Vale, Galvão Bueno criou também o “Padrão Galvão de Qualidade”, com seguidores bem fiéis ao estilo, tais como Cléber Machado, Luís Roberto e Maurício Torres. Da extinta Tv Manchete é importante lembrar o nome de Paulo Stein, que formou uma equipe respeitada ao lado de Alberto Leo, Márcio Guedes, Renato Incarnação, José Ilan, Marcos Garcia, time onde atuou João Saldanha também.

Tal como Osmar Santos fez no rádio, um nome se destaca pela forma diferenciada como acrescentou seu estilo de transmissão na televisão: Silvio Luiz. Talvez seja ele o único narrador que trouxe uma pista de como pode ser um caminho para que a tv encontre um estilo próprio, menos presa ao formato do rádio, de transmitir o futebol.

Debochado, gozador, irreverente, imprevisível e com uma qualidade incomparável, narra os jogos pela televisão como se fosse um torcedor à beira do alambrado. Xinga os jogadores que erram passes, vibra os ataques bem-feitos, critica o juiz e os bandeirinhas. Enfim, faz tudo o que o torcedor gostaria de fazer se estivesse perto do campo e pudesse ser ouvido pelos jogadores. Sua coragem de romper com os padrões impostos pelos meios de comunicação faz dele um narrador diferente, interessante, que talvez nunca mais se encontre um substituto.²⁰⁸

Ainda entre os narradores, destaque para Januário de Oliveira, na TVE, e para Fernando Sasso, principal nome da transmissão em televisão em Minas Gerais. Hoje, Rogério Corrêa, Marco Antônio, Cléber Machado, Jarson Goulart, Milton Leite e Eduardo Moreno. Entre os comentaristas, um que sempre teve mais a “cara” da tv do que no rádio, embora tenha atuado também no segundo, é Juca Kfourri. Saldanha atuou também na tv e brilhou tanto quanto no rádio e no jornal. Encerrou a carreira na TV Manchete, na Copa do Mundo da Itália, morrendo inclusive durante a competição. Outro nome que brilhou no rádio e também na tv como comentarista foi Rui Porto.

João Saldanha, Rui Porto, Armando Nogueira e Sandro Moreira formaram um time de primeira linha nos comentários na televisão. Hoje os nomes de

²⁰⁸ POLITO, 2005

destaque vêm sendo Mauro Beting, João Zanforlin, Maurício Noriega, Paulo César Vasconcelos, Raul Quadros, Paulo Vinícius Coelho e Alex Escobar. Sérgio Noronha, que também veio do rádio, recebe críticas pela dificuldade de adaptação de um meio para outro. Mas foi no comentário da transmissão do futebol pela televisão que também está focada outra polêmica: a inserção de ex-jogadores num campo onde era (ou deveria ser) restrita à participação de jornalistas.

Luciano do Valle foi um dos maiores incentivadores desta prática. Rivelino foi um dos primeiros em um “time” formado por Casagrande, Pelé, Falcão, Gérson, Neto, Dada Maravilha, Waldir Espinoza.

Na reportagem, destaque para Mauro Naves, Luís Nachibin, Tino Marcos, Roberto Tomé, Guilherme Mendes, César Augusto, Gilson Ribeiro, Carlos Seletto, Décio Lopes, Ádison Coutinho, Vinícius Nicolete, entre outros. Na apresentação, Fernando Vanucci, Léo Batista, Marcelo Barreto e Elia Júnior.

Entre as mulheres, a participação maior fica no campo da reportagem e apresentação de programas esportivos. Isabela Scalabrini é uma das pioneiras de destaque. Outros nomes, Glenda Koslowisk, Cléo Brandão, Lara Bastos, Simone Melo, Mariana Becker, Ana Luíza Castro, e até Fátima Bernardes, eleita em 2002 a musa da seleção.

6.2 UMA DESCOBERTA

Em meio a toda reflexão sobre a dificuldade que a televisão tem em ajustar uma narrativa do futebol mais apropriada aos recursos que dispõe, especialmente a imagem, a orientação de um trabalho de conclusão de curso do aluno Francisco Ângelo Brinati, na Faculdade de Comunicação da UFJF, trouxe-nos uma observação e

uma descoberta: Sílvio Luiz. Ele é, provavelmente, o que já encontrou a fórmula de transmitir o futebol pela tv sem cair na mesmice. Claro, com seu estilo próprio e, curiosamente, não imitado até hoje. Por isso, merecerá uma abordagem especial.

Enquanto em todos os grandes nomes que despontam na narração do futebol na tv há uma percepção clara da influência da narrativa do rádio, Sílvio se diferencia, com a plena consciência de que é responsável por uma transmissão absolutamente ajustada ao meio. Filho de uma atriz de rádio, conseguiu que a mãe o colocasse trabalhando no meio desde pequeno, na Rádio São Paulo. Em 1952 Sílvio Luiz já fazia parte da equipe da TV Paulista, que mais tarde, precisamente em 1964, se transformaria em TV Globo Paulista.

A TV Paulista tinha o objetivo de enfrentar a liderança da TV Tupi e resolveu investir na formação de uma equipe de esportes. Moacir Pacheco Torres foi convidado para ser o narrador. Nos comentários, Leônidas da Silva (ex-craque da Seleção e do São Paulo) e, analisando a arbitragem, José Jazetti. Para reportagem de campo, o escolhido foi Sílvio Luiz. Já nesta função ele demonstrava uma preocupação em ter uma conduta profissional que diferenciasse o trabalho do repórter de rádio para o de tv.

Em 1953, com a criação da TV Record, de São Paulo, com a presidência de Paulo Machado de Carvalho, surgia mais uma equipe de esportes na televisão. Leônidas foi convidado e levou Sílvio Luiz. Só depois de ter passado por algumas experiências no esporte na televisão é que Sílvio passou por equipes esportivas em rádio. Foi árbitro de futebol e teve sua primeira chance de narrar em 1976. A morte de Geraldo José de Almeida deixou a Record sem seu nome principal na narração. Ao lado de Hélio Ansaldo, Sílvio começou a fazer revezamento entre narração e comentários da

partida. No campo, como repórter, Flávio Prado. O torcedor gostou do novo estilo que surgia.

Sílvio ousou e levou o humor, a descontração, o nonsense e uma ácida ironia para o campo de futebol. Ele sabia que seria necessário encontrar um caminho novo na Record, que teve grandes narradores como Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida. Jamais poderia seguir o caminho trilhado por eles. Começava a nascer um estilo único de locução esportiva. Sílvio vai, aos poucos, rompendo com o padrão clássico de narração em televisão e passa a fazer brincadeiras, criar bordões e até a avisar no ar que havia problemas técnicos na transmissão... pela primeira vez um narrador de televisão rompia com a escola do rádio para comunicar-se de maneira inovadora.... Sílvio Luiz abandonava o até então único modo de se transmitir futebol, e finalmente libertava a imagem na televisão, percebendo o que era evidente: o telespectador estava vendo o que ocorria. Não era preciso dizer o que ele já sabia.²⁰⁹

Sílvio Luiz trouxe para a transmissão do futebol na tv o comportamento do torcedor da arquibancada e do que vê o jogo pela televisão e comenta com quem está ao seu lado ou sozinho. Ele cria, inclusive, um diálogo com o telespectador. Ao contrário de descrever cada jogador que tocou na bola e de utilizar a redundância, já apontada neste trabalho como um aspecto negativo da narração televisiva, ele apresenta um estilo que foge ao óbvio.

Esse chamado de atenção para o estilo Sílvio Luiz como uma possibilidade diferenciada de transmissão do futebol na tv veio acompanhada de um desafio. A jornalista Gesane Luchese, apresentadora da TV Alterosa (Juiz de Fora-MG), sabendo da pesquisa que estava sendo desenvolvida, sugeriu que fizesse o teste definitivo. Ouvir Sílvio Luiz e outros narradores da tv com os olhos fechados. Era o que faltava. Enquanto é possível saber o que está acontecendo no jogo sem a imagem, ouvindo a descrição dos outros narradores, com Sílvio Luiz isso não é possível. Ele deixa que a imagem fale, ocupe seu papel, e ele faz o dele.

Em vez de narrar o óbvio, ele ia além, ampliava os limites da tela, cantando o lance seguinte, pedindo marcação e deslocamentos, apontando os jogadores em melhores condições para a seqüência da jogada, exatamente como um torcedor na geral. A forma como ele fazia isso também era um choque: era um narrador de televisão gritando frases de arquibancada: “dá,

²⁰⁹ WILLIAM, 2002, p.133

dá pra ele”, “encosta para receber”, “tá livre na ponta”, “cada um pega um”, “vai chorar na cama que é lugar quente”, “se mexe no ataque”.²¹⁰

É justamente no público do futebol, no comportamento do torcedor na arquibancada ou em casa, vendo uma partida, que Sílvio encontra os seus diversos bordões. Ele admite que busca na transmissão que faz assimilar o que o torcedor pensa.

Eu não estudei este troço aí. Eu achei que você ia ter que estar em casa, vendo a televisão, e quem estivesse transmitindo o jogo teria uma conversa com você... Você tem que estabelecer um diálogo... você ser obrigado a ouvir aquilo que você está vendo é o que mais me irrita na transmissão da tv. Pô, eu estou vendo que o nego chutou com a perna direita, estou vendo que o nego cabeceou... Tem gente que gosta, pois vai ao banheiro e fica ouvindo, ou alega que é para quem tem deficiência visual, então seria necessário este tipo de narração redundante. Mas estas pessoas com deficiência visual são uma minoria... O problema é a imagem. Ela te ajuda e te derruba. Como você dá emoção a uma coisa que o sujeito vê que não tem emoção? Lateral toca para o zagueiro e esse recua para o goleiro. Qual é a emoção do lance? Você pode criticar aquilo: “isso é uma palhaçada”, a emoção que você pode dar é essa aí. É legendar a imagem com um tom de voz um pouco mais alto.²¹¹

Entre alguns bordões que Sílvio Luiz criou estão alguns famosos, que se tornaram clássicos e que o identificam junto ao torcedor de futebol. “Olho no lance” é um dos mais conhecidos. Acontece quando surge um perigo de gol e ele chama a atenção do telespectador. “Pelas barbas do profeta” e “Pelo amor dos meus filhinhos” é a referência a uma jogada infeliz. “O que é que só você viu” é a chamada para a participação do repórter, já o colocando dentro do espírito da sua transmissão, ou seja, ele está pedindo algo que a imagem já não tenha mostrado ao torcedor.

Se o jogo não está bom, ele diz: “está todo mundo como o Papai Noel”. Se a jogada foi boa, “papai gostou”. O gol é assim: “Ééééé... é do Palmeiras. Foi, foi, foi, foi eeeeeleeee. O craque da camisa número...”. Expressões referentes a algumas jogadas: “olha o ladrão”, “entortou a bigorna”, “balançou o esqueleto”; “mandou um canudo”; “ficou todo arrepiado”; “de carrapeta”, “na orelhinha da girafa”, “pega a raspa do tacho”. Se o goleiro vai arrumar a barreira, ele diz: “olhando pelo buraco da fechadura”.

²¹⁰ WILLIAM, 2002, p.133

²¹¹ ANEXO 1

Quando opta por falar como o torcedor, costuma usar expressões como “mete o bico nela” ou “sai, louca”, pedindo para alguém tirar a bola da zona de perigo. Como qualquer outro narrador, em jogos da Seleção Brasileira, Sílvio Luiz libera ainda mais o lado torcedor, mas sem ser irritante como outros. Ele se dá ao direito de dizer que “a bola é nossa”, “cuidado com os home”, “é mais um gol brasileiro, meu povo”. Se a Seleção toma um gol: “xi, deu zebra”, “queimou o filme aqui”.

Mas o torcedor que ouve Sílvio Luiz também pode ver sua transmissão, enquanto o jogo está morno ou sem qualquer lance de perigo, se transformar em algo mais inusitado. Com irreverência e deboche, ela já deu receita de bolo, passou a falar dos prédios vizinhos aos estádios, ou acusou que seu celular estava tocando e, muitas vezes, o atendeu. Outra contribuição que ele deu às transmissões de tv foi a introdução de vinhetas musicais.

Eu e o cara que fazia o som para a transmissão separávamos, durante a semana, e combinávamos, por exemplo: o sujeito levava uma porrada, caía, colocava a mão no joelho e eu dizia, “o que será que a Gal Costa falou disso aí? E entrava a música, “dessa vez, doeu, demais”. Outra coisa, o goleiro que tomam um gol, “e o Jair? O que o Jair fala?”. “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Entendeu? Você ligava as situações. A gente passava horas na discoteca separando as frases e de tempos em tempos mudávamos. Você tem que criar.²¹²

Esse jeito de “conversar” com o torcedor, de buscar algo além da imagem é encontrado de forma mais reduzida em transmissões de Walter Abrahão, que tentava fugir do óbvio e usava metáforas. Sílvio admite que sua maior inspiração foi Raul Tabajara, que também busca dialogar com o telespectador. Mas ele mesmo garante que seu estilo é individual e ainda não imitado pelos narradores. Até porque, segundo Sílvio, a cópia seria logo identificada.

²¹² ANEXO 1

7 NARRADORES E TORCEDORES ENTRAM EM CAMPO

Além de procurar embasamento na história e toda a discussão teórica feita sobre o futebol e essa relação tão especial que ele tem com o povo brasileiro, intermediada pela mídia, a busca pela comprovação da hipótese levantada neste estudo não teria como fugir à consulta aos locutores e torcedores. Extremos do processo de comunicação, ligados pela narrativa, seja na tv ou no rádio, essas pessoas “entram em campo” para contribuir para alguns aspectos que podem ter ficado de fora nos capítulos anteriores ou reforçá-los.

Não se trata de uma pesquisa com rigor científico, o que não invalida a iniciativa, visto que ficaria uma lacuna em toda a argumentação sem que se abrisse um espaço para ouvir os “atores” que fazem parte de todo o processo. Alguns narradores (rádio e tv) e cronistas esportivos (inclusive de impresso) foram contatados pessoalmente, em partidas realizadas no Estádio Municipal Radialista Mario Helênio, em Juiz de Fora, e no Estádio do Morumbi, São Paulo. Outros foram entrevistados por email.

Quanto aos torcedores, todas as entrevistas foram realizadas nos estádios. O objetivo da pesquisa era focar a conversa com aqueles que estavam nas arquibancadas tendo como companhia, o rádio. Essa orientação buscou reforçar o entendimento das razões que fazem com que um número considerável de espectadores que vão para o estádio sintam tanta necessidade da tradução do espetáculo pela rádio.

As entrevistas variaram entre os mesmos segmentos ouvidos, buscaram ilustrar e contribuir para a discussão. Estão, na íntegra, nos apêndices, oferecendo a oportunidade para futuros desdobramentos. Destes dois extremos – narrador, torcedor – muita coisa interessante surgiu. Desde a questão da credibilidade, da fidelidade ao que

se está narrando, passando pela emoção, palavra mais citada entre os entrevistados, a discussão traz elementos importantes, controversos e que merecem algumas análises mais profundas.

7.1 O QUE PENSAM NARRADORES, COMENTARISTAS E REPÓRTERES.

A preocupação inicial da entrevista com os jornalistas e radialistas era buscar, nestes profissionais, qual a percepção que eles têm da diferença da narrativa do futebol no rádio e na televisão. Um ponto esperado e de cara observado por alguns está ligado ao ritmo. A constatação, aparentemente óbvia, de que o rádio imprime uma velocidade maior à narrativa do que a televisão veio acompanhada de explicações interessantes. Vanderlei Nogueira (locutor da Rádio Jovem Pan), por exemplo, lembra que esse ritmo mais lento permite ao narrador da tv “colocar um tempeirinho a mais”.²¹³

Ele acrescenta como aspecto importante a “impressão vocal” utilizada pelo narrador de rádio. “Ouvir futebol pelo rádio é muito mais emocionante”, assegura Vanderlei, que assim explica o porquê de tantos torcedores manterem o hábito de ouvir o jogo pelo rádio, mesmo quando estão com a televisão ligada. Ele acha que houve mudança na transmissão do rádio quando surgiu a transmissão pela televisão. E explica: “o narrador passou a se preocupar em ser mais fiel com o que está acontecendo em campo”. Como consequência, Vanderlei acha que houve a perda de um pouco do romantismo, em favor da precisão.

Flávio Prado, comentarista, acha que não houve mudança na transmissão do rádio, que ele considera com estilo próprio, bem brasileiro. Ele introduz uma definição para a utilização do rádio pelo torcedor bastante interessante: “ele é uma

²¹³ APÊNDICE 18

muleta para o torcedor”.²¹⁴ Flávio acha que o hábito de se levar o radinho para o estádio e também de preferir o áudio dele em relação ao da televisão é uma questão de hábito. Quando o futebol passou a ser transmitido pela tv já era uma rotina a audiência radiofônica do jogo.

Outro radialista, Alberto Simões, da Rádio Bandeirantes, também acha que não houve mudança na transmissão do rádio com o advento da tv. “O jeito de trabalhar do homem do rádio não alterou absolutamente nada, pelo contrário, valorizou ainda mais a transmissão, porque o torcedor está vendo o jogo pela tv e fica acompanhando pelo rádio e vê o quanto é eficiente e como é mais difícil trabalhar no rádio”²¹⁵, defende Alberto.

Quando é convidado a fazer uma comparação entre as duas transmissões, Alberto Simões, que já atuou na função de narrador nas duas mídias, traz uma observação importante quanto ao trabalho da tv. Segundo ele, o grande desafio do locutor na televisão é que, ao relatar algo que se está vendo, esta opinião está em confronto com a do espectador, o que realmente revela uma questão pouco observada. Ele lembra que muitos narradores e comentaristas mudam de opinião com o recurso do replay ou tira-teima, o que fragiliza a credibilidade.

Imaginário do torcedor. É nisso que se fundamenta a argumentação para se explicar a paixão do público pela narrativa do rádio. É nisso que Oswaldo Reis, locutor da Rádio Globo, de Belo Horizonte, acredita que esteja a principal diferença entre os dois relatos. Por causa desta “magia” ele acha que o rádio jamais deixará de ter seu prestígio. “Você faz o torcedor acompanhar o campo de futebol na sua cabeça, no seu imaginário”²¹⁶, explica Oswaldo, que completa dizendo que, para que isso se

²¹⁴ APÊNDICE 19

²¹⁵ APÊNDICE 20

²¹⁶ APÊNDICE 22

concretize, é necessário transmitir o jogo com velocidade, boa dicção e centralizar a narrativa em cima de onde está a bola.

Seja no rádio ou tv, Oswaldo Reis acha que os bordões criados pelos narradores dão um toque muito especial às transmissões de futebol no Brasil. Para ele, outro segredo da conquista do torcedor pelo rádio está no tempo que o veículo dedica para a cobertura do espetáculo. O fato de trabalhar horas antes do jogo, na chamada pré-hora esportiva e também na repercussão da partida, com o desdobramento nos vestiários, resultados de outros jogos e etc, segundo Oswaldo, acabam sendo mais um fator de retenção da audiência.

José Eduardo Araújo, comentarista esportivo no rádio de Juiz de Fora, Minas Gerais, concorda com o narrador de Belo Horizonte. O mistério, para ele, está na interação que se cria com o torcedor, que começa antes da partida ser jogada e vai até aos vestiários, com os efeitos causados pelo jogo, relatados pelos repórteres. “A torcida tem a curiosidade de saber o que acontece nos camarins, nos vestiários e isso aí faz justamente essa mágica do rádio”²¹⁷, afirma José Eduardo, que garante que já viajou por várias partes do mundo e não encontrou ninguém que transmita o jogo como os narradores brasileiros.

O jornalista Arthur Moraes, da Rádio Itatiaia, de Belo Horizonte, também aposta que boa parte do sucesso do rádio está, além da vibração e emoção do narrador, explicada pela “jornada esportiva que começa mais cedo, você cativa o ouvinte”.²¹⁸ Já a assessora de comunicação e ex-editora de esportes da TV Bandeirantes, Dimara Oliveira, destaca que o locutor na televisão, com o suporte da imagem, passa uma referência para o telespectador, enquanto o de rádio tem que passar a emoção do que não se está vendo. No entanto, para ela, uma coisa deve ser comum aos dois narradores:

²¹⁷ APÊNDICE 23

²¹⁸ APÊNDICE 26

“hoje, tanto na tv quanto no rádio a exigência maior é da boa informação do locutor. O nível de exigência do telespectador e ouvinte é cada vez maior e ele não admite um locutor sem informação”.²¹⁹

Um dos editores do Globo Esporte BH, da TV Globo, Leonardo Camargo, acha que quem narra para a televisão não precisa ser tão descritivo quanto quem faz isso no rádio. “O locutor de rádio tem que criar uma história muito maior, precisa ser vibrante, criativo. Se o de tv fizer isso fica ‘over’, fica exagerado”²²⁰, diz ele. Um outro ingrediente que Leonardo coloca para a discussão é o fato de muitos narradores no rádio se identificarem com determinada torcida, o que ele acha que não acontece na tv, ou seja, que o locutor na televisão consegue um maior distanciamento.

Essa consideração do editor do Globo Esporte talvez seja influenciada pelo sistema adotado por algumas emissoras de rádio de Belo Horizonte, já citada em capítulo anterior, onde, quando há coincidência de horário nos jogos de Atlético e Cruzeiro, acontece o revezamento. À medida que determinado locutor é sempre escalado para acompanhar um time e outro para acompanhar a outra equipe, fica criado o vínculo. Mas outros entrevistados justificam a mania de muitos torcedores de retirar o som da tv para ver o jogo ouvindo o rádio, justamente pela insatisfação com a postura dos narradores televisivos.

“Como o rádio é anterior à tv, o cara já tem intimidade com ele. Ele sente falta daquela vibração que o rádio tem. Às vezes o cara abaixa o áudio da tv porque muitas vezes ele tem birra com determinado narrador”²²¹, confirma Eduardo Monsanto, repórter da ESPN/Brasil, que também já atuou no rádio esportivo. Ele destaca que, quando o locutor transmite pela televisão sabe que o seu papel é o de “mero

²¹⁹ APÊNDICE 27

²²⁰ APÊNDICE 24

²²¹ APÊNDICE 25

complemento da imagem”, enquanto no rádio “o cara é responsável por construir tudo que vai passando pelo imaginário do ouvinte”.²²²

Eduardo acredita que o fato da transmissão pela televisão permitir que o torcedor tire as dúvidas leva o público a confiar mais neste tipo de narrativa, mesmo admitindo que a cobertura do rádio não será algo que desapareça em função de outros meios de comunicação. O locutor da Rádio Três Rios, Gilmar Jorge Bonsato²²³, acha que a questão da credibilidade não é maior em um ou outro meio. Para ele, se o rádio ganha com o imediatismo, com o fato de ter que narrar na hora que a jogada acontece, a televisão se apropria do recurso da edição para reforçar a sua narrativa.

Eu acredito que a linguagem do rádio é diferente da de tv. (...) Ela não precisa de entrar em nuances que o rádio entra. (...) por sua instantaneidade, sua rapidez de informação, [o rádio] é um veículo que tem o seu lugar tranqüilo, independentemente da internet e da tv com mil câmeras,²²⁴

aposta Sérgio Américo, repórter da Rádio Tupi. O editor de esportes do jornal **O Globo**, Ary Cunha, também considera muito diferentes os dois meios, o que, segundo ele, pode ser facilmente constatado. “Se você puser um narrador de rádio para narrar um jogo pela tv fica uma coisa estranha”²²⁵, diz ele, que ressalta que a carga de emoção empregada pelo locutor da rádio traz uma riqueza de detalhes muito maior que o da tv, uma vez que a imagem fala por si só.

Em sua entrevista Ary Cunha trouxe uma outra comparação entre as duas narrativas, fazendo analogia às novelas. Ele lembra toda a dramaticidade que as novelas no rádio traziam e a forma como elas também se tornaram admiradas pelo público na tv. “No rádio elas mexiam muito com o imaginário dos ouvintes. Na tv elas têm seu

²²² APÊNDICE 25

²²³ APÊNDICE 28

²²⁴ APÊNDICE 21

²²⁵ APÊNDICE 29

espaço, sua importância, mas em linguagem totalmente diferentes e igualmente apaixonantes”.²²⁶

O repórter da Rádio Panorama, de Juiz de Fora, Marco Aurélio, acha que o torcedor que não está habituado a ver o jogo pela tv e ouvir pelo rádio, sentirá alguma dificuldade. “É uma sensação diferente, porque quem tem o costume de ouvir sempre pela rádio, já tem aquela imagem criada na cabeça e pode até se assustar, porque o que ele vai ver na tv não tem a mesma rapidez que está acontecendo no rádio”.²²⁷ O locutor de tv Lair Reno discorda que ainda se tenha um grande número de torcedores que retirem o som da televisão e prefiram ouvir a transmissão pelo rádio. “Se isso for prática, eu acho que é uma minoria que faz isso”²²⁸, diz ele.

Sérgio Noronha, que se tornou conhecido como comentarista de rádio e que hoje se dedica apenas a comentar pela televisão, é outro que acha que a hipótese do torcedor optar pelo áudio do rádio em detrimento da tv é cada vez menor. “Isso é cada vez mais raro, porque a tv presta um serviço que o rádio não consegue prestar, que é repetir os lances. Hoje a tv tem dentro do gramado o mesmo número de repórteres. A tv te dá uma visão de jogo que o rádio não consegue dar”²²⁹, afirma ele.

Noronha reduz a audiência do futebol no rádio aos porteiros, motoristas de táxi, pessoas que não têm a possibilidade de ver o jogo. Para ele, quem tem chance de ver a partida na tv não ouve o rádio. “Colocamos hoje mais de 20 câmeras em cada jogo. Se há alguma coisa melhor do que isso, só estando no estádio”²³⁰, diz ele, que admite que o rádio seja mais emocionante, até porque nele é permitida a utilização de um certo exagero.

²²⁶ APÊNDICE 29

²²⁷ APÊNDICE 12

²²⁸ APÊNDICE 10

²²⁹ APÊNDICE 13

²³⁰ Ibidem

O exagero do narrador é aceito e faz parte da narração do rádio. Um certo exagero que até diminuiu um pouco ultimamente. Na televisão você está vendo aquilo e [o narrador tem a função] de explicar o que está acontecendo e, às vezes, fazer uma previsão do que pode vir a acontecer.²³¹

Luiz Roberto, narrador da TV Globo, também acha que são poucos os que tiram o som da tv e ouçam o áudio da rádio. Para ele, quem gosta de ouvir o jogo pelo rádio é um tipo de torcedor e outros que gostam da televisão são fiéis a ela. Para ele, a fatia que cabe ao rádio é a daqueles que estão no estádio ou não têm como ver o jogo pela tv naquele momento. “É muito mais difícil transmitir o futebol pela tv, na minha opinião”.²³² Luiz Roberto justifica dizendo que a narrativa do rádio é como complemento para um enredo que se está acompanhando. “Na transmissão pela tv eu não tenho a obrigação de dizer quem está com a bola e, na verdade, tento completar aquilo passando algumas informações sobre aquele sujeito, sobre aquele personagem, sobre aquela situação. É completamente diferente”.²³³

Luiz Roberto reconhece que ainda é forte o prestígio do rádio. Segundo ele, essa tv mais intensa é recente, de dez anos para cá. “Os nossos pais se acostumaram a acompanhar tudo pelo rádio, então eles têm uma relação com o rádio muito intensa e isso é difícil de romper e, ao mesmo tempo, eles criaram com as pessoas do rádio uma empatia”²³⁴, afirma o narrador. No entanto, Luiz Roberto acha que as novas gerações estão distantes do rádio.

Para o rádio é uma coisa ruim. Ele vai ter que procurar solução para isso. Porque o advento das novas mídias permite a este jovem acompanhar o resultado do jogo. O que faz o cara assistir ao jogo na tv ou ouvir pelo rádio? É basicamente a paixão e a neurose do torcedor pelo resultado. O torcedor não consegue esperar. Por isso o videoteipe não tem mais repercussão.²³⁵

O narrador da TV Globo ainda acrescenta que a tecnologia tem sido um fator importante para o crescimento da preferência da transmissão pela tv, que ele

²³¹ APÊNDICE 13

²³² APÊNDICE 14

²³³ Ibidem

²³⁴ Ibid.

²³⁵ Ibid.

considera um público mais eclético. Ele traz outra consideração importante, dizendo que a cobertura esportiva da televisão é mais de equipe, enquanto a de rádio está muito focada no narrador e o comentarista. Provocado pela hipótese principal da tese deste trabalho, Luiz Roberto diz respeitar a idéia de que o futebol seja eminentemente radiofônico em termos de narrativa, mas indaga: “numa final de Copa do Mundo, você vai preferir ver o jogo na tv ou ouvir o rádio?”.²³⁶

José Carlos Araújo, um dos narradores de rádio mais ouvido no Brasil, tem também algumas experiências em tv, e sai em defesa da transmissão radiofônica. O que Noronha aponta como vantagem para a cobertura da televisão é apontado como um diferencial a favor do rádio. “A tv trabalha com a imagem no esporte que joga com vinte e dois. Na telinha jogam sete, oito, seis. Na tv você não tem o clima do jogo. Você tem uma imagem fria daquilo que passa em determinado trecho daquele cenário”²³⁷, afirma o Garotinho.

José Carlos Araújo comenta ainda que existe um padrão de narração convencionalizado “que não tem que narrar o lance e o que você vê nas transmissões de futebol é o narrador e os comentaristas comentarem mais do que narrarem”.²³⁸ Garotinho acha que mesmo que a tv se torne cada vez mais portátil, como o rádio, o torcedor vai continuar optando pela transmissão radiofônica. “O rádio passa a ser um complemento da tv. Ele não está nem competindo com a tv. Ele é um complemento para a identificação dos jogadores e vendendo uma emoção que a tv não consegue vender”.²³⁹

A José Carlos Araújo foi feita uma pergunta específica sobre qual tipo de narrativa Charles Miller, que trouxe o futebol para o Brasil, iria preferir. Garotinho acha

²³⁶ APÊNDICE 14

²³⁷ APÊNDICE 1

²³⁸ Ibidem

²³⁹ Ibid.

que seria o rádio e lembra que houve uma mudança também na forma de transmitir o futebol nas rádios. Ele conta que antes era mais fácil porque o ritmo da partida era mais lento. O jogador dominava a bola, tinha tempo de olhar, parar e lançar. Hoje, quando ele domina a bola, já tem um ou dois marcadores em cima, o que obriga a jogada a ser mais rapidamente solta. Isso obriga o narrador a ser mais veloz também. “Prefiro o rádio até porque trabalho com o imaginário do ouvinte. Sempre que as imagens são criadas pelas palavras são muito mais ricas”²⁴⁰, garante o Garotinho.

A capacidade do rádio fazer sonhar é o argumento que Ronaldo Fernandes, da Rádio Três Rios, utiliza para demonstrar a sua admiração e a de tantas pessoas pela transmissão do futebol:

O narrador esportivo passa a emoção do jogo. O locutor do rádio acompanha melhor. Na tv, por exemplo, eu acho que o locutor deveria apenas dizer o nome de quem está com a bola. Já seria uma grande coisa porque o espectador está vendo se a bola ta na direita ou na intermediária. Não interessa o narrador dizer.²⁴¹

Para o jornalista Humberto Peron, colunista da **Folha Online** e repórter da **Revista Monet**, a construção do cenário para o torcedor explica a paixão vivida em torno do relato feito pelo rádio. “A grande diferença é que os narradores trabalham com a ilusão. Eles são obrigados a criar um cenário, já que eles não têm a imagem para ajudá-los. Por isso, os jogos transmitidos pelo rádio são melhores que os passados pela tv”.²⁴² Essa afirmação reforça a teoria de que a partida relatada no rádio é sempre “muito melhor” dada a empolgação e outros recursos utilizados na transmissão.

Peron acha que são dois mundos bem distintos os da narração no rádio e tv. Ele atribui aos locutores do rádio a criação de expressões que hoje permitem ao torcedor a facilidade de identificação do que está se passando em campo. Por outro lado, destaca que o papel do narrador de tv é não falar tanto, ser mais sóbrio e ficar o mais

²⁴⁰ APÊNDICE 1

²⁴¹ APÊNDICE 15

²⁴² APÊNDICE 2

atento possível para não errar. Peron é outro que acha que a explicação para muitos optarem pelo som do rádio em detrimento do da tv se dá por conta da antipatia que o torcedor tem por certos narradores.

Ary Rocco, da Rádio Jovem Pan, São Paulo, concorda com Peron no que se refere ao tipo de atuação que o locutor de tv tem que ter na transmissão do futebol. Ele considera imprescindível que o lance seja narrado em cima:

(...) uma vez que a imagem contribui para o entendimento do espetáculo por parte do telespectador. No caso do rádio, o locutor necessita trabalhar com o imaginário do seu ouvinte. Com isso, sua necessidade de descrição do universo da partida é muito maior que a existente na televisão.²⁴³

Na entrevista com Ary Rocco uma reflexão nova sobre toda a discussão que se trava sobre as duas narrativas vem à tona. Ele diz que prefere a transmissão feita pelo rádio, atraído pela dinâmica da narrativa radiofônica. E acrescenta: “ouvir uma partida via rádio demanda uma concentração maior do que assistir a mesma partida pela tv. Entro mais dentro do jogo ouvindo do que assistindo”.²⁴⁴

Eraldo Leite, repórter da Rádio Globo, Rio de Janeiro, acha que futebol sem emoção não tem graça. “Os próprios locutores de tv já perceberam isso e hoje narram com mais velocidade, quase chegando ao ritmo dos locutores de rádio, coisa inimaginável há dez anos”.²⁴⁵ Eraldo considera decisiva a confiança que o torcedor tem no narrador de rádio. “Ele confia plenamente na narração e no dia seguinte comenta com os amigos os incidentes do jogo. Por isso o lendário Waldir Amaral criou o slogan ‘É como se você estivesse à beira do gramado’”.²⁴⁶

Outra observação sobre a mudança na transmissão do futebol na tv está na informação em tempo real. Essa é a opinião de Ari Júnior, da Rádio Eldorado, de São

²⁴³ APÊNDICE 3

²⁴⁴ Ibidem

²⁴⁵ APÊNDICE 4

²⁴⁶ Ibidem

Paulo. “O rádio sempre fez isso e a tv passou a priorizar agora”²⁴⁷, diz ele, que também é um dos que justifica uma certa rejeição à narrativa da tv em função dos narradores. “Alguns locutores da tv são considerados bairristas ou identificados com determinado clube, o que provoca certa rejeição do telespectador”.²⁴⁸ Segundo Ari, no rádio isso é menos questionado.

Embora atuando no rádio, Ari Júnior confessa que mudou sua preferência em termos de transmissão.

Já preferi o rádio. Hoje prefiro a tv. A história do futebol se confunde com a história do rádio. Na escola, por exemplo, a molecada discutia qual era o melhor time, melhor jogador e melhor locutor do rádio. Hoje, a molecada nem sabe quais são os narradores do rádio. Perdeu a importância porque a tv transmite tudo.²⁴⁹

O jornalista e colunista Celso Itiberê, com larga experiência no jornalismo esportivo, entre todos os entrevistados, foi o que traçou a mais interessante distinção entre as duas narrativas. “A Tv depende da imagem e, portanto, faz uma narrativa que funciona como ‘legenda de identificação’ para aquilo que aparece na telinha. Há uma certa linearidade de ritmo, que privilegia o rigor em detrimento da emoção”.²⁵⁰ Para Itiberê, com isso, na transmissão feita pela televisão não há espaço para elaborações produzidas pela imaginação. Ele diz que o rádio joga muito mais com o sonho do ouvinte. “O gol para você certamente não é igual àquele que eu imagino, embora estejamos os dois na mesma emissora, ouvindo o mesmo locutor. Há mais espaço para que possamos usar a imaginação e, conseqüentemente, mais emoção”.²⁵¹

Celso Itiberê é crítico em relação à evolução da cobertura tão ressaltada em termos de transmissão esportiva.

Acho que tanto a tv como o rádio estão funcionando no piloto automático. Se excluirmos as evoluções técnicas (o melhor exemplo é o tira-teima) o resto é exatamente igual ao que era em 1990. Principalmente na tv, onde não

²⁴⁷ APÊNDICE 5

²⁴⁸ Ibidem

²⁴⁹ Ibid.

²⁵⁰ APÊNDICE 7

²⁵¹ Ibidem

conseguimos ainda fazer nada parecido com o que fazem os americanos nas transmissões de basquete na NBA.²⁵²

João Pedro Paes Leme, repórter da TV Globo, considera que quando o torcedor opta por ver o jogo na tv e ouvir a transmissão (áudio) pelo rádio ele está em busca de “uma espécie de releitura do que se vê em campo. Um tipo de interlocução que o ouvinte imagina ter ao seu lado”.²⁵³ Para ele, a narrativa na tv precisa ser menos óbvia.

Ainda assim, há momentos em que não se pode omitir mesmo o que pareça claro aos olhos de todos, como ‘toca para fulano, recebe de fulano’. Como norma, o locutor de rádio narra construindo uma história que seja visível ao ouvinte e o locutor de tv narra imaginando o que tem diante de si: telespectadores que observam uma fração do seu campo de visão total.²⁵⁴

Embora tenha crescido ouvindo futebol pelo rádio, João Pedro se inclui na geração mais ligada à tv. Ele considera a televisão a mais completa forma de comunicação que o jornalismo esportivo encontrou até hoje. “O importante mesmo é termos a compreensão de que o recurso do áudio-visual nos dá uma sensação muito mais completa do espetáculo, senão por todos os motivos implícitos, então apenas pelo fato de nos atrair por dois sentidos ao mesmo tempo. Este é o motivo principal do fascínio das novas gerações por tudo que se apresenta na tv”.²⁵⁵

7.1 E A GALERA, O QUE PENSA?

Por razões naturais, já que estavam sendo entrevistados antes e durante o jogo, os torcedores que foram ouvidos na pesquisa tiveram perguntas curtas e bem diretas. Houve apenas algumas variações, mas a maioria respondeu sobre o hábito de

²⁵² APÊNDICE 7

²⁵³ APÊNDICE 8

²⁵⁴ Ibidem

²⁵⁵ Ibid.

levar o rádio para o estádio, se costuma retirar o som da tv e preferir o som do rádio, qual a diferença entre a narrativa do rádio e da tv e em qual das duas transmissões confia mais.

Trinta torcedores foram ouvidos. Sentir mais emoção, identificar melhor os jogadores, compreender o que está acontecendo em campo. Estas são as justificativas apresentadas pelos entrevistados quanto ao fato de estarem acompanhados do rádio no estádio. Muitos confirmaram o hábito de levar o radinho sempre que vão a campo. A idéia de que o meio serve como “uma muleta”, como defende o jornalista Flávio Prado, se configura nas explicações dadas pelo torcedor para essa conduta.

Mas, e em casa, acontece realmente do torcedor tirar o som da tv e optar pelo áudio do rádio? Entre os ouvidos, por uma pequena margem (13 a 11), a maioria disse que não. Três admitiram que às vezes fazem isso, dependendo do jogo. Aqueles que responderam que têm este hábito têm justificativas diferentes, mas a mais citada é em função do interesse em acompanhar o resultado de outros jogos. Argumento também apresentado por alguns jornalistas.

Também foi perguntado aos torcedores o que falta às transmissões do futebol na tv. Wilson Villas-Boas, de 56 anos, diz que “falta o Galvão Bueno parar de torcer para um time durante a transmissão”.²⁵⁶ Edson, 36 anos, também faz críticas aos narradores na tv: “falta qualidade ao narrador. Não gosto dos narradores da Globo, tudo puxa-saco. Jogador dá um chute no gol e vira Pelé, tudo mentira, tudo fantasia”.²⁵⁷ Já Gilson Rezende, de 45 anos, considera que “falta a realidade. Falta fazer o futebol com mais emoção. O rádio é mais realidade”.²⁵⁸ Adilson, 39 anos, considera que “na televisão é tudo a mesma coisa, eles parecem que dizem sempre a mesma coisa. No rádio não, sempre tem emoção e coisa diferente”.²⁵⁹

²⁵⁶ APÊNDICE 31

²⁵⁷ APÊNDICE 53

²⁵⁸ APÊNDICE 32

²⁵⁹ APÊNDICE 33

Robson Almeida, 46 anos, garante que “a empolgação do rádio é o diferente. O rádio vibra. O pessoal floreia demais, porque nós não estamos vendo. De repente o cara fala que a bola passou raspando. Passou nada, mas emociona”.²⁶⁰ Para André Barbosa, 25 anos, a transmissão do futebol no rádio e televisão comprova que o locutor do rádio pode tornar uma partida diferente daquela que está sendo jogada.

Às vezes você não está acompanhando o jogo no campo e ouvindo pelo rádio o jogo é muito diferente do que o narrador está transmitindo pela rádio. Então, o locutor de rádio tem essa importância porque ele traz mais emoção para o ouvinte que está acompanhando, especialmente ao torcedor.²⁶¹

José Francisco, 32 anos, também concorda: “Parece que o jogo é bem melhor”.²⁶²

Cristian, 29 anos, acha que falta mais emoção ao locutor de tv. “Ele precisava transmitir com mais emoção, porque às vezes fala muito, dá muita opinião, mesmo que as vezes não condiz com aquilo que está acontecendo”.²⁶³ Já o torcedor Kleber, de 26 anos, reforça o que também outros cronistas esportivos anunciaram em termos de cobertura, como justificativa para o prestígio do rádio. “A diferença para a tv é que o rádio é mais completo, tem vestiário, tem tudo”.²⁶⁴ André reforça isso: “o repórter de rádio está na boca do vestiário, ele está presente com o treinador, já acompanha o clube durante a semana”.²⁶⁵

Outra pergunta feita aos torcedores, em que muitos entraram em contradição, foi quanto à credibilidade. Em qual das duas transmissões você confia mais? A essa pergunta surgiram respostas interessantes e que mostram razões para a preferência do torcedor por essa ou aquela cobertura. Wilson, por exemplo, diz que acredita mais na televisão “porque estou vendo ao vivo. O rádio é mais emocionante e a

²⁶⁰ APÊNDICE 36

²⁶¹ APÊNDICE 44

²⁶² APÊNDICE 46

²⁶³ APÊNDICE 49

²⁶⁴ APÊNDICE 50

²⁶⁵ APÊNDICE 44

televisão mais real”.²⁶⁶ Já para Noé, o rádio é mais confiável. “Porque o rádio tá no campo. A televisão eu tenho percebido que o jogo é na França e eles estão falando do estúdio”.²⁶⁷

Gilson também confia mais no rádio. “Eu sou mais o rádio. A tv às vezes fala em lances mentirosos”.²⁶⁸ Amarílio Silveira tem uma opinião curiosa: “O certo seria pela televisão. A gente está vendo os lances e no rádio eles aumentam um pouco, né? Tem esse aumento. Então, eu gosto mais do rádio e confio mais na televisão”.²⁶⁹ Luiz Xavier da Silva confia mais na tv porque teme que o locutor de rádio invente alguma coisa: “a televisão está mostrando ao vivo, você está vendo o que está acontecendo. No rádio, o locutor pode tentar inventar alguma coisa, mudar e você não tá vendo nada. Você está só ouvindo”.²⁷⁰

Está pergunta sobre a confiança maior em um ou outro meio foi feita a vinte e dois torcedores. Dez apontaram o rádio e dez apontaram a televisão, enquanto dois disseram que confiam em ambos na mesma intensidade. Cabe ainda registrar algumas opiniões emitidas pelos entrevistados que contribuem para a tese deste trabalho, principalmente quando em confronto com o que dizem aqueles que fazem parte da outra ponta do processo de comunicação, os narradores e cronistas esportivos em geral. Expressões como “o rádio é verdade”; “nós ficamos à mercê da fidelidade do transmissor”; “no rádio você vive uma emoção diferente porque você tem imaginar. Isso acaba exercitando a mente”; “o radialista põe muita dramaticidade. De repente, uma jogada, o cara chuta e a bola passa longe do gol. Ele fala de um jeito que parece gol”; “Na televisão não tem tanta transparência”; “Eu vejo a imagem ouvindo rádio”.

²⁶⁶ APÊNDICE 31

²⁶⁷ APÊNDICE 34

²⁶⁸ APÊNDICE 43

²⁶⁹ APÊNDICE 47

²⁷⁰ APÊNDICE 48

8 CONCLUSÃO

A primeira pergunta que surge neste final de etapa de estudo é se a hipótese apresentada para a realização deste “vôo ensaístico” foi comprovada? Antes de se responder a isso, necessário se faz o esclarecimento de que, em momento algum, o objetivo deste trabalho foi o de exaltar um meio de comunicação e denegrir outro. Essa possível interpretação foi identificada ao longo da pesquisa, especialmente entre os jornalistas, que pareciam estar diante de um dilema maniqueísta envolvendo rádio e televisão.

Ao partir da hipótese de que o futebol é um espetáculo eminentemente radiofônico, sob o aspecto da narrativa, onde a televisão ainda não encontrou um modo próprio de transmitir essa paixão popular no Brasil, o que se buscou foi a investigação dos fatores que cercam essas formas de transmissão, características que expliquem a relação que muitos torcedores criaram com o rádio esportivo, que não se configura de forma tão expressiva com a transmissão da tv.

Sob esse aspecto, a hipótese principal foi confirmada. Claro e, felizmente, com ressalvas que a pesquisa desenvolvida sinalizou. Ao identificar as semelhanças históricas e de desenvolvimento do rádio e futebol no Brasil, períodos de apresentação, identificação, adoção e paixão do povo brasileiro, é fácil entender a simbiose vivida pelos dois, a ponto de se conviver no meio esportivo com a expressão “torcedor não vive sem rádio”.

Os desafios lançados para futebol e rádio no Brasil, as barreiras sociais vencidas e a popularização alcançada fizeram dessa relação algo muito forte, onde nem toda a tecnologia do novo meio, a televisão, foi capaz de suprimir. É inegável que essa relação ainda é forte. Foi maior, sem dúvida. Hoje, como alguns dos entrevistados

salientaram, as novas gerações de torcedores permanecem com o hábito de levar o rádio para o estádio, mas já não são os mesmos que adotam a opção de tirar o áudio da tevê e ver o jogo ouvindo a narrativa radiofônica. Essas pessoas já não foram criadas sob o som do rádio em casa, como as gerações anteriores.

É importante ressaltar a dimensão que o futebol tem para o brasileiro para se ter também a idéia correta do tamanho da relevância que a narrativa deste jogo tem para quem acompanha a cobertura pelos meios de comunicação. O futebol ganhou no Brasil, como aponta Roberto DaMatta, traços de reflexo do comportamento do homem no seu dia-a-dia. É neste esporte que ele afirma que está a possibilidade do povo experimentar a vitória. Onde o sentido de comunidade como um grupo unido por laços afetivos, dentro da proposta estudada por Raquel Paiva, mais do que nunca é ressaltado na arquibancada, em campo e na própria narrativa.

O bairrismo, a ruptura com o dogma da imparcialidade e da anunciação da admiração por este ou aquele clube, a liberdade de torcer descaradamente para o time do Estado numa final de Brasileiro ou a Seleção Brasileira, sob a proteção de que se trata da “pátria de chuteiras”, como queria Nelson Rodrigues, fizeram do rádio algo muito próximo do torcedor. Mais do que isso, a adoção por parte dos narradores radiofônicos de expressões do próprio dia-a-dia destes ouvintes nas transmissões e a criação de termos que passaram a fazer parte da linguagem do homem na sociedade, reforçaram esse “casamento” do rádio com o futebol.

O fator imprevisibilidade, que traz para o futebol a certeza de emoção, de impossibilidade de garantia de quem sairá com a vitória, por mais díspares que sejam os adversários, proporcionou ao torcedor a ligação da superstição, da magia, do sobrenatural ao jogo. A narrativa radiofônica se apropriou disso justificando a colocação de Nelson Rodrigues de que em muitas ocasiões a bola é um rele detalhe na partida. O

futebol no rádio extrapola a própria partida. Tratado como paixão, ele acaba recebendo das transmissões radiofônicas a tradutibilidade. É o processo de mediação entre jogo e torcedor.

Não é por acaso que a idéia de que o nosso time joga melhor na transmissão do rádio do que na realizada pela televisão tem sentido, como defende J.Silveira. No levantamento dos nomes que fizeram “escola” na narração esportiva no rádio, o que se pôde observar foram estilos diferentes, mas com uma base bem definida do sentido do que é compreender o papel de narrador. Compreender no sentido dado por Muniz Sodré, que é utilizar a razão e o sentimento. O rádio esportivo apresenta como característica que fascina o torcedor essa mistura de razão e emoção. No rádio, mais do que entender o que se transmite, é preciso compreender o que quem está do outro lado espera da narrativa.

Claro que o surgimento da televisão apresenta uma interferência significativa e importante na narrativa radiofônica. Os exageros cometidos pelos locutores de rádio, com o apelo para a emoção do torcedor, tiveram que ser revistos, sob a pena da perda de credibilidade. A bola deixou de passar raspando sempre com grande perigo, para se tornar uma boa jogada, mas com finalização equivocada. A imagem trouxe isso, a exigência de maior compromisso com o real, segurando o ímpeto dos locutores.

Bom que se ressalte também, que quando falamos em imagem, não queremos cometer o equívoco de associar imagem unicamente à televisão, porque a narrativa radiofônica trabalha fundamentalmente com ela, a imagem em ação, a imaginação. Não se pode deixar de ressaltar que as primeiras transmissões do futebol pela televisão, segundo os relatos dos que as acompanharam, foram tentativas de apresentar algo diferente do que o rádio fazia. Mas, como em todo o restante da

programação, como se desvincular do que vinha dando certo? Da mesma forma que a televisão buscou no rádio as novelas, os programas de auditório, os noticiários, por que não fazer o mesmo com a narrativa radiofônica?

O maior problema nos parece ser o de que em outros setores da programação, aos poucos, a tevê buscou uma linguagem própria, um tratamento adequado à incorporação da imagem para o público. A preocupação com a redundância, a utilização dos recursos que o vídeo oferece não poderiam ser desprezados. A sensação que originou o interesse por esse estudo foi justamente a que, no que se refere à transmissão do futebol, o que houve foi simplesmente a redução da velocidade da narrativa.

Interessante se observar, por exemplo, que o torcedor (e as entrevistas com eles apontam isso) demonstra muito mais tolerância com o narrador do rádio do que com o de tevê. Ele admite a vibração e entusiasmo do locutor da rádio, mas considera bairrismo e recrimina a atuação de Galvão Bueno que, a rigor, não faz nada de diferente dos demais neste aspecto. E aí vem uma diferença fundamental que se configura na narrativa da televisão mais recentemente, que é a do locutor assumir na televisão uma espécie de função dupla: narra e comenta. Talvez seja esse momento, o da opinião, que incomode o torcedor.

Este misto de locutor e comentarista tem sido uma característica nas transmissões pela televisão, reforçadas por recursos como o uso de estatísticas, tira-teimas, computação gráfica e uma muito breve interação com o espectador. Na transmissão pela tv a narrativa está centralizada praticamente no locutor. Já no rádio, a participação dos repórteres, comentaristas, plantonistas, dá voz a mais pessoas, amplia as possibilidades de visões diferentes e afasta a monotonia na transmissão.

É preciso levar em conta que, além da concorrência da tevê, o rádio passou a “dar um tiro no próprio pé”, quando, por razões econômicas, resolveu deixar de ir com as equipes para os estádios e ficou no estúdio, se apropriando da imagem da tv para narrar. Descaracterizando a narrativa, certamente sua forma de transmissão hoje também não é a mesma muitas vezes. Fica o alerta para que os donos de emissores e os responsáveis pelas equipes de esportes repensem esta prática que interfere diretamente numa paixão paralela ao futebol, que é ouvir a transmissão pelo rádio. É muito diferente narrar no cenário do jogo do que narrar a partir do olho do diretor de tv, que escolheu qual a imagem que vai ao ar e em cima da qual resta a única chance de descrever no rádio.

A crítica maior que se faz à narrativa televisiva do futebol é a de que ela é repleta de redundância, onde o locutor reproduz o que já está visto. Em princípio, fica difícil de se imaginar também alternativas para essa transmissão. E assim foi que esse trabalho se iniciou, considerando que esse novo jeito de narrar o futebol, adaptando a emoção que o esporte desperta no público brasileiro ao meio televisivo, ainda não estivesse descoberto. No entanto, no percurso, como foi relatado no corpo da tese, nos deparamos com uma possibilidade que já está no ar há muito tempo, mas que sempre chamou a atenção por outra característica, a de ser bem humorada e divertida, mas não a de uma condição de possibilidade de um novo “casamento”. Agora, através da narrativa de Sílvio Luiz, se pode visualizar futebol e linguagem televisiva adequadamente integrados.

A comprovação é simples: basta fechar os olhos quando se está acompanhando a narração de um jogo pela televisão. Se você continua vendo o jogo pela narrativa, na verdade, o que está ouvindo é algo radiofônico, onde o locutor não complementa a imagem e sim a reforça ou descreve desconhecendo a força desta

imagem para sua locução. Se você não consegue imaginar o que está acontecendo, aí está uma locução em que a característica do meio televisivo, a imagem, não foi deixada de lado. É isso que acontece com a narrativa de Silvio Luiz.

Essa descoberta sinaliza a possibilidade de ajuste de narrativa ao meio. O que Silvio Luiz faz é transportar para sua locução as reações do torcedor que assiste ao jogo. É como se estivesse numa arquibancada. Não deixa de ser uma narrativa comentada, mas é de acordo com o recurso que a tevê dispõe, que é o da imagem. Claro que nomes de jogadores são ditos, até porque é fundamental a identificação dos mesmos, mas essa obrigatoriedade é substituída, várias vezes, por expressões como “abre na direita”, “cruza”, “tira da”, que Sílvio utiliza e que são nada mais, nada menos, o que o torcedor diz na arquibancada ou no sofá de casa diante daquela situação que assiste.

É realmente uma pena que os próprios cronistas esportivos, especialmente os de televisão, não valorizem e observem a maneira que Sílvio Luiz apresenta de transmissão diferenciada na tv. A ausência de imagem obriga o narrador de rádio a contar tudo para o ouvinte, com detalhamento e emoção, com o papel realmente de um contador de história. Já na televisão, o narrador divide com o telespectador a função de narrar e, muito mais, a de comentar o que está acontecendo em campo. Portanto, as características dos meios exigem narrativas diferenciadas.

Segundo pesquisa realizada pela Rádio Bandeirantes, de São Paulo, no início dos anos 60, mais de 50% dos torcedores diziam que quando viam o jogo na televisão, preferiam o áudio da rádio. Este índice, certamente, hoje é bem menor. A pesquisa realizada neste trabalho demonstra isso, embora o percentual ainda seja expressivo. O que comprova a insatisfação com a forma como se narra o jogo na televisão e/ou como o torcedor é apaixonado pelo formato como se transmite pelo rádio.

A discussão da hipótese deste trabalho levada aos jornalistas esportivos e torcedores mostra a força da transmissão do futebol pelo rádio, esse fascínio que desperta ainda no torcedor, mesmo diante de toda a tecnologia da televisão e recursos inegavelmente poderosos de imagem. Entre todos os entrevistados, coube ao locutor Luiz Roberto, da TV Globo, o questionamento mais contundente a essa tese de que o futebol é eminentemente um espetáculo radiofônico. A indagar se na final da Copa do Mundo de 2006 ouviríamos pelo rádio ou veríamos pela televisão, a princípio, nos pareceu uma situação de xeque para o estudo. Claro que, tendo a opção, veremos pela televisão.

Mas é claro, também, que veremos pela televisão e ouviremos a transmissão pela rádio: por todos os fatores que foram apresentados como justificativa para a valorização que a narração do futebol pelo rádio tem, além, é claro, de fazer parte da geração que cresceu ouvindo o jogo assim e por não ver nenhum narrador da televisão (pena que Silvio Luiz certamente não vai narrar a final) que satisfaça as exigências que o meio nos parece ter ao se propor a narrar algo que estamos vendo.

Dentro da literatura que trata do esporte, do jornalismo esportivo, muito pouco se discute sobre a narrativa. Vários aspectos sociológicos, psicológicos, antropológicos são focados, mas a forma com que o futebol é retratado na transmissão pelo rádio e televisão e a ausência de uma linguagem consolidada pela tv para um fenômeno de tanto apelo como o futebol motivam essa discussão que trouxemos e que, certamente, será e merece ser ainda mais aprofundada.

O afeto pelo futebol e pela comunicação no fez apresentar essa discussão e a contribuição com elementos históricos e a reunião de vários estudos feitos sobre diversos ângulos que contribuem para a melhor compreensão desta paixão que os brasileiros têm pelo futebol e sua narrativa. A alegria, que Muniz Sodré considera como

louca, ilógica, irracional, faz parte da transmissão do futebol pelo rádio. Por isso, considerar esse esporte como espetáculo eminentemente radiofônico, sob o aspecto da narração, é mais uma provocação para que a televisão encontre essa alegria na forma de trazer o futebol para o telespectador.

Por outro lado, ao descobrir que a narrativa radiofônica permanece com credibilidade e prestígio junto ao torcedor, mesmo diante de tanta competitividade dos meios de comunicação, fica a certeza de que aquela aposta feita pelos primeiros “professores” das “escolas de narradores”, entre eles, Nicolau Tuma, era certa. O rádio, neste sentido, cumpre uma dos princípios mais importantes revelados neste estudo: quem narra se interessa pelo outro.

9 REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista de. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito** – o discurso do radiojornalismo esportivo. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1. sem. 2000.

ALBERTO, Luís. Gool. **Revista da Comunicação**, Rio de Janeiro, n.22, p.26-27, 1990.

ALMEIDA, Alda. Rádio e Futebol: gritos de norte a sul. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 2.,2004, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 15 - 17 abr. 2004.

ALMEIDA, Rogério Carlos Corrêa de. **Radialismo esportivo: um abismo na ponte aérea**. 1989. 179 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1989.

ANDRADE, Carlos Drumond. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2002.

ANDRADE, Edna. **Osmar Santos: o Pai da Matéria. E que gol!** 2002. Monografia (Dissertação de Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

AS COBERTURAS da Copa na emoção do jornalismo esportivo. **Revista Imprensa**, n.76, p.16 - 18, 1998.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1986.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro, Difel, 1975.

_____. **Prazer do texto**. Lisboa: Signos, 1988.

BAUMWORCEL, Ana. **Sonoridade e resistência** – a Rádio Jornal do Brasil nos anos 60. 1999. Monografia (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril, 1980, p.142 – 145.

_____. **Poésie et Révolution**. Paris: Denoël, 1971.

BONAVITA, Maria Elvira. **História da Comunicação: rádio e tv no Brasil**. São Paulo: 1982.

BORBA FILHO, Hermilo. **História do Espetáculo**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **A trajetória da mensagem esportiva: dos sons à imagem paulistana.** Campinas: Unicamp, 2005. CD-ROM.

_____. Elementos para uma concepção da cultura de massa. In: COSTA, Márcia Regina et al. **Futebol espetáculo do Século.** São Paulo: Musa Editora, 1999, p.70-80.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Comunicação e transgressão no esporte.** São Paulo: Ibrasa, 1997.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: Uerj, 2005.

CARDOSO, Tom; ROCKMANN, Roberto. **O Marechal da Vitória.** Uma história de rádio, tv e futebol. São Paulo: A Girafa Ed., 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestilizados.** São Paulo: Ed. Schwarcz, 1987.

COHEN-SEAT, G., FOUGEYROLLAS, P. A informação visual e sua ação sobre o homem. In: COHN, Gabriel (org). **Comunicação e Indústria Cultural.** 4. ed., São Paulo: Nacional, 1978. p.355 - 362.

COSTA, Antônio da Silva. Do futebol a uma nova imagem do homem e da sociedade. In: CAPINUSSÚ, José Maurício. **Futebol e sociedade, um olhar transdisciplinar.** Rio de Janeiro: Uerj, 2005. p.15 - 21.

COSTA, Márcia Regina et al. **Futebol espetáculo do Século.** São Paulo: Musa Ed., 1999.

DAMATTA, Roberto et. al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Pinakoteque, 1982.

DA MATTA, Roberto. Antropologia do óbvio - Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo, **Revista da USP**, São Paulo, n.22, p.16 – 18, 1994.

_____. O futebol é a maior escola de democracia. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, jan. 2006, p.46-47

DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo César R. (org). **Futebol: paixão e política.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.29 – 44.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FEIJÓ, Luiz César Saraiva. **A linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FERGUSON, Francis. **The Idea of a Theater.** Princenton, N.J: Princenton University Press, 1949.

FERNANDO, Carlos. **Futebol vivo**. Disponível em:

<<http://www.webamigos.net/cacafernando/futvivo.shtml>>. Acesso em: 24 mar. 2005.

FREITAS, Sidinéia Gomes. Mulher e Esporte – Mitos e Verdades. In: FÓRUM DE DEBATES, 1., 2000, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP; Escola de Educação Física e Esporte, 28 jun. 2000.

GONTIJO, Silvana. **Livro de Ouro da Comunicação**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GUERRA, Márcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta**. A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: Ed. Etc. 2000.

GUIMARÃES, Fernanda Couto. **O futebol no jornalismo esportivo**: o papel da mídia impressa na criação dos ídolos de massa. 2005. Monografia (Projeto de conclusão do Curso de Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

HALLACK, Ivan Elias. **O envolvimento do torcedor de futebol através do rádio**. 1988. 108 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1988.

HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Intercom**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. CD-ROM.

_____. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de Sorte**: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque Carioca. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

JOLY M. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus, 1996.

JORNAL DA AESP, São Paulo, n.15, jun. 1997.

LABOV, William. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

LAUB, Michel. A narrativa do engodo. **Revista Bravo**, São Paulo, ano 5, n.56, p.104 - 107, maio 2002.

LOVISARO, Martha, NEVES Lecy Consuelo. Comunicação Esportiva no Rádio e na TV: sucessão de equívocos – na imprensa escrita, a salvação. In: CAPINUSSÚ, José Maurício. **Futebol e Sociedade, um olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Uerj, 2005, p.84 - 100.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização, São Paulo: Cortez, 2002.

MARINI, Eduardo. Alto-astral em duas vozes. **Istoé**, São Paulo, n.1861, p.39 - 40, 15 jun. 2005.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2003.

MASINI, André. A Gramática e o futebol. **Jornal O Paraná**, 22 out. 2003. Disponível em:
<http://www.casadacultura.org/andre_masini/artigos/2003_10/gramatica_e_o_futebol.html>. Acesso em: 24. mar. 2005.

MATTIUSI, Matias. **Osmar Santos**. O milagre da vida. São Paulo: Sapienza Editora, 2004.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na Era da Informação**. Teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: UFSC, 2001.

MELLO, Fernando Vieira de. **O som do gol é diferente no rádio brasileiro**. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/port/comunica/radio/esporte/apresent.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2005.

MENDES, Luiz. **7 mil horas de futebol**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos Ed., 1999.

MIRANDA, Leonardo Affonso de. Corações em Ação. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n.7, p.27 – 28, jan. 2006.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no Século XX**: o espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1977.

MOTTA, Agda. **O futebol como reflexo da sociedade brasileira**. 1990. 115 f. Monografia (Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1990.

MURCE, Renato. **Bastidores do Rádio**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Brasileiro, 1986.

NOGUEIRA, Armando. Coluna Um Olhar. **Revista Lance A+**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 252, p.10, 2-8 jul. 2005.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. **O mito no rádio**: a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume Editora, 2004.

OLIVEIRA, Maura. A comunidade imaginada do futebol. Estratégias midiáticas na enunciação esportiva. **Revista Interamericana de comunicação midiática**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, v.III, p.16 - 23, jan./jun. 2004.

OLIVEIRA, Robson; SENA, Gabriel. **História da tv brasileira**. Disponível em: <<http://historiadatvbrasileira.el.com.br/tvcontinental.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2005.

O RELATO de futebol. Disponível em: <http://oquepassa.no.sapo.pt/relato.htm> s.a. Acesso em: 19 mar. 2005.

PAIVA, Raquel e SODRÉ, Muniz. **Cidade dos Artistas**. Cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PARENTE, André. Narrativa. In: _____. **Narrativa e Modernidade**. Os cinemas não-narrativos do pós-guerra. Local: Editora Papirus. 2000. p.33 – 49.

PIERNES, Guilherme. **Comunicação e Desintegração na América Latina**. Brasília: UNB, 1990.

POLITO, Reinaldo. Há um jogo no campo, outro no rádio e outro muito diferente na televisão. **Aprenda a se comunicar com os locutores esportivos**. Disponível em: <<http://www.reinaldopolito.com.br/artigos/vencer/vencer.asp?txt=63>>. Acesso em: 19 mar. 2005.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo**: Jovem Pan. São Paulo: Ática, 1989.

PRATA, Mário. Gringo vendo futebol. **Folha de São Paulo**. 2 jun. 2004. Disponível em: <<http://www.marioprataonline.com.br/obra/cronicas>>. Acesso em: 24 mar. 2005.

REVISTA PLACAR, São Paulo, Abril, n.1101, mar. 1995.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. **Todos juntos, vamos, prá frente Brasil**: o futebol, os meios de comunicação, o público e o privado. 2005. Monografia (Dissertação de Mestrado em Comunicação) - Universidade Santo Amaro/PUC/SP, Santo Amaro, 2005.

RODRIGUES FILHO, Mário Leite. **O negro no futebol brasileiro**. 3ed. Petrópolis: Fumo, 1994.

SALDANHA, João. **Meus amigos**. Rio de Janeiro: Nova Mitavaí, 1987.

SAMPAIO, Mario Ferraz Sampaio. **História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo** (memórias de um pioneiro). Campos dos Goytacazes: Ed. Fenorte, 2004.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo Audiovisual, no rádio, tv e cinema**. São Paulo: Edusp, Petrópolis: Vozes, 1971.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Pedro Brum. Ficção e futebol: culturas em movimento. **Intercom**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2002.CD-ROM.

SANZ, Luiz Alberto. **Dramaturgia da Informação Radiofônica**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, [s.l.:s.n.]. Trabalho não publicado.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos Locutores Esportivos**. São Paulo: Ed. Panda, 2004.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.

SHIRTS, Mathew G. Literatura Futebolística: uma periodização. In: MEIHY, J.C.S.B; BERTOLLI FILHO, C. (Orgs.), **Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos**. São Paulo: Imprensa Oficial/ Arquivo do Estado. 1982. p.65 - 70

SILVA, Marcelino Rodrigues. Quem desloca tem preferência. **Mediação**, Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Humanas; Universidade Fumec, ano 4, n.4. p.25, 2004.

SILVEIRA, J. **Futebol e cultura: futebol... futebol**. São Paulo: INESP, 1997.

SOARES, Edileuza. **A bola**. O rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Marcos Alves de. **A “nação em chuteiras”**: raça e masculinidade no futebol brasileiro. 1996. Monografia (Dissertação de Mestrado em Antropologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 1996.

STEMME, Fritz. A Psicologia Social do Futebol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro: FGV, v.33, p.114, 1981.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. São Paulo: Ed. Harbra, 1999.

TRINDADE, Mauro. Um país em aquarela. **Revista Bravo**, São Paulo, ano 7, n.74, p.31 – 37, nov. 2003.

WILLIAM, Wagner. **Olho no Lance, Silvio Luiz**. São Paulo: Best Seller, 2002.

WISNIK, José Miguel. Um povo que cabe nas quatro linhas. **Jornal Estado de São Paulo**, Caderno Aliás, p.J4, 23 out. 2005. Entrevista ao jornalista Fred Melo Paiva.

10 APÊNDICES

Apresentaremos, a seguir, entrevistas realizadas com narradores, comentaristas, repórteres e torcedores.

APÊNDICE 1 - JOSÉ CARLOS ARAÚJO (RÁDIO GLOBO-RIO DE JANEIRO)

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e na tv?

No rádio é muito mais difícil, pois através das palavras você tem que criar as imagens do jogo na cabeça do ouvinte. Importante é posicionar a bola durante toda a narração, inclusive mudando a entonação da voz de acordo com este posicionamento. Pela tevê, a imagem já está mostrando o jogo. Importante mesmo é você relatar com fidelidade o que está vendo, sempre dando um pitaco nos comentários. E o curioso é que no jogo na tevê nem sempre jogam os 22, pois eles não cabem na telinha.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir pelo rádio?

É porque a emoção que se dá na transmissão pelo rádio é muito maior. Se não bastasse isso, o som da tevê tem o predomínio dos sons graves, que não passam tanta emoção como os agudos do rádio. Faz parte da cultura do brasileiro acompanhar o futebol pelo rádio nos estádios, pois só assim ele se informa de tudo que está acontecendo. Quando ele está em casa, o velho hábito se repete, mesmo que diante da tevê.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Prefiro pelo rádio, até porque trabalho com o imaginário do ouvinte. Sempre digo que as imagens criadas pelas palavras são muito mais ricas do que aquelas mostradas pela tevê. Pode crer.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e na tv?

No rádio, aqui no Rio, Gagliano Neto, Luiz Mendes, Oduvaldo Cozzi, Jorge Curi, Waldir Amaral, Doalcei Bueno de Camargo, Celso Garcia e muitos outros. Na tevê, Walter Abraão, Geraldo José de Almeida, José Cunha, Galvão Bueno, Luciano do Valle, Fernando Solera. Quase todos de São Paulo. Mas vale lembrar que o Luiz Mendes, que era narrador da Rádio Globo, foi um dos pioneiros na tevê, pela Tv Rio.

5- O senhor pode explicar melhor o que é essa emoção que o rádio transmite?

Primeiro, a televisão transmite por uma imagem jogada em um spot; onde jogam 22, na telinha aparecem sete, seis, oito jogadores. Também porque o acompanhamento numa televisão você não tem o clima do jogo. Você tem uma imagem fria daquilo que está se passando num determinado trecho daquele cenário. Já pelo rádio não, por ele você tem a voz humana trabalhando o imaginário. Cada voz humana, colocada no rádio, é capaz de fazer a pessoa se emocionar e até chorar. Não foi por acaso que os regimes ditatoriais trabalharam o emocional de um povo. Conseguem colocar o povo mobilizado. Por ser o veículo mais veloz e por trabalhar com o imediatismo, ele é mais forte trabalhando a emoção.

6- Num futuro em que a televisão venha a ser tão portátil quanto o rádio o senhor acha que o torcedor vai continuar optando pelo rádio ou vai trocá-lo pela televisão?

Não, o rádio vai continuar sendo o preferido. O rádio é um complemento da transmissão pela televisão. Acho que ele não está nem competindo com a tv. É uma complementação da transmissão, ajudando na identificação e oferecendo uma emoção que a televisão não proporciona.

7- Será que quando Charles Miller trouxe o futebol para o Brasil, pudesse escolher por qual veículo - rádio ou televisão - queria acompanhar a transmissão, ele indicaria qual?

Eu acho que o rádio. Até porque naquela época era muito mais fácil transmitir futebol pelo rádio. Se você ouvir as narrações antigas, como, por exemplo, o Oduvaldo Cozzi, você percebe o que estou dizendo. Ele narrava assim: Lá vai Pelé. Mata no peito. Domina na coxa. Traz para o terreno. Hoje, quando você domina no peito já vem uma perna no peito do cara. O jogo é muito mais veloz e o narrador tem que estar em cima do lance.

APÊNDICE 2 - HUMBERTO PERON- (COLUNISTA DA FOLHA ONLINE E REPÓRTER DA REVISTA MONET) -

Entrevista respondida em 24/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e na tv?

A grande diferença é que narradores trabalham com a ilusão. Eles são obrigados a criar o cenário, já que eles não têm a imagem para ajudá-los. Por isso, todos os jogos

transmitidos pelo rádio são melhores que os passados pela tv. Graças à criação deste cenário, os narradores de rádios tornaram expressões que os ouvintes já identificam. Por exemplo: um “subiu” dito depois de um chute já passa ao ouvinte a sensação de que o disparo foi longe do gol. Já os narradores de tevê têm que ter um estilo mais sóbrio, não falar tanto e ficar o mais atento possível no acerto da identificação dos jogadores. Acho que são dois mundos bem distintos, por isso, geralmente, quem faz sucesso no rádio, não acerta no ponto na tevê e vice-versa.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som da transmissão da tevê e ouvir o rádio?

Antes de mais nada, ainda temos muitas pessoas que cresceram ouvindo o futebol via rádio. Então, essas pessoas têm o costume de ouvir o seu rádio junto com a tevê. Há também aqueles que ouvem todo o noticiário pré-jogo no rádio e continuam durante o jogo. Como, mesmo com o pay-per-view e tv-fechada, as transmissões de tevê são assistidas na maioria por pessoas que assistem tevê aberta, acho que muitos não gostam de narradores, então preferem o rádio.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Eu prefiro a do rádio. As transmissões radiofônicas talvez levem o ouvinte para dentro do jogo. A velocidade da transmissão, os bordões dão aos ouvintes a sensação de que eles estão no campo.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

Rádio: Fiori Gigliotti, Pedro Luiz, Osmar Santos, José Silvério, Waldir Amaral e o Garotinho (o narrador, não o político). Na tevê: Geraldo José de Almeida, Fernando Solera, Silvio Luiz, Galvão Bueno e Luciano do Valle.

APÊNDICE 3 - ARY ROCCO (RÁDIO JOVEM PAN, SÃO PAULO)

Entrevista respondida em 21/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e na tv?

A narrativa do futebol pela televisão, por contar com o apoio da imagem, é mais lenta. O locutor não tem a necessidade de estar “em cima do lance”, uma vez que a imagem contribui para o entendimento do espetáculo por parte do telespectador. No caso do rádio, o locutor necessita trabalhar o imaginário de seu ouvinte. Com isso, sua necessidade de descrição do universo da partida é muito maior do que aquela existente na televisão. Assim, a velocidade e a riqueza de detalhes compõem esse imaginário necessário para o bom entendimento da locução esportiva via rádio.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir o rádio?

Para mim, a explicação está no fato de que o telespectador tem uma ansiedade por informação muito grande. Creio eu que, pelo rádio, o ouvinte consegue ter uma riqueza de detalhes cada vez maior. Por outro lado, acredito que o torcedor de futebol está muito mais habituado com o veículo rádio, do que com o veículo televisão, quando o assunto é futebol. Reputo esse fato à disponibilidade que o torcedor tem de escutar o

rádio quando está em trânsito (ônibus, carro e etc). Esse costume vira hábito, que não é deixado de lado nem quando o camarada está em casa, diante da tevê.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Comecei a gostar de futebol na metade da década de 70, ouvindo o rádio. Assim, me acostumei com esse hábito. Às quartas e quintas, quando há jornadas esportivas, sempre vou me deitar ouvindo o rádio. A dinâmica da transmissão via rádio me atrai muito mais do que a via televisão. Para mim, ouvir uma via rádio demanda uma concentração maior do que assistir a uma partida via tv. Com isso, entro mais dentro do jogo ouvindo o rádio do que vendo a tv.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

Aqui é gosto muito pessoal. Me habituei e cresci ouvindo o José Silvério, na época na Jovem Pan. Para mim, dos locutores que ouvi, acredito ser o José Silvério aquele que melhor transmite a emoção do futebol. Além dele, embora eu tenha acompanhado muito o seu trabalho, acho que o Fiori criou um estilo bastante peculiar. Outro que merece minha admiração, pelas expressões que criou, é o Osmar Santos. Porém, para mim, ninguém bate o José Silvério. Os mais antigos não tive oportunidade de escutá-los.

APÊNDICE 4 – ERALDO LEITE (RÁDIO GLOBO, RIO DE JANEIRO)

Entrevista respondida em 20/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e na tv?

O rádio trabalha com o imaginário do torcedor. Não podendo ver o que se passa em campo, o torcedor depende dos olhos do locutor, do comentarista, do repórter, para saber o que está se passando. Em geral, ele (torcedor) confia plenamente na narração e no dia seguinte comenta com os amigos os incidentes do jogo como se estivesse estado no Estádio. Por isso o lendário Waldir Amaral criou o slogan: “É como se você estivesse à beira do gramado”. A tevê mostra a imagem do jogo e o torcedor tira suas próprias conclusões do que está se passando. Por isso, em geral, ele questiona mais os comentários feitos pelo comentarista da tevê do que os feitos pelo comentarista de rádio.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir o rádio?

Pra sentir maior emoção. O rádio transmite com maior rapidez, com bordões característicos, que o torcedor gosta e costuma repetir. O jogo fica mais empolgante. Depois das transmissões em massa das tevês, os locutores de rádio passaram a ter mais cuidado em suas transmissões, a fim de serem o mais fiel possível ao que está acontecendo em campo. Lidar com o imaginário do torcedor, hoje, não significa mais “inventar” coisas que não estão acontecendo em campo. Apenas explorar suas emoções, dentro da realidade.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Por razões óbvias, prefiro o rádio. Até porque, acho que o futebol sem emoção não tem graça. Os próprios locutores de tv já perceberam isso e hoje narram com mais velocidade, quase chegando ao ritmo dos locutores de rádio, coisa inimaginável há dez anos.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

No rádio, a geração que hoje tem em torno dos 40 anos de idade reverenciou Waldir Amaral e Jorge Curi. A geração anterior, Oduvaldo Cozzi. A nova geração, José Carlos Araújo e Luiz Penido. Na tv, a geração que viveu a Copa de 70 vibrou com Geraldo José de Almeida. Depois vieram Luciano do Valle e Galvão Bueno.

APÊNDICE 5 – ARI PEREIRA JÚNIOR (RÁDIO ELDORADO, SÃO PAULO)

Entrevista respondida em 20/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção da transmissão do futebol pelo rádio e tv?

A principal diferença está no ritmo. No rádio, o locutor precisa criar a imagem da partida e transmiti-la ao ouvinte com a maior emoção possível. Sem o recurso do vídeo, quem acaba fazendo o retrato do jogo é o ouvinte. Na tevê, a maior emoção da partida é vista e não ouvida. Haveria uma saturação de informações se o locutor saísse gritando em cima de fatos que já estão explicitados ao torcedor: a imagem do jogo. Adota-se, então, aquela narração mais cadenciada, em que a emoção fica apenas para os lances de gol, jogadas mais plásticas. Hoje, a exemplo do que o rádio sempre fez, a tevê passou a priorizar a informação em tempo real.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão de tv e ouvir o rádio?

Alguns locutores são considerados bairristas ou identificados com determinado clube, o que provoca certa rejeição do telespectador. No rádio isso é menos questionado.

Quem acompanha futebol há mais tempo também criou os próprios ídolos na transmissão do futebol. Até o início da década de 90, quem quisesse acompanhar uma determinada partida tinha o rádio como opção. Raramente tínhamos um clássico ao vivo na tv numa tarde de domingo ou noite de quarta-feira. Essa enxurrada de campeonatos estaduais, nacionais, brasileiros, europeus e interplanetários ao vivo na tevê é muito recente. Aquelas pessoas que tiram o volume da tevê devem sustentar ainda essa estreita relação entre o rádio e o futebol.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou pela tv? Por quê?

Já preferi o rádio. Hoje prefiro a tv. Conforme escrevi acima, para a minha geração (tenho 43 anos), a história do futebol se confunde com a história do rádio, sempre presente em locais onde a tv não chegava para transmitir o jogo. Na escola, por exemplo, a molecada discutia qual era o melhor time, qual era o melhor jogador e qual era o melhor locutor do rádio esportivo. Hoje, a molecada nem sabe quais são os narradores do rádio. A transmissão do jogo, bola rolando especificamente, perdeu a importância porque a tevê transmite tudo. Os 90 minutos no rádio ficaram para um segundo plano, perdendo espaço para o “antes” e “depois” da partida.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

Tenho como referência duas gerações de locutores. Entre os de rádio lembro do Haroldo Fernandes, Joseval Peixoto, Fiori Gigliotti, Osmar Santos e José Silvério. Na tevê, Geraldo José de Almeida marcou a Copa de 70. Acho que era tão bom que até hoje eu lembro das transmissões dele. Parece que faz parte do tri. Depois veio o Luciano do Valle e atualmente temos o Galvão Bueno, que é muito bom, mas quase sempre pende

para um dos dois times ou fica defendendo uma determinada ideologia, de acordo com os interesses comerciais da emissora.

APÊNDICE 6 – EDUARDO VIEIRA DA COSTA (FOLHA DE S. PAULO, SÃO PAULO)

Entrevista respondida em 22/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e tv?

A narrativa do rádio é (ou deveria ser) mais descritiva. Na tevê, a imagem “fala” junto com o narrador, então abre-se espaço para comentários mais aprofundados e pausados – e até mesmo discussões. No rádio, a velocidade da fala e a vibração do narrador precisam ser diferentes para prender a atenção do ouvinte.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço tecnológico, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir o rádio?

O torcedor mais fanático muitas vezes se identifica com um narrador. Ele é fiel a ele como é ao time. Ou quase. Enfim, isso é uma opinião. É difícil explicar, assim como é difícil explicar a própria paixão ao clube.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Apesar de gostar de ouvir partidas no rádio, não sou daqueles que, se tiver a opção, prefere o rádio. Prefiro assistir o jogo, ver as imagens. E, se estou vendo pela tevê, gosto de ouvir o áudio original.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

Aqui em São Paulo, minha geração cresceu ouvindo o José Silvério no rádio. Não é raro ver alguém imitando a narração dele de um gol. Na tevê, colocaria o Sílvio Luiz como meu preferido, pela irreverência.

APÊNDICE 7 – CELSO ITIBERÊ (JORNALISTA ESPORTIVO, COLUNISTA)

Entrevista em 22/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e na tv?

A tevê depende da imagem e, portanto, faz uma narrativa que funciona como “legenda de identificação” para aquilo que aparece na telinha. Há uma certa linearidade de ritmo, que privilegia o rigor em detrimento da emoção. Não há espaço para elaborações produzidas pela imaginação. O rádio “mostra” o jogo para quem está fora do estádio e longe de um aparelho de televisão. Por isso pode jogar muito mais com, digamos assim, o “sonho” do ouvinte. O gol para você certamente não é igual àquele que eu imagino, embora estejamos os dois na mesma emissora, ouvindo o mesmo locutor. Há mais espaço para que possamos usar a imaginação e, conseqüentemente, mais emoção. E menos rigor.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir o rádio?

Paixão. Ela se alimenta de ilusões, é fruto da emoção e não da reflexão. Penso que o torcedor vai buscar no rádio, em primeiro lugar, o emocionante, depois a sensação de agilidade proporcionada por várias vozes. Os locutores atrás do gol, as controvérsias, etc, etc.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Sou um ser estranho nesse ponto. Vejo pela tevê, mas tiro o som. Acho que tanto a tevê como a rádio estão funcionando no piloto automático. Se excluirmos as evoluções técnicas (o melhor exemplo é o tira-teima, no caso dos impedimentos), o resto está exatamente igual ao que era em 1990. Principalmente na tevê, onde não conseguimos ainda fazer nada parecido com o que fazem os americanos nas transmissões do basquete da NBA. Faltam estatísticas, dados comparativos, análises baseadas em números.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

Nos velhos tempo da rádio, Pedro Luiz, da Panamericana, em São Paulo. Fiori Gigliotti, da Bandeirantes, também de São Paulo. Waldir Amaral e Jorge Curi, no Rio de Janeiro. Mais recentemente acho que a marca mais expressiva veio de Osmar Santos, que transmitiu por várias rádios em São Paulo. Na televisão, como fazer “escola” se a única emissora que transmite os grandes eventos é a Globo? Acho que, inevitavelmente, vamos todos cair primeiro em Luciano do Valle e depois em Galvão Bueno. O número um da Globo, por sua enorme exposição, será sempre ponto de referência.

APÊNDICE 8 – JOÃO PEDRO PAES LEME (REPÓRTER ESPORTIVO TV GLOBO, RIO DE JANEIRO)

Entrevista em 30/10/2005, por e-mail.

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e tv?

A diferença entre as duas narrativas tem a ver com os veículos que representam e os públicos aos quais se destinam. A narrativa no rádio é claramente mais descritiva

pelo óbvio motivo de que o locutor precisa preencher o imaginário dos ouvintes com um espetáculo que, na maioria dos casos, eles não estão acompanhando. As exceções são aquelas pessoas que, mesmo diante da tv ou no estádio, preferem o radinho como companhia. Neste caso, o rádio funciona mais como uma espécie de releitura do que se vê em campo, um tipo de interlocução que o ouvinte imagina ter ao seu lado. Na televisão a narrativa precisa ser menos óbvia, pois o telespectador tem diante de si o espetáculo e não haveria razão para narrar obviedades. Ainda assim, há momentos que não se pode omitir mesmo o que pareça claro aos olhos de todos: “toca para fulano na esquerda” ou “lança para beltrano na direita”. Enfim, essas também são exceções. Como norma (embora as normas sejam feitas para serem sempre revisadas), o locutor de rádio narra construindo uma história que seja visível ao ouvinte distante do estádio e o locutor de tevê narra imaginando o que tem diante de si: telespectadores que observam fração do seu campo de visão total. Há espaço para comentaristas nos dois casos. A única atenção que precisam ter é de adequar a análise ao meio no qual trabalham. Não é raro ver um novo locutor/comentarista de tevê, recém saído do rádio, que exagere na descrição dos lances. São linguagens distintas e precisam ser compreendidas assim.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo o avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir o rádio?

Há explicações diversas para este costume do torcedor (de ouvir o rádio enquanto vê o jogo pela tevê). Uma delas seria a mais simplista: antipatia do narrador da tevê. Digo mais simplista, mas isso não significa que seja uma explicação incorreta. Outra tem relação com a faixa etária do torcedor em questão. É compreensível, por exemplo, que aquele pertencente à geração do rádio - hoje digamos, por volta dos 60

anos – ainda prefira ter o sabor nas narrações radiofônicas como companhia, em parte por um saudosismo que a condição humana justifica, em parte por compreender naquela voz o tal interlocutor que citamos na questão anterior.

3- Você prefere a narrativa do futebol pelo rádio ou tv? Por quê?

Acho que sou da geração mais ligada à televisão, embora minha infância e adolescência tenham sido à base do velho radinho pela simples razão de que as transmissões via tevê ainda não se tinham multiplicado como hoje em dia. Mas, importante mesmo é termos a compreensão de que o recurso do áudio visual nos dá uma sensação muito mais completa do espetáculo, senão por todos os motivos implícitos, então apenas pelo fato de nos atrair por dois sentidos ao mesmo tempo. Este é o motivo principal do fascínio das novas gerações por tudo que se apresenta na tevê. Não há como negar: há mais possibilidade de comunicação neste tipo de veículo em relação ao rádio e também maior interatividade, principalmente agora que a internet se mistura e transforma o aparelho de tevê em uma espécie de mega-mídia. Enfim, prefiro a tevê não apenas por trabalhar neste tipo de veículo, mas por entender que seja a mais completa forma de comunicação que o jornalismo esportivo encontrou até hoje.

4- Quais os narradores esportivos que fizeram “escola” no rádio e tv?

Acredito que no rádio seja mais difícil eleger um ou dois, pois certamente haverá incoerência. Por ser um veículo mais regional, em que as ondas desaparecem ao longo da estrada, é natural que os locutores de cada Estado cativem seu público e tenham importância distinta se fizermos uma comparação direta. No meu caso, por exemplo, como carioca, diria que não se pode deixar de citar Waldir Amaral, Jorge Curi e José Carlos Araújo. Os mais antigos dirão que à lista deve-se juntar Oduvaldo Cozzi. A

televisão, no entanto, por ter já nascido com uma dimensão nacional (no que se refere aos eventos esportivos, ao menos), pode ter criado suas próprias referências. Três nomes são imprescindíveis em qualquer galeria de locutores: Osmar Santos, Galvão Bueno e Luciano do Valle. Não há como falar da locução esportiva moderna – que se estabeleceu com a espetacularização das Copas e Olimpíadas – sem falar destes três. Cada um ao seu estilo – aprovado e desaprovado por grandes massas, como é natural quando se mexe com a paixão do povo – eles souberam criar uma linguagem própria e conquistar a confiança da maioria. Ser locutor não é simples: é contar uma história cujo roteiro surge no próprio instante em que se conta. É, ainda – com um estilo que se tornou nosso, brasileiro – acrescentar a esta história uma paixão arrebatadora. Não há locução imparcial no Brasil quando se trata de futebol. Afinal, todos somos ex-futuros jogadores, técnicos, narradores, repórteres, etc. Quem não se imaginou assim no campo de verdade, imaginou-se ao menos jogando botão. E dificilmente poderemos encontrar outro país no mundo com essas características; talvez pela mesma razão de não encontrarmos outra seleção pentacampeã.

APÊNDICE 9 - ENTREVISTA COM REPÓRTER MARCOS ANTÔNIO (RÁDIO GLOBO-BH)

Entrevista respondida por e-mail no dia 29 de outubro de 2005.

1- Quais são as principais diferenças que você vê em relação ao jogo transmitido pelo rádio e pela televisão?

É muito diferente. Até porque, como o rádio não tem imagem, você precisa criar a imagem e, na medida do possível, sem mentir. Sem criar uma falsa imagem. A

narração pelo rádio é muito mais detalhista, pela necessidade, você não pode ficar calado.

2- O que explica o torcedor vir ao estádio trazendo o radinho para escutar ou em casa retirar o som da tv e colocar o do rádio para acompanhar a partida que a tv está também transmitindo?

A começar por mim. Eu também faço isso. Não gosto muito do trabalho que é feito nas televisões. Nós, que somos mineiros, temos que suportar coisas enviadas pela rede que denigrem o futebol mineiro, goiano, paranaense, gaúcho, só valorizando o eixo Rio - São Paulo. O rádio dá muito mais vibração também. Não digo isso porque sou de rádio. A televisão é um complemento para a informação.

3- O que mais agrada na transmissão de cada um dos dois veículos?

A televisão, especialmente a Globo, tem uma imagem muito boa, seja no esporte ou em novela, por exemplo. São pessoas muito preparadas, inclusive no que se refere ao padrão estético. São pessoas mais bonitas do que as que trabalham em rádio. O rádio é aquilo que tem em todos os manuais: imediatismo, emoção, companheiro. Não é aquele companheiro só da dona de casa. É a sensação de alguém estar junto de você passando alguma coisa.

APÊNDICE 10 – LAIR RENO (REPÓRTER DA TV GLOBO/SPORTV)

Entrevista realizada durante o jogo entre Tupi e Cruzeiro pelo Campeonato Mineiro de 2004.

1- Quais as diferenças que você vê em uma transmissão esportiva pelo rádio e pela televisão?

O rádio mexe mais com o imaginário da pessoa. É uma transmissão mais rápida. As transmissões da televisão têm ficado cada vez mais dinâmicas também. O rádio adianta o lance para o ouvinte e faz com que ele imagine o que está acontecendo durante o jogo. A televisão tem a vantagem de ter a imagem, tem uma transmissão mais cadenciada, mais lenta, mais interativa. A interação acontece porque a imagem favorece isso.

2- Por que o torcedor traz o rádio para o campo se ele tem a imagem?

Porque o rádio é insubstituível. O rádio fascina a pessoa. Nós mesmos, que trabalhamos com televisão ouvimos rádio, estamos sempre sintonizados em rádios que estão transmitindo o futebol. Até porque, um veículo completa o outro. Mas não tem nada melhor do que ir ao estádio com o radinho do lado.

3- E o que explica vários torcedores tirarem o som da tv e colocarem o do rádio?

Paixão pelo futebol. Eu acho que o torcedor às vezes se distancia da razão e age com o coração. Mas acho que é uma minoria. Acredito que quem vá ver o jogo pela televisão queira também ouvir o som da televisão.

APÊNDICE 11 - FERNANDO LUIZ BALDIOTTI (RÁDIO GLOBO JUIZ DE FORA)

Entrevista realizada durante a partida entre Tupi e Cruzeiro pelo Campeonato Mineiro de 2004.

1- Qual a diferença entre a transmissão do futebol no rádio e na tv?

A principal é a emoção que o locutor e o repórter de rádio passam para o ouvinte, que não tem a imagem, só tem o som. A televisão é mais aquela preocupação com o casamento entre imagem e fala do locutor que está transmitindo. Muita gente desliga o som da televisão e prefere ouvir a partida pelo rádio porque gosta de emoção.

2- É isso que leva o torcedor a agir assim, tirando o som da tv e ouvindo o rádio? Isso também explica o fato do torcedor, mesmo estando no estádio, vir com o radinho do lado?

O torcedor que está no estádio está vendo, mas quer saber o nome do jogador, os detalhes dos repórteres, o comentarista e os bastidores do espetáculo. E, em casa, ele está vendo o jogo pela televisão, mas ela não passa muita emoção.

APÊNDICE 12 - MARCO AURÉLIO (REPÓRTER DA RÁDIO PANORAMA FM DE JUIZ DE FORA)

Entrevista em 29/10/2005, por e-mail.

1- Quais as principais diferenças em uma transmissão pelo rádio e pela televisão?

O rádio é mais vibrante, mais emotivo. Você cria no ouvinte uma imagem e a televisão apresenta uma transmissão mais morna. Sou suspeito para falar porque sou apaixonado pelo rádio. Não tiro os méritos da televisão, mas acho que o rádio não tem comparação, o rádio é lindo.

2- Como você explica o fato do torcedor estar no campo, vendo o jogo, e trazer o rádio? E, em casa, com a televisão transmitindo, ele prefere colocar o som da rádio e tirar o da tv?

Acho que ele traz o rádio para campo para acompanhar mais de perto e sentir a emoção que eu falei. Quanto a tirar o som da tv eu acho interessante. Eu faço isso. É uma sensação diferente porque quem tem o costume de ouvir sempre pelo rádio já constrói a imagem do jogo com facilidade. Agora, quem fizer isso nas primeiras vezes vai estranhar um pouco. Vai se assustar. O que ele vai ver na tv não tem a mesma velocidade que tem no rádio. Sugiro isso inclusive para quem não é muito adepto do rádio, que comece a experimentar e ver a diferença.

3- O que mais agrada na transmissão do rádio?

A vibração. Quanto mais vibração o locutor colocar na sua narração e os repórteres nas informações, você conquista o torcedor e leva até ele a melhor transmissão.

4- E qual a vantagem da televisão?

Talvez, por ser mais lenta, ela permita você analisar melhor o jogo.

APÊNDICE 13 - SÉRGIO NORONHA (COMENTARISTA TV GLOBO, ATUOU MUITOS ANOS NA RÁDIO GLOBO, TAMBÉM COMO COMENTARISTA)

Entrevista realizada durante o jogo entre Tupi e Cruzeiro no Campeonato Mineiro de 2004.

1- Quais as principais diferenças na transmissão do rádio e da televisão?

No rádio você conta uma história que o ouvinte não está vendo. Na televisão você explica para ele o que ele já está vendo.

2- O que explica o torcedor vir ao estádio e mesmo assim sentir a necessidade de trazer o rádio? Ou mesmo ver o jogo pela tv e colocar o som do rádio?

A segunda hipótese é cada vez mais rara. Acredito que a televisão presta um serviço que o rádio não consegue prestar, que é repetir os lances. A televisão hoje tem o mesmo número de repórteres que o rádio. Eu acho que dificilmente hoje uma pessoa desliga o som da tv para ouvir o rádio. Eu acho que quem ouve rádio ouve porque gosta e nem se preocupa muito com a televisão. Quem ouve a transmissão do rádio fora do estádio é o porteiro do edifício, motorista de táxi, pessoas que não têm a possibilidade de ver o jogo pela televisão. A televisão te dá uma visão do jogo que o rádio não consegue. Como eu disse, ele não está vendo aquilo. A televisão costuma colocar em média 20 câmeras no estádio. Se existe algo melhor do que isso acredito que seja estar no estádio.

3- O que o torcedor, na sua opinião, vê de mais interessante em cada uma das duas transmissões?

Talvez o rádio seja mais emocionante. Como está sendo contada para o ouvinte uma história que ele não está vendo, o exagero é aceito e faz parte da narração pelo rádio. Há um certo exagero até. Na televisão você está vendo aquilo e você precisa explicar o que está acontecendo e, às vezes, fazer uma previsão do que pode vir a acontecer.

APÊNDICE 14 - LUIS ROBERTO (NARRADOR DA TV GLOBO. TRABALHOU EM RÁDIO NA RECORD, GAZETA E GLOBO SP)

Entrevista realizada no jogo entre Cruzeiro e Tupi, pelo Campeonato Mineiro de 2004.

1- Qual a principal diferença entre a transmissão de rádio e a de televisão?

Em relação à locução a diferença básica é que no rádio, além de você não ter imagem e por isso não poder dar espaço, você está criando uma imagem. Essa é a tese do rádio. Aos poucos ela quase se transforma. Ela se presta à transmissão daquela partida que não está na televisão ou para aquele que está impedido de ver o jogo pela tv, que está no trânsito ou trabalhando. Para essa pessoa é preciso passar a imagem clara do jogo e da situação, do que está acontecendo, de como é a cidade, o estádio, a temperatura que está fazendo. É uma criatividade que busca fatos que possam fazer na cabeça do ouvinte a imagem mais fiel possível do que ele está vendo. Na televisão é um filme, uma novela, onde a narração é um complemento para o que elas estão assistindo. Eu tenho que dizer quem está com a bola e completar com algumas informações sobre ele, que é uma personagem que está sendo vista, que está ali. Na minha opinião é muito mais difícil transmitir pela televisão do que pelo rádio. Na televisão o campo de visão é muito mais complexo, você tem replay, você tem uma série de coisas acontecendo, gols de outros jogos que estão entrando no teu vídeo e o jogo que você está narrando está continuando. No rádio você está focado no jogo e acabou. É mais simples. Fica simplificada a sua narração.

2- Como explicar o torcedor com a necessidade de levar o rádio ao estádio ou aquele que em casa tira o som da televisão para ouvir o rádio?

No estádio é simples. O rádio é a fonte de informação. Ele usa o rádio para saber quem está com a bola. É assim que ele conhece os ídolos dele e talvez o time inteiro dele, bem como o adversário. Ele quer saber quem levou cartão amarelo, cartão vermelho. Existe ainda uma relação de empatia com as pessoas do rádio. As gerações

mais novas estão perdendo essa empatia e o rádio precisa encontrar uma solução para isso. Os mais jovens estão se habituando com a televisão. A relação dos mais antigos que assistiam à televisão e ouviam pelo rádio é recente. Até porque, a transmissão pela televisão tem sido mais intensa de uns dez anos para cá. Os mais antigos têm uma relação mais intensa com o rádio e é difícil romper. Ao mesmo tempo foi sendo fortalecida essa empatia. Eu mesmo tenho isso, tenho o rádio que eu ouço, tenho o hábito.

3- Então o rádio precisa tocar os mais jovens em termos de transmissão esportiva?

Sim. Ele tem que resolver isso rapidamente. E não é só por conta da televisão, mas também porque surgiram outras mídias como a internet, a tv a cabo, que oferecem uma série de formas de você acompanhar o resultado de uma partida de futebol. O que faz o torcedor ver uma partida pela televisão ou ouvir pelo rádio? É a neurose que ele tem de saber quanto está a partida. Por isso videoteipe hoje é cada vez menos visto. O cara quer saber na hora. Se não está passando na tv ele recorre ao rádio. Com as novas mídias e a massificação da televisão você tem uma proposta para o cara ficar em casa e então ele liga a tv e se habitua. Por isso a televisão, no que tange à narração esportiva também, está criando novos ídolos. Exemplos como Galvão Bueno, Luciano do Valle. Hoje, o cara comenta o que o Casagrande falou, o que o Sérgio Noronha falou, o que o José Roberto Wright disse sobre o impedimento. Isso é forte. Eu acho que a TV Globo encontrou uma forma de apresentar o jogo na linguagem falada que é um avanço. Você tem comentarista de arbitragem que fica ligado naquilo, que esteve lá dentro, que sabe observar um lance ou perceber quando um jogador está usando da malandragem. Você tem comentaristas que têm uma história acompanhando futebol. A TV Globo procura transmitir o mais fiel possível o que está acontecendo. Sem falar na tecnologia que

dispõe. E que dá a quem está em casa um jogo completo. A aposta é na tecnologia. É claro que o sujeito prefere o jogo na televisão, no caso da Globo, com a certeza da qualidade. As gerações novas estão ligadas nisso. A televisão passou a ter reportagem em campo, como sempre houve no rádio. Ela ocupou dentro das casas o lugar que pertencia ao rádio. E cabe a ele, nessa situação, encontrar o seu jogo, o seu novo espaço. Agora, nessa comparação é bom lembrar que no rádio a identificação com quem está narrando é maior já que está sendo repassada a imagem do que não se está vendo.

4- O que dizer para aquele que insiste em dizer que o rádio é mais emocionante que a televisão, considerada fria?

Eu acho assim, que a descontração é uma forma que todos buscam. No entanto, a televisão, e no caso falo da aberta, ela te dá uma noção de responsabilidade enorme. Se eu disser que a bola passou raspando à trave e isso não se comprovar com a imagem nunca mais o cara me ouve. Essa linguagem até certo ponto folclórica, que é o forte do rádio e muito legal e legítima, não cabe na televisão. Se você observar, todo movimento na televisão em termos de mudança de linguagem ou formato é lento. Porque ela tem um público mais eclético. A sala da pessoa tem a vovó, a criança, a mãe, o pai, e entre eles muitos não gostarão da gritaria do rádio. Só quem gosta muito do futebol. O percentual de fanáticos é muito pequeno em relação aos demais que estão também acompanhando a transmissão. O rádio tem a necessidade de buscar os bordões, as expressões para tentar te pegar. A diferença do rádio está na comunicação falada, linguagem falada, não na tecnologia. Na televisão a tecnologia é o primeiro ponto de diferencial. O torcedor vai ver o jogo se eu estiver narrando, se for o Galvão, o Noronha comentando ou o Casagrande. No rádio o torcedor se identifica muito mais com o narrador e o comentarista. O compromisso com a linguagem falada é maior. A televisão

tem outras formas de narrar, usando o replay, uma imagem de um pedaço do estádio, uma ilustração, com outros atrativos. O maior atrativo, seja no rádio ou televisão, é o jogo. Mas o locutor de rádio é muito identificado.

5- Você acha que o rádio perdeu o espaço?

Não acho que o rádio perdeu o que possuía, mas já parou de cair. Ele estagnou. Só acredito que ele possa vir a perder se surgirem outras mídias.

APÊNDICE 15 - RONALDO FERNANDES (LOCUTOR DA RÁDIO TRÊS RIOS)

Entrevista realizada na partida entre Tupi e Cruzeiro, pelo Campeonato Mineiro de 2004.

1- O que explica o torcedor levar para o estádio o radinho e ver o jogo pela televisão com o som do rádio?

Ouvir o jogo pelo rádio é uma sensação diferente. O narrador de rádio passa a emoção do jogo. O de televisão é diferente. Eu prefiro também, quando vejo pela televisão, ouvir pelo rádio. O locutor de rádio acompanha melhor o jogo, ele fala o nome do jogador. Na televisão o cara conta muita história. Eu acho que na televisão o locutor deveria se limitar a falar o nome do jogador, porque o resto o espectador está vendo. O rádio passa emoção, é muito diferente.

2- O que motiva o torcedor em torno da narrativa do rádio?

Acho que o rádio perdeu um pouco de espaço com o surgimento de canais como a sky que transmite futebol o tempo todo, embora quem esteja acostumado com a transmissão do rádio não o deixe fácil.

3- Quais os nomes do rádio e da tv que fizeram “escola” na narração esportiva?

Um, Jorge Curi, que foi um grande narrador. O Waldir Amaral. Acho que tudo o que se faz hoje no rádio esportivo eu tenho para mim que se deve ao Waldir Amaral. Os efeitos sonoros, por exemplo, foi ele quem criou e depois todos copiaram.

APÊNDICE 16 - CLÉSIO PERALTA (COMENTARISTA DA RÁDIO TRÊS RIOS)

Entrevista concedida no amistoso entre Flamengo e Tupi, em 2005.

1- Quais são as diferenças na transmissão do rádio e da televisão?

Eu acho que tudo é o campo imaginário. O rádio tem essa capacidade de fazer as pessoas sonharem e imaginarem. Eu acho que mistério de uma transmissão esportiva, além da velocidade, de ser uma transmissão mais rápida, mais quente, mais direta, tem a capacidade de fazer o torcedor imaginar o que está acontecendo. Esse mistério é que fascina o torcedor. Isso a televisão não tem. A televisão tem seu papel, é um veículo importante, mas é fria.

2- O que leva uma pessoa a levar o rádio para o estádio ou tirar o som da tv e preferir ouvir o jogo com o áudio do rádio?

Isso é uma característica. Na minha cidade, Três Rios, isso é muito comum. Não sei se o fato de sermos da cidade e as pessoas estarem acostumadas. O fato é que isso é curioso e aumenta a responsabilidade do narrador de rádio. Nós sabemos que isso acontece muito em todo lugar. Em termos de ida do torcedor para o estádio com o rádio acho que está muito ligada ao fato da velocidade com que o repórter de campo tem para

informar uma substituição, uma contusão, o que aconteceu naquele momento. A informação do jogo que está acontecendo em outro lugar.

3- O que o torcedor prefere na transmissão do rádio e da televisão?

Acho que o rádio é o imaginário, como falei. Eu sou um comentarista e também um ouvinte de rádio quando não estou trabalhando. Eu te digo que gosto muito de ficar imaginando aquilo que está acontecendo. O torcedor tem essas coisas, gostar de ficar imaginando, tem as coisas dele, como superstição. O mistério é ir contanto pelo rádio para ele o que está acontecendo.

4- Quais os nomes que fazem “escola” na transmissão esportiva no rádio e na tv?

Olha, aqui do lado da cabine que estou tem um cara que é idolatrado pelo torcedor (se referindo a José Carlos Araújo, da Rádio Globo do Rio de Janeiro). Ele é um ídolo para o torcedor e para muitos que fazem futebol pelo rádio. Tem o Luiz Penido, da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. E tem aqueles que foram do passado, Jorge Curi, Doalcei Bueno de Camargo, que são ícones, ídolos, símbolos que nós admiramos. Eu, como comentarista, sempre gostei mais do Sérgio Noronha no rádio do que na televisão. Na tv ele não tem espaço.

APÊNDICE 17 - ENTREVISTA COM MARCOS CAETANO (COLUNISTA DO ESTADO DE SÃO PAULO)

Entrevista concedida por e-mail em 27/11/2005.

1- Quais as diferenças que você vê na narrativa do futebol pelo rádio e pela tv?

A diferença é que o locutor de rádio tem que criar todo o clima, mexer com a imaginação do torcedor. Já na TV a narração é mais técnica e informativa.

2- O que explica o torcedor ficar só com a imagem da tv e trocar o áudio pelo rádio?

Porque o torcedor gosta da narração exaltada e emotiva - especialmente quando seu time está em campo.

3- Quais as principais escolas de narradores esportivos que tivemos no Brasil?

Dos que acompanhei, Osmar Santos, Jorge Couri, José Carlos Araújo, Waldir Amaral e Doalcey Carmago.

4- No rádio, a partida narrada é outra em relação à que está sendo jogada?

Quando o jogo é bom não. Mas no rádio não existe jogo ruim.

APÊNDICE 18 - WANDERLEY NOGUEIRA (RÁDIO JOVEM PAN, SÃO PAULO)

Entrevista respondida por e-mail em 30/06/2004.

1- Houve alguma mudança na transmissão de futebol pelo rádio quando a tv começou a transmitir os jogos?

Houve. As emissoras de rádio, ou melhor, os narradores se preocuparam mais em serem fiéis com aquilo que está acontecendo no campo. Passou a existir um “fiscal” que é a tv. Então, um pouco daquela poesia, um pouco daquele romantismo foi deixado de lado para a precisão, para o jogo jogado, narrado, o passe, o drible, a perna direita, a

perna esquerda. Então, eu acho sim, que com a chegada da tv houve um aumento de precisão na transmissão do rádio.

2- Como você explica o fato do torcedor levar o rádio para o estádio e quando está em casa abaixar o volume da tv para escutar o rádio?

Porque, disparadamente, ouvir futebol pelo rádio é muito mais emocionante. Então, todo mundo gosta de viver um pouquinho de emoção. É muito comum mesmo. O torcedor vai ao estádio e leva o radinho. Então, ele fica vendo o jogo e ouvindo aqui. Eu acho muito legal, eu acho que é um momento de curtição a emoção do rádio. O futebol pelo rádio é de emoção inigualável.

3- Quais as principais diferenças entre as narrações do rádio e tv?

A tv é imagem, então o locutor pode ser um pouco mais lento, pode se tocar apenas para complementar aquilo que a imagem já mostrou. Então, coloca um tempeirinho a mais e assim vai a transmissão. No rádio não. O rádio é impressão vocal, é aquilo que está acontecendo. É segundo a segundo, é instantâneo. A velocidade do rádio, eu brinco sempre, eu digo que é imbatível. O rádio é diferente mesmo.

4- Quais as principais escolas de transmissão esportiva em relação a estilos narrativos, bordões criados?

São tantos. Você pode falar do Fiori, você pode falar do Osmar Santos, Haroldo Fernandes, Mario Garcia. Estou falando só dos de São Paulo, mas existem locutores incríveis de outros Estados, cada um com o seu estilo, cada um com sua marca. Um narrando mais precisamente, outro usando um pouco de figuração de linguagem, outro

usando a poesia. Eu acho que cada um, com seu estilo, mas todos marcaram, tiveram multidões de ouvintes.

APÊNDICE 19 - FLÁVIO PRADO (COMENTARISTA DA JOVEM PAN, SÃO PAULO)

Entrevista feita em São Paulo, março de 2005

1- Houve alguma mudança na transmissão de futebol pelo rádio quando a tv começou a transmitir os jogos?

Não. O ritmo do rádio brasileiro sempre foi um pouco diferenciado, mais rápido. Portanto, mais ou menos dentro do esperado.

2- Como você explica o fato do torcedor levar o rádio para o estádio e quando está em casa abaixar o volume da tv e ligar o rádio?

Isso é um costume que veio. Por mais câmeras que a tv tenha, falta aquele lado humano, aquele contato, aquela opinião que a pessoa vicia, se acostuma a ouvir o rádio. O número de jogos que ele ouve pelo rádio é muito maior do que aqueles em que ele está presente pessoalmente. Então, é normal que ela sirva como uma muleta, uma espécie de muleta. É por isso que as pessoas levam o radinho para o estádio.

3- Quais as principais diferenças entre as transmissões de rádio e tv?

No rádio você tem que mostrar a imagem e a imagem você não pode ser repetitivo. Você tem que conduzir o ouvinte, só explicar aquilo que está vendo basicamente.

4- Quais as principais “escolas” de transmissão esportiva com relação a estilos narrativos, bordões criados?

Eu divido, num primeiro momento, um rádio mais tranqüilo, mais técnico, lá nos primórdios do rádio, nos anos 40 e 50. Depois vem o rádio mais ritmado, que começa com Edson Leite e com Pedro Luiz. Depois, um rádio mais solto passa por Osmar Santos. Então, tem uma mistura de tudo nesse momento, uma coisa um pouco mais leve, uma parte mais técnica, um pouco mais de velocidade. Enfim, aí nesse momento a gente tem uma mistura de todos os gêneros.

APÊNDICE 20 – ALBERTO SIMÕES (RÁDIO BANDEIRANTES, VALE DO PARAÍBA)

Entrevista em março de 2005.

1- Houve alguma mudança na transmissão do futebol pelo rádio quando a tv começou a transmitir os jogos?

Não. Não creio que houve. O rádio é imbatível porque tem que transmitir o som e a imagem. O locutor esportivo, por exemplo, transmite a partida de futebol, tem que situar onde está a bola para que o ouvinte tenha uma visão para ele acompanhar o jogo. Não houve mudança. O que houve é que o número de emissoras de rádio que passaram a transmitir o futebol sofre uma redução. Houve uma redução do mercado de trabalho. Mas o jeito de trabalhar do homem de rádio não alterou absolutamente nada, pelo contrário, eu acho que, inclusive, valorizou muito o trabalho do homem de rádio, porque quem está vendo a imagem pela tv fica com o radinho no ouvido, fica acompanhando e vê o quanto é eficiente, como é mais difícil trabalhar pelo rádio. Pela tv fica mais fácil.

2- Como você explica o fato do torcedor levar o rádio para o estádio e, quando está em casa, abaixar o volume da tv e ligar o rádio?

Quando o torcedor está ao vivo, no estádio, ele nem sempre tem uma visão exata de quem fez o gol numa jogada, por exemplo, confusa dentro da grande área. Ele às vezes não conhece o jogador do seu próprio time. Então, ele, com o radinho, vai identificando quem é o número 8, 5, 7, sobretudo, ele sabe quem fez o gol, porque o rádio ajuda. Essa é a eficiência do rádio, exatamente imbatível como eu te disse. A prática de abaixar a tv e ouvir o rádio, é porque a transmissão do rádio é muito mais emocionante do que a transmissão da tv. O locutor da tv não precisa fazer nenhum tipo de manifestação diferente daquilo que está passando na imagem e o locutor de rádio tem que fazer isso, porque ele precisa levar ao seu ouvinte, além da informação, a emoção que é muito maior no rádio.

3- Quais as principais diferenças entre as transmissões de rádio e tv?

Já trabalhei nos dois. Acho que a transmissão pela tv é uma coisa muito tranqüila. Não estou, absolutamente, desvalorizando o trabalho que é feito pela tv, que é complicado porque você, ao emitir a sua opinião quando está transmitindo, você está diretamente confrontando com a opinião do telespectador. Você tem que ter um cuidado muito grande ao emitir opinião, por isso eu não concordo com essa eletrônica que pune muitas vezes os árbitros por uma falha. O comentarista de arbitragem, o locutor de tv muitas vezes muda de opinião quando passa o replay. Já no rádio isso não acontece, aquilo que você vê na hora, no momento. Essa é uma diferença muito grande. O rádio é momento, o rádio te acompanha, o rádio é o seu melhor companheiro, no meu entendimento.

4- Quais as principais escolas de transmissão esportiva com relação a estilos narrativos, bordões criados?

Bom, nós tivemos momentos no rádio diferentes. Eu comecei a fazer rádio na década de 60, havia duas escolas: a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. A transmissão mais clássica, mais lenta do rádio carioca, locutores como Waldir Amaral, Jorge Curi, influenciaram muito no meu trabalho. Em São Paulo, nós tivemos Pedro Luiz, Edson Leite, uma escola maravilhosa, a Super Rádio Tupi, equipe 1040. Foi outra escola. Hoje, a coisa está mais diversificada, até pela globalização, pelo contato com rádios de outros Estados. O Rio Grande do Sul tem uma bela escola. Minas Gerais, Belo Horizonte, também. Fica muito difícil. Nós não temos hoje revelações que se comparem aos locutores do passado.

APÊNDICE 21 - SÉRGIO AMÉRICO (REPÓRTER ESPORTIVO DA RÁDIO TUPI)

Entrevista realizada no jogo entre Tupi e Flamengo, em 2005.

1- Quais as principais diferenças da linguagem do rádio e da tv?

Eu acredito que a linguagem do rádio é diferente da de tv porque você, no rádio, se dirige em tese a uma pessoa que não está vendo as imagens, então, você tem que fazer uma descrição dos lances, seja como repórter, seja como narrador, muito mais específica. Eu cito um exemplo: vamos falar do time do Flamengo. Se o Felipe faz uma jogada, passa por dois adversários e chuta em gol, o narrador fará a transmissão falando exatamente dos momentos até quando o Felipe chuta. Quando você também vai fazer a sua descrição na tv, você tem que se ater a detalhes que a imagem por si só já se justifica, mas, como eu disse, você como radialista está se dirigindo a quem não vê. Então, você dá detalhes, Felipe com a perna esquerda driblou o adversário, jogou o

corpo para a esquerda rente à linha lateral, chegou ao bico esquerdo da área, fez o cruzamento no segundo pau, cabeceou Flávio, à esquerda do goleiro. São detalhes que a tv não precisa desses nuances. Por isso que é uma linguagem diferente.

2- Por que as pessoas que estão na arquibancada estão com o radinho do lado?

Bom, eu acredito até que há muitos anos havia um número muito maior, havia um hábito muito maior de pessoas que ouviam o rádio. Mas isso ainda acontece. Eu acredito que o rádio, por sua instantaneidade, sua rapidez da informação, é um veículo que tem o seu lugar tranquilo, independentemente da internet, da tv com mil câmeras. O ouvinte, no caso você está se referindo ao torcedor que está na arquibancada, ele está com o radinho de pilha justamente porque ele sabe que o repórter de campo está junto do lance e terá detalhes que da arquibancada ele não consegue observar.

APÊNDICE 22 - OSWALDO REIS (RÁDIO GLOBO E CBN BELO HORIZONTE)

Entrevista realizada em 22/11/2005, por e-mail.

1- Quais as principais diferenças que você vê na transmissão do rádio e da TV?

Uma grande diferença. Como existe a magia do rádio, essa magia que faz o rádio ainda permanecer com grande audiência, dificilmente ele vai perder essa grandiosidade e enorme audiência. Você faz o torcedor acompanhar o campo de futebol na sua cabeça, no seu imaginário, trabalhando aí muito com o imaginário do torcedor. Você tem que ser veloz, transmitir com velocidade, com boa dicção, procurar acompanhar bem a bola. A tevê exige talento também, mas você tem recursos, monitores. Ela é um pouco mais lenta. A transmissão no rádio, eu diria, é um pouco mais difícil, mas ela é muito mais mágica.

2- Na sua opinião, como explica o fato de torcedores virem a campo e mesmo assim trazem o rádio para ouvir? E em casa abaixar o som da tv e ligar o rádio?

Essa é a cultura que nós temos em nosso país. O torcedor, parece que se ele for ao campo e não levar o radinho está faltando alguma coisa, ele está meio cambeta, entendeu, está faltando um braço, uma coisa. Porque é ali que ele vai se orientar da opinião do comentarista e de como ele vai esperar aquele jogo, dos repórteres, do jogador que era dúvida e fez o teste no vestiário e passou. A tevê entra praticamente quando a bola está rolando, o torcedor que vai mais cedo para o estádio tem que acompanhar o rádio porque ele abre 2 ou 3 horas antes da televisão e também fecha o trabalho bem depois. Aqui na Globo, por exemplo, o **Futebol Show** começa às 2 da tarde e vai até as 8 horas da noite. Informações bem antes. Na pré hora, que é a chamada, e no pós-jogo com comentários e tal. E as narrações em si, as substituições, quer dizer, é gostoso você acompanhar. Eu tenho esse costume também de ver pela TV e abaixar o volume da TV e acompanhar pelo rádio.

3- O que agrada ao torcedor na transmissão do rádio e da tv?

Eu acho que a criatividade. Os jargões são criados, o som em si tem uma coisa lírica, um negócio gostoso, você ouvir o radinho, o rádio AM... então, é gostoso. Eu acho que tem essa magia mesmo como eu disse anteriormente que prende o torcedor, o ouvinte. Ele acompanha o seu clube, o seu time ouvindo aquele locutor, aquele tipo de narração. Nós temos também grandes narradores de TV, todos que vieram do radio, Galvão Bueno, Luciano do Vale, Sílvio Luis, todos vieram do rádio e se aperfeiçoaram e se adaptaram. Também no rádio, aqui para nós, as narrações esportivas começaram bem antes que na TV. Eu acho que a TV tem muita informação, tem imagem e também

tem essa do locutor como, por exemplo, do Galvão Bueno que cria muitas coisas, “sai que é tua Taffarel”, jargões que são criados, que prendem muito tanto o telespectador quanto o ouvinte de rádio.

4- Você acha que o locutor de rádio é visto pelo torcedor como um ídolo, como se fosse um jogador do próprio time?

Com certeza. O José Carlos Araújo da Rádio Globo, o Oscar Ulisses, Edson Mauro são nomes como foram Waldir Amaral, Jorge Curi, são ídolos como Pelé, Tostão, Romário, Jairzinho, Rivelino.

5- E como você acha que existe essa identidade entre o torcedor com o narrador, que idolatra esse narrador?

Eu acho que é por isso, porque teve uma época áurea no rádio, uma época de ouro do rádio com Waldir, Jorge Curi, Fiori Giglioti e agora nos últimos 30, 40 anos, José Carlos Araújo, Edson Mauro. Eles têm uma identidade com o torcedor, eles criam e falam aquilo que o torcedor está acostumado... a linguagem do boleiro e do torcedor, então há uma identificação muito grande.

6- Por que o locutor de TV não cria essa idolatria com o torcedor, como tem o do rádio?

Eu acho que também pela proximidade até. Parece que o locutor de rádio parece que fica mais próximo do torcedor. A impressão que eu tenho, por estar há bastante tempo nisso, as pessoas vêm conversar... na tevê, parece que há uma certa distância e por isso que evidentemente eu acho que no rádio o locutor é mais querido. Eu tenho essa opinião.

APÊNDICE 23 - JOSÉ EDUARDO ARAÚJO (RÁDIO JUIZ DE FORA)

1- Quais as principais diferenças que você vê na transmissão do rádio e da TV?

O rádio, ele praticamente é ao vivo, então ele tem uma interação muito grande, principalmente quando você faz ao vivo. Porque hoje você já faz também o “geladão” via rádio, via TV, o que tira um pouco da emoção do trabalho. O trabalho real, o trabalho que realmente impulsiona o comentarista, no caso também o repórter, é ele trabalhando com o jogo em desenvolvimento, é na praça de esportes, é ali que realmente tudo aconteceu.

2- O que explica para o senhor o torcedor trazer o rádio para o estádio. E em casa ele abaixa o volume da tv e ligar o rádio?

Porque o grande mistério do rádio é que ele é instantâneo. Então você fala com o rádio através do telefone como se estivesse usando o equipamento radiofônico. A TV já é ao contrário. Você pode ver quando você usa o telefone, eles apresentam uma imagem fria de quem está falando, no rádio não, essa interação é que dá justamente essa credibilidade ao rádio. Então ele traz o rádio para o estádio, principalmente aos grandes estádios, que é longe a distância do torcedor para o campo. Aquilo ali facilita a movimentação, as entrevistas, as informações que são dadas antes, durante e principalmente depois do jogo, principalmente o time vencedor. A torcida tem aquele “afã” de ficar ouvindo o que acontece dentro dos camarins, dos vestiários e isso aí é que faz justamente essa magia do rádio, e no rádio você não tem que ficar em cima do lance igual na TV. Na TV, ela mostra aquilo que realmente está acontecendo, você pode fantasiar também, o que também tirou um pouco da vibração do rádio com a imagem sendo mostrada.

3- O que agrada mais ao torcedor nas transmissões do rádio e da tv?

Geralmente ele une, ele gosta daquela fantasia, ele gosta daquele “passou raspando”, raspando é um metro e meio e não é raspando na realidade. “Tirou tinta do poste”, aquele momento que você fala e você descortina para o ouvinte, então ele vendo a TV também ele se sente quase que dentro do campo. Então essa é a facilidade que hoje acontece. A maioria desligando o som da TV e ligando o rádio, porque o rádio, além do locutor, tem também todo um charme que é feito através de chamadas, através de apitinhos, isso tudo que faz com que a transmissão seja única também do rádio brasileiro. Você pode rodar o mundo que você não vê uma transmissão de rádio de futebol, de esportes igual ao do rádio brasileiro.

4- Por qual motivo alguns narradores são ídolos tal como um jogador do clube?

Torna-se ídolo justamente porque o que ele faz em campo, ele joga, ele lança aquela mística da camisa e dali ele passa, pelo futebol que ele desenvolve, aquele formato de ídolo. Mas para ser ídolo, tem que ter os companheiros do lado, por isso que o time de futebol é um conjunto, são 11 pessoas, é um esporte aonde você tem um contato muito grande, apesar do gramado ser 110x75, a metragem oficial, outros campos são menores. Coisas que você não vê no Voley. Você tem uma quadra dividida ao meio com as equipes fora. O Basquete já dá mais emoção porque você já tem aquele contato, e os outros esportes também são frios porque, além de ser individual, o elemento também joga por si.

Isso aí não é somente eles. O rádio sempre idolatrou todo mundo. Jorge Curi foi o maior locutor esportivo do mundo. Um locutor que até viver fez todas as Copas do Mundo. O João Saldanha não era um locutor e era idolatrado pelo o que ele falava, porque ele falava a linguagem do povo, ele foi buscar em “**Nenem-Prancha**” aquela maneira de mostrar tudo nos seus comentários. Então não é apenas o locutor, o repórter.

Aí, com a credibilidade que você faz, e hoje, por exemplo, é muito fácil; eu, por exemplo, sou Flamengo; pelo fato de ser Flamengo não quer dizer que eu comentando o jogo do Flamengo eu vou falar que o Flamengo é o melhor time do mundo, quanto na realidade não é. Então essa credibilidade que você passa para o ouvinte é que te dá o respeito e automaticamente a audiência.

APÊNDICE 24 - LEONARDO CAMARGO (EDITOR DO GLOBO ESPORTE BH)

1- Quais as principais diferenças nas transmissões pelo rádio e pela tv?

A diferença básica é que a transmissão da TV tem uma informação que a rádio não tem, que é a imagem mesmo. Isso muda totalmente o estilo de transmissão, o narrador não precisa ser tão descritivo porque o cara já está vendo as imagens, as imagens por si só já dizem muita coisa.

2- O que explica o torcedor vir ao estádio e trazer o rádio. E, por que ele abaixa o volume da tv e liga o rádio?

Eu acho que o jogo ao vivo... isso é muito relativo, existem ganhos e perdas, não é? Quando você está com a TV você tem o recurso que a transmissão permite, o mesmo ângulo, o mesmo lance por vários ângulos, explica melhor o lance para a pessoa. Se você perde o lance, você sabe que a TV vai mostrar de novo, vai recuperar no replay, é uma coisa que aqui ao vivo não dá. Você olha para o lado e sai o gol, você não viu o gol, na TV sai o gol, o cara grita e você sabe que vai ter replay. Então, você ganha isso na TV. Agora, as pessoas que vão ao estádio, eu acho que o que elas ganham mesmo é a emoção de estar no estádio. É diferente, uma viabiliza a outra, eu acho.

3- O que agrada mais ao torcedor nas transmissões pela tv e pelo rádio?

Durante muito tempo as pessoas se habituaram a ouvir as transmissões pelo rádio porque não havia TV. A transmissão no rádio, como o locutor não tem o recurso da imagem, ele precisa lançar mão de vários recursos, estilo, de interpretação para tornar aquele jogo emocionante para quem não está vendo o jogo. Então ele tem que realmente criar uma estória muito maior e muito mais, precisa ser muito mais vibrante, criativo do que o narrador de TV, porque inclusive se o narrador de TV fizer isso ele fica “over”, fica exagerado. Então a narração do rádio tem essa característica de ficar mais emocionante e muita gente se acostumou a isso; não que a narração de rádio seja melhor que a TV, são estilos diferentes.

4- Você acha que um locutor esportivo pode se tornar um ídolo?

É diferente. Quando você tem, por exemplo, um narrador identificado com o clube. Como é o caso do Villy Gonzer com o Atlético, do Alberto Rodrigues com o Cruzeiro, o narrador identificado com o clube. Quando tem um clássico, metade um narra, metade outro narra. São narradores que eventualmente podem narrar jogos de outros times, mas eles são identificados com o Cruzeiro e com o Atlético. No caso do narrador de TV, por exemplo, ele não é identificado com clube nenhum e nem pode. Então nesse sentido ele não pode ser ídolo de uma torcida, se for tem alguma coisa errada. Se a torcida está tendo simpatia por aquele narrador, o narrador que é de TV, que narra jogos de vários times, eu acho que ele tem que ser isento; é estranho que de repente se torne ídolo de uma torcida. Não que eu ache que no rádio seja errado isso, na cultura do rádio, acho até bacana identificar o narrador com o time, mas isso é uma prática, mas aí cabe porque a mesma emissora tem vários narradores e ela pode ter o luxo de ter um por time, entendeu? Apesar de que eles são experientes, talentosos, então

eles dão a visão do jogo de forma imparcial, mas é claro que eles são identificados por uma torcida. Mas no caso da TV ela não pode se dar ao luxo de ter um narrador pra cada time.

APÊNDICE 25 - EDUARDO MONSANTO (REPÓRTER DO ESPN BRASIL)

1- Quais as principais diferenças nas transmissões pelo rádio e pela tv?

Basicamente, a TV é uma transmissão bem diferenciada do rádio porque tem o recurso da imagem. No rádio o narrador acaba sendo responsável por contar o que está acontecendo, criar para o ouvinte o clima. No Maracanã, por exemplo, José Carlos Araújo vai virar e falar: “o gol da estrada de ferro”, “gol da rampa da UERJ”, o cara que já foi ao Maracanã, ele já sabe direitinho onde estão as coisas todas. A galera do Flamengo, do jeito que José Carlos Araújo vai narrar, ele já sabe onde está a galera, se tem gente, se não tem. “Casa cheia”, o cara já sabe. Então, no rádio a principal desvantagem do narrador é vantagem porque faz ele aparecer mais do que qualquer outra coisa. Mas a desvantagem é que ele tem que criar todo esse ambiente que o ouvinte não tem, enquanto o telespectador, por ter o recurso da imagem, está vendo tudo. Então, pela transmissão da TV isso acaba ficando mais atraente porque o cara tem replay, o cara vai ter linha de impedimento, câmera só pra impedimento, mas em termos de transmissão, a transmissão pelo rádio é muito mais vibrante. O cara não pode entrar naquela balada do locutor de TV, porque o locutor de TV, o que ele faz? Ele é um mero complemento da imagem, enquanto na rádio o cara é responsável por construir tudo que vai estar passando pelo imaginário do ouvinte.

2- O que leva o torcedor a levar o rádio para campo. E, em casa, abaixar o volume da tv e ligar o rádio?

Ele leva o rádio para o campo porque muitas das vezes ele não conhece todos os jogadores, quer saber quem está com a bola, quem não está, quer saber informações adicionais que ele, por não ser um jornalista, não sabe. Ele tem no rádio aquela transmissão bem detalhada, cheia de curiosidades, detalhes dos times, então ele tem todos esses recursos numa transmissão do rádio. No caso da TV, muitas vezes, como o rádio é anterior à TV, o cara já tem essa intimidade com o rádio desde pequeno. Ele passa para a TV, ele vai ver a transmissão, ele sente falta um pouco daquela vibração que o rádio tem. Às vezes, o cara não gosta do narrador da TV, tem tudo isso, então eu acho que o cara abaixa o áudio da TV porque muitas vezes ele tem birra com determinado narrador, não gosta do cara, quer ouvir o do rádio porque ele gosta mais. É mais por esse aspecto.

3- Você acha que um locutor pode se tornar ídolo tal como um jogador de futebol?

Olha, tem a mesma importância que um cara que faz TV, que apresenta um programa na TV, é um jornalista como outro qualquer no meu modo de ver. Agora, muitas vezes, pela mídia que a gente tem atualmente, tem revistas especializadas em TV, **Contigo**, **Caras**, essas porcaria todas, tendem a elevar um cara que é jornalista a uma condição de meio que artista. Como se fosse um ator de tv, de cinema, uma coisa assim. Eu acho que muita gente perde até isso, até o próprio Galvão Bueno perdeu isso: a noção de que realmente ele é um narrador, e até no caso dele específico, eu acho que ele perdeu um pouco daquela história que ele está ali para transmitir jogo, não é pra ficar dando opinião, ele tem comentarista para isso; e ele se torna um narrador diferente dos outros, porque ele dá muito pitaco, ele emite muita opinião. Enquanto, pelo menos

da maneira que eu entendo de futebol e de transmissão de futebol, o cara não tem que dar opinião de nada. Ele tem que narrar o jogo, contar o jogo, isso é papel de comentarista.

4- Qual das transmissões que você acha que o torcedor acha mais confiável?

Ele acredita mais no que está vendo. A TV, eu acho que é uma transmissão mais confiável, até por poder dirimir várias dúvidas. Por todas as câmeras e replay, todas as particularidades que ela tem, a transmissão de TV é que o torcedor confia mais. Mas eu acho que o rádio, apesar de internet ter nascido, tudo isso, a transmissão pelo rádio é um negócio que a pessoa não abandona.

APÊNDICE 26 - ARTHUR MORAIS (RÁDIO ITATIAIA, BELO HORIZONTE)

1- Quais as principais diferenças na transmissão pelo rádio e pela tv?

Muito na minha opinião, até pela experiência vivida no rádio. O rádio, ele leva ao ouvinte uma emoção maior. Uma vibração maior até pela maneira como os jogos são transmitidos e acima de tudo o imediatismo do rádio. A notícia de repente surge e a TV é naturalmente a imagem, muito das vezes ela chega com certo retardo e, como nós dissemos anteriormente, imediatismo do rádio, aquele momento do rádio é uma coisa muito dinâmica e que mexe com todos os profissionais realmente do ramo. O narrador, principalmente, que tem que dar emoção às transmissões, e o repórter, que tem que passar a notícia como ela realmente tem que ser passada também de forma vibrante. Essa é a diferença que eu vejo no rádio, cativa mais o ouvinte.

2- O que leva o torcedor a levar o rádio para campo. E, em casa, abaixar o volume da tv e ligar o rádio?

Eu também tenho essa mania. Quando eu não estou trabalhando e tenho a oportunidade de ver um jogo pela TV sendo transmitido. Razão disso que nós colocamos anteriormente, a emoção é maior. A vibração do narrador esportivo é bem maior que o locutor de televisão. Claro, se você tem a possibilidade de não estar no estádio, ver o jogo, ter a imagem do jogo e ouvir pelo rádio, eu acho que é muito mais emocionante, muito mais gratificante.

3- O que agrada mais ao torcedor nas transmissões pela tv e pelo rádio?

Em Copa do Mundo, por exemplo, ela fica muito emocionante na TV porque você está vendo mais do que está acontecendo. Agora o rádio, mais pelo dinamismo, pela informação, pela jornada esportiva em si que começa mais cedo. No rádio você vai para o estádio depois do almoço, você já tem uma jornada esportiva no ar, você já cativa o ouvinte, você emotiva até mesmo o torcedor que está em casa e que de repente se sente motivado por aquela vibração que está sendo passada pelos profissionais do rádio a ir inclusive ao estádio. Então eu acho que essa seria a diferenciação. Aquilo que o pessoal do rádio passa bem mais vibrante do que na TV, que tem a sua importância. De maneira nenhuma a gente vai querer aqui desmerecer o trabalho dos profissionais da TV. Mas até pela experiência vivida no rádio, com toda certeza, eu não tenho dúvida nenhuma de que o rádio é bem mais gostoso.

4- Você acredita que um locutor de rádio pode ser visto como ídolo tal como um jogador?

Na Rádio Itatiaia, por exemplo, a gente tem esse exemplo. O Alberto Rodrigues, que é o narrador há muitos anos dos jogos do Cruzeiro, principalmente no Sul de Minas. Quando o Cruzeiro vai jogar pelo Campeonato Mineiro, quando chegamos aos estádios, na cidade, o Alberto é muito assediado como um jogador; muitas das vezes, assim como o torcedor quer um autógrafo do seu ídolo, de um jogador, quer também autógrafo do Alberto Rodrigues justamente pela identificação que ele tem com o ouvinte do rádio, aquela vibração que ele passa. Então ele é exemplo. Nos temos na Rádio Itatiaia o jornalista, o repórter; o narrador pode ser sim, através do rádio, um ídolo do torcedor.

APÊNDICE 27 - DIMARA OLIVEIRA (ASSESSORA DO CRUZEIRO)

1- Quais as principais diferenças que você vê nas transmissões pelo rádio e pela tv?

Na TV você tem a imagem, que é tudo, o locutor, ele começa a passar só uma referência para o telespectador. Já o locutor de rádio, ele tem que estar passando a emoção de que o ouvinte não pode estar vendo. Então eu acho que por isso o dinamismo do locutor de rádio. O locutor de TV, ele é uma coisa mais compassada, mas eu acho que hoje tanto na TV quanto no rádio a exigência maior é da boa informação do locutor. Hoje, isso não fica implícito só no comentarista, o narrador tem que ser um profissional muito bem informado, o nível de exigência do telespectador e do ouvinte aumentou muito. Então você tem que estar interado do esporte, do futebol, basquete, vôlei, no mundo inteiro. Que também chega até nós através da internet, isso facilita um pouco, mas hoje você tem que ser muito bem informado.

2- O que leva o torcedor trazer o rádio para o estádio e em casa abaixar o som da tv e ligar o rádio?

É o imediatismo da rádio e a fidelidade que o ouvinte acaba tendo com esse veículo. A gente costuma dizer que o grande sonho do jornalista é sempre estar no rádio pelo imediatismo da coisa. A rádio te propicia estar com o celular na rua e conseguir narrar o fato na forma, naquele momento que ele está acontecendo; só que na TV, para você estar fazendo isso ao vivo, você precisa ter um carro de externa, você precisa estar com o olho linkado, enfim, há uma dificuldade nesse sentido. Então esse imediatismo do rádio é que faz com que o ouvinte tenha essa fidelidade.

3- O que mais agrada ao torcedor nas transmissões pelo rádio e pela tv?

Eu acho que o narrador de rádio tem sempre um cunho de torcedor e exatamente porque ele tem que passar essa emoção que você não está conseguindo ver na imagem, ele está sempre passando uma emoção muito forte. Eu acho que isso é que cativa muito o ouvinte, que é diferente da TV. Uma coisa mais pausada e você está conseguindo tirar suas conclusões porque você está vendo as imagens, isso já não acontece no rádio.

4- Você acredita que o locutor pode se tornar um ídolo tal como um jogador de futebol?

É porque na rádio você tem a condição do narrador ser também um ídolo. A experiência que a gente tem por aqui. Vê isso muito em Porto Alegre, em São Paulo também. Naturalmente aquele narrador narra especificamente os jogos daquele time. Então ele cria uma identidade muito grande com a torcida. Isso faz com que ele se transforme num ídolo mesmo. A gente tem a experiência, às vezes, do narrador estar falando uma coisa e a arquibancada responder. Então é essa identidade que ele acaba criando.

5- Você acredita que narradores que não têm identificação com uma torcida específica podem criar essa condição de ídolo, de carinho com o torcedor?

Sim, com certeza. A gente tem vários exemplos, principalmente na TV, de narradores que fazem diversos jogos espalhados pelo Brasil e que têm, pelo trabalho bem feito, pela informação que eles trazem, essa conotação, essa identidade. Também porque, hoje com tudo que a gente tem, o repórter, o narrador, o cara que aparece na televisão, ele ainda tem muita mística em torno dele. Ainda assim o povo, o grande público, ainda enxerga ele de uma forma de idolatria. Ainda se tem muito isso.

6- Isso no caso da TV. Tem mais no rádio ou nos dois?

Tem nos dois. Mas no rádio com mais identidade e na TV mais pelo que a telinha te mostra.

APÊNDICE 28 - GILMAR JORGE BONSAITO (RÁDIO TRÊS RIOS, NA CIDADE DE TRÊS RIOS)

1- Quais as principais diferenças nas transmissões pela tv e pelo rádio?

Bom, na transmissão de rádio é tudo imediato, a TV é mais produzida. Na rádio você não tem tanta produção. Na rádio você também não tem recursos que ajudam como o videoteipe, tira-teima, quer dizer, o narrador tem que estar sempre ligado, o repórter principalmente, que é sempre acionado, tem que estar sempre ligado porque você não tem o auxílio da câmera, não tem o auxílio do retorno daquela imagem. Então, você está sempre ligado, essa é a diferença entre o rádio e a tv.

2- O que leva o torcedor a levar o rádio para campo ou, em casa, abaixar o volume da tv e ligar o rádio?

Bom, o que faz o torcedor ouvir o rádio e ver a tv, eu acho que é a credibilidade que a emissora passa para o ouvinte, trazendo a notícia imediata. Ele está vendo na tv e você no rádio mostrando o que realmente está acontecendo, a credibilidade da notícia. Eu acho que é isso que faz com que a pessoa que está em casa veja pela tv e escute pelo rádio.

3- Você acredita que o rádio é mais fiel que a tv? Qual é essa relação?

Não. Eu acho que tanto o rádio como a tv lutam pela credibilidade. Mas é aquilo que eu falei, o rádio é mais imediato, ele traz a informação mais imediata. Na tv, dependendo do que seja, é gravada para depois ser jogada, pode ser editada, e o rádio não tem como você editar, você falou está falado.

APÊNDICE 29 - ARY CUNHA (EDITOR DE ESPORTES DE O GLOBO)

1- Quais as principais diferenças da transmissão de rádio e da tv?

São dois meios totalmente diferentes. Os jornais, revistas, tv, eu acho que cada meio tem uma linguagem diferente, técnicas diferentes. Se você puser um narrador de rádio para narrar um jogo de tv fica uma coisa estranha, porque o rádio mexe com o seu imaginário. A rádio é aquela coisa que mexe muito com a tua emoção, você está em casa com aquele radinho, você sofrendo junto com seu time. E a imagem por si só fala muito. O trabalho do locutor, do repórter é muito mais informativo do que o de dar um ambiente. O rádio tem que dar obrigatoriamente para que o ouvinte possa se situar.

2- Por que as pessoas trazem o rádio para o estádio e quando vêm o jogo pela tv abaixam o volume e ligam o rádio?

Justamente por isso, a transmissão pelo rádio é muito mais emocionante, ela tem uma carga de emoção, de uma riqueza de detalhes muito maior que da tv, porque na tv, pelo fato de você ter a imagem a sua frente, você não pode brigar com a imagem, você não pode competir com a imagem, por isso as pessoas que têm o hábito de ouvir o rádio, isso em qualquer lugar do Brasil, elas gostam de abaixar o volume da tv, ou por não se identificar com determinado locutor e ouvir o locutor da rádio. Consegue estabelecer um pacto com o ouvinte.

3- Qual dos dois meios se identificam mais com a imagem do futebol?

Os dois se identificam de formas diferentes. A imagem é a realidade do jogo, na tv você vê o que está acontecendo. O rádio mexe muito com o seu imaginário, quer dizer, vai muito daquela coisa de você visualizar na sua cabeça. Isso eu digo, você não estando no estádio, você sentir aquele momento que está acontecendo no campo através das palavras de uma pessoa. A novela no rádio, que fez sucesso nas décadas de 50, 40, 30, mexia muito com o imaginário da pessoa. É uma outra linguagem da novela televisiva. Todos os dois têm seu espaço, sua importância, e são linguagens totalmente diferentes e são igualmente apaixonantes.

APÊNDICE 30 - CARLOS EDUARDO ÉBOLI (SISTEMA GLOBO DE RÁDIO)

1- Na sua opinião, qual a distinção entre a narrativa do futebol no rádio e na tv?

No rádio, o narrador precisa descrever com detalhes cada lance, a fim de criar a imagem para o ouvinte. É preciso colocar vibração na narração. O objetivo é transportar

o ouvinte para dentro do espetáculo. Já na televisão, a imagem fala mais alto. O narrador serve apenas como um suporte para aquilo que o telespectador já está vendo. Mesmo o narrador tendo uma participação importante na transmissão, o público não depende dele para melhor compreender o que está acontecendo. Porém, cada narrador tem o seu estilo e carisma e boa informação são fundamentais para o sucesso de uma transmissão televisiva. Aliás, estas são características importantes para qualquer veículo. Até porque, o rádio sabe que a televisão está cada vez mais presente nos jogos (payperview) e na casa do brasileiro e deve fazer suas transmissões pensando nisso.

2- Como se explica o costume do torcedor, mesmo com todo avanço da tecnologia, muitas vezes optar por retirar o som de uma transmissão da tv e ouvir o rádio?

Acredito que este seja um hábito daqueles torcedores que preferem a vibração do rádio aliada à imagem da tv. Isto é muito comum em pessoas de uma faixa etária mais alta e que viveram uma época em que o rádio dominava as transmissões de futebol.

3- Você prefere a transmissão do futebol pelo rádio ou pela tv? Por quê?

Não há como compará-las a fim de estabelecer uma preferência. Como coloquei nos meus argumentos anteriores, cada um tem o seu espaço. Porém, é indiscutível que a transmissão do rádio é mais vibrante e mais empolgante e prende muito mais a atenção, mas a partir do momento que você tem a imagem na sua frente, nada fala mais alto ou pesa mais. Ou seja, se estou vendo o jogo, não me preocupo com o que estou ouvindo e, se não estou vendo, me torno dependente daquelas palavras. É uma visão óbvia, mas a maioria das pessoas age assim.

4- Quais os narradores que fizeram “escola” no rádio e televisão?

As minhas preferências são: na tv, Galvão Bueno e Luciano do Valle; no rádio, Waldir Amaral, Jorge Curi, José Carlos Araújo, Osmar Santos e Oscar Ulisses.

APÊNDICE 31 - WILSON VILLAS-BOAS (TORCEDOR, 56 ANOS)

1- Por que o senhor traz o rádio para o estádio?

Para sentir maior emoção.

2- O senhor tem o hábito de ver o jogo pela tv com o som do rádio?

Com certeza. Vendo um jogo e ouvindo outro, muitas vezes.

3- O que o rádio tem de diferente em relação à televisão na transmissão do futebol?

Mais emoção.

4- O que falta na transmissão da televisão?

Falta o Galvão Bueno parar de torcer tanto para um time durante a transmissão.

5- O senhor acha que a transmissão pelo rádio sofreu mudanças com a chegada da televisão?

Com certeza digo que não. O rádio sempre foi o rádio.

6- Qual a transmissão que o senhor confia mais, a que ouve pelo rádio ou a que vê pela televisão?

Acredito mais na televisão porque estou vendo ao vivo. O rádio é mais emocionante e a televisão mais real.

APÊNDICE 32 - GILSON ANTÔNIO REZENDE (TORCEDOR, 45 ANOS)

1- Por que o senhor traz o rádio para o campo de futebol?

Para ter mais conhecimento do que está acontecendo, identificar o jogador de longe que às vezes eu não conheço.

2- Você tem o hábito de ver o jogo pela televisão e ouvir a partida pelo rádio ao mesmo tempo?

Com certeza. Pelo mesmo motivo que trago para o estádio. Para eu identificar melhor os jogadores. Para identificar o que está acontecendo.

3- O senhor vê diferença na transmissão do rádio e da televisão no futebol?

Cem por cento. O rádio passa uma emoção muito mais forte. A televisão você está vendo acontecer ali. O rádio diz que quase pegou na trave, quando passou quase dois metros longe.

4- E o que falta na transmissão da televisão?

Falta a realidade. Falta fazer o futebol com mais emoção. O rádio é mais realidade.

5- Você acha que a transmissão do futebol pelo rádio sofreu mudança com o surgimento da televisão?

O rádio é muito mais velho e acho que continua sendo cultura. Nele você ouve informação. Tudo que é bom você encontra no rádio e a televisão tem coisas que a gente não deve nem ver. O rádio é verdade.

APÊNDICE 33 - ADILSON (TORCEDOR, 39 ANOS)

1- Por que o senhor traz o rádio para o estádio?

Porque é mais fácil de escutar e identificar os jogadores.

2- O senhor tem o hábito de ver o jogo pela televisão e ouvir o mesmo jogo pelo rádio?

Não.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão do futebol em relação à televisão?

Mais emoção, com certeza o rádio tem muito mais emoção.

4- É isso que o senhor considera a maior diferença para a transmissão de televisão em relação ao rádio?

Eu acredito que sim. O rádio é mais emoção, mais vibração. Na televisão é tudo a mesma coisa, eles parecem que dizem sempre a mesma coisa. No rádio não, sempre tem emoção e coisa diferente.

5- O senhor acha que houve mudança na transmissão do rádio a partir do momento que a tv começou a transmitir o futebol?

Não. O rádio sempre teve sua posição e sempre vai ter. É a melhor coisa que tem.

6- Em qual transmissão você confia mais: rádio ou tv?

No rádio. A gente vê mais a verdade no rádio.

APÊNDICE 34 - NOÉ (TORCEDOR, 62 ANOS)**1- Por que o senhor traz o rádio para o campo de futebol?**

Eu trago para conhecer o jogador pelo nome e pelo número que o narrador fala. É assim que eu fico conhecendo o jogador.

2- O senhor tem o hábito de ver o jogo pela tv e ouvir pelo rádio a mesma partida?

Não. Só vejo pela televisão, com o som da televisão.

3- Qual a diferença de uma transmissão para a outra?

Pelo rádio é muito melhor, é mais emocionante.

4- De onde o senhor acha que vem essa emoção?

Eu me baseio muito na voz do locutor, no que ele está dizendo. Às vezes eu sei que é até mentira, que não é muito real, mas me dá mais emoção.

5- E o que falta na narração pela televisão?

Eu acho que falta um pouco de ética.

6- Qual das duas transmissões o senhor confia mais: rádio ou tv?

No rádio. Porque o rádio está no campo. A televisão eu tenho percebido que o jogo é na França e eles estão falando do estúdio. Por isso acho que o rádio é mais confiável e emocionante.

APÊNDICE 35 - JORDÃO RODRIGUES TAVARES NETO (TORCEDOR, 52 ANOS)

1- Por que o senhor tem o hábito de trazer o rádio para o campo?

Para ficar mais bem informado sobre o nome dos jogadores, quando vai acontecer alguma alteração ou os comentários.

2- O senhor tem o hábito de ver o jogo na televisão e ouvir o som do rádio?

Não.

3- Qual a diferença da transmissão do futebol pelo rádio e pela televisão?

O rádio provoca mais emoção. Você não está vendo, mas sente pela emoção, de acordo com a narração do locutor.

4- O que tem de diferente entre um e outro é a imaginação?

Sim. No rádio você tem que usar a imaginação. Na televisão você está vendo a realidade do lance.

5- O senhor sente que houve alguma mudança na transmissão do rádio depois do surgimento da televisão?

Acredito que alguma coisa deve ter mudado. Talvez a pessoa esteja ouvindo e tendo hoje a chance de tirar as dúvidas pela televisão.

APÊNDICE 36 - ROBSON DE OLIVEIRA ALMEIDA (TORCEDOR, 46 ANOS)**1- Por que você tem o hábito de trazer o rádio para o estádio?**

Para ficar sabendo quem é o jogador, quem fez o gol, se informando melhor.

2- E você tem o hábito de ver o jogo pela televisão e ouvir pelo rádio?

Não. Isso aí só quando eu estou vendo um jogo mas interessado em outro. Aí eu vejo um e ouço outro.

3- O que faz falta na transmissão do futebol pela televisão?

A empolgação do rádio. O rádio vibra. O pessoal floreia demais, porque a gente não está vendo. De repente o cara fala que a bola passou raspando. Passou nada, mas emociona. O rádio engana muita gente também. Eu já vi jogo que o locutor tava falando alguma coisa e saiu o gol. Ele narrou o gol depois, mas mesmo assim não perdeu a emoção.

4- Em qual das duas narrações você confia mais?

Nas duas. Em termos de informação, nos dois. Mas a tv não tem jeito do cara dizer que passou raspando se não passou. Eu estou vendo.

APÊNDICE 37 - JOSÉ GERALDO (TORCEDOR, 32 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio?**

Facilita a compreensão do que está acontecendo dentro do campo.

2- Como você entende as pessoas que assistem o jogo pela tv e ouvem o rádio?

Acho que isso é uma questão de costume. As pessoas faziam isso antes e vem sendo seguido como costumeiro. Mas acho que a televisão é bem compreensível.

3- O que tem de diferente entre as duas narrações: rádio e tv?

Com certeza, o rádio, como você não tem imagem, quem está narrando tenta fazer que quem está ouvindo tenha mais emoção e isso acontece. Só que quem está transmitindo muitas vezes acaba nos iludindo, porque ele não dá a realidade daquilo que está acontecendo. Nós ficamos à mercê da fidelidade do transmissor.

4- O que você sente falta na transmissão da tv?

Eu vejo que hoje as tvs colocam muita gente comentando, principalmente juízes. Só que nem sempre eles agem corretamente.

APÊNDICE 38 - LEANDRO (TORCEDOR, 24 ANOS)**1- Por que você tem o hábito de trazer o rádio para o estádio?**

Eu gosto muito de ouvir rádio, escuto sempre.

2- Em que ele te ajuda?

Trago para saber resultados de outras partidas.

3- Você tem o hábito de ver o jogo pela tv e baixar o som e ligar o rádio?

Sempre. Gosto muito do José Carlos Araújo, da Rádio Globo; Ivan Costa, da rádio Panorama. Quando são esses narradores eu até abaixo o som e fico escutando.

4- O que o rádio tem de diferente da TV?

Adrenalina. Dá mais emoção.

5- O que faz falta na transmissão pela televisão?

Não agrada também. O costume é de sempre ouvir rádio. Criei esse costume de assistir rádio e ver tv, escutando pela rádio.

6- Você acha que a transmissão pela rádio mudou depois da chegada da TV?

Não. Continua sendo o de sempre.

7- Qual das duas transmissões você confia mais?

Televisão. Na rádio eles aumentam um pouquinho. Questão de confiar, a televisão está lá, eu estou vendo, no rádio eles aumentam um pouquinho, a bola está aqui atrás, eles ficam colocando a maior emoção no jogo. Mas...

8- Qual o seu narrador preferido?

No rádio eu gosto do Garotinho da Rádio Globo e do Ivan Costa da Panorama, eu sempre o acompanhei na Rádio Solar, eu também gosto dele.

APÊNDICE 39 - GENTIL MOREIRA DA SILVA (TORCEDOR)**1- Por que você traz o rádio para o estádio?**

Para eu acompanhar, ficar mais por dentro dos outros resultados, jogos e também para conhecer mais dos outros jogadores do próprio time que está jogando no estádio.

2 - Você tem o hábito de ver o jogo pela Tv e abaixar o som e ligar o rádio?

Já fiz. Mais dificilmente eu faço.

3- O que te levou a fazer?

Às vezes a empolgação é maior no rádio. Mais emoção.

4- Qual a diferença entre as transmissões do rádio e da tv?

Na rádio é mais empolgante, dá mais entusiasmo às vezes.

APÊNDICE 40 - SEBASTIÃO, 44 ANOS (TORCEDOR)**1- Por que você traz o rádio para o estádio?**

Se inteirar da notícia do que está transcorrendo durante o jogo.

2- Você tem o hábito de ver o jogo pela tv e abaixar o som e ligar o rádio?

Não.

3- Qual a diferença entre as transmissões do rádio e da tv?

O rádio dá mais emoção, expectativa, você fica imaginando como aconteceu a coisa e acaba dando um pouco mais de emoção.

4- Como você explica essa emoção?

É gostar. Desde criança ouvindo rádio, então vai acostumando o hábito de ouvir rádio.

5- O que faz falta na transmissão pela tv?

Acho que não falta nada. Está de acordo, a emoção que é diferente.

6- Em qual transmissão você confia mais?

Na tv eu estou vendo, no rádio cria aquela expectativa, “a bola passou raspando” às vezes nem tanto, mas fica na imaginação.

APÊNDICE 41 - MÁRCIO EUGÊNIO SILVA MOREIRA (TORCEDOR 35 ANOS).

1- Por que você traz o rádio para o estádio?

Para acompanhar o jogo. Para poder acompanhar os outros resultados.

2- Quais as principais diferenças entre as transmissões de rádio e tv?

Eu que gosto de acompanhar o campeonato e o rádio traz informação de outros jogos. Interagindo mais rapidamente. Os comentários no rádio são mais espaçados. A tv tem muito compromisso com comercial, com visual o tempo todo, já o rádio traz informação o tempo todo.

3- O que faz falta na transmissão pela tv?

Eu acho que é acompanhar esse tipo de coisa integrada. Um jogo do Tupi, por exemplo, o rádio me dá todas as informações do que está passando em Patos de Minas, coisa que a tv não vai importar em transmitir pra mim, entendeu?

4- Em qual transmissão você confia mais, rádio ou tv?

Rádio. Na tv eu vejo muitas gafes de nome de jogador e até de resultados de jogos mais errados. O Luiz Roberto, da Globo, não conhece o Tupi, fala o nome do jogador errado, o cara aqui de JF já conhece, fala tudo certinho.

APÊNDICE 42 - MURILO (TORCEDOR)

1- Por que você traz o rádio para o estádio?

Eu gosto de ver o jogo e ouvir pelo rádio.

2- Você tem o hábito de ver o jogo pela tv, abaixar o som e ligar o rádio?

Quando estou assistindo a um jogo, às vezes eu estou ouvindo outro jogo.

3- Quais as principais diferenças entre as transmissões de rádio e tv?

Na rádio tem mais informação de outros jogos, gosto mais pelo rádio. Às vezes eu estou vendo tv e tiro o som. Fico só ouvindo o radinho.

4- Por quê?

Questão de hábito. Eu já me acostumei.

5- O que faz falta na transmissão pela tv?

Na tv, a maioria dos locutores que narram jogo não são imparciais.

6- A transmissão pela rádio mudou com a concorrência da tv?

Eu acho que não teve muita mudança não.

7- Em qual transmissão você confia mais, rádio ou tv?

Não é questão de confiar. Às vezes, no rádio o locutor pode até exagerar um pouquinho. Na tv você está vendo.

APÊNDICE 43 - GÍLSON (TORCEDOR)**1- Por que você traz o rádio para o estádio?**

Porque de repente a gente fica, vamos dizer assim, mais perto da notícia, porque o estádio é grande.

2- Você tem o hábito de ver o jogo pela tv, abaixar o som e ligar o rádio?

Olha, se eu soubesse que fosse passar o jogo de hoje na parabólica eu não viria, ficaria em casa. Tiro o volume da tv e ligo o rádio.

3- Por quê?

Da mais sensação, emoção.

4- A transmissão pela rádio mudou com a concorrência da tv?

Nossa mãe! Isso elevou muito o futebol.

5- Em qual transmissão você confia mais: radio ou tv?

Eu sou mais o rádio. A tv às vezes fala em lances mentirosos.

APÊNDICE 44 - ANDRÉ ALEX BARBOSA (TORCEDOR)

1- Por que você traz o rádio para o estádio?

Primeiro porque tenho o hábito de acompanhar as transmissões esportivas. E por outro, pelo hábito de ter trabalhado muito em rádio.

2- Você tem o hábito de ver o jogo pela tv, abaixar o som e ligar o rádio?

Tenho, depende do jogo. Tem jogo que você acompanha pela tv, geralmente no rádio chega bem mais adiantado do que aquele que você está vendo na tv. Mas eu tenho esse hábito.

3- Quais as principais diferenças entre as transmissões de rádio e tv?

Traz mais emoção. Primeiro pelo locutor que está transmitindo a partida, muito mais vibrante que o locutor da tv. Às vezes você não está acompanhando o jogo no campo e ouvindo pelo rádio, às vezes o jogo é muito diferente do que o narrador está transmitindo pela rádio, então o locutor de rádio tem essa importância porque ele traz mais emoção para o ouvinte que está acompanhando, principalmente ao torcedor.

4- O que faz falta na transmissão pela tv?

Eu acho que falta praticamente nada. A tv evoluiu muito. Hoje, a informação é bem melhor do que antes.

5- A transmissão pela rádio mudou com a concorrência da tv?

Mudou porque, hoje, você tem muito mais facilidade, principalmente com a internet, facilitou muito. Mas para quem acostumou em acompanhar o futebol na rádio

não tem como mudar. Eu acompanho futebol pelo rádio tem uns 20 anos, então eu não mudei absolutamente nada desde que eu comecei a escutar.

6- Em qual transmissão você confia mais, rádio ou tv?

Olha, eu confio mais no rádio porque o repórter do rádio está presente na boca do vestiário, ele está presente com o treinador, já acompanha o clube, principalmente quando os times estão dentro de casa, então já acostuma a acompanhar muito mais dentro de casa.

APÊNDICE 45 - TIAGO PEREIRA (TORCEDOR, 18 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio?

Para ficar bem informado, para ouvir o jogo e escutar as informações e resultados dos outros jogos também.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não. Não tenho.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Na rádio você vive uma emoção diferente, porque você tem que imaginar. Isso acaba exercitando até a mente.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Emoção na narração do jogo.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Acredito que não.

6- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Não tem a melhor não. Eu acho que as duas se equiparam. Transmitem a realidade.

APÊNDICE 46 - JOSÉ FRANCISCO, (TORCEDOR, 32 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?

Para saber o nome dos jogadores, quem está com a bola. Normalmente eu não conheço todos.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não. Normalmente não.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

O rádio põe mais emoção. Na televisão é mais devagar, é muito lenta a transmissão. Então o rádio passa mais emoção. Parece que o jogo é bem melhor.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Seria a emoção. Porque é muito lento. O jogo fica lento, de repente não tem aquela facilidade de transmitir a emoção.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Eu acho que sim. Porque a pessoa prefere ver pela televisão do que ouvir no rádio. Mas tem hora que o rádio dá mais emoção.

6- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Pela televisão. O rádio, de repente, sai um gol, um lance, demora, o cara aumenta muito. No rádio é melhor nesse caso porque parece que o narrador dá mais emoção no jogo. Pra gente passa mais emoção, é melhor.

APÊNDICE 47 - AMARÍLIO SOARES SILVEIRA (TORCEDOR, 37 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio?

É um hábito que a gente tem de acompanhar a partida. Saber melhor, aprofundar mais sobre a equipe.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Às vezes. Depende muito do jogo que está passando. Aí eu gosto sim de acompanhar pela rádio.

3- Por quê?

É aquele hábito de você ver sempre o campo trazendo o rádio. Você fazer o acompanhamento pela rádio. O rádio é bem melhor, bem mais gostoso, emocionante você acompanhar.

4- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Diferença, diferença não tem, não. A emoção da partida.

5- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Os radialistas colocam uma emoção verdadeira. Eu não vejo assim um defeito na transmissão pela televisão.

6- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Não. Não sofreu nada pra mim. É a mesma coisa, a emoção ainda bate. Você ver um jogo assim pela televisão e pelo rádio. Eu gosto mais, pelo hábito do rádio. Estou dentro do campo, tô com o rádio. É o vício mesmo de acompanhar a partida com o rádio mesmo. Para você que quer saber mais sobre a partida, o rádio.

7- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Olha, o certo seria pela televisão. A gente está vendo os lances e no rádio às vezes a gente não tá em campo, eles aumentam um pouco, né? Tem esse aumento. Então eu gosto mais do rádio e confio mais pela televisão.

APÊNDICE 48 - LAIR XAVIER DA SILVA, (TORCEDOR, 30 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Porque a gente fica melhor informado.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

É mais emocionante. Bem mais emocionante.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Estou acostumado a ouvir pela rádio. A televisão é completo, não falta nada para mim.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Sofreu com certeza bastante mudança. O rádio perdeu muito espaço para televisão.

6- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Na da televisão. Porque a televisão está mostrando ao vivo ali, você está vendo o que está acontecendo. No rádio o locutor pode tentar inventar alguma coisa, mudar, e você não tá vendo nada. Você está só ouvindo.

APÊNDICE 49 - CRISTIAN (TORCEDOR, 29 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?

Trago o rádio pra ficar mais informado e sentir mais emoção. Com o rádio você pode acompanhar as jogadas de perto.

2- Você tem costume quando está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Dramaticidade, porque o radialista, ele põe muita dramaticidade. De repente uma jogada, o cara chuta e a bola passa longe do gol. Ele fala de um jeito que parece gol.

4- Você gosta disso?

Às vezes dá mais emoção, você sente aquilo, parece que às vezes é uma partida ruim e transforma numa partida boa pelo radialista.

5- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Mais emoção do locutor. Porque precisa transmitir mais com o coração, porque às vezes fala muito, sabe muita opinião dele mesmo que às vezes não condiz com aquilo que está acontecendo.

6- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

A transmissão pelo rádio é uma coisa mais objetiva, entendeu. Muito melhor que a televisão. Eles buscam a notícia como ela é. Na televisão às vezes eles fantasiam um pouco.

APÊNDICE 50 - KLEBER (TORCEDOR, 56 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Pra acompanhar o jogo, ver os nomes dos jogadores.

2- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

O rádio empolga mais, dá mais vibração e tem reportagem em campo que a televisão não tem.

3- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Nada. Só a reportagem de campo que não tem. Do rádio é mais completo, tem vestiário, tem tudo.

4- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Eles aperfeiçoaram mais. Ficou mais dinâmico.

5- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Transmissão pela televisão. Porque o locutor esportivo de rádio sempre empolga, exagera um pouco.

6- Isso é ruim?

Não. Pra quem está ouvindo o rádio é bom.

APÊNDICE 51 - ASSIS DA ROCHA FERREIRA (TORCEDOR, 41 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Para ver as reportagens dos outros jogos. Estar ligado em outros campos, outras cidades. Eu gosto de acompanhar o futebol.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Costumo sempre. Porque eu gosto de ouvir outros jogos também. Vejo na televisão e abaixo o volume da televisão e fico ouvindo o rádio.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Pra quem entende de futebol é fácil, mas para quem não entende não vai compreender fácil pelo rádio.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Dentro da transmissão teria que ter algo diferente.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Sofreu muito. Quando eu morava em cidade pequena, eu só ouvia pela rádio. Na minha época de criança não tinha televisão.

6- E a transmissão melhorou?

Melhorou um pouco. Muito, melhorou muito.

APÊNDICE 52 - DIÓGENES FERREIRA DIAS (TORCEDOR, 65 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?

Para ouvir outros jogos que estão passando. Saber o resultado dos outros jogos.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Tenho. Porque às vezes está passando um jogo e eu quero ouvir o outro. Só por isso.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

O rádio é mais emoção.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Não. Eu acho que não falta nada.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Mudou sim. Bastante. Antigamente dava mais emoção, agora é mais maneirado.

6- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Pela rádio.

APÊNDICE 53 - EDSON (TORCEDOR, 36 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Trago porque o barulho aqui é muito grande. Eu gosto de ouvir a Rádio Globo do Rio, o José Carlos Araújo.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não. Isso não. Se eu tiver vendo televisão é só televisão.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Depende. Se você tiver no estádio, igual eu tô aqui, você vê se tá falando a verdade ou não. Lá dentro de sua casa não dá para você saber.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Qualidade de narrador que não tem. Não gosto dos narradores da Globo, tudo puxa-saco. Jogador dá um chute no gol e vira Pelé, tudo mentira, tudo fantasia.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Não. A qualidade deve ter melhorado em função de melhorar as aparelhagens, o sinal, esses lances assim.

6- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Não é questão de confiar. Questão é que na televisão você vê. Então, se ele falar mentira você sabe se ele está falando mentira ou não. No rádio não tem jeito, você não está vendo, o que ele falar você tem que acreditar.

APÊNDICE 54 - RODRIGO (TORCEDOR, 25 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?

Porque eu gosto de acompanhar os jogos pelo rádio, para saber os resultados dos outros jogos, os jogadores que estão entrando, saindo, o público, renda, essas coisas.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Tenho. Gosto mais do rádio. Principalmente os comentaristas, que são bem melhores.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Empolgação. É bem mais empolgante.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Os comentaristas são mais vibrantes, mais objetivos. Na televisão não tem tanta transparência para você acompanhar tanto...

5- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

De rádio. Não sei se é pela experiência que tem pela organização, pelo dia a dia que o rádio acompanha. Por isso eu confio mais, mais credibilidade.

APÊNDICE 55 - SAULO (TORCEDOR, 29 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Além de sentir a emoção ao vivo, o radinho a gente compartilha junto com o locutor pra saber alterações, jogadores desconhecidos.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Quase sempre (risos). Parece que você assiste jogo lá em casa. Depende do narrador do outro lado, às vezes o radialista é mais emocionante do que o narrador do outro lado.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação a televisão?

O rádio exagera um pouco nos lances. Ele diz: “próximo do gol” e está na linha de intermediária. Mas, enfim, o rádio é muito mais emocionante que a televisão.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Acho que a transmissão pela televisão é quase completa. Não falta nada a meu ver.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Não. Porque os radialistas são mais antigos no futebol, acompanham há mais tempo, então não interferia nisso aí. A televisão, o pessoal que gosta mais de verificar a

televisão é o freqüentador assíduo ali da telinha. E o pessoal que gosta de ouvir pelo rádio também não troca o rádio. É o meu caso, eu vejo a imagem ouvindo rádio.

6- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Pela televisão, sem dúvida alguma.

APÊNDICE 56 - LUIS CARLOS (TORCEDOR, 46 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?

Para poder assistir ao jogo e escutar no rádio.

2- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não. Eu escuto e vejo pela televisão.

3- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

A televisão é muito melhor, a gente está vendo. No rádio só escutando, normalmente a rádio não é a mesma coisa, eu prefiro a televisão.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Eu acho que não faz falta não.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Sofreu. Antigamente o pessoal escutava mais era rádio. Então caiu bastante a motivação do pessoal pela rádio.

6- Em que transmissão você confia mais: rádio ou pela televisão?

Pela televisão eu estou vendo aquele lance que está acontecendo.

APÊNDICE 57 - DÉLIO (TORCEDOR, 53 ANOS)

1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?

Eu gosto de acompanhar notícias, inclusive de outros jogos que estão rolando.

2- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

Na tv ao vivo é diferente, eu prefiro a tv. No rádio você tem uma noção do que está passando. Mas no rádio principalmente, o cara tá acompanhando notícias de outros jogos.

3- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Pra mim nada.

4- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Eu confio mais na transmissão da tv. Não tem como o cara negar o que está acontecendo. No rádio você pode ter alguma distorção.

APÊNDICE 58 - ITAMAR (TORCEDOR, 42 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Primeiro, porque a gente não conhece o pessoal que está jogando, o cara falando o nome a gente identifica.

2- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

A tv é melhor porque você está aqui ao vivo. Você está assistindo ao vivo, e com o rádio é o ideal porque na tv está bem distante, você não está vendo o lance ao vivo.

3- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Não.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

A presença. É estar em local, ali.

5- Em que transmissão você confia mais: na transmissão pela rádio ou pela televisão?

No rádio.

APÊNDICE 59 - JACI (TORCEDOR, 50 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Pra poder escutar melhor, a gente vê e escuta. Por causa do barulho, o povo fala e fica difícil escutar.

2- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação à televisão?

O rádio é melhor. O rádio dá mais informação.

3- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Tv do jeito que está, está ruim, eu gosto mais é do rádio.

4- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Não.

5- Em que transmissão você confia mais: pela rádio ou pela televisão?

Do rádio.

APÊNDICE 60 - JOSÉ LUÍS DA SILVA (TORCEDOR, 54 ANOS)**1- Por que você traz o rádio para o estádio de futebol?**

Para a gente poder identificar mais os jogadores, ter uma forma melhor de acompanhar o jogo.

2- O que o rádio tem de diferente na transmissão de futebol em relação a televisão?

A transmissão pela rádio é mais rápida, pela tv é mais cadenciada. A gente acompanha bem melhor pela tv.

3- Você tem costume quando você está vendo o jogo pela televisão de abaixar o som e ligar o rádio?

Tranquilo. Às vezes eu faço assim, é até melhor porque você acompanha a imagem e a velocidade do jogo. Com essa transmissão simultânea de rádio e tv. Eu acho que pela tv a transmissão é mais lenta pelo locutor.

4- O que faz falta para você numa transmissão de televisão?

Na tv está completo. Tem tudo que poderia ter.

5- Você acha que a transmissão de futebol pela rádio sofreu alteração depois que surgiu a televisão?

Melhorou, ela melhorou bem, mais profissionais dentro de campo, a cobertura dentro de campo.

6- Em que transmissão você confia mais. Na transmissão pela rádio ou pela televisão?

Na tv porque eu estou vendo. Mas agora com a inovação do tira-teima é bem melhor.

11 ANEXO

ANEXO 1 - ENTREVISTA COM SILVIO LUIZ REALIZADA POR FRANCISCO BRINATI, ALUNO DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFJF EM 11 DE JUNHO DE 2005, EM SEU TRABALHO SOBRE O NARRADOR, COMO PROJETO EXPERIMENTAL.

Silvio, o legal da sua narração é que você consegue pegar o que o torcedor pensa. Você estudou esse estilo para criá-lo?

Exato. Eu não estudei este troço aí. Eu achei que você ia ter que estar em casa, vendo a televisão, e quem estivesse transmitindo o jogo teria uma conversa com você. Se eu não tiver um bom comentarista e um bom repórter eu também estou perdido. Você tem que estabelecer um diálogo. Muitas vezes eu sei a notícia, sei a resposta da pergunta, mas é para você ter um diálogo, entendeu? Você tem que ter uma pessoa que talvez concorde com você ou que discorde, para poder ter um pensamento do telespectador, uma interatividade: “pô esse cara não sabe nada, hein?”; “oh, não falei que esse comentarista era bom!”. Tem que ter esse tipo de interatividade entre você e quem está vendo. Entendeu como é que é? É na minha cabeça que isso funciona.

É aquilo que a gente chama de entrar na casa dos telespectadores?

Você entendeu. Você pode até estragar o cara, dizendo assim: “Oh, eu tô vendo que você tá sem chinelo aí na sala”. Porra, é normal! Vai dizer que no Brasil, num universo de não sei quantos telespectadores, não vai ter um cara que vai estar sem chinelo na sala?

E esse telespectador já olha para o chinelo e se identifica e começa a rir...

Este tipo de diálogo interativo em que você não tem resposta, mas você provoca, entendeu, é que eu acho que funciona.

Alguns estudiosos acreditam que o futebol é um espetáculo eminentemente radiofônico, pois a narração na TV não consegue transmitir a emoção que o espetáculo pede. Você acredita nisso?

Você chega num jogo da seleção brasileira, por exemplo, em que os jogadores ficam trocando passes num meio de campo, de lá pra cá, daqui pra lá, que emoção você dá a isso na televisão? Você tem que legendar aquilo que você tá vendo.

Você acha, então, que no rádio eles iludem, enganam, digamos assim?

“Porra, bicho”, eu vou falar com eles, “vamos tocar essa bola”. Como é que você vai olhar isso no rádio? No rádio você faz. Você pode dar a emoção no rádio.

A imagem da televisão, então, pode te ajudar, como pode te derrubar, como é que você vai fugir daquela situação insossa de troca de passes?

“O que esse cara está gritando tanto se a bola não sai do lugar?”, vão questionar isso. Você entendeu? É uma filosofia minha, não sei se eu estou certo. Tem gente que acha que eu estou errado. Tudo bem, cada um tem a sua opinião...

Silvio, como você se define na narração esportiva? Qual o seu estilo?

O meu estilo é um estilo totalmente pessoal. Toda pessoa que quiser fazer o que eu faço, quem está ouvindo vai dizer: “esse cara está imitando o Silvio Luiz”. Por exemplo: eu acho que o Galvão Bueno imita o Geraldo José de Almeida com todo

aquele ufanismo, de torcer pela Seleção, que o juiz roubou (contra o Brasil). Nisto ele está imitando o Geraldo.

E o Silvio Luiz, no caso, nunca imitou ninguém? Você criou...

Eu criei a minha personalidade. Eu acho que a minha transmissão é uma transmissão altamente personalizada.

Mas você se espelhou em alguém? Tinha algum ídolo?

Não. É que eu fui repórter por muito tempo... Sei lá! Deus é que colocou a mão na minha cabeça e disse: “vai nesse caminho aí, que Eu acho que dá certo”.

Mesmo sendo repórter, então, você não seguiu o estilo de nenhum narrador, colega de trabalho?

Veja bem, como repórter, eu trabalhei com o Raul Tabajara, com o Jorge Cury, com o Pedro Luiz... Na televisão eu praticamente só trabalhei com o Raul Tabajara. Que era mais ou menos um estilo... O Tabajara conversa muito, conversava demais.

Você acha que se tivesse que ter uma influência, então, ele seria esta influência?

Se tivesse que ter uma influência, acho que essa (Raul Tabajara) seria a influência, entendeu? Quase todo mundo que veio do rádio para a televisão não deu certo. Você vê o Pedro Luiz... Não deu certo. O Silvério... Não deu certo. O Mário Moraes, que não era narrador, era comentarista, também tinha um estilo mais ou menos jocoso, fazia umas piadas aí, não sei que... O Eder não está dando certo... Quem mais? O Osmar não deu certo na televisão. O cara que sai do rádio para a televisão, ele tem o ritmo do rádio. Pode ver, pega a narração do Eder na Bandeirantes, ele fala, grita... Eu

falei com ele: “Bicho, o único cara que ganhou no grito foi Dom Pedro, meu, e olhe lá a merda que ele fez, pô!”

O narrador fica numa ansiedade de antever o lance...

Se você ouvir ele no rádio, você não entende uma palavra do que ele fala, de tão rápido que ele é. Pro rádio, tudo bem... Agora pra TV... Você vê, no tempo em que a Bandeirantes tinha dois excelentes narradores, que era o Pedro e o Mário, dois com estilos diferentes, o Pedro na velocidade, na rapidez de raciocínio, de conclusão. O Édson era o locutor mais sossegado, era tipo, digamos assim, o Waldir Amaral, devagar, não tinha aquela empolgação de querer estar na frente do lance.

Silvio, então, como você falou, o pessoal que vem do rádio para a TV, geralmente, não dá certo...

É, não dá certo...

É, mas hoje em dia, a maioria dos narradores da televisão, tanto da Globo, Bandeirantes ou Record, eles vieram do rádio, não é isso? Como você avalia estas outras narrações, que, de certa forma, foram padronizadas no estilo do Galvão Bueno, que seria o modelo a ser seguido?

Eu, particularmente, se tivesse começando agora, não seguiria o modelo dele. Como sempre eu acho que você na vida tem que ter personalidade. Eu não vou imitar ninguém, como nunca imitei e tenho ódio do cara que imita. Tem nego que usa frase minha e eu fico putado da vida, tanto que eu registrei tudo, está tudo registrado. Você pega, por exemplo, “subiu a bandeira”, aquilo é meu, porra! Se você pegar os arquivos

da Globo, você não vai ver aquilo lá. O “éééé” do Galvão, fui eu quem comecei. Eu nunca gritei gol na minha vida, eu sempre disse “ééé”.

Você é o narrador que chama o torcedor para ver o lance (“olho no lance”), para ver a televisão e depois fala: “ééé... do Corinthians!”, ou seja, não fala gol, pois o telespectador já vê que é o gol...

Então, mas esse “ééé...” ele também tirou de mim. Se você pegar os arquivos, não vai encontrar antes de mim. Você vê o Cléber Machado, ele está na mesma linha do Galvão, aquele “lá vem ela”, quando cobram o escanteio, aquilo eu uso há duzentos anos. Eu acho gozado que ninguém fala no pau, pra dizer bem que está imitando, entendeu?

Você acha que esse modelo de narração televisiva é errado? Tem como melhorá-lo?

Eu não vou dizer que está errado ou que está certo. Tem gosto para tudo. Tem gente que gosta do Galvão, acha ele do caralho, muito bom... Tem gente que gosta do Luciano (do Valle), tem gente que gosta de mim, tem gente que gosta do Cléber. Você vê, tem gosto pra tudo. Eu não vou condenar o caminho que eles seguiram. Eu sigo o meu, jamais seguiria o deles. Como já disse, se fosse começar hoje, eu não ia seguir ninguém, ia tentar procurar outra brecha.

Silvio, e os seus bordões? Eles surgem durante o jogo ou são premeditados?

Você quer ver, você já viu entortar uma bigorna, ou não? É uma coisa impossível, não é? Esse tipo de analogia, de relação com a vida, o cotidiano das pessoas... Porra, esse cara quase que conseguiu entortar uma bigorna, o que ele fez foi algo quase impossível... Outro exemplo: você quer um negócio mais engraçado que

desenho animado? Os de antigamente, não essas porcarias japonesas de hoje... Eu procuro sempre mudar. Você pode fazer experiências. Há coisas que você só pode usar numa narração de Seleção. Eu não posso gritar: “humilha ele”, num jogo entre Flamengo e Botafogo. Você não pode pedir para um atleta de um clube humilhar o do outro time, você acaba cagando o outro cara todo. Isso aí você pode dizer num jogo do Brasil, como “funga no cangote dele”, “aperta que ele geme”, aquelas coisas todas. Você usa os bordões como um molho na transmissão internacional. E não pode ser usado regionalmente. Tinha momentos em que a Record me ajudava trazendo as imagens certas, de acordo com a narração e eu apenas colocava legendas com criatividade.

Você narra mais com o olho no campo ou no VT?

Tem que ficar com um olho no gato e outro na lingüiça. Tem que entender que o cara que está em casa não está vendo muita coisa que você vê. Mesmo assim, você deixa passar muita coisa. O ideal seria se você tivesse uma simbiose tão perfeita entre você e a direção de TV, que é o que a Globo está fazendo agora. Eu deveria pedir a imagem e o editor ir buscá-la. Eu botava música na transmissão. Tudo que eu usava na Record, que era uma emissora regional, quando fui para a Bandeirantes eu repeti tudo, agora indo para o Brasil inteiro.

E as vinhetas musicais?

Eu e o cara que fazia o som para a transmissão separávamos, durante a semana, e combinávamos, por exemplo: o sujeito levava uma porrada, caía, colocava a mão no joelho e eu dizia, “o que será que a Gal Costa falou disso aí?”, e entrava a música, “dessa vez doeu demais”. Outra coisa, o goleiro tomava um puta de um gol, “e o Jair? O

que o Jair fala?” “Levanta, sacode a poeira e dá a volta por cima”. Entendeu? Você ligava as situações. A gente passava horas e horas na discoteca separando as frases e de tempos em tempos mudávamos. Você tem que criar, né? Criatividade...

Você acha que fica difícil, depois do surgimento de várias escolas de narração, criar uma alternativa criativa e fugir disso que está aí, criar um estilo próprio?

Mesmo assim. Você tem como criar.

Como você vê a relação de empatia que o torcedor tem com você, ao mesmo tempo em que o Galvão Bueno ostenta uma enorme rejeição?

Ele tem rejeição, mas está milionário. Eu, não tenho rejeição, e não estou milionário. Se tivesse tava passeando em Bahamas, criando galinha...

Você também teve rejeição, num período que durou desde o programa “Quem tem medo da verdade?” até a Copa de 82. Foi muito difícil esta virada?

Se foi... Ninguém queria saber de mim, bicho. Uma merda...

Pergunta se alguém ia querer fazer monografia sua na época...

Veja uma coisa. Tudo por ter personalidade. Eu tava fazendo aquilo para ganhar dinheiro. Era um puta de um personagem, mas os caras não entendiam...

Analizando a sua vida, você considera que foi um ator, um personagem em todos os momentos de sua carreira?

Agora que eu terminei a gravação de um filme, o diretor disse: “Porra, eu não sabia que você era um puta de um ator”, “Porra, eu sou um ator da vida, meu amigo”.
Pode ter certeza...

Dá para ganhar o Oscar ou o Kikito de Ouro em Gramado?

Prefiro minha parte em dinheiro...

Você narrou tanto no rádio quanto na TV. Para você...

Não, eu não narrei no rádio...

Não, você não narrou na linguagem radiofônica, mas teve o episódio da Copa de 82...

É, foi a única experiência, na Espanha, em 82. O Ruy Viotti que inventou aquele trambique para a gente aproveitar um pouco a aceitação que tínhamos. Mas se você pegar aquelas narrações, era narração para a TV, não mudei o meu estilo.

Se você, que já possui programas na Rádio Bandeirantes, fosse convidado a narrar alguns jogos no rádio, você aceitaria? Mudaria seu estilo para se adaptar ao veículo?

Acho que sim.

Qual seria a principal característica que você teria que incluir na sua narração para isto?

Incluir, não. Eu teria que excluir. Incluir, só um pouco mais de velocidade. Pois a minha vivência com o povo do rádio era na época do Pedro e ele era um cara de rápida identificação. Ele narrava tão preciso, em cima, que você identificava onde os jogadores estavam em campo. Se você, por exemplo, pegar esses caras de hoje, com exceção do

José Silvério, que conseguem... O Silvério consegue gritar o gol antes da torcida no estádio, ele antecipa a jogada. Aí você identifica a velocidade dele. Ele antecipa e você entende o que ele fala. A maioria, você não entende o que eles falam.

Você teria paciência para reinventar uma narração para a rádio?

Se eu fizesse, acho que faria aquilo que o Edson Leite fazia. Era um locutor sossegado. Na época em que a Bandeirantes tinha esses dois, o Pedro na velocidade e o Edson na voz postada, entendeu? O Edson levava vantagem, pois aproveitava dos problemas na transmissão de áudio da época elevando o potencial de sua voz.

O que te irrita vendo uma transmissão de futebol pela TV?

Simplesmente por você ser obrigado a ouvir aquilo que você está vendo. É o troço que mais me irrita. Pô, eu estou vendo que o nego chutou com a perna direita, estou vendo que o nego cabeceou, pô, é isso que me irrita. Não sei se é porque eu sou contra esse tipo de coisa, que eu me irrita. Tem gente que gosta, pois vai ao banheiro e fica ouvindo, ou então alega uma deficiência visual, então seria necessário este tipo de narração redundante. Pô, mas estas pessoas com deficiência visual são uma minoria.

Qual a maior dificuldade do narrador de TV em atrair o telespectador, conseguir levar a emoção, que para muitos só existe no rádio?

Como eu falei, o problema é a imagem. Ela te ajuda e te derruba, meu. Como você dá emoção a uma coisa que o sujeito vê que não tem emoção? Lateral toca para o zagueiro e esse recua para o goleiro. Qual é a emoção do lance? Você pode criticar aquilo: “Pô, isso é uma palhaçada!”, a emoção que você pode dar é essa aí... A emoção que você podia dar é legendar aquela imagem com um tom de voz um pouco mais alto.

Legenda com ironia aproveita a imagem para fazer uma crítica: “enrolando deste jeito, depois querem que a torcida aplauda”. Você pode fazer uma crítica num tom de voz mais elevado, como pode fazer num tom mais sossegado. A imagem é tudo. O cara que quer ser melhor que a imagem está fudido, meu. Tem que ser humilde, mesmo, saber a hora que a imagem te derrubou e dizer: “é, dessa vez a imagem me quebrou...”

Você conseguiu fazer o processo inverso. A maioria vem do rádio para a TV, fazendo algumas adaptações que o meio te pede. Você não. Levou a narração televisiva para o rádio sem modificações. Pegou a TV e a colocou dentro do rádio. Como foi isso?

Isso foi a forma encontrada pelo Ruy Viotti para derrubar o monopólio da Globo, aproveitando o sucesso que a Record possuía na época. Fizemos, então, uma campanha: “Abaixa o som da televisão e ouça a Rádio Record”. Tinha outdoor, chamada na TV etc. Nós ganhamos de muita rádio em São Paulo.

Como foi o retorno dos outros profissionais da época para essa experiência? Eles vieram falar com você?

Não, ninguém procurou. Comigo ninguém falou nada. O pessoal pensa que, por estar em uma rede diferente, é seu inimigo. Não é bem assim. Não tem nada a ver...

Na época, você não tinha a noção do momento histórico que participava?

Não, não. Falei com o Ruy, “vai ter um monitor na posição?” e ele disse, “vai, só não vai ter a câmera exclusiva da Globo”, mas tínhamos uma pessoa responsável que avisava quando entrava a câmera exclusiva deles e eu soltava no ar: “é, a câmera exclusiva deles”, e tirava um puta sarro da situação. Eu sempre tirei sarro deles, mas sempre com muito respeito. Uma vez em Porto Alegre eles estavam querendo tirar o

Luciano do Valle e botar o Osmar Santos para fazer o jogo contra a vontade do Luciano. Mandaram o Osmar para lá, o Luciano ficou deprimido no hotel, fui visitá-lo lá. Aí, nós entramos no ar pela Record, 15 minutos antes, pois tinha que esperar a novela, e do lado nosso era a cabine da Globo e estava uma puta discussão. Eu abri a transmissão: “Está pegando fogo na aldeia!”, tirando um puta de um sarro. Quem quisesse entender que entendesse.

Suas tiradas são muito inteligentes. Acho que é por isso que alguns não gostam, pois não entendem...

Eu sou muito sarcástico mesmo... Por exemplo, pego os cara na barreira e tudo com a mão no saco e digo: “tudo igual Papai Noel”, quem fica com a mão no saco? No começo, o pessoal achava que eu era um puta cafajeste: “Pô, ele não diz palavrão, mas induz”. Induzo para uma pessoa inteligente pensar, pô.

Você induz, agora se a pessoa pensou palavrão o problema é dela...

A cabeça é de cada um. Mas como a cabeça do brasileiro é uma merda, só pensa sacanagem...

Você está narrando mais, hoje, off tube. Qual a diferença entre narrar na emissora e narrar no estádio?

Porra, é a mesma coisa que você gozar nas coxas. Você não tem ambiente, você não vive a emoção do campo. Aquilo (off tube) é frio, é gelado. Tem que se abastecer de um monte de informação para não falar merda. Então, quando eu erro aqui eu falo: “Pô, eu também estou aqui e eles estão lá...”. Queria saber quem foi o filho da puta que inventou o off tube? Isso que é o problema...

Mas é mais seguro. Você teve problema com torcidas...

Sim, tive que sair de camburão do estádio algumas vezes.

Silvio, você cria uma fantasia durante a narração, como o seu celular tocando ou o salgadinho chegando na cabine. Isso realmente acontece ou você cria para fazer parte do espetáculo da transmissão?

Eu não ponho nada que não esteja acontecendo. O celular toca e você ouve. “Bicho, liga daqui a pouco”, isso é real. Quando nego chega com pastel, eu como mesmo. Não podemos inventar esse tipo de coisa, vamos ser o mais realista possível, entendeu?

Você se considera um locutor folclórico ou aquele que sabe o que o telespectador espera?

Eu não me considero um folclórico. Pelo contrário, eu falo a coisa séria de uma maneira diferente. As informações que eu dou são absolutamente corretas, posso transmiti-las de uma forma séria ou de uma maneira folclórica. Procurando sempre fazer com que o cara que está em casa entenda que aquilo que eu estou falando faz parte do cotidiano.

Você mudaria seu estilo por busca de audiência?

Eu não. Nunca mudei, por que mudaria agora?

Você foi o primeiro repórter de futebol de campo na TV brasileira...

É, na TV Paulista... Só que eu trabalhava sem retorno.

Qual seria o momento que você acha mais marcante/emocionante da sua carreira?

Porra, teve tanto momento... Eu sou um puta de um emotivo. Você quer ver uma coisa? Eu tinha uma amizade muito grande com o Brandão (Osvaldo Brandão, ex-técnico do Corinthians no fim da década de 1970), tanto que o Brandão depois foi ser comentarista da Record. Quando ele ganhou o campeonato com o Corinthians, em 77, eu sabia do sofrimento dele... A transmissão daquele jogo foi do caralho. Eu não torci para o Corinthians, mas torci muito mais por ele. Queria que o Corinthians ganhasse pelo Brandão. Uma figura humana incrível. Ele era um pai, não era apenas um técnico.

E o momento mais difícil?

Foi, sem dúvida, o da operação na garganta, quando eu não conseguia voltar. Porra, bicho, eu não tinha nem contrato. Começou a ficar um problema psíquico. Foda...

Depois da recuperação, você voltou como comentarista de arbitragem na Band e, mais tarde, apresentou o Esporte Total. Seu desânimo era nítido nesta época. O que causou isso?

Foi na Copa América do Paraguai. O J. Hawilla, que ia me contratar, nós fomos almoçar e ele me deu uma “porrada”. Eu perguntei qual seria minha função na equipe e ele me disse: “Eu acho que você como narrador, você acabou já. Vamos te contratar como comentarista de arbitragem, topa?”. Foi o Faustão que me fez aceitar. Eu falei com o Fausto: “O que você acha?”, ele disse, “Do jeito que o mercado está, pega que daqui a um mês, dois você já está narrando de novo”. Foi o que aconteceu. Mas o Hawilla me ajudou muito na época da operação, mesmo sem contrato, ele pagou meus salários.